

A close-up photograph of a man's torso and face. He is wearing a white, long-sleeved button-down shirt with the top buttons open. He has a light beard and is looking slightly to the side. The background is a soft, out-of-focus light color.

MEU

*Médico*

ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 3

JUJU FIGUEIREDO





MEU  
*Médico*  
ENVOLVENTE  
SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 3

**1º Edição**

Copyright © Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

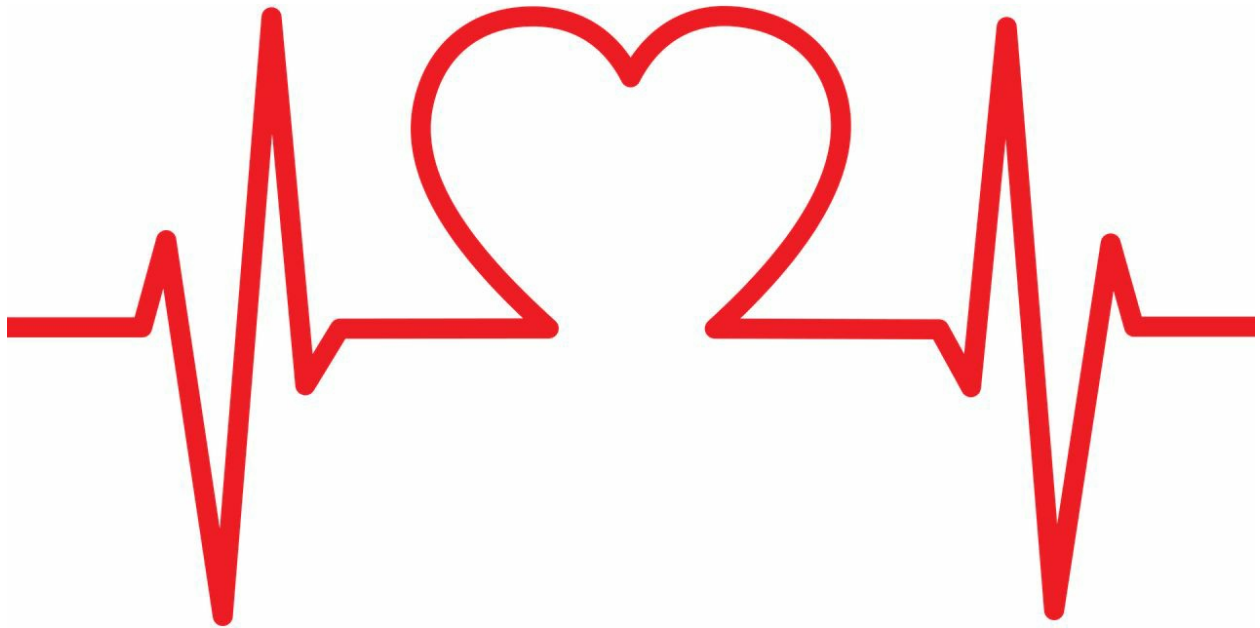
Revisão: Hellen Caroline

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



# Sumário

[Nota da Autora](#)

[Playlist Spotify](#)

[Sinopse](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Jeferson](#)

[Débora](#)

[Capítulo 1](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 2](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 3](#)

[Débora](#)

[Capítulo 4](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 5](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 6](#)

[Débora](#)

[Capítulo 7](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 8](#)

[Débora](#)

[Capítulo 9](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 10](#)

[Débora](#)

[Capítulo 11](#)

[Débora](#)

[Capítulo 12](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 13](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 14](#)

[Débora](#)

[Capítulo 15](#)

[Débora](#)

[Capítulo 16](#)

[Débora](#)

[Capítulo 17](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 18](#)

[Débora](#)

[Capítulo 19](#)

[Jeferson](#)

[Débora](#)

[Capítulo 20](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 21](#)

[Débora](#)

[Capítulo 22](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 23](#)

[Débora](#)

[Capítulo 24](#)



[Débora](#)

[Capítulo 25](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 26](#)

[Débora](#)

[Capítulo 27](#)

[Jeferson](#)

[Débora](#)

[Capítulo 28](#)

[Débora](#)

[Capítulo 29](#)

[Jeferson](#)

[Débora](#)

[Capítulo 30](#)

[Jeferson](#)

[Débora](#)

[Capítulo 31](#)

[Débora](#)

[Capítulo 32](#)

[Jeferson](#)

[Capítulo 33](#)

[Débora](#)

[Jeferson](#)

[Epílogo](#)

[Débora](#)

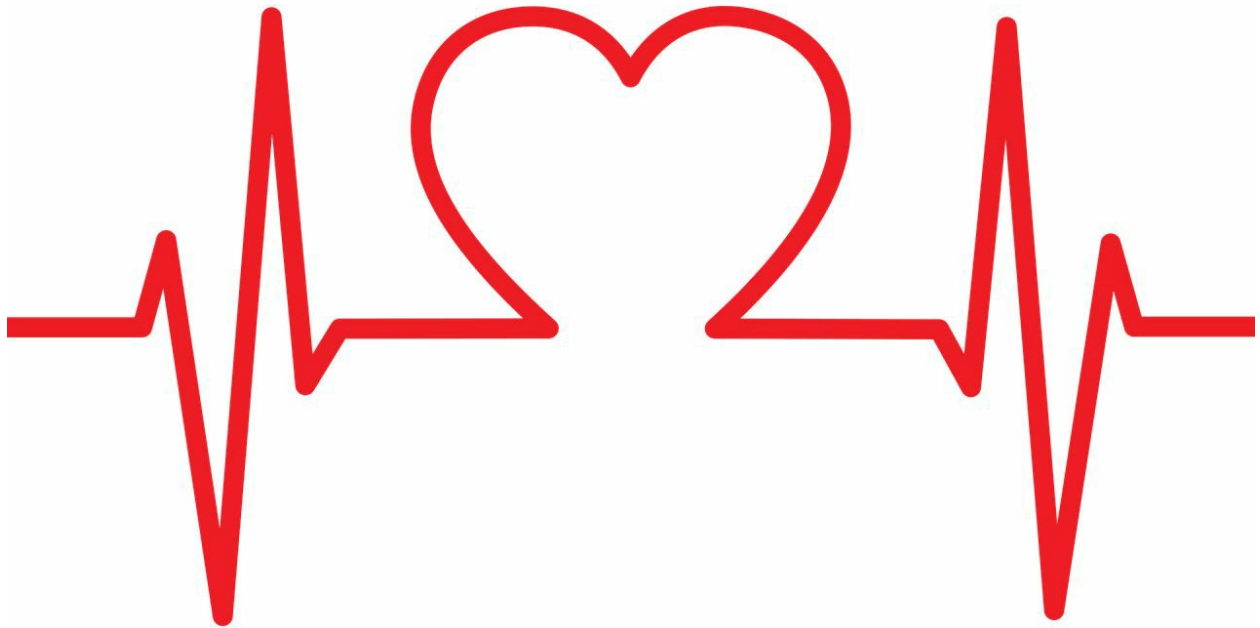
[Prólogo](#)

[Verônica](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras Obras](#)



# Nota da Autora

Amores, bem-vindos ao terceiro livro da série Envolvente!

A série é composta por 5 livros:

**Meu Professor Envolvente (livro 1)**

**Meu Juiz Envolvente (livro 2)**

**Meu Médico Envolvente (livro 3)**

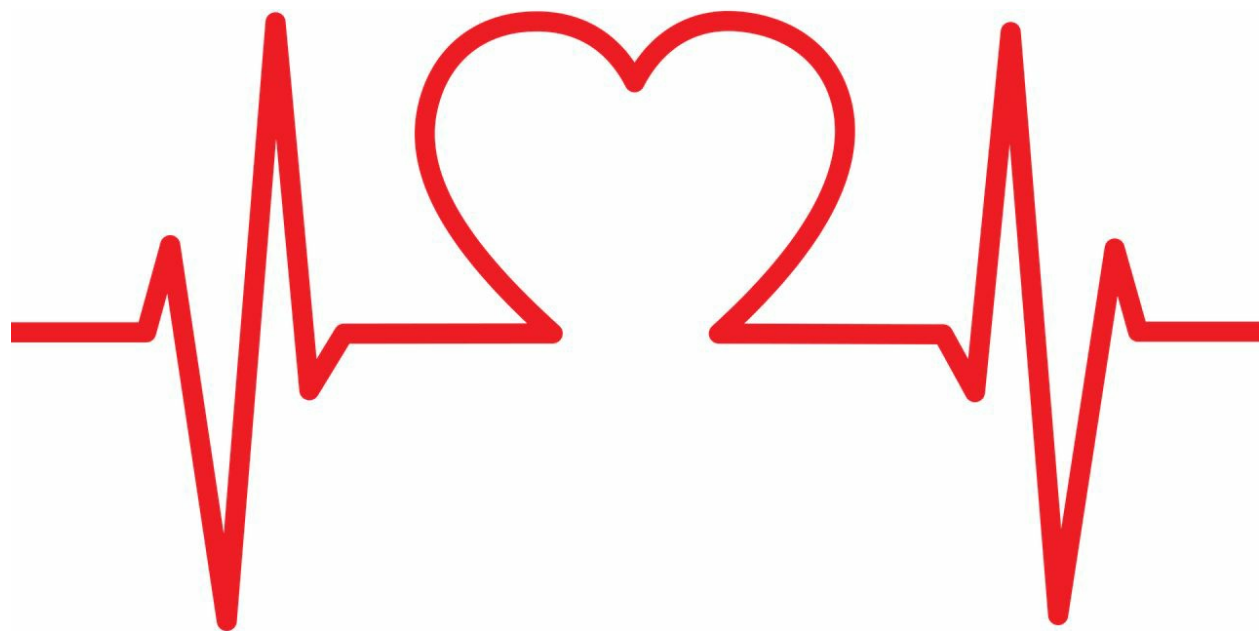
**Meu Policial Envolvente (livro 4)**

**Meu Chefe Envolvente (livro 5)**

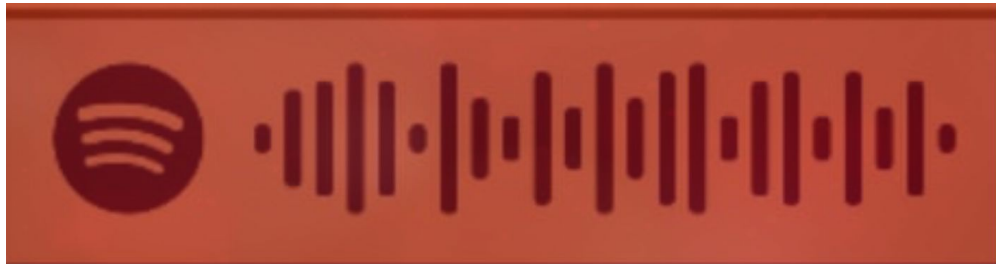
Todos os livros são independentes, mas recomenda-se a leitura dos anteriores, pois pode haver spoiler dos mesmos.

O próximo livro da série, Meu Policial Envolvente, tem previsão para sair na Amazon depois do dia 15 de novembro!

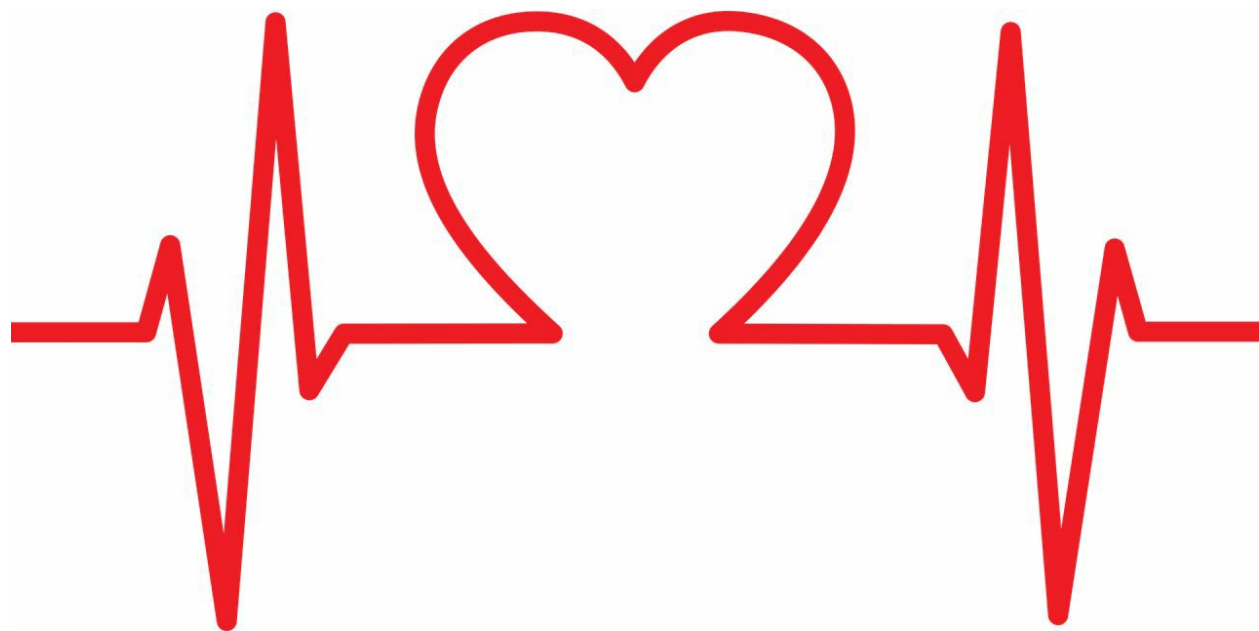
Uma boa leitura!



# Playlist Spotify



[Meu Médico Envolvente - Spotify](#)



# Sinopse

Débora viu seu mundo virar de cabeça para baixo quando perdeu a irmã e se viu sozinha com um recém-nascido e uma criança de sete anos para cuidar.

Desesperada, sem emprego e sem previsão de encontrar algo, ela se encontrava em uma sinuca de bico, entre aceitar a proposta de Henrique e manter sua dignidade. Mas os dias passaram e a situação ficava cada vez pior. Aceitar a proposta do cunhado estava se tornando sua única opção. Porém, o que ela não sabia era que sair daquela vida seria mais difícil do que imaginava.

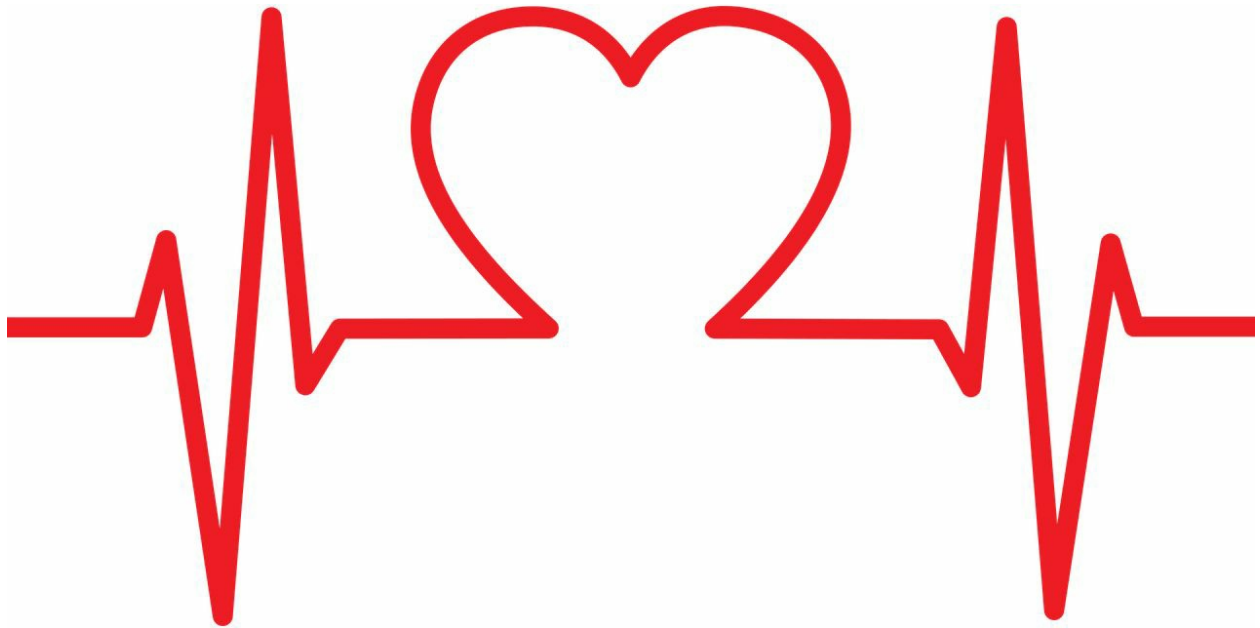
Jeferson perdeu seu mundo quando a noiva morreu em um acidente de carro. Desde então havia se fechado para qualquer tipo de sentimento que tivesse a ver com amor. A única coisa que fazia era salvar vidas, dedicando horas ao seu trabalho.

Tudo mudou quando Débora entrou de maneira involuntária em sua vida, fazendo nascer nele um instinto protetor e um lado seu que julgava morto para sempre, mas que parecia querer voltar à vida à medida que ele derrubava as barreiras da mulher que tentava fugir do mundo.

Mas o amor seria forte o suficiente para consertar dois corações que,



para ambos, não tinha conserto?



# Epígrafe

*Caso esta seja a última coisa que eu vejo*

*Quero que saiba que é o suficiente para mim*

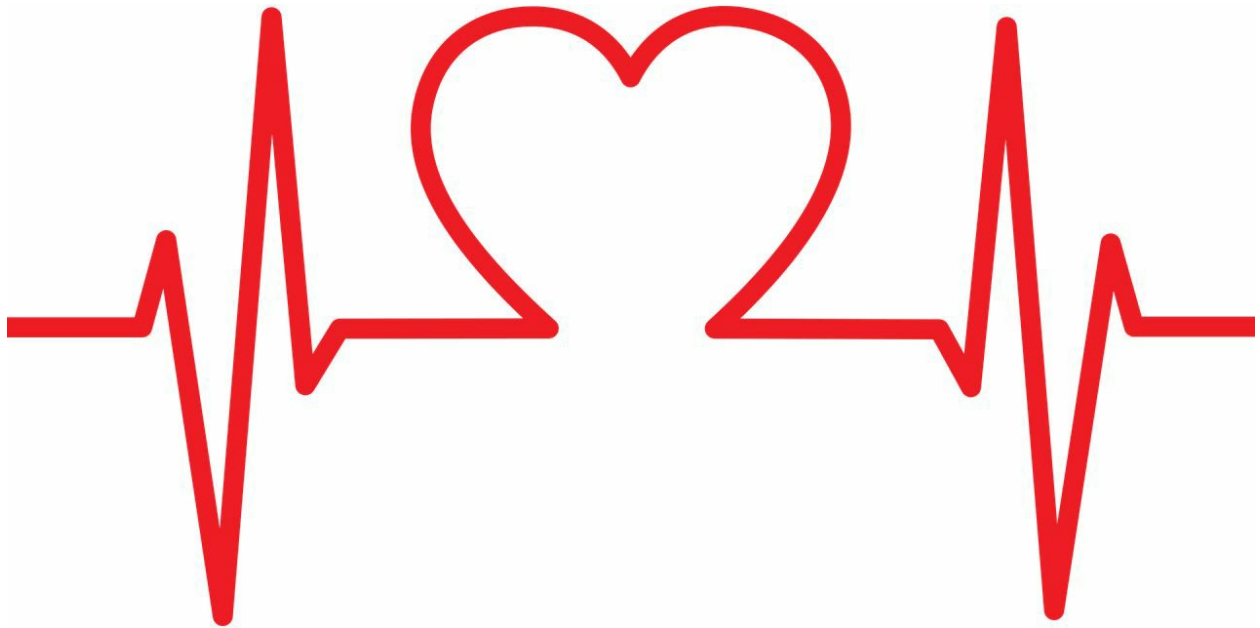
*Porque tudo o que você é, é tudo que sempre precisarei*

*Eu estou tão apaixonado, tão apaixonado*

*Tão apaixonado, apaixonado, apaixonado, apaixonado*

*Tão apaixonado*

***Tenerife Sea – Ed Sheeran***



# Prólogo

*Amar pode machucar  
Amar pode machucar às vezes  
Mas é a única coisa que eu sei  
Quando fica difícil  
Você sabe que pode ficar difícil às vezes  
É a única coisa que nos faz sentir vivos  
Nós guardamos esse amor em uma fotografia  
Fizemos essas memórias para nós mesmos  
Onde nossos olhos nunca estão se fechando  
Nossos corações nunca estão quebrados  
E o tempo ainda está congelado para sempre  
Então você pode me manter  
Dentro do bolso do seu jeans rasgado  
Me segurando por perto até que nossos olhos se encontrem  
E você jamais estará sozinha  
Espere por mim para voltar para casa  
Amar pode curar  
Amar pode consertar a sua alma  
E é a única coisa que eu sei, sei  
Eu juro que vai ficar mais fácil  
Lembre-se que com cada pedaço de você  
E é a única coisa que levamos quando morremos  
Photograph – Ed Sheeran*

# **Jeferson**

## **5 ANOS ANTES**

Dor.

Muita dor.

Uma dor que não cabia dentro de mim.

Só de pensar que uma hora temos alguém do nosso lado e no instante seguinte ela não está mais ali... Apenas esse fato muda o pensamento de alguém.

Eu não sentia apenas a dor. Meu coração estava estilhaçado, meu peito sangrava. Eu tinha perdido meu mundo inteiro em apenas uma noite.

Depois que o médico deu a fatídica notícia de que minha mulher havia ido embora desse mundo, eu saí do hospital sem um norte. Estava encarando a rua, os carros passando, o vento soprava na direção contrária a que eu estava.

Eu não tinha mais lágrimas, não tinha mais forças, não tinha mais vida. Minha vida era ela e ela havia ido embora.

Eu estava vazio, era como se minha alma tivesse deixado meu corpo. Podia ter todos os defeitos do mundo, podia ser o cara mais chato, baladeiro, mas nada tirava o fato de que eu amava aquela mulher com todas as forças

que possuía. Eu faria tudo por ela. Se ela me pedisse o mundo, eu daria um jeito e lhe daria de presente.

Pedi-la em casamento foi o melhor dia da minha vida. Ouvir da sua boca o tão esperado “sim” foi inesquecível, poder ver a felicidade estampada em seus olhos me deixava extasiado. Apenas o fato de receber uma mensagem dela todas as manhãs me desejando um bom-dia, me fazia sorrir de orelha a orelha.

Olhei para o céu estrelado e gritei. Gritei sem me importar com o que as pessoas iriam pensar de mim ou se me chamariam de doido. Mas eu precisava me livrar da dor que tomava conta de mim.

— Por que o Senhor a tirou de mim? — perguntei. — Por que tirou a pessoa que eu mais amava?

Chorei novamente. *Será que isso nunca iria acabar? Será que não iria parar?* A dor estava me corroendo, me matando. Me levantei e andei sem rumo, chorando feito uma criança, me lembrando de todos os momentos que passei ao lado da minha Tati.

Quando coloquei meus olhos nela pela primeira vez, sabia que ela seria minha ruína, ela levaria meu coração para si e me amarraria de todas as formas possíveis. Foi o que ela fez e como eu amei isso. Ela me conquistou das maneiras mais improváveis que se podia imaginar, era involuntário da

parte dela. Quando dei por mim eu já estava completamente apaixonado, mas ela não estava e conquistá-la se tornou uma meta pessoal. Mesmo depois que ela se declarou, eu insistia em conquistá-la todos os dias, fosse com uma declaração por mensagem, um presente, o sorriso dela era minha maior conquista.

Só que eu não veria mais esse sorriso, não receberia mais suas mensagens, não diria que a amava.

Meu Deus, o que eu ia fazer da minha vida?

O que eu seria dali em diante?

Me sentei em um banco e observei o movimento diminuir, as ruas mais desertas, poucas pessoas caminhando.

— Meu Deus, o que eu vou fazer?

“Perdido” era uma boa palavra para definir meu estado. Eu não tinha um caminho sem ela, porque *ela* era meu tudo. Como eu podia ter algo se ela era tudo que eu tinha?

Mesmo preso naquela dor, ouvi um choro baixinho perto dali. Ignorando minha tristeza fui atrás e identifiquei um choro feminino. Me aproximei de um arbusto e vi uma mulher. Não pude ver seu rosto direito, mas sabia que ela chorava.



— Está tudo bem? — perguntei.

— Vai ficar — ela respondeu em meio a soluços, então se levantou.

— Tenho que ir. Licença.

— Espere! Aonde vai nesse estado e sozinha?

— Preciso voltar *pro* hospital. Deixei minha sobrinha sozinha lá.

— Eu levo você. Tenho que voltar para lá.

A dor se intensificou dentro de mim, eu sabia que teria que encarar a realidade uma hora ou outra.

— Sério, não precisa, eu vou sozinha.

— Não sou filho da puta a ponto de te deixar ir sozinha durante a noite. Eu acompanho você. Estou indo para lá também, já disse.

Ela ficou em silêncio, parecia pensar, até que respondeu:

— Tudo bem.

Enquanto caminhávamos, resolvi perguntar:

— O que aconteceu para você estar chorando desse jeito?

Ela não respondeu de imediato, mas depois de longos minutos ouvi sua voz novamente.

— Minha irmã estava grávida, só que teve complicações no parto,

infelizmente ela não resistiu.

Ela voltou a chorar. Entendia sua dor, me sentia da mesma forma.

— Meus sentimentos — falei.

— Obrigada. — Ela respirou alto e continuou falando. — Agora estou sozinha, com dois sobrinhos para criar. Meu Deus, o que eu vou fazer?

Tínhamos o mesmo questionamento.

— Eu perdi minha noiva — falei. — E estava fazendo essa mesma pergunta agora há pouco.

— Sinto muito.

Não respondi. Quando chegamos ao hospital, ela se virou para mim e vi seu semblante pesado, seu olhar triste.

— Obrigada por ter me acompanhado — ela disse. — Preciso ir para a maternidade. Até mais.

Ela se virou antes que eu pudesse falar qualquer coisa, me virei para o lado oposto e caminhei para a recepção do hospital. Apenas a Duda estava ali. Os olhos inchados e o nariz vermelho indicavam que ela havia desabado. Me aproximei dela e ela me abraçou.

— O que eu vou fazer sem minha amiga? — ela questionou, mas não respondi.

Eu só queria mais uma oportunidade de dizer que a amava, que ela era meu ar e minha razão de viver.

Chorei novamente ao notar que nunca mais falaria isso para ela, pois Tati havia morrido e levado o meu coração com ela.



# Débora

Eu não tinha a mínima noção do que fazer dali pra frente. A morte da minha irmã era algo que não esperávamos. Eu não esperava. Como eu poderia viver sem ela? Daniele era meu alicerce, minha amiga, meu apoio. E a pergunta mais importante: como eu iria criar duas crianças que dependiam dela para tudo?

Estava em frente ao berçário e encarava meu sobrinho que tinha acabado de nascer. Apesar de tudo, ele era forte e saudável. Ficaria bem.

— Tia, minha mamãe foi morar no céu?

Me abaixei para ficar da altura de Ester, as lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto. Se em mim doía, imagina em uma criança de 4 anos.

— Foi sim, meu bem. Sua mamãe agora é uma estrelinha lá no céu. Agora ela está bem.

— Eu queria poder ter dado um beijo nela.

— Eu sei, meu amor, e ela também sabe. — Ajeitei seu cabelo e acariciei seu rosto.

— Vai cuidar da gente agora? De mim e do Thales?

— Vou sim. Vou tentar o possível para fazer o melhor para você e o seu irmão.

Beije seu rosto e abracei.

Os próximos dias foram de pura adaptação, tanto minha como das crianças. Infelizmente, eu não tinha tempo para esperar alguma coisa. Eu só estudava e cuidava da Ester. Minha irmã era quem trabalhava e colocava dinheiro em casa. Todas as vezes que eu falava sobre procurar um emprego, ela me cortava e dizia que eu deveria focar nos meus estudos, e assim eu fiz. O problema era que eu não conseguiria conciliar emprego, faculdade, duas crianças, sendo um deles recém-nascido. Eu teria que abrir mão de uma coisa, e essa coisa seria minha faculdade.

Mas não pense que foi fácil arrumar um emprego. Saía todos os dias cedo, batendo de porta em porta à procura, nem que fosse de uma faxina, mas não arrumava nada.

Estava perdida e não sabia o que fazer para começar do zero. Até *ele* aparecer na minha porta.

Havia acabado de chegar em casa, as crianças estavam com a Alessandra, uma vizinha que cuidava deles para mim enquanto eu corria atrás de alguma coisa. Quando escutei a batida na porta até pensei que fossem meus sobrinhos, mas quando a abri, vi o Henrique. Fazia meses que ele não parecia. Desde que descobriu que minha irmã estava grávida.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Vim ter uma conversa com minha cunhada, não posso?

— Cunhada? Não seja hipócrita. Você e a Dani não tinham nada desde que você a abandonou grávida!

Ele revirou os olhos.

— Eu tive meus motivos e a sua irmã sabia disso.

— E o que você faz aqui agora? A Dani morreu dando à luz a um filho seu e você não teve a decência de aparecer no enterro dela, muito menos saber se seus filhos estavam bem, se estão passando fome! Que tipo de pai é você? — gritei e em contrapartida ganhei um tapa na cara.

Paralisei.

Pela primeira vez na vida, senti medo daquele homem.

Coloquei a minha mão em cima do local acertado por ele e o encarei, sem acreditar que havia me batido.

— É o seguinte, Débora — ele falou pausadamente. — Sempre achei você uma mulher atraente, sempre te achei bem mais gostosa que sua irmã. Todas as vezes que eu estava com ela, eu imaginava que era você gemendo meu nome e não a cadela da sua irmã, mas eu sou um cara paciente, esperei esse tempo todo para ter você à minha mercê e, finalmente chegou a hora que eu tanto sonhei.

— Você é nojento, Henrique — falei, tentando expressar toda a repulsa que eu estava sentindo.

— Eu sei que você não está arrumando emprego, sei que você está desesperada. Por isso tenho uma proposta de emprego para você.

— Não quero nada que venha de você.

Ele sorriu e segurou meu queixo com força.

— Eu sei que você vai precisar de mim, Débora. No momento você não tem nada. Não tem dinheiro, não tem emprego, não sabe por onde começar e tem duas crianças remelentas para cuidar e quando você cair em si, virá me procurar e eu te darei o emprego que merece.

— Nunca vou te procurar — disse devagar para que ele entendesse.

— Veremos.

Ele me soltou, jogou um cartão em cima da mesa e saiu sem olhar para trás.

Tentei, juro que tentei, arrumar um emprego, mas quanto mais tempo se passava, mais desesperada eu ficava. Eu não arrumava nada, as contas estavam vencendo e as crianças só não passavam fome porque Alessandra trazia comida para eles.

Certa noite os deixei dormindo aos cuidados da vizinha, que me olhou

como se soubesse o que eu fosse fazer.

Não acreditei quando cheguei ao local indicado no cartão. Minha respiração era ofegante e eu não podia deixar de piscar.

— Sabia que viria. — Me virei e dei de cara com Henrique.

— O que...

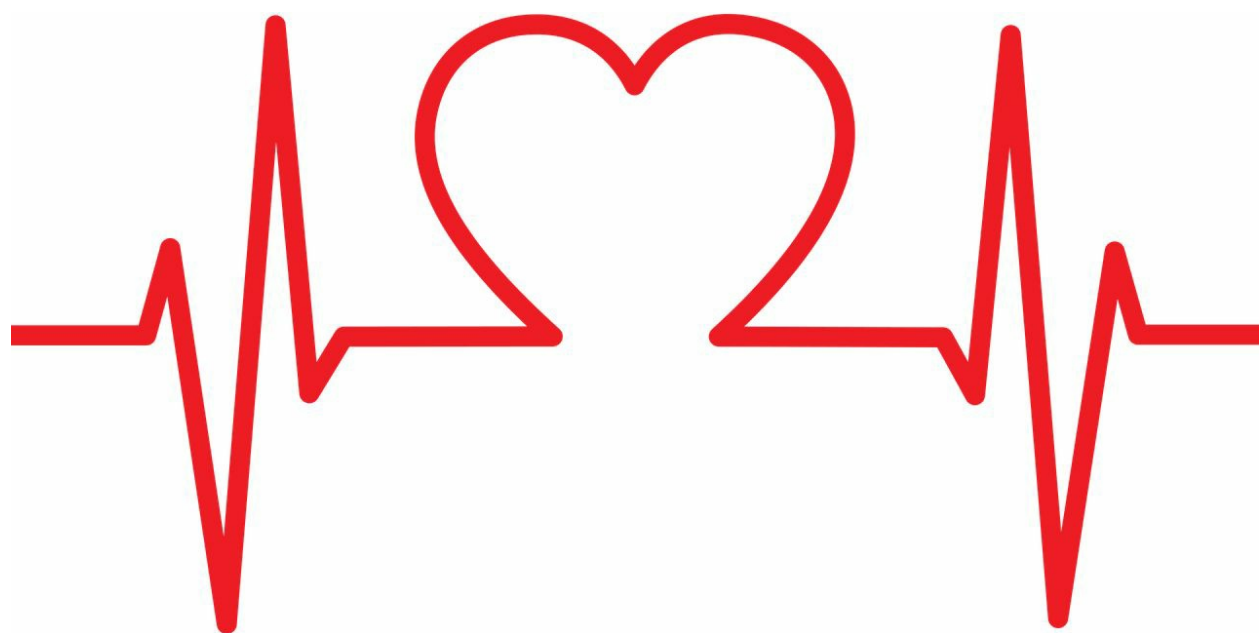
— Silêncio! Você trabalha para mim agora, Débora. Me obedece e faz o que quero sem reclamar.

— Isso é... isso é...

— Exato. — Sua mão se ergueu em meu pescoço e a bile subiu pela minha garganta.

— Você agora é uma prostituta, Débora. A minha prostituta.





# Capítulo 1

*Como é que 'tá aí?*

*De você faz tempo que não ouço nada*

*Fala um pouco sua voz 'tá tão calada*

*Sei que agora deve estar*

*Impressionando os anjos*

*Com sua risada*

*Impressionando os Anjos – Gustavo Miotto*

# **Jeferson**

## **5 ANOS DEPOIS**

A dor não tem fim.

Você pode até pensar que tem, que ela acaba e que, nesse dia, você vai conseguir viver sua vida em paz, mas eu estou aqui para te dizer que é mentira. A dor não passa, ela fica ali, te lembrando do que você perdeu, do que você não pode mais ter.

Sei do que estou falando. Sei disso porque não teve um dia durante cinco anos que eu não tenha pensado na Tati. Me lembrar dela fazia minha alma agonizar por saber que ela nunca mais estaria ao meu lado.

Você se acostuma com a dor, se acostuma ao saber que aquela pessoa que você tanto amou não faz mais parte de você.

Era uma grande merda viver assim, mas eu vivia. Eu vivia e tinha certeza de que passaria o restante da minha vida nessa batalha interna que era sofrer e aprender a lidar com o sofrimento. Eu sempre seria um homem oco, que vivia para o trabalho e que as pessoas olhavam com pena quando descobriam a história.

Respirei fundo e fechei os olhos. Meu plantão havia acabado há pouco e eu estava em minha sala. Queria organizar e analisar alguns exames

pendentes para não deixar acumular, aproveitaria e faria algumas anotações.

Depois que a Tati havia morrido, deixei o Brasil e fui para o Canadá, onde terminei meu curso de medicina e fiz minha especialização em Gastroenterologia<sup>[1]</sup>. Foram quase 5 anos trancado em um quarto, apenas focado no estudo e nos frutos que isso iria me render. Não foi em vão. Eu era, então, um médico formado, com um currículo promissor, e apesar da pouca idade sabia bem o que estava fazendo e o que me levou a me tornar médico. Infelizmente, meu objetivo foi nocauteado ao saber da morte da Tati. Passei a duvidar de Deus e de que ele me amava, igual quando meu pai abandonou minha mãe, quando eu tinha apenas 5 anos.

Afinal, que Deus é esse que diz que ama, mas nos faz sofrer a dor da perda? Na época em que decidi ser médico, foi por conta do meu padrasto, Igor. Um brasileiro que se encantou pela minha mãe e não mediu esforços para fazê-la feliz. Eles moravam no Canadá, um dos motivos da minha ida para lá. Igor foi o pai que eu não tive, o pai que me ensinou o valor de amar e ser amado. Se não fosse seus conselhos e o modo que tratava minha mãe, eu não teria conquistado a mulher da minha vida. Na verdade, teria feito poucas coisas.

Suspirei. Eu poderia passar o dia inteiro pensando, filosofando, e no final o resultado seria o mesmo: pensaria na Tati. Tinha sido assim por

longos anos, e eu duvidava que fosse mudar.

— Não vai embora? — A voz do Akin me fez levantar os olhos.

— Vou ficar mais um pouco por aqui. Tenho alguns exames para avaliar. Não gosto de deixar tudo para a última hora.

— Por que eu tenho a impressão de que usa o trabalho para fugir de algo? Sério, Jeferson, desde que você começou a trabalhar aqui tenho notado isso. Do que tanto tem medo?

A pergunta dele me deixou parado. Mal sabia ele o tanto que eu fugia.

Voltar para o Brasil foi um pedido de Igor. Ele era dono do Hospital Amorim e havia sido bem claro: eu seria dono da maior parte das ações dele. Não que eu ligasse para isso. As pessoas nem sabiam do nosso parentesco, mais um motivo para eu seguir sem acharem que eu queria me aproveitar. Voltei apenas por ele, porque ele pediu. Se eu pudesse não pisava os pés no Brasil nunca mais. Estar no Brasil era lembrar de tudo aquilo que eu perdi, de tudo que fui privado a ter, da dor que jamais se extinguiria da minha alma ou do sorriso que jamais poderia contemplar.

— Jeferson, você está bem? — Pisquei algumas vezes. Desde que voltei que eu tinha esses pequenos "desligamentos" do mundo real e me martirizava lembrando do passado.

— Estou sim — respondi, passando as mãos no cabelo. — Deve ser o

cansaço, tenho certeza.

— E você ainda insiste em ficar trabalhando após o plantão? Cara, você tem problemas.

Ele riu e eu me permiti relaxar um pouco.

Akin era um negro de quase 2 metros de altura, natural da Nigéria, trabalhava no hospital há cerca de 8 anos como clínico geral, pai solteiro, e tinha o maior orgulho de dizer que conseguia criar sua filha sem precisar de uma mulher ao lado. Um dos poucos amigos que fiz no hospital.

— Que tal sairmos hoje à noite, conhecer umas gatas? Estou precisando e você também.

— Pensei que fosse ficar com sua filha — comentei.

— Um homem tem que se divertir — falou. — E a Iana vai dormir na casa de uma amiga hoje à noite. Vou aproveitar a folga.

Ri e balancei a cabeça, mas encarei meu amigo.

— Pode ser uma boa. Irei chamar o Gustavo, algum problema?

— Nenhum. Nos vemos mais tarde, então, naquele barzinho da última vez.

— Fechado, então — falei e ele saiu da minha sala.

Apoiei a cabeça no encosto da cadeira e olhei para o teto.

*Como se conhecer novas mulheres fosse me fazer esquecer a única que teve meu coração*, pensei. Não tinha como ter nenhuma outra mulher, não havia espaço para isso na minha vida.

Meu celular tocou, fazendo eu me endireitar na cadeira e pegar o aparelho em seguida. Vi um número desconhecido e franzi o cenho.

— Alô?

— *Alô, Jeferson? Preciso de um favor seu, é um caso de vida ou morte.* — Era a voz da Duda.

— O que houve, Eduarda?

— *Preciso da sua ajuda. Preciso que venha até o endereço que vou te mandar por mensagem.*

— Você está ferida? — Já estava de pé, pronto para auxiliá-la no que fosse.

— *Não, eu estou bem, é para outra pessoa.*

— O que ela tem?

— *Não sei explicar direito, apenas peço que venha.*

— Me manda o endereço. Tentarei chegar o mais rápido possível.

— *Mandarei. E obrigada.*

— Não tem que me agradecer, sabe disso.

Ela encerrou a chamada e minutos depois a tela piscou com a mensagem indicando o endereço em que ela estava.

Não pensei duas vezes. Peguei a chave do meu carro, minhas coisas, e saí do hospital em disparada.



Quando cheguei ao endereço, saí do carro e avancei até a casa.

Vi minha amiga, o Arthur, e uma mulher mais velha. Estavam tão absortos conversando que não notaram minha presença. Entrei mais um pouco e chamei minha amiga.

— O que aconteceu, Eduarda?

Ela se levantou e veio me abraçar. Desde que havia voltado, ainda não tinha tido tempo de sentar com meus amigos e conversar com eles, apenas na festa do dia das mães e eu fiquei mais na minha.

— Obrigada por vir — ela agradeceu, nos afastamos e eu sorri para ela.

— Sempre viria por você. — Eduarda sorriu e caminhou para a sala.

— Venha. Creio que você pode nos ajudar.



Ela caminhou até o que eu presumi ser um quarto e foi entrando. No momento que eu entrei e vi a mulher na cama, parei e arregalei os olhos.

— Meu Deus!

Foi tudo que falei ao ver o estado da mulher.

Ela estava com os olhos roxos, gemia de dor e eu podia ver hematomas nas partes descobertas de seu corpo.

Tentei esconder meu choque e caminhei até a cama, assumindo meu lado profissional.

— Quem é você? — a mulher perguntou, olhos fechados e voz baixa.

— Sou médico e preciso saber a gravidade desses machucados.

— Não preciso de médico nenhum. Quero que vá embora da minha casa. — Parei o que estava fazendo e olhei para ela.

— Para alguém que, provavelmente, fraturou algum osso, você está reclamando bastante.

Voltei ao que eu estava fazendo, começando a apalpar sua barriga quando ela gemeu.

— Você precisa de um hospital. Urgente!

— Não vou para o hospital de maneira nenhuma — ela disse e soltou um gemido quando toquei suas costas.

— Você vai sim. Quero saber quem fez isso com você — falei.

— Eu caí...

— Da escada. Típica frase usada para quem apanha do companheiro.

— Ele não é meu companheiro — ela disse como se fosse um rosnado.

— Irei ligar para a ambulância — murmurei.

— Já disse que não vou para o hospital.

— Infelizmente não está em condições de exigir nada.

— Eu não saio daqui.

Mulher teimosa.

— É o seguinte... — Parei ao lembrar que não sabia seu nome. — Qual o seu nome?

— Não te interessa.

— Cristo, mulher! Você pode estar correndo risco de vida e vamos para o hospital, você querendo ou não.

Saí do quarto e vi o Arthur e a Duda conversando.

— Arthur, Eduarda. — Ambos olharam para mim. — Ela precisa urgente de um hospital.

— Foi por isso que chamamos você — Duda disse, parecia nervosa.  
— Precisamos de ajuda para levá-la até o carro.

— Eduarda, ela precisa de uma ambulância. Tenho certeza de que tem fraturas internas, alguns ossos quebrados. Levá-la no carro é pedir para que o pior aconteça.

— Ela não quer... — Arthur começou a falar.

— Eu sei que ela não quer — o interrompi. — Impressionante como a mulher consegue ser teimosa mesmo estando correndo risco de vida. Eu vou chamar uma ambulância. Nós vamos para o hospital e não será ela quem vai me impedir.

Não esperei mais uma tentativa de negar o meu pedido. Peguei o celular e liguei para o Akin pedindo que fosse até o hospital, e expliquei brevemente o caso, em seguida liguei para a ambulância.

Cerca de 10 minutos depois eles chegaram, já entrando e arrumando a moça para ir para o veículo.

— Eu não quero ir — ela pontuou.

— Não tem que querer — falei após ajudá-los a colocá-la na maca.

— Você não pode tomar essa decisão por mim!

— Já tomei — retruquei.

— Babaca — ela resmungou e estreitei os olhos para a loira que mal conseguia abrir os seus.

— Você não está facilitando meu trabalho, loira.

Ela respirou fundo quando os paramédicos colocaram a maca em movimento.

— Alessandra, as crianças...

— Não se preocupe. Eu irei cuidar deles. Agora deixe que eles cuidem de você, Débora. E não se esqueça, a Ester e o Thales precisam de você, não desista. — A loira então tinha um nome.

— Encontrarei vocês no hospital — falei, me preparando voltar até a casa e pegar minhas coisas.

— Pensei que fosse me ver livre de você — ela resmungou, porém, eu preferi ficar em silêncio. Mulher teimosa!

Voltei para Arthur e Duda.

— Eu estou indo direto para o hospital, ficarei por dentro de tudo. — Olhei para a ambulância que já seguia caminho. — O que aconteceu com ela?

— Eu não sei de tudo. Mas faça todos os exames, Jeferson. Eu... — Fechou os olhos. — Eu temo que ela tenha sido estuprada.

Não tinha como falar nada no momento. Apenas assenti e fui em

direção ao meu carro.



Após todos os exames, a loira foi devidamente medicada e estava descansando, e eu estava de intrometido em seu quarto. Eduarda foi até lá para conversar com ela, juntamente com a policial Verônica. Não sabia no que ela estava metida, mas algo me dizia que não era boa coisa.

Seu rosto estava machucado, mas não duvidava que fosse uma bela mulher. Só me intrigava o fato de ela ter ficado tão machucada.

Suspirei e saí dali, acabei trombando com meu amigo.

— Analisando? — perguntou, arqueando a sobrancelha.

— Apenas querendo entender o que aconteceu.

— Ela precisará chamar a polícia.

Ri um pouco.

— Ela não queria nem vir ao hospital, quando mais prestar queixa de alguma coisa. Não adianta, Akin, a loira é a mulher mais teimosa que eu conheço.

Akin cerrou os olhos em minha direção.

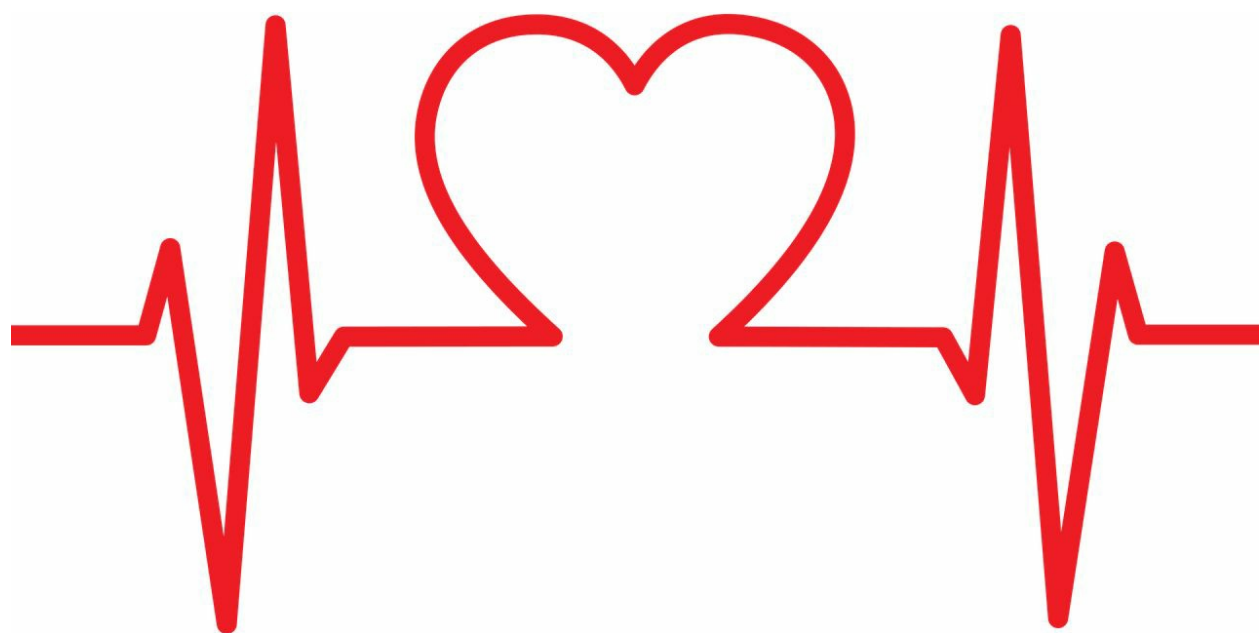
— Você só a conhece no máximo há cinco horas e já tem certeza de

que ela é a mulher mais teimosa? Isso é novidade.

— Vai se ferrar, Akin — respondi e me virei para voltar à minha sala.

— Não esqueça que vamos ao bar hoje.

Não respondi. Precisava pensar, pois ver a loira naquele estado fez um ódio tremendo nascer dentro de mim. Porque homem que batia em mulher, para mim, não merecia um pinga de piedade.



# Capítulo 2

*Contemplando as estrelas, minha solidão  
Aperta forte o peito, é mais que uma emoção  
Esqueci do meu orgulho pra você voltar  
Permaneço sem amor, sem luz, sem ar  
Sem ar – D'Black*



# Jeferson

Estava presente no bar apenas fisicamente, porque meus pensamentos estavam na loira que havia sido levada para o hospital mais cedo. Por mais que eu não quisesse.

Ingeri um gole do meu Bourbon e olhei fixamente para frente.

— Jeferson, onde você está? Porque você não está aqui. Já falei com você umas duas vezes e está no mundo da lua — Gustavo comentou.

— No mundo da lua eu não sei, Gustavo — Akin falou, me olhando atentamente. — Mas com a cabeça em uma certa loira que deu entrada no hospital hoje...

— Loira? — Meu amigo passou a me olhar de maneira curiosa. — Me conte mais sobre isso.

— Não é nada demais, Gustavo. — Dei de ombros. — É apenas uma mulher que a Eduarda pediu para eu ajudar, pois parece que foi espancada. Estava muito mal quando chegou ao hospital, fiquei preocupado.

— Nunca ficou preocupado assim antes — Akin apontou.

— O que me incomodou foi o fato de ela não querer ir ao hospital — observei. — Uma mulher, com os ferimentos que ela tinha, é um milagre que não tenha acontecido nada demais.

— Verdade. — O médico em Akin entrou na conversa. — Ela teve alguns ossos fraturados, o corpo estava completamente coberto por hematomas, sem contar nos cortes no rosto, lábios, os olhos mal se abrem de tão inchados.

— O que acha que aconteceu? — Gustavo perguntou.

— Tenho uma suspeita, violência doméstica, mas se ela estava se recusando a ir para o hospital, imagina prestar queixa contra o cara. — Bufe.

— Infelizmente, não podemos fazer nada a respeito disso, Jeferson — Akin disse. — Sabe o quanto é difícil para as mulheres denunciarem seus agressores.

— Sim, eu sei, mas o fato me incomoda.

E era verdade. Não sei porque fiquei incomodado ou porque me importava tanto com esse caso em específico, sabia apenas que eu falaria com ela depois e tentaria persuadi-la a realizar uma denúncia.

— Quem é aquela deusa ali?

A voz do Akin me fez olhar para a direção que ele olhava. Vi uma mulher trajada em roupas justas que marcavam cada detalhe de seu corpo, cabelos pretos e ondulados finalizavam o visual da mulher, que certamente era mais bem mais velha, porém, não passava despercebida sobre o olhar de nenhum homem.

— Delegada Geovana. — Olhei para Gustavo, que observava, enraivecido, a mulher.

— Antigo caso? — perguntei e ele faltou cuspir a bebida.

— Deus é mais em minha vida, credo — respondeu. — Apenas sei porque lembro de seu rosto da televisão, vive dando entrevistas.

— Parece ser bem mais velha — Akin disse, ainda com os olhos grudados nela.

— Quer tentar a sorte, Akin? — perguntei sorrindo e ele sorriu para mim.

— Não sei se é mulher de foda de uma noite. Ela pode ser casada — falou, franzindo o cenho em seguida.

— Creio que uma mulher casada não viria aqui — observei e vi a luta interna do meu amigo. — Qual é, Akin, vai logo!

— Tem razão. O que eu tenho a perder, não é? — Se levantou. — Até amanhã, cavalheiros, porque pretendo passar a noite descumprindo a lei.

Ri com o comentário dele, que saiu a caminho da delegada, que passou a sorrir, notando sua aproximação.

— Acho que ele não será preso se cometer algum delito essa noite. — Gustavo riu.

— Pode até ser preso, mas de um jeito que vai adorar — emendei.

O silêncio reinou entre nós dois.

— Vai me dizer qual é a da loira? — perguntou.

— É apenas isso, Gustavo — falei, fitando o nada. — Realmente me pergunto como podem suportar tais coisas.

— Pensei que tivesse sentindo algo...

— Nem comece. Não existe espaço na minha vida para esse tipo de coisa — disse, impedindo-o de falar alguma bobagem.

— Certo. Você está dizendo, mas eu tenho certeza de que a Tati não gostaria de ver você dessa maneira.

Trinquei o maxilar, pois não gostava de tocar no nome dela. Isso só me lembrava que ela não estava viva.

— Desculpa — ele pediu quando viu meu estado. — Mas sabe que viver para o trabalho sem parar pode acabar te matando.

— Falou o homem que vai se casar — debochei, pois ele era o maior mulherengo depois que assumiu a presidência da empresa do pai.

— Não vivo para o trabalho, Jeferson. Me divirto como posso, sabe disso, apenas não encontrei a mulher certa.

— Mas vive atrás de outras por aí.

— Meu amigo, enquanto a certa não aparece, me divirto com as erradas.

— E acha que a “certa” vai aprovar seu comportamento com as “erradas” — indaguei.

— Não sei. Sabe que depois da Bruna eu não me envolvi com ninguém. Não por falta de opção, apenas não quis entrar na parte amorosa da minha vida.

— Diz isso porque ainda é apaixonado por ela — aponteí e ele gargalhou.

— Não sou, sabe disso. Nosso lance acabou há muitos anos. Antes mesmo de ela namorar o italiano.

— Por falar nisso, eles vão casar — comentei.

— Sim, ela me falou mesmo. Disse que vai enviar logo os convites.  
— Ele encarou o nada e o observei.

— Tem certeza de que não é apaixonado por ela?

— Tenho, Jeferson. Por um tempo, depois do fim do nosso relacionamento, realmente pensei que poderia estar fazendo a maior besteira da minha vida, que ela podia ser a mulher que eu esperei por tanto tempo, mas depois que a vi com o Fellipo, percebi que ela foi feita para ele. Ou seja,

não sou apaixonado por ela, tenho apenas um grande carinho.

Fiquei calado, minha mente indo para a Tati. A única mulher que eu amei, a única mulher que realmente teve meu coração e me estragou para qualquer outra mulher.

Será que algum dia, alguma mulher iria despertar em mim, pelo menos um terço do que senti pela Tati?

Infelizmente, eu não tinha resposta para essa pergunta.



Passei a noite em claro, a maldita insônia me atacou novamente. Me sentei em frente a um documento do hospital que meu padrasto havia me enviado mais cedo e fiquei lendo, quando dei por mim eram 4 horas da manhã.

Meus olhos estavam pesados e me estiquei na cadeira, estalando cada osso em mim por conta da quantidade de tempo passado sentado na mesma posição.

Fixei meus olhos no computador e olhei a foto que estampava o papel de parede da área de trabalho. Uma minha e da Tati. Suspirei ao contemplar seu sorriso. Sentia tanta falta dela que me doía. Se eu pudesse teria voltado atrás e teria dito mais vezes que a amava, que minha felicidade era vê-la feliz.

Já vivia mais conformado com sua morte. Não que tivesse superado ou que fosse esquecê-la, apenas havia me acostumado a sua ausência em minha vida.

As pessoas não faziam ideia do quanto eu havia sofrido anos atrás. A Bruna e a Duda sofreram também, sei que sim, afinal elas eram melhores amigas e o laço que as unia era profundo.

Mas a dor maior, o estrago maior, foi em mim, que planejei cada detalhe da minha vida ao lado dela. Já havia imaginado nós dois velhinhos, juntos, indo buscar os netos. Infelizmente a vida era uma filha da puta e decidiu acabar comigo ainda mais.

Decidi tomar um banho e ir para o hospital, pois ficar ali remoendo a vida perfeita que eu teria se a Tati estivesse viva não daria em nada, não a traria de volta para mim.



Tomei apenas uma xícara de café antes de sair de casa, no caminho telefonei para minha mãe, que disse que eu estava sendo um filho ingrato por não ligar todos os dias e todo aquele drama. Desde que havia decidido voltar para o Brasil tinha sido assim, mas eu sabia que ela estava brincando. Sentia minha falta, afinal foram 5 anos vendo-a todos os dias, mas logo voltaria para o Canadá. Não tinha desejo de fixar moradia no Brasil. Nunca mais.

Cheguei no hospital e segui direto para minha sala, onde meu amigo já esperava por mim, mexendo no celular como se estivesse brigando com alguém.

— O que o celular fez para você, Akin? — perguntei, vestindo meu jaleco e colocando o estetoscópio em volta do pescoço.

— O celular não fez nada, mas a pessoa do outro lado, sim.

Arqueei uma sobrancelha de maneira questionadora.

— Isabel, a mãe da Iana, está no Brasil e quer ver a filha.

Sua ex mulher era o problema, então.

— Você não quer contato entre elas, não é?

— Não é isso, Jeferson. — Ele se levantou, passando a mão pelo rosto. — Minha história com Isabel é mais complicada do que imagina, não envolve apenas a Iana.

— Sempre disse que criaria sua filha sozinho, sem precisar da ajuda dela — apontei.

— E é verdade. Jamais precisarei da ajuda dela para isso e ela sabe, mas é a mãe e tem direitos.

— Akin, sua história é muito confusa — falei por fim.

— Eu sei, nem queira entender. Apenas preciso saber que Isabel não



vai tentar se encontrar com Iana escondido de mim.

— E a noite com a delegada, rendeu? — Ele sorriu, dessa vez de modo sacana.

— Melhor do que esperava, meu amigo. Muito melhor! — Ele se levantou. — Ela sem dúvida vale uma segunda rodada.

— Ora, ora, foi tão bom assim?

— Não darei detalhes, doutor — disse rindo e eu o acompanhei.

— Mas o que faz tão cedo em minha sala? — perguntei.

— Sua loira quer sair do hospital sem alta, disse até que assinaria um termo de responsabilidade.

— Puta que pariu, que mulher teimosa! — falei, me levantei e saí, decidido a falar com ela.

— Jeferson, pretende fazer o quê? Amarrá-la na cama? Não pode fazer isso.

— É claro que eu posso. Sou quase o dono dessa porra — resmunguei.

— Como assim? — perguntou e me xinguei mentalmente.

— Esquece! Apenas não vamos deixar a loira sair. Ela ainda não está em condições de cuidar de si mesma.

— Se você conseguir convencê-la a ficar...

Abri a porta e parei imediatamente, a cena a seguir me desestabilizou. A loira estava sentada na cama e duas crianças a abraçavam como se ela fosse a tábua de salvação delas.

Ela não notou nossa presença, então apenas me virei e saí, fechando a porta em seguida.

— Quando as crianças saírem me informe, irei conversar com ela.

— Não sabia que crianças eram seu ponto fraco, doutor.

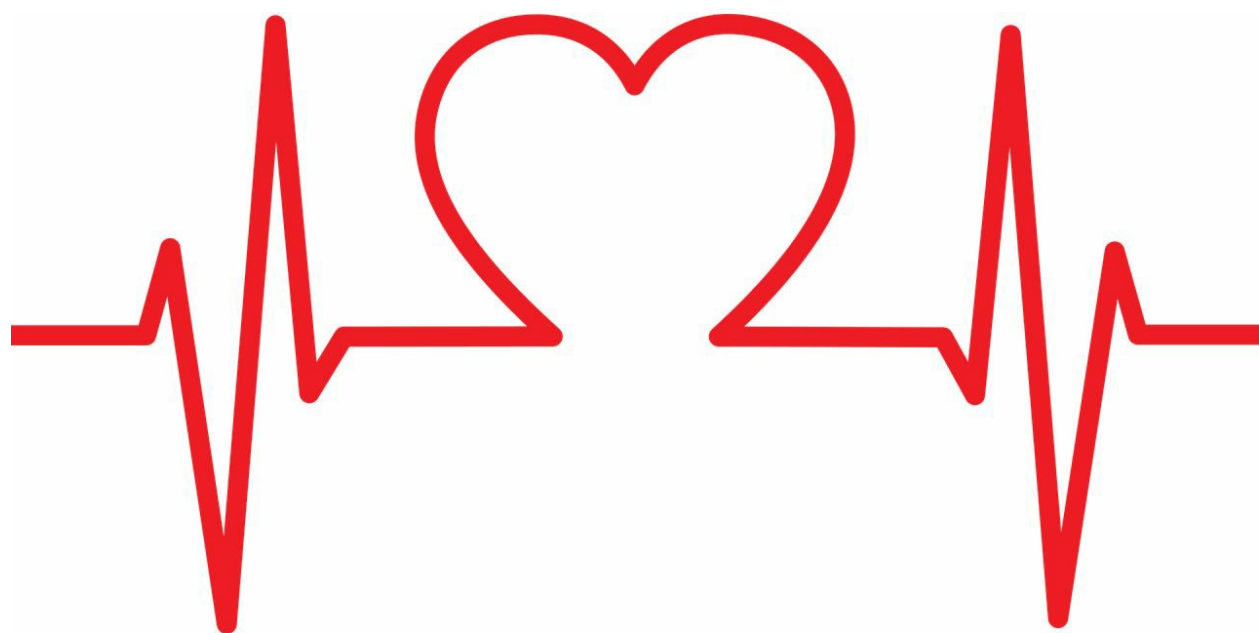
O encarei de forma ameaçadora, mas ele não se sentiu intimidado.

— Não iria falar com ela na frente dos filhos, Akin. Apenas me avise quando eles saírem.

Me virei para voltar à minha sala, mas sua voz me fez parar.

— E não pense que eu esqueci a sua frase de “sou quase o dono dessa porra”. Vamos falar sobre isso mais tarde.

E se virou, me deixando sozinho com vontade de me bater por ter aberto minha boca.



# Capítulo 3

*Tudo no seu tempo*

*Tão veloz por dentro*

*Em mim passa devagar*

*A me acertar*

*Areia - Sandy*

# Débora

Odiava hospitais. Odiava com todas as minhas forças. Estar ali me trazia memórias da Dani, e eu sentia tanto a falta da minha irmã que doía. Doía mais do que os machucados estampados em meu corpo.

Fechei os olhos, pois olhar para o teto branco me fazia pensar na burrada que havia cometido. Henrique foi bem enfático quando disse que eu não deveria me meter nos assuntos da boate, mas eu queria saber o que tinha acontecido com a Jéssica.

Minha melhor amiga foi assassinada há 5 anos, deixando uma filha para trás, e não duvidava que seus assassinos fossem próximos. Se aquela mulher poderia descobrir algo sobre isso, não iria hesitar em ajudar, só que eu sofreria consequências. Apenas não imaginava que fossem tão graves.

Soltei um gemido ao tentar me mexer.

*Droga de lugar.*

— Visitas para a senhorita — a enfermeira falou ao entrar na sala.

Estranhei. Não estava esperando ninguém, mas assim que as visitas entraram eu parei de pensar em qualquer coisa.

— Mamãe! — Thales gritou ao me ver e correu para mim.

— Meu amor — falei ao abraçá-lo, ignorando a dor em meu corpo

quando o segurei em meus braços. — Que saudades de você.

— Eles insistiram em vir — Alessandra informou, me olhando com carinho.

— Obrigada por trazê-los — agradei e olhei para Ester. — Vem aqui, meu amor.

Ela veio e me abraçou.

— Saudades de você, tia — declarou.

— Também estava, meus amores. Morrendo de saudades.

Sentia minhas lágrimas molharem meu rosto. Faria de tudo para vê-los felizes, sem faltar nada. Era por isso que me submetia a essa humilhação diária que era me prostituir. Mesmo com as migalhas que o Henrique me dava, eles não passavam necessidade. Nem que eu escondesse dinheiro deles ou a Alessandra nos ajudasse, mas jamais eles passariam fome.



Eu só queria sair daquele hospital. Era tão difícil perceber isso?

Estava me sentindo melhor, pelos menos emocionalmente, mas eles não entendiam. Eu não tinha condições de ficar em um hospital grande como o Amorim. Conhecia sua fama, era um dos melhores hospitais particulares da

capital, porém, eu não tinha dinheiro para ficar lá por tanto tempo. Mas eles não queriam me dar a droga do termo de responsabilidade para assassinar e sair dali.

Estava deitada, havia dormido um pouco após a saída da Alessandra com as crianças e encarava o teto branco, pois a dor em meu corpo era tanta que eu não conseguia ficar sentada.

— Não vai me dizer mesmo o que aconteceu para você ficar dessa maneira?

Me assustei ao ouvir a voz. Não sabia que ele estava no quarto. Optei por ficar calada. Por conta de sua insistência estava no local que detestava.

— Estou falando com você, loira. — A voz dele estava mais perto. Homem insistente.

— Tenho um nome — resmunguei.

— O qual você não me disse — ele argumentou e ficou calado por um tempo. — Débora, tem noção da gravidade dos seus ferimentos? Você poderia ter morrido.

— Se eu tivesse morrido seria melhor, acabaria com todo o sofrimento. — Me xinguei mentalmente no instante em que fechei a boca.

— Por que quer protegê-lo?

Sabia que ele se referia ao que havia acontecido comigo.

— Fala como se eu tivesse escolha.

— E não tem?

— Não — respondi após um tempo. — Deixei de ter a muito tempo.

— Infelizmente, Débora, não posso te obrigar a nada. Depende apenas de você.

O silêncio reinou e ouvi apenas quando a porta do quarto bateu suavemente, indicando sua saída.

Respirei fundo. As pessoas não imaginavam que minha história era mais podre que o lixo. Eu me sentia suja, imunda, a cada vez que chegava em casa. Me sentia a pior pessoa do mundo.

Elas não sabiam o quanto era difícil viver da maneira que eu vivia, do modo como eu levava a vida. As humilhações eram constantes, os choros vinham todas as noites após chegar em casa, a dor de não poder sair daquele local me apunhalava a cada vez que o Henrique me ameaçava com o olhar.

Eu vivia escondida como uma criminosa, as pessoas me julgavam, mas elas não estavam na minha casa, na minha pele e, muito menos, sabiam o que tinha acontecido para eu tomar tais decisões em minha vida. Falar dos outros era fácil, apontar, julgar e recriminar. Ninguém nunca veio até mim e



perguntou o que estava acontecendo e achei melhor assim. Não precisava da pena de ninguém, não precisava das pessoas me olhando com dó, muito menos fazendo caridade para mim.

Fechei os olhos e pensei na Ester e no Thales. Era por eles que eu ainda estava viva, era por causa deles que eu me submetia a todo tipo de humilhação e agressão.

Prometi para minha irmã que cuidaria deles e eu faria isso. Cuidaria deles, custasse o que custasse.

Pensei que o médico mandão fosse voltar — o apelidei dessa forma já que eu não sabia o nome dele —, mas ele não apareceu e eu achei melhor assim.

Estava fazendo minha refeição, doía movimentar os braços e ficar sentada era um esforço desgastante, mas eu precisava mostrar para ele que estava bem o suficiente para sair logo daquele lugar, no entanto, o médico foi bem enfático ao dizer que eu só sairia dali quando estivesse melhor.

— Você não parece melhor, Débora. — Levantei o olhar para Akin, o médico que estava cuidando de mim.

— Estou sim, só quero ir embora — falei, tentando soar como uma pessoa que não estava morrendo de dor. Ele balançou a cabeça e continuou monitorando as máquinas conectadas em mim. Não sabia o motivo de elas

estarem ali.

— Imagino que sim, mas iremos refazer os exames hoje e ver o que podemos fazer em relação a isso.

— Espero que eu possa ir para casa, estou com saudade dos meus filhos.

E estava mesmo. Ester e Thales eram a melhor parte do meu dia. Me alegravam e me fazia encarar um dia de cada vez. Eu os amava incondicionalmente.

— Não sabia que tinha filhos — Akin comentou.

Eles não eram meus filhos, mas me chamavam de mãe. Quando isso aconteceu eu não queria que eles se esquecessem da Dani, tentei impedir que me chamasse assim, mas acabei deixando, então, sim, eles eram meus filhos, meus bebês.

— Dois, e eu estou morrendo de saudade deles. — Lágrimas encheram meus olhos e eu pisquei para não chorar.

Não gostava disso. Precisava ser forte, chorar era demonstrar minha fraqueza, que para minha decepção, era maior do que eu queria que fosse.

A porta foi aberta e um médico entrou. Ele olhava alguns papéis enquanto falava com Akin.

— Akin, vou entrar em cirurgia daqui a uma hora e você precisa...

Eu não entendi o que ele disse no minuto seguinte, quando levantou o olhar e nossos olhos se prenderam um no outro.

O mundo pareceu parar e desaparecer no instante seguinte. Olhos azuis intensos me fizeram perder o fôlego e meu coração errou algumas batidas, voltando a bater ferozmente.

Ele era lindo. Na verdade, mais que lindo. Parecia um deus, meio loiro, barba por fazer e o jaleco meio amassado. Pisquei algumas vezes, tendo a impressão de que o conhecia de algum lugar.

— Jeferson, Débora... Vocês estão bem? — A voz do médico me fez voltar ao mundo real.

— Claro que sim. — Olhei novamente para ele quando respondeu. Era o médico que havia me obrigado a ir para lá. Ainda não o tinha visto, primeiro porque meus olhos estavam inchados, mal conseguia abri-los, e depois porque estava deitada e ele longe de meu campo de visão. — Fiquei sabendo que quer sair daqui, loira.

Fechei minha cara para ele.

— Quero sim. Meus filhos precisam de mim, não posso ficar presa nesse hospital.

— Então precisa ficar aqui e deixar essa ideia maluca de querer alta antes do tempo.

— Não pode me impedir — retruquei.

— Posso.

— Duvido.

Ficamos nos encarando e era desconcertante ter seus olhos sobre mim. Parecia que ele enxergava cada pedaço da minha alma.

— As crianças já acabaram a discussão? — Era a voz do Akin. Me virei para lançar um olhar para o médico, mas fiz isso rápido demais e a dor me invadiu com força, me fazendo gemer alto, o que alertou os médicos.

Jeferson veio para perto de mim e me deitou na cama. Eu estava de olhos fechados. Meu tronco inteiro doía e respirar estava difícil.

— É por isso que não pode sair daqui, loira — resmungou enquanto apertava minha barriga na região das costelas.

— Você fraturou uma costela, não pode se mexer demais — Akin falou, mexendo no soro. Devia estar colocando algum remédio, o que me fez perceber que sair dali seria mais difícil do que imaginava.

— Não pode sair daqui, Débora — Jeferson falou baixo, apenas para eu escutar.

— Você não entende...

— Eu entendo sim. Não sairá desse hospital até estar melhor.

Ele se levantou e caminhou até a porta.

— Ainda teremos uma conversa, loira, pode me esperar. — Então saiu, fechando a porta atrás de si.

Fiquei em silêncio e fechei os olhos.

*Médico irritante.*

— Interessante a interação entre vocês. — A voz do Akin me fez abrir os olhos.

— Que interação?

— Como se vocês quisessem se matar.

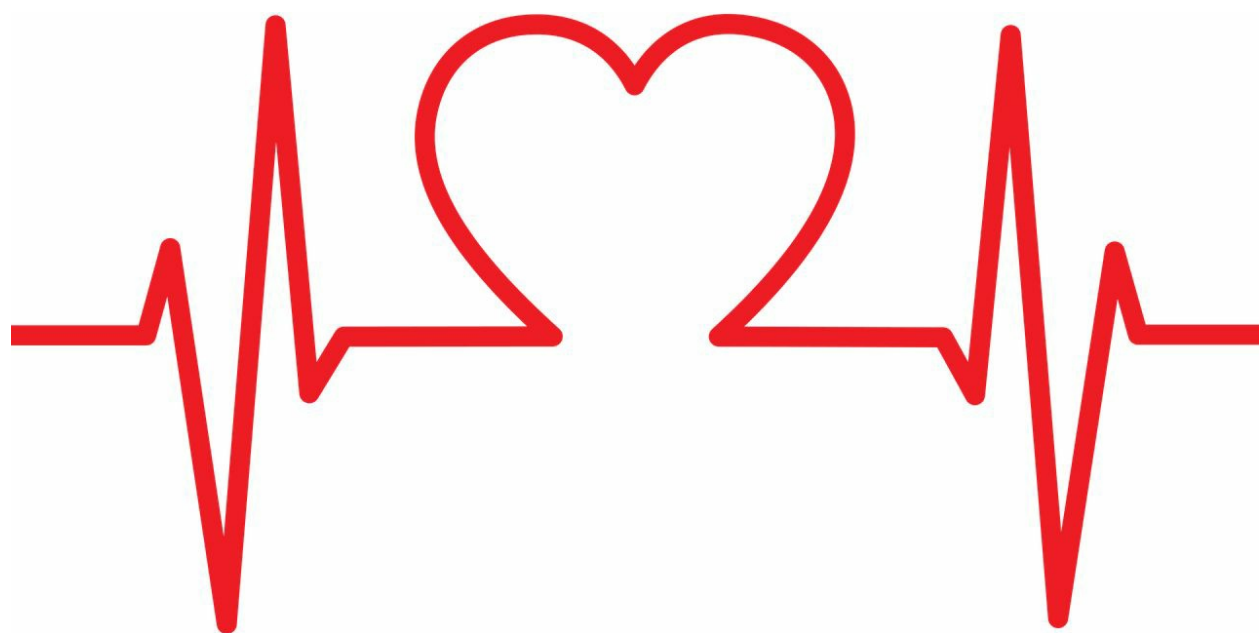
— Quero que ele me deixe ir embora, simples assim — falei.

— Você não conhece o Jeferson, Débora — disse ele, já na porta se virou para mim e sorriu. — Ele não vai deixá-la sair daqui até que esteja totalmente recuperada.

— Maravilha! Ganhei um cão de guarda. — Bufe e gemi com a dor que isso causou.

— Pense como quiser. Isso vai ser interessante de assistir.

Não entendi sua última fala, mas pouco me importava também. O sono já estava tomando conta de mim, e sem relutar mais, me entreguei a ele. Depois resolveria meu problema com o médico que se achava a última bolacha do pacote.



# Capítulo 4

*Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito*

*Só hoje – Jota Quest*



# Jeferson

Estava exausto. Havia acompanhado uma cirurgia mais cedo e isso fazia o cansaço aumentar em 100%.

Sabia que tinha que ir para casa, mas a cadeira do meu consultório parecia muito convidativa para um cochilo a fim de repor as energias e poder sair sem provocar um acidente.

— Você parece péssimo, Jeferson — Akin falou assim que entrou na minha sala, já pronto para ir embora.

— E estou. Não dormi bem essa noite e essa cirurgia de última hora acabou comigo.

— Imagino. Vem, vou levar você para casa.

— Não precisa, cara. Vou descansar um pouco aqui. Amanhã não tenho que vir para o hospital e nesse caso prefiro ir no meu carro mesmo.

— Tem certeza? Posso te levar sem problemas.

— Pode ir tranquilo, Akin. — Ele caminhou até a porta, parando em seguida.

— Ainda vamos ter uma conversa, Jeferson. Sinto que você tem muito a me contar.

— Não sei pra que tudo isso — murmurei, de olhos fechados.

— Não vamos discutir agora — ele disse e ouvi a porta se fechar.

Deixei o sono tomar conta do meu corpo e dormi, sentado na cadeira do meu consultório.



Acordei atordado, odiava quando isso acontecia. Dormir no hospital estava se tornando algo normal. Mão deveria ser, mas estava. Focar no trabalho ou estar no ambiente de trabalho desligava minha mente sobre certas coisas.

Esfreguei os olhos e peguei meu celular para conferir a hora, eram três da manhã, então resolvi ir para casa e dormir o restante da noite lá. Desliguei meu computador, peguei minhas coisas e saí.

Caminhei pelo corredor cumprimentando os médicos de plantão, mas parei ao notar que estava em frente ao quarto da Débora. Sem esperar mais, abri a porta, ficando parado ali, apenas fitando a mulher que dormia tranquilamente. Não vi nenhum médico se aproximando, então resolvi entrar e caminhei até a sua cama.

Mesmo com hematomas ela era linda. Muito linda. Seus cabelos loiros caíam em contraste com a pele alva como a neve e eu me perguntava como uma mulher de tamanha beleza poderia se submeter a esse tipo de

violência. Olhei mais uma vez para ela e tive a ligeira impressão de já tê-la visto em algum lugar, mas eu não me lembrava onde. Tentei forçar a memória, mas nada vinha.

Balancei a cabeça, me repreendendo. Deveria ser o cansaço começando a falar mais alto. Saí do quarto antes que alguém me visse ali.



Deveria ter chegado em casa e ido para cama, mas não fiz isso, fiquei na sala e me servi de um conhaque. Sentei no sofá e fiquei encarando o nada.

Odiava ficar melancólico ou deixar que a sombra da minha dor se apossasse de mim. Tinha dias que ficava mais fácil, que eu simplesmente conseguia olhar para frente e não remoer as lembranças, fossem elas felizes ou tristes.

Mas em dados momentos ela era minha companheira fiel e eu passava a depender dela.

Ficava pior quando se aproximada a data da morte da Tati. Parecia que uma enxurrada de lembranças vinha me atormentar e eu ficava à sua mercê, apenas sentindo a dor e a saudade que ela me causava.

No fim acabei dormindo no sofá mesmo, acordando algumas horas mais tarde com uma baita dor de cabeça. Como não tinha que ir para o

hospital, tirei o dia para resolver pendências relacionadas à compra do imóvel em que eu estava residindo. Não queria morar no Brasil, mas ter um apartamento para quando precisasse seria de grande ajuda. Por isso almoçaria com o corretor e teria o resto da tarde livre.

Ponderei o que faria depois, mas nada vinha em minha mente. Infelizmente eu estava tão focado no trabalho e nos meus estudos que fazia meses que não sabia o que eram algumas horas de folga ou algum tipo de descanso.

Resolvi falar com minha mãe, peguei meu notebook e iniciei uma chamada de vídeo. Ela começou com todo o drama de mãe, sobre ter saudade e eu não ligar quase nunca, até tocar em um assunto que eu não gostava de falar.

— *Deveria conhecer alguém, isso sim* — minha mãe disse, fazendo uma careta.

— Mãe, não vamos entrar nesse assunto — pedi.

— *Não tem essa de não entrar, Jeferson. Já tem tanto tempo, meu filho. Queria muito que você formasse uma família.*

— Eu sei que a senhora sonha em ter netos pela casa, mas não vai acontecer de uma hora para outra.

— *Eu sei. Mas se você não se esforçar para conhecer uma mulher*

*bonita, que desperte seu interesse, vai se tornar um solteirão!*

Faltei gargalhar com o termo usado.

— *Querida, incomodando o Jeferson a essa hora?* — Meu padrasto apareceu na tela e deu um beijo na testa da minha mãe.

— *Veja se consegue colocar um pouco de juízo na cabeça desse garoto. Vou me arrumar para sair. Te amo, meu filho.*

— Também te amo, mãe — falei e ela sorriu, saindo logo em seguida e meu padrasto tomando seu lugar.

— *Sua mãe já estava cobrando uma nora?* — O tom dele era de divertimento.

— Sabe como é a fera, não sabe esperar.

— *Ela só está preocupada com você.*

— Sei que sim, mas ainda não encontrei alguém que valha a pena.

— *Não precisa procurar, Jeferson. Na hora ela vai aparecer e você saberá.*

— Igual você e a minha mãe.

— *Exatamente. Pensei que não fosse amar novamente, mas ela me deu a direção que eu precisava seguir e sou extremamente grato por tê-la em minha vida.*

— Quem sabe um dia eu não conheça uma mulher assim.

— *Vai ver ela está mais perto do que você imagina.* — Sorriu e não pude deixar de acompanhá-lo. Queria que estivesse certo, mas já se havia passado tanto tempo que eu não esperava mais nada. — *Quero saber quando irá assumir a diretoria do hospital.*

— De novo esse assunto? — Eu não queria assumir a diretoria do hospital, essa era a verdade. Amava trabalhar ali, mas não gostaria de trabalhar na parte administrativa.

— *Sabe que sim. Querendo ou não, irá assumir 50% das ações do hospital. Precisa fazer parte da administração. Não precisa trabalhar diretamente, pode continuar atuando na área médica, mas precisa estar a par das decisões que envolvem a parte administrativa.*

— Em outras palavras...

— *Eles precisam saber que o dono já está trabalhando no hospital, Jeferson. Você está no Brasil exatamente porque não posso estar viajando todo mês.*

— O senhor sabe que não pretendo morar no Brasil, certo?

— *Sim, sei disso. Estou apenas esperando a liberação médica para saber se posso viajar. Estando tudo certo, sua mãe e eu voltaremos ao Brasil.*

— Como o senhor está em relação a isso? — Ele sabia a que assunto eu me referia.

— *Bem, fiz todo o tipo de exame, falta apenas o resultado. Sabe como a Mariah é. Enquanto não fizer todos os exames possíveis, ela não sossega.*

Sorri. Mariah foi minha única amiga durante o período que morei no Canadá. Ela é formada em medicina com especialização em neurocirurgia.

— *Uma pena que vocês dois não tenham namorado.*

— A Mariah e eu nunca daríamos certo, sabe disso, pai.

— *Eu sei, são iguais demais.* — Ele riu. — Mas pense no que eu disse. Não posso estar em todas as reuniões por vídeo conferência, e temos uma daqui a duas semanas.

Suspirei. Eu não teria outra maneira.

— O senhor venceu — falei e ele sorriu.

— *Vai gostar disso, meu filho. E a propósito, Mariah pediu para você telefonar para ela.*

— Farei isso. Até mais, pai. Mande um beijo para minha mãe.

— *Mandarei.*

Encerrei a chamada e peguei meu celular, procurando o número de Mariah em meu aparelho. Torcia para ela não estar em nenhuma cirurgia.

Alguns segundos depois ela atendeu.

— *Finalmente lembrou que tem amiga, Jeferson!*

Revirei os olhos.

— Meu pai falou que queria falar comigo.

— *É claro que eu queria. Você vai embora do Canadá e esquece que tem amigos. Estou preocupada com você. Não me mandou uma mensagem nem fez uma ligação.*

— Desculpa, Mariah, mas as coisas aqui foram corridas. Eu estava focado...

— *No trabalho, eu já sei. Você está sempre focado no trabalho, Jeferson. Isso ainda vai te matar.*

— Essa discussão de novo, não. — Fechei os olhos, mesmo que ela não pudesse vê-los.

— *Essa discussão de novo, sim. Não pode trabalhar até a exaustão. Você está procurando se matar? Tenho meio mais eficazes.*

— Sabe que não.

— *Ótimo. Não me faça entrar em contato com a direção do Hospital Amorim no Brasil para reclamar disso, por favor.* — Não respondi. Não era a primeira vez que discutíamos por conta disso. — *Me preocupo com você,*



*Jeferson. Sua saúde tem que estar em primeiro lugar, trabalhar até a exaustão pode ser a pior coisa que você faz.*

— Irei me cuidar, Mariah, prometo. E como estão as coisas? — Mudei logo de assunto.

— *Um tédio. Acho que farei outra especialização.*

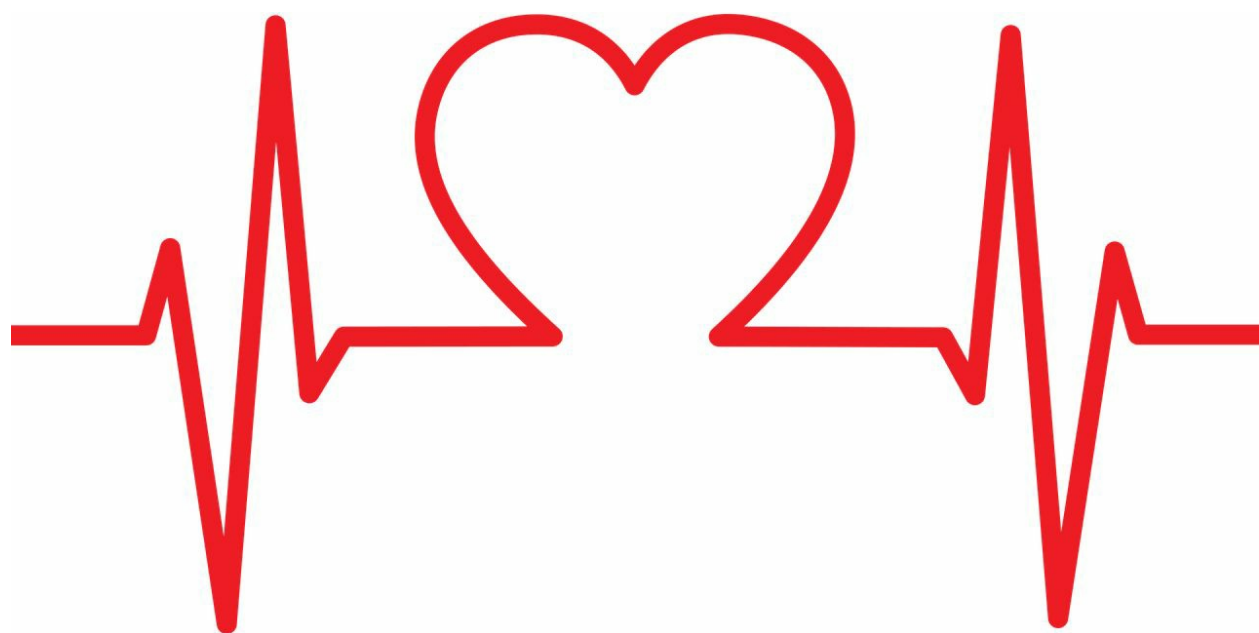
— Depois eu que não paro, não é?

— *É diferente, sabe disso. Tenho que ir. Se não chegarei atrasada no plantão. Me ligue, não esqueça. Amo você.*

— Também amo você, Mariah. Ligarei mais vezes.

Encerrei a chamada e olhei a hora. Ainda faltavam duas horas para o almoço com o corretor. Estava em meus planos vender o apartamento que morei quando a Tati ainda era viva. Não queria ficar com ele, não me faria bem.

Desliguei o notebook e abri a gaveta da estante que ficava atrás de mim, pegando as chaves do meu antigo apartamento e decidindo que iria até lá. Precisava entrar nele antes de me desfazer completamente do local.



# Capítulo 5

*Eu sinto saudade*

*Eu fico, eu vivo sentindo a sua saudade, de nós, na voz*

*Saudade da gente, saudade é pra sempre*

*Eu vivo sentindo a sua saudade*

*Sinto Saudade – Thaeme e thiago*

# **Jeferson**

Estava exatamente tudo no mesmo lugar. A empregada que fazia a limpeza mensal do apartamento não havia mudado nada. Estar ali era como voltar no tempo em que eu era apenas mais um jovem apaixonado, que tinha sonhos, que era feliz e vivia um dia de cada vez.

Suspirei e caminhei até a janela, abrindo a cortina para que o sol entrasse. Voltei a andar pela sala e era como se um filme passasse pela minha cabeça. Um filme que eu jamais esqueceria. Parei em frente a estante de livros que ela tinha e peguei o porta-retrato que estava na quarta prateleira, nele havia uma foto nossa logo após o pedido de casamento. O sorriso dela era tão lindo e tão vivo...

Sem permissão minha mente viajou para aquele dia. O dia em que ela me disse sim.

## **5 ANOS ANTES**

Estávamos assistindo um filme qualquer, não tinha importância o nome ou o gênero. Desde que ela estivesse nos meus braços daquela maneira, o mundo podia acabar que eu estaria bem, pois estava com ela.

A Tati tinha os olhos vidrados na televisão, sua atenção focada no filme. Estávamos deitados no sofá, ela com as costas apoiada em meu peito e

a cabeça no meu ombro, seu perfume de jasmim me inebriando por completo. Afundei meu rosto em seus cabelos e inalei seu aroma, querendo guardá-lo para mim.

Ouvi quando ela suspirou e sorri. A Tati nunca foi imune a mim. Com a ponta dos dedos, comecei a fazer um caminho de vai e vem em seu braço direito, sentindo sua pele se arrepiar ao meu toque.

— Será que podemos assistir ao filme? — perguntou e eu apenas sorri, continuando a tortura, sabendo que ela estava gostando.

Levei minha boca até a parte exposta de seu pescoço e dei um beijo ali, para logo depois chupar o local.

— Jeferson...

— Casa comigo? — perguntei, ganhando então sua total atenção, já que ela havia se sentado e me encarava com uma expressão de surpresa.

— O que disse?

— Casa comigo, Tati? — Eu olhava dentro dos seus olhos.

— Casar? Mas tão rápido? — Ela piscou algumas vezes e eu segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos e levando até o lado esquerdo do meu peito.

— Eu não tenho dúvidas de que você é a mulher que eu quero ao meu

lado *pro* resto da vida. Quero ficar com você até estarmos bem velhinhos, acompanhar cada conquista sua, chorar com você quando algo não der certo. Você, Tatiane, me estragou para todas as mulheres possíveis. Eu sou completamente seu e gostaria de saber se você não quer se tornar completamente minha.

Ela estava chorando e eu sorri.

— Eu me caso com você quantas vezes for necessário. Eu te amo, meu amor, por toda minha vida!

Ela se jogou em mim, me beijando com carinho. Segurei seu rosto e a afastei um pouco.

— Temos um protocolo, Tati, não o quebre.

Ela sorriu e se afastou, então estiquei a mão e peguei a caixinha que estava em cima da mesinha, ao lado do sofá. Havia colocado ela ali mais cedo.

— Casa comigo? — Abri a caixa e ouvi seu grito de espanto.

Seu olhar estava na caixa, mais precisamente no anel que eu havia comprado para ela.

— Você é louco, Jeferson — sussurrou, me olhando.

— Sim, sou completamente louco por você.

— Eu aceito — disse sorrindo.

Com cuidado, tirei o anel da caixa e coloquei em seu dedo.

— Até que a morte nos separe — ela decretou e me beijou.

## **DIAS ATUAIS**

E mal sabíamos que a morte iria querer sua vida tão rápido, cerca de 15 dias após o pedido de casamento. Eu recebi a notícia de que minha mulher havia sofrido um grave acidente de carro e estava entre a vida e a morte no hospital, então naquele dia eu percebi que estava destinado a sofrer e que o amor não era para mim, já que as pessoas que deveriam permanecer em minha vida saíam, de uma forma ou de outra.

Coloquei a foto em cima da prateleira e caminhei até o quarto, apenas os móveis estavam ali. Todas as roupas dela foram doadas, preferi assim.

Não havia muita coisa ali, mas tinha algo que queria pegar, que eu havia guardado logo após o enterro. Caminhei até o criado-mudo e abri a pequena gaveta, tirando o solitário que estava guardado na mesma caixa que eu havia entregado para a Tati. Eu não queria levar mais essa lembrança comigo, por isso optei por deixá-lo ali, mas naquele momento não sabia o que fazer com a joia. Uma joia que simbolizaria o amor e a união que eu teria com a mulher que pensei que fosse ficar ao meu lado pelo resto da vida.

Suspirei e o guardei dentro da caixa, colocando-a dentro do meu

bolso. Iria decidir depois o que fazer com ele. Olhei a hora e vi que já podia ir até o local em que eu almoçaria com o corretor. Certamente o imóvel seria vendido em breve.

Talvez eu passasse no hospital após o almoço, mas apenas talvez. Eu deveria descansar como a Mariah havia sugerido, mas minha mente era ligada a todo momento. Eu não conseguia não pensar em trabalho. Fazia parte de mim. Tranquei o apartamento e decidi que pensaria naquilo depois.



A compra do apartamento foi fechada, juntamente com a venda do antigo. Foi melhor assim. Como minha mãe dizia: quem vive de passado é museu. Infelizmente, eu não tinha como apagar as minhas memórias com a Tati, eu não podia apagar o que vivemos e também não conseguiria fazer isso.

Entrei no carro e ponderei ir para casa, dormir um pouco, mas pensei melhor e decidi ir até o hospital. Precisava conversar seriamente com a Débora e não passaria daquele dia. Convenceria a mulher a realizar a denúncia contra o homem que a violentou. Ficar calada apenas piorava a situação.

Cheguei no hospital e subi direto para o seu quarto, pois precisávamos



conversar seriamente. Assim que cheguei lá eu parei, ponderando se deveria confrontá-la e colocá-la contra parede. Mas eu sabia qual era o certo a se fazer.

Abri a porta lentamente e a peguei lendo um livro. Parei, mas não entrei, não tive coragem. Débora estava tão concentrada em sua leitura que não percebeu minha presença. Sua expressão denota raiva pelo que estava lendo, sua testa franzida, boca apertada e olhos semicerrados. Ela passou para a página seguinte e seus olhos se arregalaram em espanto, a boca se abrindo em um pequeno “o”.

Decidi que voltaria depois e não atrapalharia sua leitura. Não quando estava tão concentrada naquilo. Quando me virei, sua voz me fez parar.

— Jeferson, o que faz aqui?

Respirei fundo e me virei para olhá-la novamente. O livro repousava em suas pernas e ela me observava com curiosidade e um ar de questionamento. Os machucados ainda estavam evidentes, mas ela era linda.

Completamente linda.

— Eu vim conversar com você — falei, fechei a porta e me aproximei de sua cama.

Sua expressão passou a ser de sarcasmo, a qual eu já estava acostumado.

— Se não veio me dar alta pode dar meia volta, não temos nada para conversar. — Pegou o livro e voltou a olhar para ele, mas não percebia seus olhos se movendo, o que indicava que não estava lendo.

Me aproximei e puxei o livro de suas mãos.

— Pode me devolver?

— Não. Você vai me ouvir, Débora.

— Não pode me obrigar! — Revirei os olhos. Loira irritante.

— Será que podemos ter uma conversa civilizada, sem que você me receba com quatro pedras nas mãos?

Ela teve a decência de baixar os olhos, mas depois me olhou novamente.

— Por que insistir nesse assunto, Jeferson? — Seus olhos estavam vidrados em mim, então os olhei atentamente e pude ver a angústia neles, o medo, a insegurança.

— Porque eu vejo que você precisa de ajuda.

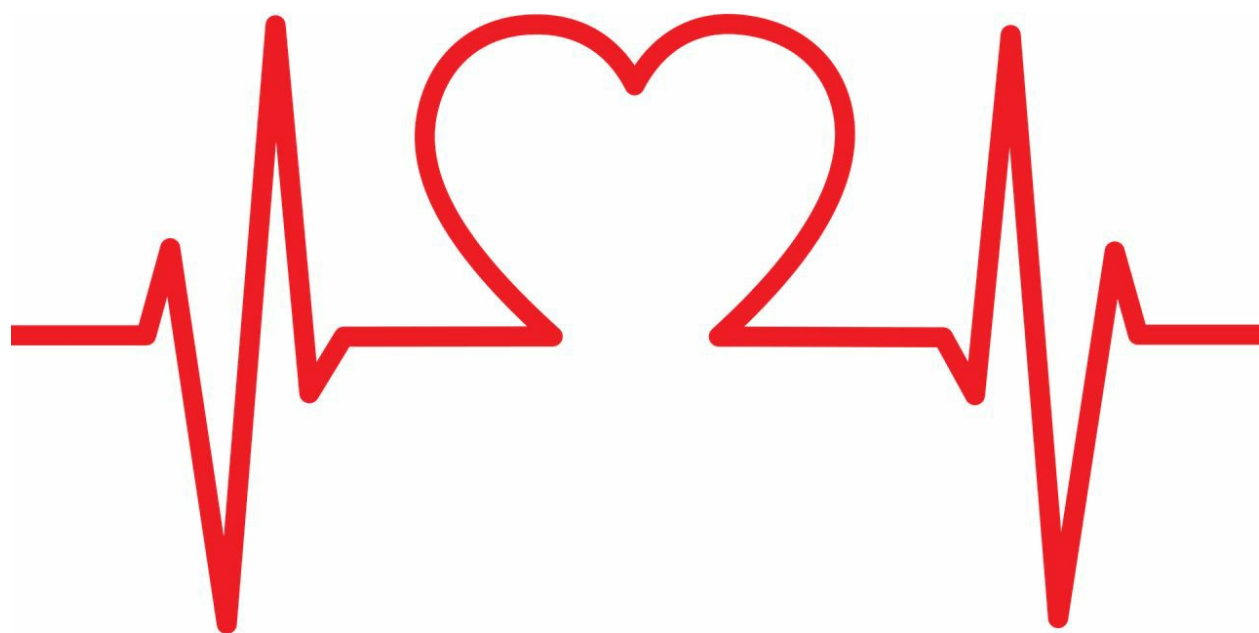
— Mas você não sabe nada sobre mim, como pode dizer isso? — Sua voz era de puro desespero. Eu podia sentir sua dor em cada palavra dita e cada vez que seu olhar caía sobre mim.

Me aproximei dela e segurei sua mão.

— Toda vez que eu olho para você, Débora, eu vejo uma mulher que implora por ajuda, mas que ninguém se importa em ajudar.

— E você se importa? — Uma lágrima solitária caiu de seus olhos.

— Mais do que você imagina, Débora. — Ela fechou os olhos e eu terminei a frase. — Mas do que eu deveria me importar.



# Capítulo 6

*Lamentar é uma dor passada, no presente,  
é criar outra dor e sofrer novamente.*

*William Shakespeare*

## Débora

— E você se importa? — Senti quando uma lágrima teimosa caiu do meu olho.

— Mais do que você imagina, Débora. — Fechei os olhos, não sabendo o que pensar por essas palavras. — Mas do que eu deveria me importar.

Durante todos esses anos em que estive presa em meu pequeno inferno, sonhei com o dia em que alguém olharia para mim e veria além do que eu mostrava. Sonhei com o dia em que alguém me oferecia ajuda sem olhar para aquilo que eu fazia.

Abri os olhos e encarei o homem que aparentava ter uma alma tão angustiada quanto a minha.

— Eu não entendo como isso pode acontecer. — Nos encaramos por alguns instantes.

— Realize a denúncia, Débora — pediu e eu neguei com a cabeça.

— Não posso fazer isso, Jeferson. Você não entenderia meus motivos.

E era verdade. Não tinha como lidar com toda a bagagem que eu carregava.

— Eu não entendo, Débora. — Jeferson começou a andar pelo quarto.  
— Olha o estado em que você chegou aqui, toda machucada, luxações pelo corpo.

Abaixei a cabeça.

Por mais que eu tivesse certeza de que a surra fosse um aviso do Henrique, não tinha provas contra ele, eram apenas suposições. Fechei os olhos, os flashes daquela noite vindo em minha memória.



*A noite havia sido produtiva, se é que podia chamar algo nesse emprego de produtivo. Depois de conversar com aquela moça sobre a Jéssica, fui fazer mais alguns programas para conseguir um dinheiro extra a fim de comprar algumas coisas para as crianças.*

*Meus pés doíam e o cansaço começava a tomar conta do meu corpo. Troquei de roupa na boate mesmo, ignorando o olhar das outras meninas sobre mim. Elas sabiam que eu era a “protegida” do Henrique. Era tratada diferente apenas porque era a mulher que criava os filhos dele. Filhos esses que ele nunca fez questão de chegar perto, nem quando a Dani era viva. Mas o que eu queria? Eu trabalhava como prostituta para ele pelo simples fato de não conseguir um emprego. Era obrigação dele dar a pensão para os filhos,*

*mas quem eu queria enganar? Henrique nunca faria isso.*

*Passava de duas da manhã, as ruas estavam desertas e ainda faltavam alguns quilômetros para eu chegar em casa. Andar depois do trabalho sempre me fazia sentir um pouco melhor. Eu usava este momento para esfriar a cabeça e colocar os pensamentos em ordem. Nunca tive nenhum problema. Até aquele dia...*

*Sabe quando dizem que uma mulher possui um sexto sentido? O meu havia começado a apitar quando um calafrio percorreu o meu corpo. Sentia que tinha alguém me seguindo, não parei de andar e muito menos olhei para trás. Tentei manter a calma e controlar a respiração, mas podia ouvir meu coração batendo freneticamente, como se pressentisse o perigo.*

*Ouvi o barulho de algo cair e comecei a correr. Se eu tinha dúvidas, elas haviam sido sanadas naquele instante. Tentei correr o mais rápido que pude, mas ao virar a esquina fui agarrada pela cintura. Tentei gritar, mas uma mão tampava minha boca, fazendo com que lágrimas caíssem em meu rosto. Não adiantava lutar. Quem me segurava era muito mais forte do que eu. Podia sentir o cheiro de cigarro, drogas e bebidas se impregnar no meu corpo.*

*— Ed, o que acha que podemos fazer com essa puta? — A voz pertencia ao homem que me segurava. Sua mão saiu da minha cintura e*



*correu pela lateral do meu corpo, me causando náuseas. — Podemos nos divertir um pouco, não é? Tenho certeza que essa puta sabe dar prazer a um homem.*

*Minha mente começou a racionar o que aconteceria a seguir. Eu seria estuprada e somente Deus sabia o que poderia acontecer depois.*

*— Vamos fazer apenas o que foi mandado. Essas são as ordens do chefe.*

*— Porra! Nem me divertir com a puta gostosa eu posso? — o homem rosnou, sua mão agora abaixo dos meus seios.*

*— Não, não podemos. — Ele se aproximou de mim, mas eu não conseguia ver sua fisionomia. Estava muito escuro e meus olhos estavam embaçados pelas lágrimas. — Mas se ela sair da linha podemos muito bem descumprir essa ordem. Adoraria ter meu pau enterrado nessa boceta fodida. Mas como querer não é poder, vamos fazer apenas o combinado.*

*O homem que me segurava me soltou. Eu ia gritar, mas então senti o primeiro tapa em meu rosto. O impacto foi tão forte que virei o rosto. Imediatamente senti o gosto de sangue em minha boca.*

*Fui jogado no chão, mas não tinha mais forças para correr, muito menos gritar. Por isso fechei os olhos e deixei que o inevitável acontecesse. Apenas torcia para conseguir sair viva daquela situação.*



Era tudo que eu me lembrava. Em determinado momento eu apaguei e acordei com a Alessandra me chamando e sendo levada às pressas para minha casa.

Não sei o que aconteceu depois, não sei se eles abusaram de mim, mas eu não me importava mais. Eu só queria esquecer tudo que havia vivido.

— Débora, você está chorando. — Pisquei, voltando para minha realidade.

— Eu não sei quem me bateu, Jeferson, eu não consegui identificar nada. Era noite, nunca os vi. Eles me encurralaram e... — Parei, a ideia de ter sido violentada não saindo da minha mente.

— Você não foi violentada, se é isso que está pensando. Akin me informou isso.

Respirei aliviada. Pelo menos parte da minha integridade se mantinha inteira.

— Mas mesmo assim a denúncia tem que ser realizada — disse ele, respirando fundo. — Falarei com a delegada sobre isso. Você não pode...

— Por favor, não! — Abaixei os olhos. — Não vou conseguir dizer

nada, Jeferson, por favor, entenda.

— Débora...

— Sei que estou dando trabalho. Eu só preciso sair daqui e você nunca mais ouvirá falar de mim, mas vocês não querem me dar alta.

— Não podemos dar alta se você ainda está se recuperando!

— Não existe um termo de responsabilidade? — Minha voz saiu um pouco mais alta que o normal.

— Por que quer tanto sair daqui tão rápido? Por que não melhora primeiro?

Abri a boca para falar, mas a fechei novamente. Como eu poderia dizer que não tinha dinheiro para pagar esse hospital? Balancei a cabeça e desviei o olhar dele.

— Não posso ficar, tenho dois filhos — sussurrei.

— São as crianças que vi outro dia? — perguntou.

— Você os viu? — Minha voz denotava surpresa.

— Sim. Foi logo após o Akin me dizer que você queria ir embora sem receber alta. Eles são lindos.

Sorri.

— Eles são tudo que eu tenho.

— Fique por eles, então — sugeriu. — Eles merecem você recuperada cem por cento.

— Eu não tenho como pagar as despesas do hospital, Jeferson. — Meu tom de voz saiu tão baixo que fiquei com medo de ele não escutar.

Olhei para ele, que parecia pensativo.

— Se eu me oferecer para pagar as despesas você não aceitaria, certo?

— Sim, não poderia aceitar — falei, convicta.

Jeferson balançou a cabeça.

— Não se preocupe com isso, então, Débora. Não precisa pagar o hospital agora.

— E o senhor médico tem poder para realizar tal coisa? — Voltei a ser sarcástica e ele sorriu.

— Deixe comigo. Não precisará se preocupar com os gastos agora.

Neguei com a cabeça sem acreditar e mordi o lábio. Não sabia quando teria o dinheiro.

— Se o prazo for longo...

— É quando você puder, Débora. O hospital não vai te ligar cobrando

e nem nada disso. Apenas fique até estar completamente bem.

Suspirei.

— Se eu não fizer isso não poderei ir embora de qualquer forma, não é?

— Exatamente.

Eu não tinha outra alternativa a não ser aceitar.

— Tudo bem, aceito. — Eu não tinha muita opção naquele momento.

— Com isso acho que podemos dar uma trégua, que tal? — propôs ele, arqueando uma sobrancelha.

— Trégua?

— Isso aí, loira, uma trégua. Aceita? — Ele estendeu uma mão para mim e, mesmo relutante, a apertei, sentindo o calor dele envolver minha mão gelada.

— Aceito, mesmo não sabendo o motivo.

E ele riu.

— Você sempre me contesta, loira. Foi desse jeito quando não queria vir para cá.

— Eu não queria. — Dei de ombros.

— Ainda convencerei você a fazer a denúncia. Não agora, mas convencerei. Tenho que ir embora. Se o Akin me pega aqui sem ser o meu plantão, é capaz de eu precisar de um hospital.

— Não está de plantão hoje? — questionei, confusa.

— Não, Débora. Vim apenas para conversar com você. Até amanhã.

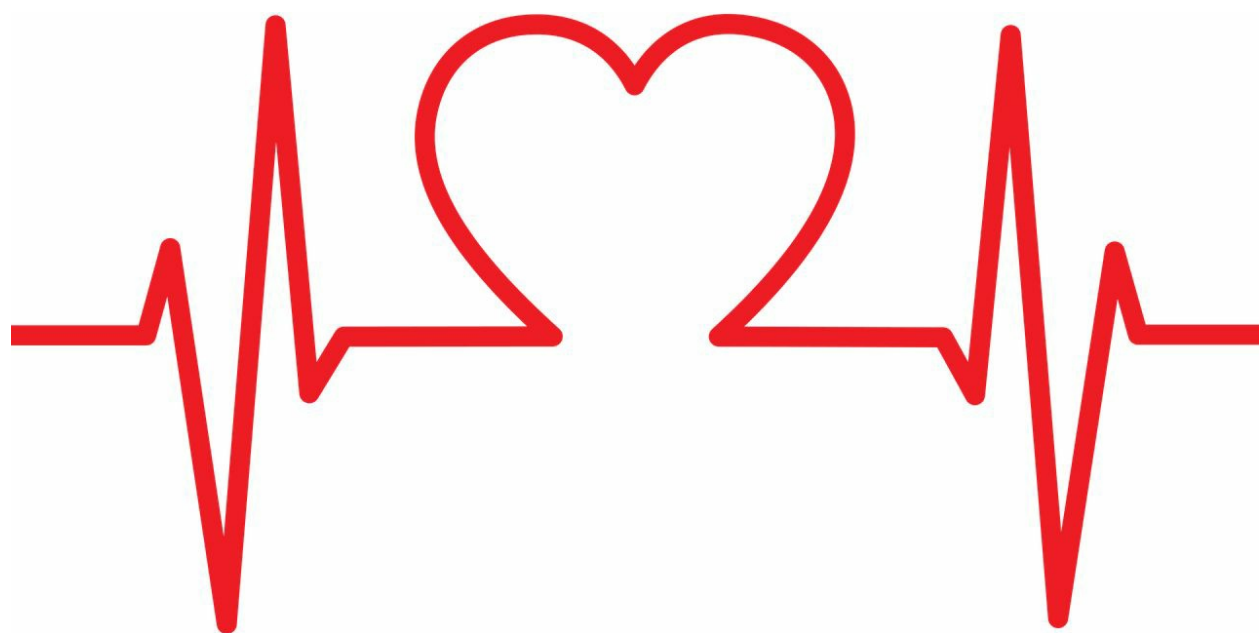
Então ele saiu.

Sua última frase ecoando na minha cabeça.

*Vim apenas para conversar com você.*

*Vim apenas para conversar com você.*

Eu estava perdida.



# Capítulo 7

*"Porque amor é justamente isso, é ficar inseguro,  
é ter aquele medo de perder a pessoa todo dia,  
é ter medo de se perder todo dia.  
É você se ver mergulhado, enredado,  
em algo que você não tem mais controle."*

***Fabício Carpinejar***



# Jeferson

— E aí, garotão? Como você está? — perguntei no momento que entrei no quarto.

Enzo me deu um sorriso e pude ver certa melhora em seu semblante. Sua pele e olhos não se encontravam mais em estado de icterícia<sup>[2]</sup> e isso me animou.

— Eu acho que já estou melhor e posso ir pra casa! — Sorri e baguncei o cabelo dele.

— Vamos fazer alguns exames primeiros — falei e olhei para sua mãe. — Podemos conversar ali fora? É bem rápido.

Raissa tinha o semblante caído e pude notar sua expressão se fechar. Apontei para a porta e a fechei atrás de mim depois que ela seguiu para fora do quarto.

— Aconteceu alguma coisa grave? — perguntou de forma direta e sorri, apenas para aliviar sua expressão.

— De maneira alguma, Raissa. Eu pedi mais uma ultrassonografia para avaliar o tamanho do fígado e se ainda temos ascite<sup>[3]</sup> na cavidade abdominal. Enzo estará indo realizar os exames em alguns minutos.

— E depois?

— Depois — continuei, dessa vez olhando fixamente para a ficha do filho dela em minhas mãos. — Se tudo estiver dentro da normalidade, Enzo receberá alta no máximo amanhã.

Raissa sorriu e fechou os olhos, respirando fundo.

— Não sei nem como agradecê-lo, doutor — ela falou após abrir os olhos.

— Não precisa agradecer. Seu filho foi um garoto corajoso e forte, a pele dele já está bem melhor e a febre abaixou. Não reclamou mais de desconforto abdominal, então realizarei esse último exame para checar se está tudo bem.

— Fico muito aliviada por esse pesadelo estar acabando.

— Sim, está. — Abri a porta do quarto e entrei, sendo seguido pela mãe, que tinha um sorriso enorme no rosto. — Enzo, você vai realizar apenas mais um exame, e se tudo estiver certo, irá para casa amanhã!

— Oba! — exclamou e sua mãe foi abraçá-lo.

— Joana virá te levar para fazer os exames — comuniquei.

— Obrigado, doutor Jeferson. — Enzo apertou minha mão e eu sorri para ele.

— Você que foi forte, garoto. Merece melhorar.

Acenei para a mãe dele e saí da sala.

Enzo foi mais um dos muitos casos de hepatite A que tivemos no hospital desde que havia chegado. Estava internado há quase um mês e meio e, graças a Deus, estava reagindo bem aos medicamentos que estavam sendo administrados. Foram dias difíceis para a família, pois ter que se dividir entre casa e hospital não era fácil.

Ainda estava conferindo a ficha médica do garoto quando senti meu celular vibrar e vi o nome da Mariah piscar na tela. Franzi o cenho e terminei o percurso até a minha sala, o aparelho já estava tocando pela terceira vez.

— Mariah, o que aconteceu? — perguntei.

— O doutor Amorim foi levado às pressas para o centro cirúrgico. Estarei entrando na sala em cinco minutos. Sua mãe não queria avisá-lo.

Sentei imediatamente na cadeira.

— O que houve?

— Parada Cardíaca. Ele estava atendendo o paciente e caiu no chão de repente, reclamando de fortes dores no peito. Foi atendido no local, mas teve que ser levado para o centro cirúrgico. Vamos adiantar a cirurgia de revascularização do miocárdio<sup>[4]</sup>.

Podia ouvir sua respiração acelerada, sabia que ela estava correndo.

— Como minha mãe está? — perguntei, atônito.

— Liguei para ela ainda agora. Ela está a caminho. Ligue para ela. Tenho que desligar.

— Mariah, meu pai está em suas mãos — proferi, ainda com medo.

— Eu farei o possível e o impossível para salvá-lo, Jeferson. Dou minha palavra.

— Confio em você.

— Darei meu melhor.

E encerrou a ligação.

Ainda estava tentando digerir a notícia de Mariah.

Meu pai havia me garantido que estava bem, porém, eu sabia que essas coisas eram dessa forma.

A porta da minha sala foi aberta e Akin entrou, todo sorridente, mas fechou o sorriso assim que viu meu estado.

— O que aconteceu?

— Meu pai teve uma parada cardíaca e foi levado às pressas para o centro cirúrgico.

— Espero que fique tudo bem — falou, colocando a mão no meu

ombro.

— Vai ficar. Doutor Amorim é o homem mais forte que eu conheço — murmurei.

— Espera, Jeferson, você disse doutor Amorim? O Igor Amorim? Dono desse hospital?

Fechei os olhos, percebendo que eu havia falado demais, e não tinha mais como fugir.

— Ele mesmo. — Vi que teria que contar uma história enorme a ele.

— Agora eu entendi a expressão “sou o dono dessa porra”. Isso faz muito sentido.

Acabei sorrindo.

— Não vai me perguntar nada? — questionei, estranhando.

— Irei sim — confirmou —, mas depois que tiver notícias de seu pai e quando quiser me contar, é claro.

— Contarei. Na verdade, só estava esperando o momento certo. — Me levantei e tirei o jaleco. — Vou para casa. Não sei se conseguirei atender mais alguém depois dessa notícia.

— Vai mesmo. Tenho certeza de que não é fácil.

Assenti e peguei meu celular, então telefonei para Paula.

— *Senhor Jeferson, precisa de alguma coisa?*

— Preciso que transfira meus pacientes para doutora Sara. Irei para casa. Cancele também todas as reuniões com a diretoria geral. Pelo menos as dos próximos 5 dias. Doutor Amorim sofreu uma parada cardíaca.

— *Meu Deus! Desejo melhoras para ele.*

— Obrigado, Paula. Até mais. — Encerrei a chamada.

Peguei minhas coisas e acompanhei Akin até o corredor.

— Sabe que pode me ligar a qualquer momento, não sabe?

— Sim, eu sei. Obrigado por isso.

Acabei parando em frente à porta do quarto em que a Débora estava.

— Como ela está? — perguntei, olhando para a porta.

— Melhor, na medida do possível. — Ele olhava para mim. — Vai falar com ela?

— Não sei... — Eu encarava fixamente a porta, mas descartei a ideia, balançando a cabeça. — Vou para casa.

Voltei a andar, porém, a voz do Akin me parou.

— Fiquei sabendo o que fez por ela, Jeferson. Não sei o que te motivou, mas para ela significou muito.

— Eu sei, Akin, eu sei, e faria novamente, se precisasse.

Voltei a caminhar, sabendo que fazia o correto.

Quando a Débora me falou que não tinha condições de pagar os custos do hospital, eu já sabia, e nunca me passou pela cabeça cobrar algo dela. Ainda não havia tirado da cabeça que ela deveria realizar a denúncia, mas ela não queria e eu respeitaria sua decisão. No entanto, ainda assim eu queria descobrir o infeliz que havia feito aquilo, e eu descobriria.



Já era noite e eu ainda não havia recebido nenhuma notícia sobre meu pai. Estava agoniado e com medo do que poderia ter acontecido. Todos os celulares estavam desligados e isso só piorava a situação.

Caminhei até meu armário de bebidas e me servi de um copo de uísque. Precisava acalmar os nervos, então tomei tudo de uma vez, me servindo novamente em seguida. Foi quando meu celular tocou e eu corri até o sofá, onde eu o tinha deixado. Vi o nome de Mariah no visor e atendi imediatamente.

— Como está o meu pai? — Mal esperei que ela dissesse “alô”.

— *Calma, Jeferson!*

— Calma o cacete, Mariah! Como está o meu pai?

— *Ele está bem, Jeferson. A cirurgia foi um sucesso e ele está no pós-operatório agora.*

Um peso foi tirado das minhas costas e eu respirei aliviado.

— Graças a Deus!

— *Sei que estava preocupado, mas agora está tudo bem.*

— E minha mãe?

— *Com muito custo eu consegui convencê-la a ir para casa tomar um banho e descansar, mas ela deve estar voltando para cá a qualquer instante.*

— Obrigado, Mariah. Mais uma vez você foi de mera importância.

— *Sabe que faria o possível e o impossível, Jeferson. Dei a minha palavra.*

— Obrigado, Mariah — agradei mais uma vez. — Quando poderei falar com ele?

— *Amanhã à tarde entrarei em contato.*

Agradei novamente e desliguei a chamada, me sentindo menos angustiado.

Mas meu celular apitou novamente, indicando uma nova mensagem.



*\*Fiquei sabendo sobre o seu pai. Espero que ele melhore e que você fique bem.\**

*Débora.*

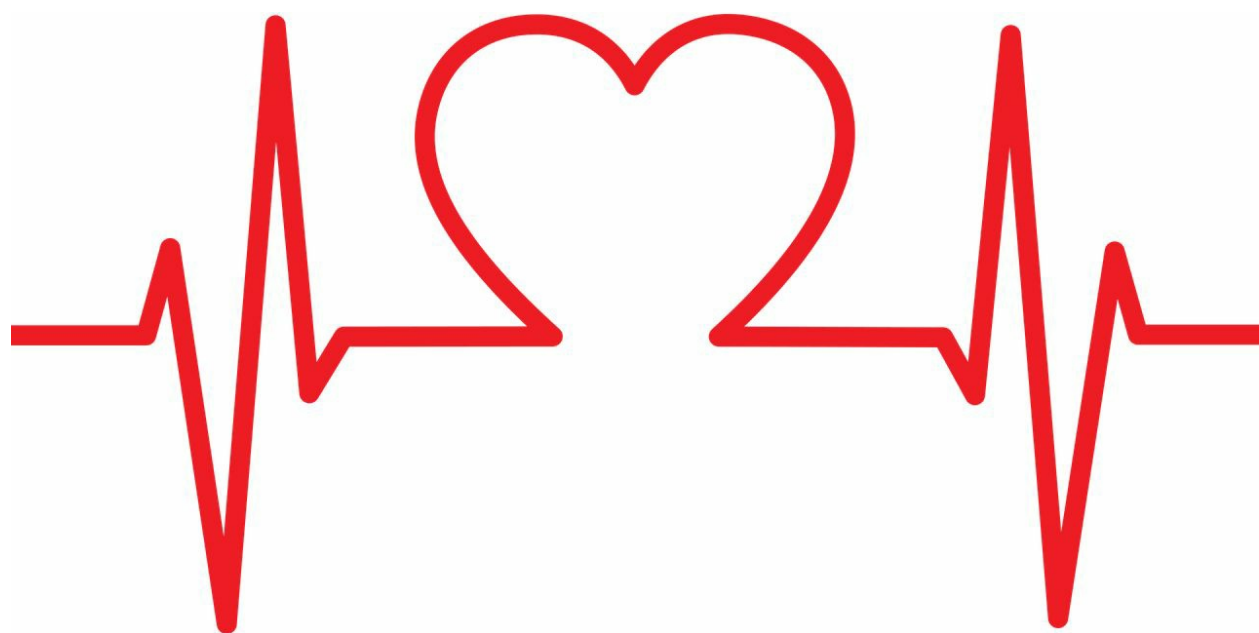
Sorri com a mensagem. Por essa eu não esperava.

***Jeferson:*** *Ele está melhor, obrigado por se preocupar.*

***Débora:*** *Fico feliz.*

O aplicativo indicou que ela estava digitando novamente, mas a mensagem não chegou e eu não mandei mais nada.

Eu sentia que poderia construir uma bela amizade com a Débora.



# Capítulo 8

*Segura teu filho no colo [...]*

***Trem bala – Ana Vilela***

## Débora

Não sabia o que havia dado em mim para pedir o número do Jeferson ao Akin, só queria saber se estava tudo bem com ele. Depois do que tinha feito por mim, prometendo que eu não precisaria pagar a conta do hospital naquele momento, senti que era meio que uma obrigação ir até ele e perguntar se estava tudo bem, devido ao estado de seu pai.

Akin não questionou quando pedi o número, o que eu agradeci mentalmente. Ele apenas me olhou de uma maneira estranha, me entregando o número em seguida e saindo do quarto.

Meus dedos tremeram no momento que enviei a mensagem e me questionei se estaria fazendo o correto, mas no momento que recebi a mensagem dele de volta, soube que fiz o que tinha que ser feito e não me arrependia.

Desde então, havia se passado três dias e em nenhum deles ele foi me visitar. Não deveria achar ruim, mas eu entendia que nesse momento a última coisa que se passava em sua cabeça era ir ao hospital e lidar com uma mulher que ele mal conhecia.

Suspirei. Esses dias estavam se arrastando, e tudo que eu queria era ir para casa logo. Estava me sentindo uma inválida naquela cama. Passar o dia inteiro deitada olhando para o nada não era legal. A porta foi aberta, me

tirando do mar de pensamentos que eu estava.

— Bom dia, Débora, como está? — Akin perguntou.

— Bom dia! Estaria melhor se eu estivesse na minha casa — falei, com meu belo humor matinal.

— Talvez hoje seja seu dia de sorte, então.

— Sério? — Não tentei disfarçar a felicidade em minha voz.

— Sim. Vim te dar alta.

Naquele momento, se eu pudesse, teria pulado da cama e comemorado, mas ainda estava com algumas dores, então me limitei a apenas sorrir.

— Posso sair agora, então?

— Pode. Se troque e em 15 minutos eu venho para você assinar os papéis da alta.

— Obrigada, Akin — agradei com um sorriso.

— Não precisa agradecer, Débora — disse ele com um sorriso. — Aliás, se dependesse de você já teria recebido alta há muito tempo.

Sorri sem graça. Era verdade. Se eu pudesse já teria saído de lá há muito tempo.

— Retorno em alguns instantes. — Ele saiu e um enfermeira entrou para me ajudar.

Tomei um banho rápido e vesti as roupas que a Alessandra havia levado para mim dias antes. Fiz um rabo de cavalo nos cabelos loiros que estavam opacos e me observei no espelho. Tinha algumas machas em meu rosto, a maioria já estava amarelada, indicando o fim delas.

Respirei fundo. Só queria que o pesadelo acabasse. Saí do banheiro e parei ao ver ali a pessoa que eu jamais esperava.

— Jeferson?

— Como vai, loira? — perguntou ele, me dando um meio sorriso.

— Vou sair daqui, então estou muito bem — respondi enquanto caminhava até a minha bolsa.

— Fico feliz por você ter recebido alta. — Olhei para ele, que estava vestido informalmente, de jeans, camisa social com as mangas dobradas até o cotovelo.

— Eu mais do que nunca. — Sorri.

Ficamos em um silêncio um tanto desconfortável e resolvi que perguntaria sobre o pai dele, porém, a porta se abriu, nos salvando. Jeferson ficou de pé imediatamente e eu arrumei a coluna para endireitar o corpo. Era

como se estivéssemos fazendo algo de errado.

Akin olhou para nós dois e arqueou uma sobrancelha, balançando a cabeça logo em seguida e caminhando até mim.

— Pode assinar. — Ele me entregou uns papéis e uma caneta, prontamente os assinei no local indicado e devolvi as folhas para ele.

— Pronto. — Minha voz denotava ansiedade.

— Está liberada, Débora. — Sorri para ele, que se virou para o amigo.  
— Eu vou verificar outros pacientes. Até mais.

Akin saiu da sala após o aceno de Jeferson.

O médico me olhou e sorriu.

— Vamos. Irei te levar para casa. — Pisquei.

— Me levar? Não precisa!

— Claro que precisa! Você vai como? A pé? De ônibus?

— Jeferson... — comecei, mas fui parada por ele.

— Não estamos abertos a discussões, loira. — Ele caminhou até a porta e a abriu, me dando passagem. Não tive alternativa a não ser aceitar.

Passei por ele e o esperei, então logo começamos a caminhar lado a lado. Observei como todos o cumprimentavam e em como ele retribuía a

esses cumprimentos, ora com sorrisos, ora com apertos de mãos, interagindo tanto com médicos quanto com pacientes. Era fascinante.

Quando finalmente saímos do hospital e o sol tocou meu rosto, parei e fechei os olhos, anisando minha nova liberdade, respirei fundo e decidi que dali para a frente minha vida mudaria, eu daria a volta por cima, chega de humilhar ou ser capacho de alguém, principalmente do Henrique.

— Vamos? — Jeferson perguntou e eu abri olhos.

— Vamos.

Ele me guiou até o seu carro, abrindo a porta para mim e fechando-a assim que entrei. Após ele entrar e dar a partida, perguntei:

— Ainda lembra onde eu moro?

— Com toda certeza, loira.

— Já sabe o meu nome, por que não me chama por ele?

— Gosto de te ver irritada — falou, sem tirar o olho do trânsito, e eu dei um meio sorriso.

— Meu Deus!

Ficamos em silêncio por um tempo, então resolvi perguntar de seu pai.

— Como seu pai está?



— Ele está bem. Foi apenas um susto.

— E que susto!

— Verdade — ele concordou e sorriu. — Agora ele precisa apenas se recuperar. Obrigado por ter mandado mensagem naquele dia.

— Eu fiquei preocupada quando o Akin deixou escapar sem querer.

— Sem querer? Sei...

Não falamos mais nada e eu optei por observar os prédios até entrarmos no meu bairro e o carro passar em frente à escola dos meus filhos. As crianças estavam saindo, deveria ter faltado algum professor. Escola pública sempre tinha esse problema. Nunca havia professor suficiente.

— Jeferson, pode parar aqui? — Eu não tirava os olhos da entrada.

— Mas por quê? — perguntou ele, me olhando rapidamente.

— Meus filhos estudam ali. Quero fazer uma surpresa, então sigo a pé daqui.

— Eu espero vocês.

— Não precisa...

— Eu faço questão — decretou, me interrompendo. Apenas acenei, já descendo do carro.

Fiquei parada por alguns instantes, torcendo para eles não terem saído ainda, foi quando os vi, conversando com uns colegas. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu pisquei algumas vezes para impedi-las de cair. Mas foi impossível, pois assim que Thales me viu, ele começou a correr em minha direção, gritando:

— Mamãe!

Me abaixei e o abracei assim que ele se jogou em mim.

— Meu amor, que saudade eu estava de você! — falei chorando.

— Eu queria ter ido ver você no hospital, mas a Ale não deixou! — Ele se afastou de mim e fez biquinho, o que me fez sorrir.

— Mamãe que pediu para não deixar. Hospital não é local de criança, meu amor. — Passei as mãos no rostinho dele.

— A senhora vai ficar em casa agora?

— Vou sim, meu amor. Prometo não sair mais!

E ele me abraçou novamente.

— Mãe... — Levantei os olhos e vi minha menina. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Ela veio correndo me abraçar.

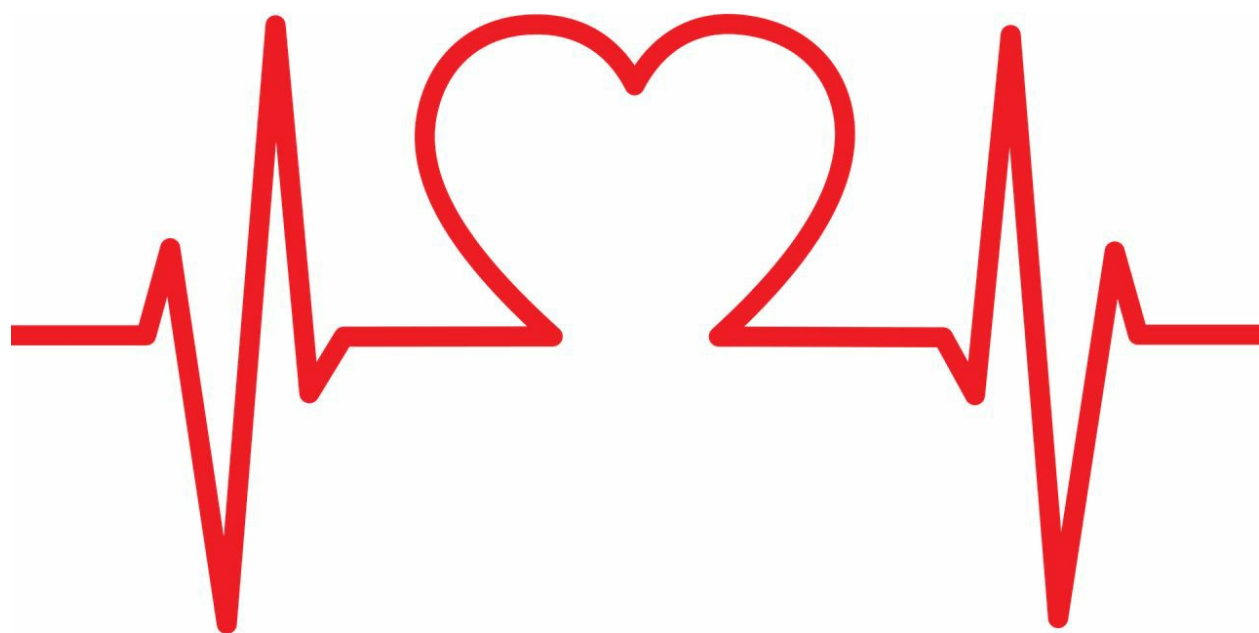
— Minha princesa! — Afaguei seus cabelos e beijei seu rosto.

— Estava com saudades — falou baixinho.

— Eu também, meu amor, eu também.

Abracei os dois.

Eles não eram meus filhos de sangue, mas dizem que para ser mãe basta dar amor e carinho, e para essas crianças eu tinha tudo isso em doses infinitas.



# Capítulo 9

*Eu ainda estou aqui*

*Perdido em mil versões irreais de mim*

*Estou aqui por trás de todo o caos*

*Em que a vida se fez*

*Tenta me reconhecer no temporal*

*Me espera*

*Tenta não se acostumar eu volto já*

***Me espera – Sandy ft. Tiago Iorc***

## Jeferson

Eu apenas observava a cena que se desenrolava à minha frente, sem saber direito como reagir. Desde que havia começado a conversar com a Débora, sabia que ela era muito ligada aos filhos e essa cena só me certificou que era realmente verdade.

Como não queria atrapalhar aquele momento, apenas fiquei ali parado, observando-os. Quando acabaram os abraços ela se virou para mim e notei que estava emocionada por rever os filhos.

— Eu sigo daqui com eles, obrigada. — Neguei com a cabeça. Aquela mulher não me conhecia.

— Eu disse que iria te levar até em casa, Débora — falei ao dar a volta no carro e abrir a porta de trás. — E eu cumpro com o que digo. Vamos?

Não consegui decifrar o olhar dela sobre mim, mas mesmo assim não quebramos o contato. Pensei que ela fosse retrucar, mas não. Os ombros dela caíram, indicando redenção.

— Vamos lá, crianças, se não esse senhor não irá nos deixar em paz. — Seu sorriso zombeteiro não passou despercebido por mim, que apenas sorri para ela.

As crianças entraram no carro e eu tomei meu lugar ao volante enquanto ela se sentava ao meu lado, conversando com as crianças. Durante o restante do caminho, que não foi muito, pude notar a diferença em sua postura e em sua fala. Ela parecia se sentir muito mais leve com os filhos por perto.

Quando estacionei o carro em frente à casa deles, as crianças foram as primeiras a descer correndo, nos deixando sozinhos.

— Obrigada por me trazer até aqui.

— Não precisa agradecer. Não podia te deixar voltar para casa de ônibus. — Ela sorriu e se virou para me olhar.

— Obrigada por tudo, Jeferson. Se não fosse você insistindo que eu precisava urgente de um hospital, eu não sei o que teria...

— Você estava irredutível, mas não tinha como aceitar seu pedido, assim como aceitar que você saísse mais cedo do hospital.

— Eu sou bem teimosa quando quero. — Ele revirou os olhos e eu sorri.

— Sim, você é.

Ficamos nos olhando por alguns segundos, mas logo ela quebrou o contato e se afastou.

— Preciso ir...

— Eu gostaria de manter contato com você, Débora. — Ela pareceu se espantar, pois arregalou os olhos e piscou algumas vezes.

— Por quê?

— Também me pergunto o motivo. — Dei de ombros. — Sinto a necessidade de ser seu amigo, mas não quero forçar isso.

Ela me olhava de forma confusa, como se alguém nunca lhe tivesse oferecido uma amizade.

— Eu não sei o que dizer, eu...

Ela se calou e eu queria fazer milhões de perguntas, mas me contive. Nada seria forçado.

— Débora...

— Aceito — ela disse, me interrompendo e fazendo o ar que eu nem sabia que estava prendendo, ser solto aos poucos.

Sorri para ela e me espantei, pois há anos eu não sorria tão abertamente. Apenas esboçava algo que poderia ser um sorriso, mas não havia motivos para sorrir de verdade. Não até aquele dia.

— Mãe, vem! A tia a Alessandra fez bolo de cenoura com chocolate!  
— Débora sorriu e se virou para olhar o filho.



— Já estou indo. — Ela se virou para mim novamente. — Quer entrar?

Ponderei, mas acabei aceitando e a segui quando ela se afastou para a entrada.

— Minha menina, que bom que você chegou!

Uma senhora veio receber a loira. Elas se abraçaram e Débora pareceu emocionada.

— Obrigada por ter cuidado deles, Alessandra. Não sei o que faria sem você. — A ouvi dizer.

Elas se afastaram e a mulher notou minha presença.

— Quem é o seu amigo?

— Ah! — Ela olhou para mim e sorriu. — Alessandra, esse é o Jeferson. Ele é o médico que me levou para o hospital.

— É um prazer conhecê-la. — Estendi a mão para a senhora e ela a apertou de bom de grado. — E não foi bem assim, loira. Você não queria ir de jeito nenhum.

Ela revirou os olhos e eu sorri.

— Claro, me lembrei do senhor. Obrigada por ter levado essa menina teimosa para o hospital.

— Não precisa agradecer, senhora.

— Alessandra, ofereci um pedaço de bolo para o Jeferson — Débora falou, chamando a atenção da senhora, que sorriu.

— Vamos torcer para que as crianças não tenham comido tudo. Me acompanhe, doutor.

— Apenas Jeferson, por favor — pedi.

— Tudo bem.

Segui a mulher até uma cozinha pequena e modesta, onde as crianças estavam sentadas em volta da mesa, se deliciando com um pedaço de bolo.

— Aceita um café? — a loira perguntou, entrando em meu campo de visão.

— Não fiz café, Débora... — a senhora falou, como se estivesse lamentando.

— Eu passo um rapidamente — afirmou Débora, já indo até o armário a fim de pegar uma panela para ferver a água, então se virou para mim. — Gosta de café?

— Sim — respondi sorrindo e ela voltou ao preparo.

Observei como ela lidava bem na cozinha, se movendo como se estivesse dançando ali dentro. Era apenas um café, mas eu daria tudo para ver

essa cena mais vezes. Conforme o pó ia sendo coado, o cheiro se instaurou em meu nariz e eu respirei fundo, absorvendo o aroma inebriante.

Débora serviu uma xícara e veio me entregar.

— Espero que goste. Foi feito de maneira bem simples.

— Tenho certeza que irei gostar — garanti ao pegar a xícara de suas mãos.

Tomei um gole e tive certeza de que era capaz de me viciar no café daquela mulher. O bolo também estava muito bom, por isso dei os parabéns à Alessandra, que agradeceu com um gesto de mão.

— Meu bolo nem se compara com os que a Débora faz.

— Alessandra! — ela ralhou com a mulher.

— Jeferson — a outra falou, ignorando os olhares assassinos da loira ao seu lado —, a Débora cozinha excepcionalmente bem. Deveria vir almoçar conosco algum dia. Só provando para saber que estou dizendo a verdade. Mas se comida fosse apenas o que ela sabe fazer... A Débora é uma doceira de mão cheia. Tem cada doce que ela faz...

— Alessandra... — Débora murmurou.

— Bom, tenho que ir para casa. Crianças, tenho uma coisa lá para vocês. Querem ir pegar?

Elas responderam que sim e saíram porta afora.

— Obrigado mais uma vez pelo bolo. Estava delicioso.

— Que isso! Espero que nos vejamos mais vezes. Até mais — ela disse, simpática, então se virou para Débora. — Estou feliz que esteja de volta.

— Também estou, Ale. — Se abraçaram novamente e ela foi embora, nos deixando sozinhos.

— Então gosta de cozinhar? — Voltei ao assunto anterior e ela bufou.

— Alessandra fala demais. — Débora se levantou e começou a colocar as louças sujas dentro da pia, em seguida se virou para mim. — Eu fazia faculdade de gastronomia, mas tive que trancar o curso quando minha irmã morreu. Não tinha como conciliar os estudos e cuidar dos meus sobrinhos.

Franzi o cenho. Sobrinhos? Ela provavelmente percebeu meu questionamento interno, porque apenas sorriu.

— Ester e Thales são meus sobrinhos, filhos da minha irmã, Daniele. — Ela voltou a lavar as louças e eu me levantei, indo atrás de um pano de prato. — Ela morreu no nascimento do Thales, há cinco anos.

Comecei secando os copos para absorver o que ela havia me dito.

— Sinto muito.

Foi o que consegui dizer, afinal, minha Tati também tinha morrido há cinco anos.

— Foi uma perda dolorosa. Já havia perdido meus pais e perdê-la dessa forma me deixou fora de mim, mas eu não podia ser fraca. Eu tinha que cuidar dos dois e eu... — Ela fez uma pausa, respirou fundo e pude ver que lutava para não chorar. — Eu larguei tudo para cuidar deles. Não me arrependo. Faria de novo e de novo, quantas vezes fosse preciso.

— E o pai deles? — questionei.

— O pai deles é um filho da puta que não merecia minha irmã, muito menos os filhos que tem. — Havia tanta raiva em sua voz que eu senti vontade de matar o sujeito, não importa quem ele fosse.

— Ele não auxilia vocês...

— Ele registrou apenas a Ester. Quando minha irmã morreu ele não quis saber dos filhos, muito menos se importou com a morte dela.

— Que filho da puta!

— Com toda a certeza ele é isso.

Ela se virou para mim e sorriu, mas era um sorriso triste.

— Mês que vem completa 5 anos que ela morreu e parece que a dor

não diminui.

— No mês que vem? — perguntei, buscando algo na memória que nem eu sabia o que era.

— Sim, dia 15 de junho.

Então a lembrança veio com força, como se estivesse apenas esperando ela dizer a data daquele maldito dia.



*Mesmo preso naquela dor, ouvi um choro baixinho, perto dali. Ignorando minha tristeza fui atrás e identifiquei um choro feminino. Me aproximei de um arbusto e vi uma mulher. Não pude ver seu rosto direito, mas sabia que ela chorava.*

— Está tudo bem? — perguntei.

— Vai ficar — ela respondeu em meio a soluços, então se levantou. — Tenho que ir, licença.

— Espere! Onde vai nesse estado e sozinha?

— Preciso voltar pro hospital. Deixei minha sobrinha sozinha lá.

— Eu levo você. Tenho que voltar para lá.

*A dor se intensificou dentro de mim. Eu sabia que teria que encarar a*

*realidade uma hora ou outra.*

*— Sério, não precisa, eu vou sozinha.*

*— Não sou filho da puta a ponto de te deixar ir sozinha durante a noite. Eu acompanho você. Estou indo pra lá também, já disse.*

*Ela ficou em silêncio, parecia pensar, até que respondeu:*

*— Tudo bem.*

*Enquanto caminhávamos, resolvi perguntar.*

*— O que aconteceu para você estar chorando desse jeito?*

*Ela não respondeu de imediato, mas depois de longos minutos ouvi sua voz novamente.*

*— Minha irmã estava grávida, só que teve complicações no parto, infelizmente ela não resistiu.*

*Ela voltou a chorar, entendia sua dor, me sentia da mesma forma.*

*— Meus sentimentos — falei.*

*— Obrigada. — Ela respirou alto e continuou falando. — Agora estou sozinha, com dois sobrinhos para criar. Meu Deus, o que eu vou fazer?*

*Tínhamos o mesmo questionamento.*

*— Eu perdi minha noiva — declarei. — E estava fazendo essa mesma*

*pergunta agora há pouco.*

— *Sinto muito.*



— Jeferson, está tudo bem? — Pisquei, saindo daquele dia em que meu mundo desabou de vez. — Você ficou olhando para o nada de repente, o que houve?

Não respondi. Apenas observei a Débora mais de perto. Seria muita coincidência, não seria? Mas e se ela fosse aquela mulher que eu havia encontrado chorando na praça, perguntando o que faria dali para frente?

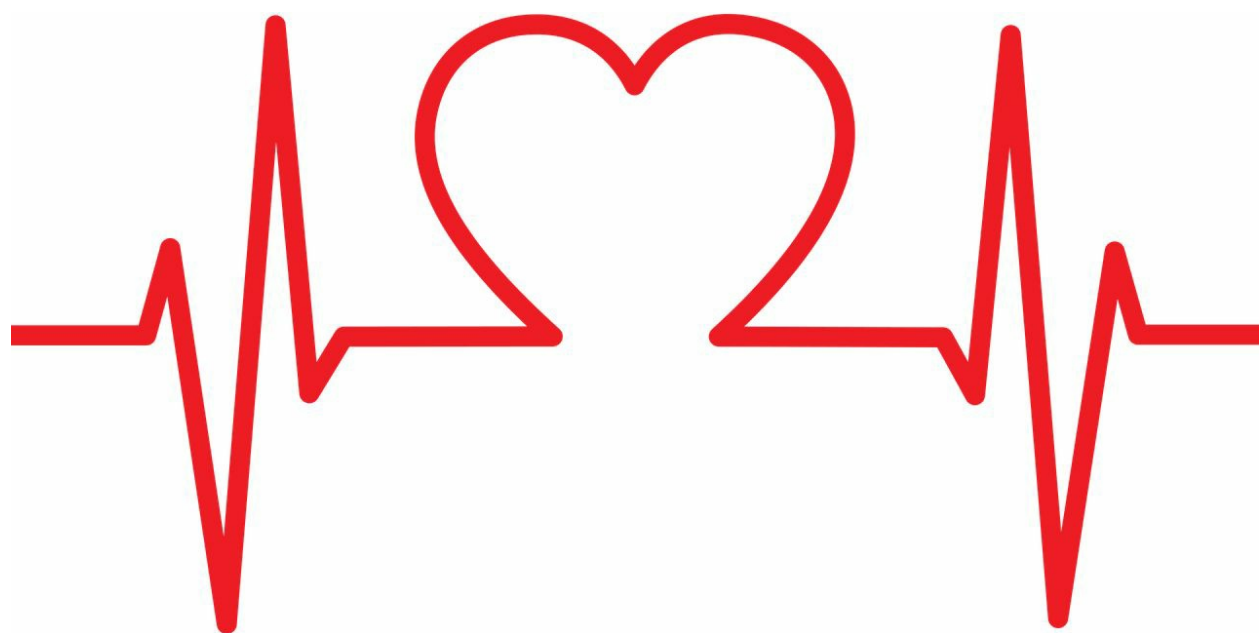
— Eu perdi minha noiva naquele dia, há quase seis anos.

Ela parou por uns instantes, então arregalou os olhos, colocando as mãos na boca em seguida.

— Era você! — O conhecimento tomou conta do seu rosto, se lembrando do dia em que nos conhecemos.

O dia em que nossas vidas mudaram para sempre.





# Capítulo 10

*Você sabe meus defeitos, sempre me entrego pra você  
Sempre depois da meia noite você some  
E me deixa enlouquecer, pra quê  
Você diz que 'tá carente  
Mas não deixa a gente se encontrar  
E na primeira hora do meu dia faz questão de me magoar  
Joga um balde de água fria  
Só que não apaga o fogo, e eu quero de novo  
Quero a minha paz que eu não tenho mais  
Deixa eu pelo menos tentar te esquecer  
Quero a minha paz, pra mim tanto faz  
Estar sozinho, perto ou longe de você  
Vai entender  
Vai entender – Jorge e Mateus*

# Débora

Eu não conseguia acreditar que era ele. Simplesmente não conseguia. Parecia surreal. Eu piscava tentando compreender o que o destino estava fazendo, então me sentei e apoiei a cabeça nas mãos.

— Eu não consigo acreditar. Parece coisa de filme — murmurei.

— Eu sei disso — Jeferson concordou. — Aquele dia eu perdi a minha vida, a mulher que eu amava.

— Você me disse que havia perdido sua noiva — comentei.

— Sim, perdi. — Seu olhar era triste e eu queria me levantar do meu lugar e abraçá-lo, porém, me mantive quieta, apenas olhando para ele. — Tatiane era meu tudo e eu a perdi de uma forma que não sei se consigo superar.

— Dizem que o tempo cura tudo — falei.

— Quanto tempo? Porque parece que nunca vai passar.

E eu o entendia perfeitamente, pois sentia uma falta absurda da Dani. Tanta falta que tinha dia que eu queria desistir de tudo.

— Não sei...

Ficamos em silêncio por uns instantes até ele se levantar de repente.

— Preciso ir — avisou enquanto se dirigia até a porta, automaticamente fui atrás dele.

— Jeferson, calma.

— Desculpa, Débora, nos falamos depois, pode ser? Eu... — Percebi que ele respirava fundo e apenas assenti.

— Eu entendo, de verdade. Pode ir.

Ele me olhou por alguns instantes antes de se virar e ir embora. O observei entrar no carro e sair em disparada. Devo ter ficado uns trinta minutos olhando para o nada, pensando apenas em como o destino parecia gostar de brincar com as pessoas. Quando em sã consciência eu imaginaria que reveria aquele homem da praia? Naquele dia ele parecia tão perdido, tão sozinho, sem saber que direção seguir, como seguir em frente.

Tiro por mim. Não foi fácil chegar ali, não foi fácil enfrentar tudo que passei para sobreviver, mas eu estava onde estava. A dor me tornou mais forte, me fez ser resistente, me fez lutar por aquilo que acredito.

Pisquei algumas vezes, acordando do meu estupor, e olhei ao redor, um calafrio subindo pela minha pele. Abracei a mim mesma e olhei para o lado, me sentindo ser observada. Tratei de entrar em casa. Era mais seguro devido os últimos acontecimentos.

Voltei a organizar a cozinha e fui tomar outro banho. Estava

precisando.



As crianças estavam assistindo televisão quando saí do meu quarto e me sentei entre elas. Thales sempre foi o mais curioso e rapidamente se sentou no meu colo, passando o dedo pelas marcas amareladas em meu corpo.

— O que foi isso, mamãe?

— Pessoas ruins machucaram a mamãe — falei, sorrindo para indicar que estava tudo bem, mesmo não estando.

— E por que eles fizeram isso?

— Não sei, meu amor, mas não vai acontecer novamente.

— A senhora podia ir buscar a gente todos os dias! — disse ele, a animação notável em sua voz, e eu sorri.

— Você gosta quando vou te buscar, não é, seu pestinha?! — Fiz cócegas nele e sua gargalhada encheu a casa, me fazendo rir junto.

— Te amo, mãe — declarou-se, colocando os braços ao redor do meu pescoço e me abraçando.

— Também te amo, meu amor. Com minha vida.

Olhei para Ester, que estava calada, e estranhei, mas conversaria com ela depois.

— Hora de dormir! — anunciei me levantando com ele em meu colo e colocando-o no chão. — Escovar os dentes e cama, mocinho. Anda!

Ele saiu saltitando até o banheiro, voltei a me sentar e olhei para Ester.

— Está tudo bem, Ester? — perguntei e ela permaneceu calada, o que estranhei de novo. Ela sempre foi bem falante. — Ester...

— Eu ouvi sobre uma reunião na minha escola — ela disse, se virando para mim.

— Que reunião, Ester?

— Eu estava no banheiro e na volta passei em frente a sala da diretora. Tinha várias mães ali e eu fiquei curiosa para saber o que elas estavam fazendo.

— Ester...

— Deixa eu falar, mãe — pediu. — Eu me escondi e ouvi uma dizer que não queria seus filhos estudando ao lado dos filhos de uma prostituta.

O ar escapou dos meus pulmões naquele instante e eu não soube o que responder. Ester me analisava esperando eu dizer algo, mas o que eu poderia

dizer? O que eu poderia fazer? Nunca imaginei passar por aquilo.

— Ester... — comecei, apertando os lábios e segurando suas mãos. — Você sabe o que é isso? Prostituta?

Ela não respondeu e minha aflição aumentava a cada segundo. Ela abaixou a cabeça e percebi que tinha começado a chorar. Ester tinha pouca idade, mas era esperta o bastante para entender as coisas e, com a modernidade dos anos, quem escondia algo de uma criança? Bastava ter acesso à internet que todas as respostas estavam ali.

— Eu pesquisei outro dia, no celular da Alessandra — ela disse, ainda fungando. — Falei que tinha um trabalho para fazer e pedi o celular dela, mas eu fui pesquisar.

— E o que você descobriu? — Cada palavra que saía da minha boca era um pedaço do meu coração que ia junto.

— Que são mulheres que vendem seus corpos em troca de dinheiro. Elas passam a noite fazendo programas. — Ela levantou a cabeça e vi seus olhos brilhando em lágrimas, meu coração ficou pequenininho ao vê-la assim. — Você faz isso, não é, mãe? Você se prostitui.

Ouvir dela essas palavras me fez sentir a pior pessoa do mundo e não pude evitar o choro. Um bolo se formou em minha garganta.

— Ester... — Não sabia o que dizer, como explicar ou como mudar a

situação.

— Mãe, não quero sair da escola — pediu.

— Não vai sair, Ester — afirmei. — Eu não vou deixar minha reputação manchar o nome de vocês. Amanhã mesmo vou conversar com sua diretora. Isso não vai ficar assim.

— Obrigada, mãe. — Ela se jogou em mim e me abraçou. — Amo a senhora e nunca vou ter vergonha de você.

A apertei em meus braços e chorei junto com ela. Eu precisava mudar. Por eles eu havia entrado naquela vida e seria por eles que eu sairia também.



Eu me revirava na cama, o sono não aparecia de maneira nenhuma. Minha mente estava ligada no 220 e eu tentava encontrar uma solução, a saída daquele labirinto, a famosa luz no fim do túnel, mas nada surgia em minha mente. Me sentia de mãos e pés atados.

Sentei-me na cama e levantei em seguida. Precisava de um copo d'água. Acendi a luz e me servi, pensando o que eu faria dali para frente. Não tinha a mínima condição de voltar para a boate. Não depois do que havia acontecido, mas eu sabia que tinha que enfrentar o Henrique. Se eu não fosse



falar com ele, ele iria atrás de mim, era inevitável.

Como se fosse uma premonição ou algum tipo de aviso ruim, ouvi batidas na porta e meu corpo inteiro se arrepiou, minhas mãos ficaram geladas e meu corpo imóvel, ouvindo apenas o som da minha respiração. Pedi aos céus que a pessoa do lado de fora fosse embora, mas então outra batida veio e meu corpo começou a tremer.

Eu sabia quem era. Eu disse que ele iria atrás de mim, e era só questão de tempo.

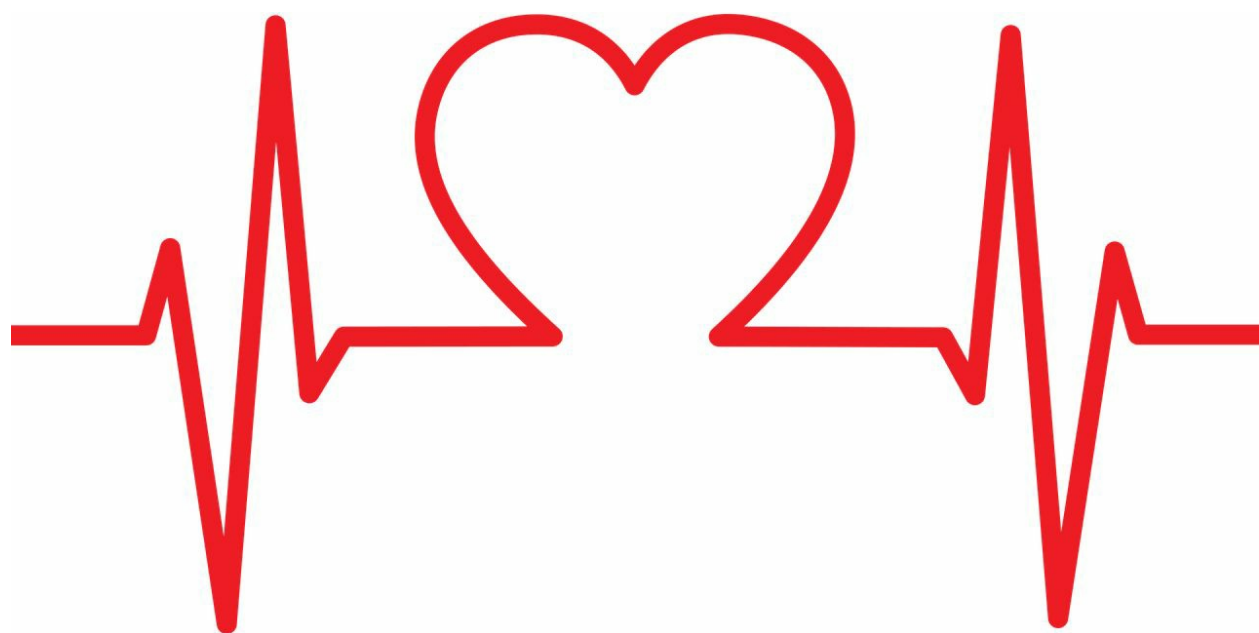
A passos lentos caminhei até a porta. No momento em que levei a mão até a maçaneta, vi o quanto eu tremia, respirei fundo e abri a porta. E ele estava ali, escorado no batente, com um sorriso nojento e um aviso de perigo nos olhos.

Henrique fez uma análise do meu corpo inteiro e automaticamente eu me abracei.

— Débora, eu já estava com saudades de você, bebê. — Sua voz me dava ânsia de vômito.

— O que você quer, Henrique? — falei baixo, tentando não transparecer o medo em minha voz.

— Eu quero você, Débora — decretou ele, caminhando em minha direção. — Só você.



# Capítulo 11

*Menina, me dá sua mão, pense bem antes de agir*

*Se não for agora, te espero lá fora, então deixe-me ir*

*Um dia te encontro nessas suas voltas*

*Minha mente é mó confusão*

*Solta a minha mão, que eu sei que 'cê volta*

*O tempo mostra nossa direção*

***Deixe-me ir – 1kilo***

# Débora

Meu cérebro gritava para eu fechar a porta na cara dele, mas eu estava entorpecida, minhas pernas não conseguiam atender aos meus comandos e eu apenas fiquei ali, parada, como sempre fiz quando ele impunha medo sobre mim.

Henrique se aproximou de mim como um leão se aproxima de sua presa, prendi a respiração quando senti o cheiro de drogas, bebida e perfume barato em sua roupa. A mistura não era nada agradável, vai por mim.

— As manchas estão melhorando, isso é bom. — Ele deu uma volta em torno de mim, seus dedos tocando minha pele desnuda.

— Por que fez isso comigo? — perguntei, o olhar fixo na rua.

— Eu já havia avisado, bebê, “não se envolva com meus negócios, não se meta onde você não é chamada, fique apenas no seu trabalho e tudo ficará bem”. — Parou a minha frente novamente. — Quando o homem falou que você estaria se metendo em algo que não era da sua conta, eu tinha que te dar uma lição. Sinto muito por isso, bebê. Não imaginei que ficaria dias no hospital.

— Como você...

— Como eu sabia? — Seu riso foi baixo. — Eu sei tudo que acontece

com você e com meus filhos, Débora. Tenho pessoas de extrema confiança vigiando vocês o tempo inteiro. Pensou que eu seria relapso nesse ponto? Jamais. Agora estou curioso, confesso, em como você vai pagar aquele hospital? Porque vamos analisar bem as coisas... Você não tem dinheiro, não tem de onde tirar e o hospital Amorim é o melhor do Estado. Como você vai pagar?

Engoli em seco. Ele não podia saber do Jeferson. Não me perdoaria se acontecesse algo com ele.

— Fiz um acordo com o hospital — foi tudo que eu disse e eu torcia para que ele não soubesse mais sobre isso.

— Com o hospital, não é? — Henrique se aproximou ainda mais de mim. — Eu vou perguntar só uma vez, Débora, por isso quero que seja sincera. Quem era o filho da puta que saiu daqui mais cedo?

Eu não iria responder e meu silêncio só fez o ódio dele aumentar. Me assustei quando sua mão se fechou em volta da minha garganta.

— Eu vou dar apenas um aviso, vadia! — Minhas mãos estavam em volta das suas, tentando aliviar a pressão imposta em meu pescoço, meus olhos se enchendo de lágrimas. — Fique longe se quiser manter o almofadinha vivo. Você não sabe do que eu sou capaz. Essa surra foi apenas o começo. Saia da linha e verá que eu posso ser mil vezes pior.

Então me soltou e eu caí no chão, levando as mãos até a garganta, buscando o ar. Ele se afastou.

— Considere que o aviso é um bônus, Débora, pois sua amiga não foi avisada. A morte apenas bateu na porta e quando ela viu era tarde demais.

Então ele deixou minha casa e eu chorei.

*Meu Deus! Quando esse pesadelo acabaria?*



As olheiras em meu rosto indicavam uma noite mal dormida. Na verdade, nem havia dormido. A conversa com Henrique se passava na minha mente como se fosse um filme em reprise na sessão da tarde. Não seria fácil me livrar dele. Parecia que eu nunca me livraria, para falar a verdade, porque quanto mais eu tentava fugir, mais presente ele se fazia. Um verdadeiro filme de terror. Porém, o meu maior medo não era ele me machucar novamente. Eu já estava acostumada com a brutalidade dele, mas o meu maior medo era que tentasse algo contra as crianças, contra o Jeferson. Meu Deus! O homem mal tinha entrado na minha vida e já estava sob ameaças. Como lidar com isso?

O correto seria me afastar, pelo menos por um tempo, até o Henrique esquecer-se dele. Mas se voltássemos a nos encontrar ele faria algo. Céus! Parecia que eu estava andando em círculos, pois não saía do lugar.

— Mamãe, está tudo bem? — Abri os olhos e vi o Thales em minha frente, já arrumado para ir para a escola.

— Está sim, meu amor. Só estou com dor de cabeça, mas já passa. — Dei um beijo em sua bochecha e me levantei para terminar de coar o café.

A porta da frente se abriu e Alessandra entrou, toda sorridente, trazendo uma sacola de pão de queijo.

— Bom dia, meus amores — falou, colocando as coisas em cima da mesa e beijando o Thales.

— Tia Alessandra, a mamãe vai levar a gente para a escola hoje! — ele disse, já pegando um pão e colocando na boca. Peguei uma xícara e coloquei o café, entregando para ele em seguida. — *Brigado*, mãe.

— Não fale de boca cheia, Thales — ralhei com ele e olhei para Alessandra. — Vamos ali comigo.

Ela assentiu e me seguiu até o meu quarto, fechei a porta e me encostei nela.

— Por que vai levar as crianças? — perguntou, se virando para mim.

— Quero conversar com a diretora. A Ester me contou algo ontem que eu não gostei nem um pouco.

— O que ela falou, Débora? Você está agitada.

— Ela disse que algumas mães se reuniram com a diretora porquê...  
— Parei. Era difícil falar, então engoli em seco duas vezes até conseguir completar a frase. — Porque não querem que filhos de uma prostituta estudem na mesma escola que os filhos deles.

Alessandra arregalou os olhos, mas não disse nada por um bom tempo e minha vontade de chorar crescia a cada minuto.

— Você precisa sair disso, Débora — ela disse, vindo até mim e segurando minha mão.

— Não é simples, Ale. — Fechei os olhos. — A Ester sabe da verdade, ela ouviu, pesquisou e... — Respirei fundo — não sei como lidar. Simplesmente não sei.

— Não se culpe. Você vai sair dessa e eu vou te ajudar. Tem uma família que está precisando de uma diarista. Sei que é pouco, mas é um começo, posso te indicar.

— Faria isso por mim, Ale?

— Claro, meu bem. Jamais deixaria você na mão. Mas tem uma coisa que eu preciso que você faça.

— O quê?

— Você precisa denunciar o Henrique para a polícia.



— Alessandra...

— Eu sei que ele é perigoso, Débora. A forma como você ficou deixou bem claro, mas ele não pode ficar solto.

— Ele veio aqui ontem à noite — falei, olhando para baixo.

— Débora...

— Alessandra, ele sabe cada passo que eu dou, ele sabe o hospital que eu fiquei, ele sabe sobre o Jeferson. Eu não posso arriscar.

— Mas se manter refém desse homem não é certo!

— Eu sei, mas também não é tão simples sair. — Apertei ainda mais suas mãos. — Eu vou sair, mas tenho que fazer as coisas com calma.

— Está bem. Eu vou te ajudar, mesmo não concordando.

Sorri para ela, que me abraçou em seguida. Eu faria Henrique pagar por tudo que me fez passar. Com toda certeza.

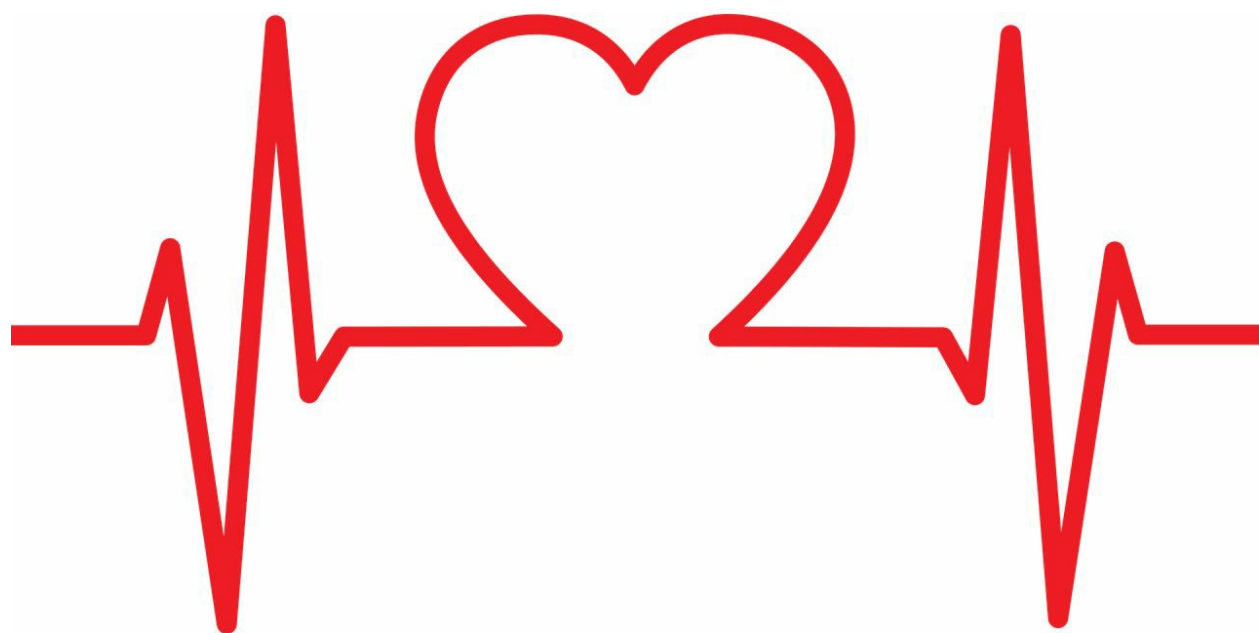
Me afastei dela ao sentir meu celular vibrar no bolso da calça, vendo uma mensagem que eu jamais esperei receber.

**Jeferson:** *Me desculpe ter saído da sua casa daquela forma. Falar do passado sempre mexe comigo e acabo ficando atordoado. Não deveria ter descontado em você. Espero que esteja melhor. Tenha um bom dia.*

Fechei os olhos. As coisas não eram tão simples, eu não podia colocar

a vida dele em risco. Não dava para fazer isso. Eu sabia que o Henrique não estava brincando, pois ele nunca brincava.

Com um aperto estranho no coração eu deletei a mensagem e bloqueei o número dele. Seria melhor assim. Eu o manteria seguro enquanto tentava sair das garras do Henrique.



# Capítulo 12

*Olá, olá*

*Não há lugar que eu não possa ir*

*Minha mente está turva, mas*

*Meu coração está pesado, dá para perceber?*

*Perco o passo que me perde*

*Então aqui vou eu*

***Same Mistake      - James Blunt***

# Jeferson

Eu não estava preparado para a avalanche de sentimentos que me atingiu quando me lembrei da Tati. Parecia que eu ia afundar em um mar turbulento. Fiquei sem ar, parecia que tudo ao meu redor havia sumido e eu só via seu rosto, sua voz em meus ouvidos implorando por ajuda. Parecia vir de todos os lados. Eu precisava ficar sozinho, precisava fazer com que ela parasse de gritar comigo, de pedir ajuda, precisava parar de pensar nela.

Não pensei muito quando arranquei com o carro da casa da Débora e dirigi sem destino, quebrando algumas leis de trânsito e levando algumas multas. Eu só conseguia chorar porque ainda doía como o inferno me lembrar dela. Eu não estava curado e dificilmente me curaria um dia. Não sentia vergonha de chorar por ela, jamais sentiria. Era algo natural, todos choram. Mas chorar por saudade, por querer aquilo que não é mais possível, parecia ser castigo.

Estacionei o carro em qualquer local e apoiei a cabeça no volante, gritando o mais forte que eu podia, tentando expulsar de mim a dor que parecia ter criado raiz dentro do peito. Gritei como no dia em que recebi a notícia da morte da Tati. Gritei porque naquele momento, se eu pudesse, teria trocado de lugar com ela, teria barganhado sua vida. Mas eu não podia fazer aquilo, eu simplesmente não podia. Eu era um inútil. Um inútil que perdeu

seu coração para sempre.

Ainda com a cabeça apoiada no volante, sem saber o que fazer ou para onde ir, minha companhia nesses últimos anos foram meus fantasmas, minha solidão e meus estudos. Meus pais tentaram de todas as formas me tirar do limbo que eu me joguei, Mariah tentou a todo custo me reerguer. Perdi o contato com as pessoas do Brasil, perdi minha vida. Eu parecia um zumbi. Não sucumbi por conta da insistência da minha família. Sem eles eu não sei o que teria acontecido comigo, o que eu teria feito para acabar com a solidão que me cercava, acabar com a dor que estava me consumido. Aos poucos eu me levantei, mas jamais voltei a ser o que eu era antes, um homem alegre e bem-humorado. Eu tentei, mas não conseguia e não sabia se algum dia eu voltaria a ser assim.

Respirei fundo diversas vezes, pronto para dar partida no carro, quando meu celular tocou e vi o nome da Mariah piscando na tela. Não estava com cabeça para falar com ela. Não queria falar com ninguém, para falar a verdade. A única companhia que queria era a solidão. Neguei a chamada e liguei o carro. Era melhor eu ir para casa. Precisava dormir e esquecer aquele dia.



A manhã já começou conturbada. Não dormi direito, passei horas rolando na cama, meus pensamentos iam da Tati para Débora. Não deveria ter saído daquela maneira de sua casa, deveria ter mandado uma mensagem na noite anterior dizendo que estava bem, mas quem eu queria enganar? Nada estava bem. Voltar ao Brasil foi o gatilho para uma onda de lembranças que eu queria esquecer.

Inspirei fundo, tentando controlar meus nervos, mas parecia que explodiria a qualquer momento.

— Está tudo bem, Jeferson. Você parece que vai explodir a qualquer momento.

Expirei.

Olhei para o Akin, que tentava ver o que estava acontecendo comigo.

— Só preciso de um minuto — murmurei.

Inspira.

Expira.

Odiava ataques de pânico.

— Jeferson, se não está bem vá para casa.

— Não — neguei, sentindo aquela estranha sensação de claustrofobia tomar conta de mim. Fechei os olhos e cerrei os punhos.

— Jeferson...

— Mariah... — murmurei o nome dela como um grunhido.

— Quem?

— Meu celular. Liga para Mariah... — Sentia como se meus pulmões fossem explodir, o ar estava rarefeito e eu não sabia como sair daquela situação.

Os segundos pareciam horas enquanto eu tentava trazer o ar para os meus pulmões, mas eles não voltavam. Eu parecia ter sido transportado para outro lugar. Não enxergava mais meu consultório, não ouvia mais nada. Eu estava no nada.

— *Jeferson! Jeferson, me escuta! Pelo amor de Deus, me ouve. Respira fundo, conta até 3, eu sei que você consegue.*

Eu sabia que era a Mariah ao telefone, mas o som de sua voz parecia distante eu não conseguia raciocinar o que ela queria dizer.

— *Jeferson, por favor, eu sei que você consegue voltar. Não faça isso comigo. É apenas mais uma crise e você vai superar, eu sei que vai. Se concentra na minha voz.*

Eu estava tentando a todo custo e *ela* parecia querer me puxar. Eu tentava voltar, mas era impossível lutar contra. Eu só queria ir até *ela*. Meu



coração parecia querer sair para fora do meu peito, de tão acelerado que estava.

— *JEFERSON!*

Foi aí que eu voltei. O ar voltou a entrar em meus pulmões e eu pisquei, atônito. Havia alguns médicos a minha volta, meu celular em cima da mesa, no viva-voz.

— Mariah... — sussurrei.

— *Graças a Deus você voltou. Nunca mais me dê um susto desses, nunca mais!* — gritou, mas eu sabia que ela estava tremendo do outro lado da linha. Inferno! Odiava assustá-la daquela forma.

— Estou bem, Mariah... — falei, respirando fundo.

— *Não, você não está bem, Jeferson! Você simplesmente ficou 10 minutos sem me responder no celular. Você não me ouvia, você...* — Ela começou a chorar e eu me senti a pior pessoa do mundo — *... você não reagia. Quer que eu aja como? De que forma? Você parou de tomar os remédios?*

— Eles acabaram e eu pensei que não precisaria mais deles.

— *Fuck<sup>[5]</sup>, Jeferson, sério isso? Vou ter que ir até o Brasil puxar sua orelha?*

— Mariah...

— *Mariah o cacete! Volte ao seu juízo normal, não tente se matar. Se liberte, Jeferson! Está na hora de viver e esquecer quem já morreu.*

E dizendo isso ela desligou o telefone.

Alguns médicos ainda estavam me encarando, analisando a bronca que eu havia acabado de levar de uma mulher que estava em outro país.

*Tinha como piorar?*

— Está bem mesmo, Jeferson? — Akin perguntou, seu semblante preocupado.

— Sim, já estou — respondi, olhando para o nada.

— Podem ir. Obrigado por terem vindo. — Akin dispensou os médicos.

Após todos os médicos saírem, ele fechou a porta e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu exijo saber o que está acontecendo. Ataque de pânico, Jeferson? Desde quando? Pela raiva da mulher ao telefone aconteceu outras vezes. Você precisa de remédios para controlar isso, porra! Vou dar razão a uma mulher que nunca vi nada vida. Está procurando se matar?

— Vocês não me entendem, essa é a verdade! — gritei. Ninguém

sabia o quão enraizada estava minha dor.

— Então me conta, porra! Me fala o que está acontecendo.

Eu sei que ele era meu amigo, que queria me ajudar, mas não conseguia.

— Pede para cancelar meus pacientes — falei enquanto tirava o jaleco e pegava minhas coisas. — Volto amanhã.

— Ainda vamos conversar, Jeferson! Isso não está descartado.

— Vai se ferrar, Akin — gritei ao bater a porta do consultório.

Caminhei apressadamente até o meu carro, entrei, porém não saí do lugar. Apenas encarei o nada por alguns minutos.

Peguei meu celular e vi uma mensagem da minha mãe.

**Mãe:** *Está na hora de se libertar, meu filho. Deixe-a ir.*

Visualizei e não respondi. Desci as conversas até encontrar quem eu realmente queria conversar, mesmo sendo totalmente errado.

**Jeferson:** *Me desculpe ter saído da sua casa daquela forma. Falar do passado sempre mexe comigo e acabo ficando atordoado. Não deveria ter descontado em você. Espero que esteja melhor. Tenha um bom dia.*

Pelo menos ela tinha quer ter um bom dia. A aguardei visualizar a mensagem, mas nada aconteceu. Sua foto sumiu do aplicativo e eu entendi o

que aquilo significava.

*Bloqueado.*

Ela havia me bloqueado.

Eu merecia.

Eu era um belo idiota.

Peguei meu celular e procurei um contato com quem não falava há anos. Chamou três vezes, até uma voz masculina atender.

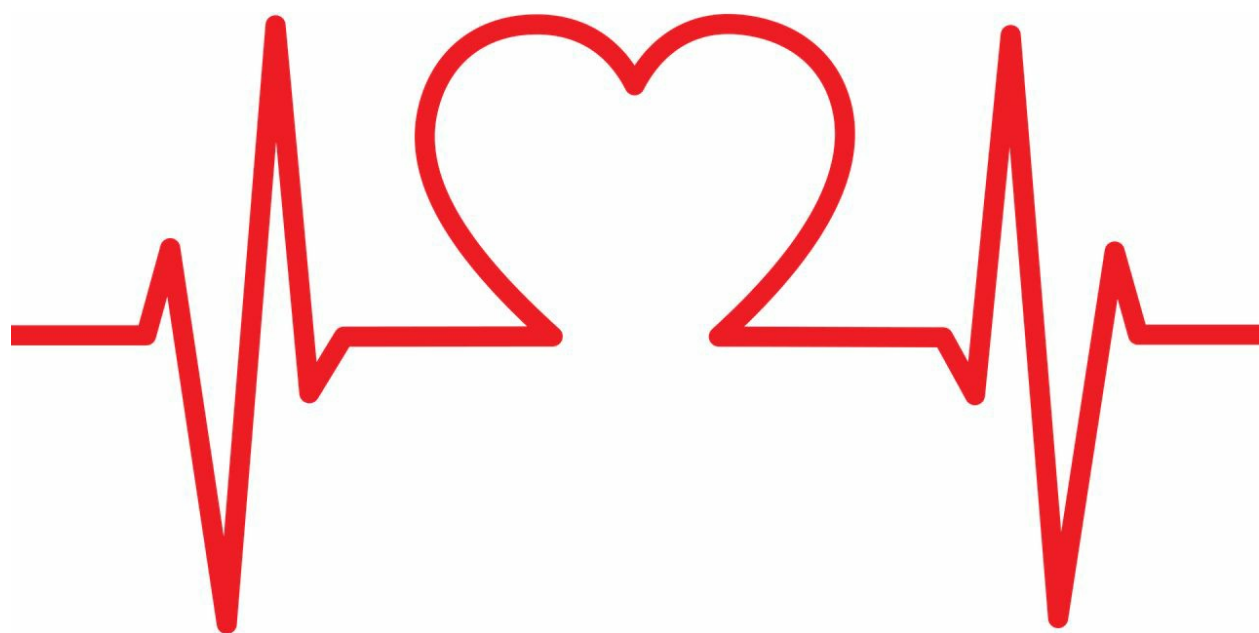
— *Ora! Nunca esperei que fosse me ligar novamente. Estou surpreso. A que devo a honra da ligação?*

— Tem alguma coisa para mim? Preciso urgente.

— *Sempre temos uma vaga para você, é só chegar.*

— Estarei aí em meia hora. — Desliguei o celular decidido a passar no apartamento e tomar um banho.

Era hora de me libertar. Se eu iria conseguir era outra história, mas eu tentaria.



# Capítulo 13

*O destino não quis a gente junto pra sempre  
Mas foi um privilégio me encontrar com você  
Tudo aconteceu tão rápido e de repente  
Mas foi suficiente pra eu nunca esquecer  
Todas risadas, todas as falas  
Não foram ensaiadas, tinham de acontecer  
As minhas lágrimas não foram forjadas  
Prefiro sofrer do que nunca conhecer  
**O destino não quis - Maneva***

# Jeferson

Estacionei o carro em frente a São Paulo Paraquedismo. Gastei cerca de uma hora e meia para chegar a Boituva. Na época que a Tati e eu namorávamos erámos acostumados a ir para saltarmos de paraquedas. Era uma atividade que eu amava e ela aprendeu a gostar. Depois do que havia acontecido eu não ia mais lá. Parecia errado ir e não ter a companhia dela.

— Jeferson, pensei que não o veria mais por aqui. — Jonas, um dos instrutores e dono do local, foi falar comigo.

— Pensei a mesma coisa, cara. — Retribui o abraço dele. — Mas acho que preciso disso, sabe? Essa adrenalina que o paraquedismo proporciona.

— Sabe que veio ao lugar certo, não sabe?

— Imagino que sim — respondi, olhando o local que não havia mudado nada ao longo dos anos.

— Venha, vamos pegar uma roupa para você. O voo sai em 30 minutos.

O segui, porém, ainda relembrando da época em que ia com a Tati, mais especificamente o dia em que estava animada para sua primeira experiência. Nunca esqueceria aquele dia.

*— Ainda não acredito que vamos fazer isso! — Ela estava tão animada. Seus olhos brilhavam de ansiedade e expectativa.*

*— Espero que goste, amor — falei, levando sua mão até meus lábios e beijando-a.*

*— Tenho certeza que irei amar. Agora preste atenção na estrada, por favor.*

*Sorri para ela, mas voltei a prestar atenção na rodovia, que estava bem tranquila. Passamos o restante da viagem em silêncio, apenas envolvidos pelo som de Perfect, do Ed Sheeran.*

*— Amo essa música — disse, chamando sua atenção.*

*— Algum motivo especial?*

*Então traduzi uma parte da música para ela.*

*“Eu encontrei uma mulher mais forte*

*Do que qualquer pessoa*

*Ela compartilha os meus sonhos*

*Espero um dia compartilhar seu lar*

*Encontrei um amor, para guardar*

*Mais do que meus segredos*



*Para levar amor, carregar*

*Nossas próprias crianças.”*

*— Já disse que te amo hoje? — ela perguntou.*

*— Acho que não — respondi, fingindo estar pensando.*

*— Te amo mais do que eu imaginava ser possível amar alguém.*

Naquele mesmo dia nós saltamos de paraquedas juntos e dissemos que nos amávamos enquanto estávamos no ar. Foi um dos melhores dias da minha vida.

— Está pronto, Jeferson? — Jonas perguntou e eu apenas assenti. A porta do pequeno avião já estava aberta e precisava apenas pular, mas antes peguei o anel de noivado que havia dado a ela e segurei firme em minha mão, então eu saltei.

O vento batia em meu rosto e eu fechei os olhos, mas logo os abri, tudo se mexendo rapidamente, meu coração martelando contra meu peito. Peguei o anel e o segurei em meus dedos, observando a joia que um dia representou o meu amor pela Tati.

— Obrigado por ter ficado comigo durante esse tempo, meu amor, mas eu preciso deixar você ir, preciso tentar ser feliz — sussurrei para o vento, como se ela pudesse me ouvir, como se ela pudesse estar ao meu lado

mais uma vez, fazendo aquilo que mais amávamos. — Obrigado por me amar e por ter deixado que eu te amasse, mesmo que fosse por pouco tempo.

Levei o anel aos lábios, o beijei e em seguida o joguei, abrindo o paraquedas logo após, mas as lembranças de nós dois aparecendo como um filme na minha mente.



*Eu estava completamente hipnotizado pelo sorriso dela, seus cabelos pretos e a pele macia. Caminhei até ela, decido a me apresentar. Eu precisava conhecer aquela mulher.*

*— Prazer, me chamo Jeferson — falei, estendendo a mão para que ela pegasse, seus olhos castanhos me observando com curiosidade, mas ela segurou minha mão.*

*— Tatiane — respondeu e eu tinha certeza que pararia no céu com aquela voz de anjo.*

*— Acredita em amor à primeira vista, Tati? Porque eu acho que acabo de me apaixonar por você. — A morena gargalhou em resposta.*

*— Suas cantadas não funcionam comigo, pode desistir.*

*E saiu, me deixando ainda mais encantado.*



— *Eu me pergunto se algum dia terei alguma chance com você — comentei, acompanhando-a na biblioteca enquanto ela pegava alguns livros para estudar.*

— *Eu acho que não. — Ela se virou e me encarou. Usava um batom vermelho que me fazia querer beijá-la ainda mais.*

— *Estou há dois meses tentando sair com você, mulher, colabore.*

— *Jamais — falou, sorrindo e indo para a mesa estudar.*

*Eu não desistiria tão fácil.*



— *Você não desiste mesmo, hein?! — Tatiane falou, me olhando com um sorriso no rosto após eu aparecer de surpresa em seu apartamento.*

— *Sou uma pessoa bem insistente. — Dei de ombros. — Posso? — perguntei, indicando se podia entrar, e ela me deu passagem.*

— *Ainda não acredito que está aqui. — Sua voz soou incrédula e me virei para olhá-la. Vestia apenas uma camiseta e um shorts tão curto que meu amigo deu sinal de vida.*

— Tudo para te conquistar, Tati. — Pisquei para ela, que revirou os olhos automaticamente.



— Trouxe seu almoço — ela disse ao colocar a comida em cima da mesa.

Estava em semana de provas na faculdade e todo o tempo eu tirava para estudar.

— Nunca pensei que veria você desse forma, tão concentrado no estudo.

— Amo minha faculdade, baby, então preciso estudar se quiser ser um médico de primeira.

— Você vai ser, tenho certeza. — Me deu um beijo na bochecha e saiu, me deixando estudar.



— Você está tão linda — falei, engolindo em seco conforme ela ia se aproximando de mim. Usava um vestido preto, solto no corpo, e um salto alto. Os cabelos presos em um rabo de cavalo e uma maquiagem leve.

— Gostou?

— Adorei, mas não sei se vou conseguir esperar até o fim da noite.

— Esperar o quê? — perguntou enquanto eu me aproximava dela.

— Esperar para te beijar — eu disse, já a centímetros de seu rosto. —

Posso?

*Ela não respondeu. Deu o primeiro passo, me beijando e me pegando de surpresa, o que sumiu rapidamente e devolvi o beijo, colocando nossos corpos e fazendo-a suspirar.*

— Valeu a pena esperar 8 meses — sussurrei contra seus lábios.

— Valeu muito — a morena disse com um sorriso nos lábios, e eu voltei a beijá-la.



— Obrigada, Jonas — agradei mais uma vez, já próximo ao meu carro.

— Não precisa agradecer. Sabe que sempre que precisar o local estará aberto para você. — Acenei em resposta. — E sinto muito pela Tati. Sei como se amavam.

— Eu a amei por tempo suficiente. Mais do que eu poderia ser capaz de imaginar. Já se passaram cinco anos e eu ainda não superei totalmente, mas uma hora temos que seguir em frente.

— Espero que encontre uma mulher tão boa quanto a Tati. Você merece.

Assenti, entrando no carro e dando a partida. Talvez a partir dali eu conseguiria seguir em frente.



Cheguei em casa já era noite. Joguei as chaves na mesinha da sala e caminhei para o banheiro. Queria tomar um banho antes de procurar algo para comer. Não havia comido nada o dia inteiro.

A água caía por todo meu corpo e parecia que um peso ia sendo tirado das minhas costas. Era como se eu finalmente deixasse o luto, após anos. Cada pessoa vive seu luto de maneira diferente, eu decidi focar nos meus estudos, esquecer da vida e das pessoas que fizeram parte da minha vida anos atrás. Preferi me trancar dentro de mim mesmo, como se isso fosse amenizar a dor que eu sentia. Mas ela nunca diminuiu e eu me perguntei por todo esse tempo se eu teria motivos para sair daquela situação que eu me encontrava.

Desliguei o registro e enrolei a toalha na cintura, indo para frente do

espelho, analisando minha aparência. Vi o quanto havia envelhecido nos últimos anos, tentando livrar a mim mesmo da dor que me consumia.

*É, Jeferson, hora de você mudar*, disse a mim mesmo. Sabia que não seria fácil, mas eu precisava tentar.

Peguei o barbeador e comecei a retirar a barba. Após terminar o processo, caminhei até meu quarto, me sentei na cama e peguei meu celular, decido a enviar uma mensagem para Débora, mas me assustei ao ver a quantidade de chamadas perdidas da minha mãe, do meu pai, da Mariah, Akin, e até da Bruna. A última coisa que eu queria era causar preocupação. Resolvi, então, ligar para minha mãe primeiro.

— Mãe...

— *Graças a Deus você atendeu, menino. Onde estava que não atendia nossas ligações?*

— Mãe, precisava espairecer, pensar sozinho, longe de tudo. Deixei o celular em casa porque não queria ser incomodado.

— *Deveria ter pelo menos avisado, Jeferson. Estamos todos preocupados com você.*

— Desculpe, mãe. Prometo não fazer mais isso.

— *Mariah estava quase indo para o Brasil, seu pai a convenceu a*

*esperar.*

— Irei ligar para ela. Como está meu pai?

— *Melhor. Mais calmo agora que sabemos que você está aí.*

— Posso falar com ele?

— *Oi, meu filho, está melhor?*

— Acho que finalmente vou conseguir ir em frente. — Fui direto. Ele sabia da minha angústia durante todos aqueles anos.

— *Sabia que você conseguiria. Estou orgulhoso de você.*

— Obrigado, pai.

Conversamos mais alguns instantes e decidi ligar para Mariah. Sabia que lá já é tarde, mas como a conhecia bem, imaginei que estivesse acordada ainda. O telefone chamou duas vezes até sua voz soar do outro lado da linha.

— *A próxima vez que você fizer isso, Jeferson, eu vou pessoalmente te dar uns tapas! Você quer me matar do coração! Eu tenho quase certeza disso.*

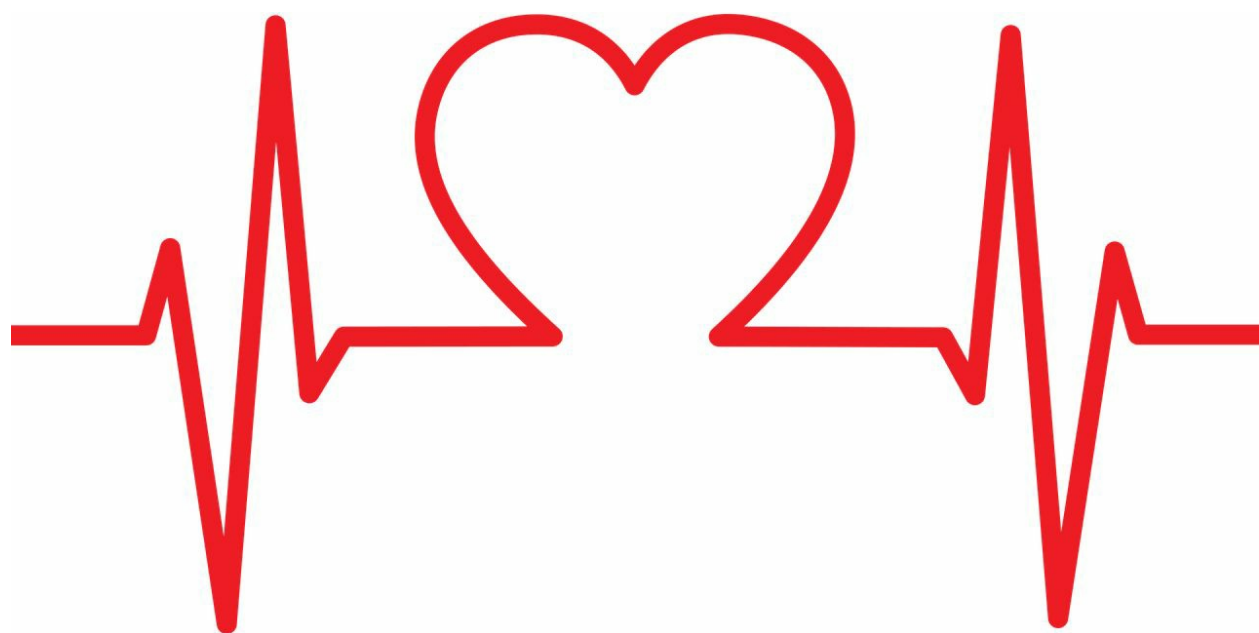
— Eu estou bem, Mariah — falei, tentando acalmá-la.

— *Está bem mesmo? Promete que não vai me assustar mais dessa forma?*



— Prometo, meu bem. Eu vou ficar bem.

Conversei com ela por mais alguns minutos e encerrei a chamada, mandei uma mensagem para a Bruna avisando que eu estava bem e que a veria no dia seguinte, então digitei o nome da Débora no aparelho. Pelo que indicava, ainda estava bloqueado, só que me incomodava o fato disso acontecer. Por qual motivo? Uma coisa era certa: na manhã seguinte eu iria até sua casa. Precisava saber se ela estava bem e me desculpar pela noite anterior.



# Capítulo 14

*Três coisas não podem ser escondidas por muito tempo:  
o sol, a lua e a verdade.*

***Buda***

## Débora

Não havia conseguido falar com a diretora um dia antes, então foi marcado uma reunião para o dia seguinte. Estava lá sentada em sua sala, somente a aguardando chegar. Confesso que estava com medo do que iria acontecer, mas não podia deixar que aquelas mulheres se reunissem para tirar meus filhos da escola.

— Débora, bom dia! Peço desculpas por não estar aqui quando me procurou ontem. Tive um compromisso externo.

— Eu entendo, não se preocupe. — A mulher se sentou e então ficamos frente a frente. — Imagino que já saiba o motivo que me trouxe aqui — falei.

— Sim, eu sei.

— Não pode compactuar com isso. Meus filhos não podem sair dessa escola.

— Peço que se acalme, Débora, e ouça a história.

— Então me conte — pedi.

— Realmente algumas mães vieram me procurar, me pedindo para tirar a vaga da Ester e do Thales, mas isso não significa que vá acontecer.

— Espero que realmente não exista nenhuma possibilidade de que

meus filhos sejam tirados daqui por causa... — Não terminei de falar. Eu não consegui.

— Não estou aqui para te julgar, Débora, não cabe a mim fazer isso. Mas quero que saiba que seus filhos jamais sairão dessa escola. Nem por esse motivo e nem por outro.

— Obrigada.

Foi tudo que eu disse. Porque não havia mais o que dizer depois disso.

Saí da escola com um peso a menos em minhas costas. Pelo menos meus filhos não ficariam sem ter onde estudar.

No caminho para casa decidi passar no mercado e comprar algo para fazer no almoço. Alessandra havia me dado um dinheiro e como não havia quase nada em casa, seria melhor comprar algo.



Já estava descascando as batatas quando uma batida na porta me assustou. Permaneci quieta no local, mas as batidas continuaram insistentes. Devagar, fui até a porta, mas não a abri, então mais batidas soaram e decidi abrir, com o coração na boca.

Arregalei os olhos ao ver a Eduarda ali e tentei fechar a porta

rapidamente, mas ela me impediu, já entrando. Meu coração estava batendo descompassado porque a presença dela ali me fazia lembrar da minha amiga. Minha amiga que havia perdido há tantos anos.

— Débora, irei perguntar apenas uma vez. Por que mentiu para a polícia?

— Eu não menti. Deve estar enganada...

— Débora — me interrompeu e virou de costas. — Eu não sou da polícia e você sabe disso. Sabe que pode me contar a verdade, não sabe?

— Você não entende, Eduarda, ninguém entende. Acha mesmo que estou nessa vida porque quero? Ou porque gosto? Não. Ninguém entra nessa vida por livre espontânea vontade, sempre tem um motivo.

— E por que você entrou?

Essa era a pergunta chave da minha vida, mas não era a minha vida que ela havia ido discutir comigo.

— O caso não sou eu, é a Jéssica. — Respirei fundo. — A Jéssica sempre quis uma vida melhor. Sempre. Ela tinha o sonho de encontrar os pais biológicos, ela queria descobrir porque havia sido deixada em um orfanato...

— Espera! A Jéssica morou em um orfanato? — Ela parecia surpresa.

— Durante toda a infância. Saiu quando tinha 18 anos, direto para

essa vida. — Eduarda franziu o cenho e voltou a me olhar, então continuei: — Ela tinha esperanças de um dia sair, de um dia poder parar de vender o corpo em troca de um pouco de dinheiro.

— Mas ela não conseguiu e com o tempo se tornou prostituta de luxo.

— Exato. Ela se tornou, e ainda o cargo mais elevado dentro da boate. Depois descobriu que estava grávida, terminou com o Caio, implorou para ele deixá-la, jogou mentiras em sua cara apenas para que ele a deixasse em paz. Um tempo antes de sua morte ela vinha agindo diferente, como se estivesse com medo. Na verdade, ela estava. Se descobrissem a gravidez ela estaria morta, mas eu a conhecia. Apesar de estar há pouco tempo ali, eu a conhecia e sabia que não era apenas o fato de ela estar esperando um bebê que a deixava apreensiva.

A casa noturna que o Henrique comandava era cheia de regras e algumas eu não fazia a mínima questão de entender, mas depois da morte da minha amiga tratei de ficar por dentro do assunto. As mulheres dentro daquela boate eram tratadas como mercadorias e quando foi a vez da Jéssica ela ficou desesperada, fugiu e foi morta. Esse era um dos motivos pelos quais eu não fugia. Eu podia morrer e não suportaria deixar meus filhos na mão daquele filho da puta.

— Você sabia o que era, não sabia? Sempre soube.

— Eu jurei que não contaria, eu... — Suspirei e busquei me sentar. Não era uma conversa muito fácil. — Eu só ouvi, por alto, uma discussão dela com o cafetão.

— Você disse que não conhecia o cafetão...

— Não conheço, mas eu ouvi e não era apenas um, era um casal. Não consegui ver o rosto deles, mas era claramente um homem e uma mulher.

— E o que eles diziam, Débora?

Depois da morte da Jéssica, aquela cena ficou revirando em minha cabeça por dias. Jamais me esqueceria daquelas palavras. As palavras que sentenciaram seu fim.

— *Nós vamos matar você, Jéssica! Vamos matar você e essa criança que você está esperando!*

Então olhei para a mulher à minha frente e por pouco não vi a amiga que havia perdido anos atrás.

— Você é praticamente a cópia da Jéssica, Eduarda.

— Caio me disse — sussurrou. — Por que não me contou?

— Porque, por um instante, eu pensei que você fosse ela, mas você não era. Eduarda — disse, me aproximando dele e segurando suas mãos —, se eles virem você, se eles sonharem que você é a cópia da mulher que eles



mataram, você estará morta também.

— Eles não podem pensar que eu sou a Jéssica. Eles a mataram, não é?

— É o que eu acredito, Eduarda. — Me sentei novamente. — Mas não sabemos se foram eles.

— Eu sei que tem medo, mas preciso saber de tudo, absolutamente tudo, para poder colocar essas pessoas na cadeia.

— Eu já disse tudo que eu sabia. — Olhei para baixo, medo tomando conta de mim. — Se *ele* descobre que estou ajudando...

Eu sabia que seria uma mulher morta se me envolvesse novamente nos negócios do Henrique. A primeira surra me provou isso muito bem.

— Existe um motivo para não conhecermos todos os cafetões daquele lugar. Se uma de nós for pega, não vamos denunciar todos.

— Certo, faz sentido.

— Depois que descobriram sobre a gravidez da Jéssica, eles a mandaram embora. Ela estava com muito medo e se escondeu até o fim da gravidez, teve a filha e eu consegui ir visitá-la uma vez. — Lágrimas começaram a cair do meu rosto e eu não consegui pará-las. — Devo ter sido seguida. Dois dias depois soube da morte dela, da forma horrível como

aconteceu. Se eu não tivesse ido ela poderia ainda estar viva.

— Débora, não foi sua culpa. — Ela me abraçou. — Essas pessoas são criminosas. Elas são frias e manipuladoras. Não se culpe pela morte da Jéssica. Você era a única amiga dela, a única em quem ela confiava, e tenho certeza que ela não te culpou quando tudo aconteceu.

Me afastando dela, fiz a pergunta que eu queria fazer há muito tempo.

— Como pode ser tão parecida com ela?

— Não sei. Eu te juro que eu queria descobrir também. — Ela se levantou e começou a andar pela sala. — Disse que ela foi criada em um orfanato, certo?

— Sim. Não tinha noção de quem eram seus pais biológicos.

Então uma ideia me ocorreu.

— Tem alguma possibilidade de serem irmãs? — perguntei, mas ela negou.

— Não, impossível. Eu tenho um irmão gêmeo e eu saberia se tivesse outra, não?

Eu ainda estava tentando descobrir como elas poderiam ser tão parecidas, quando a porta da minha casa foi aberta e eu vi o Jeferson. Meu corpo paralisou e eu não soube o que fazer, porque depois de tê-lo bloqueado,

pensei que ele não iria atrás de mim.

— Jeferson? — A voz da Eduarda me fez parar de encará-lo.

— Eduarda, eu não sabia que estava aqui. — Ele colocou as mãos nos bolsos, mas parecia não saber o que fazer também.

— Eu vim conversar com a Débora — respondeu e eu fiquei observando o diálogo dos dois, sem me atrever a falar nada. Meus olhos estavam presos nele e ele me olhou de uma maneira que fez meu coração bater mais forte. A sala inteira havia sumido e parecia ter ficado apenas nós dois.

— Bom... — A voz da Eduarda chamou nossa atenção. — Débora, se precisar de mim é só ligar.

— Eu já te disse tudo — falei e lhe dei um sorriso.

— Eu sei. Apenas me ligue se precisar de mim.

Ela me abraçou e sussurrou algo em meu ouvido que, a princípio, não entendi.

— Obrigada.

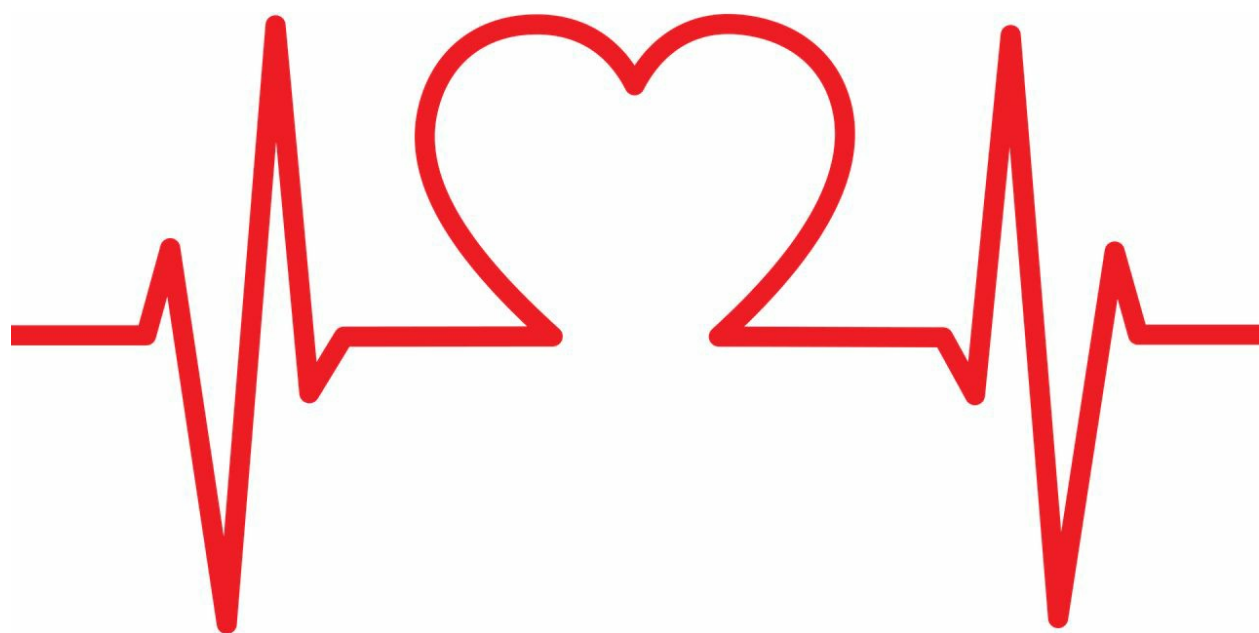
— Pelo quê? — Tentei me afastar, mas ela não permitiu.

— Porque senti que você é a mulher que vai trazer a vida de volta ao meu amigo.

Então ela se afastou de mim, caminhando em seguida até o homem que ainda estava parado na minha porta. Ela o abraçou e sussurrou algo para ele.

Quando finalmente nos encontramos sozinhos, ficamos calados por alguns minutos, até que ele cortou o silêncio em que estávamos.

— Primeiro, quero pedir desculpas. — Sua voz soou alta em meus ouvidos. — Te devo isso. Segundo, quero saber por que não respondeu minha mensagem ontem?



# Capítulo 15

*Não perca quem você é no borrão das estrelas*

*Ver é enganar, sonhar é acreditar*

*Tudo bem não estar bem*

*Às vezes, é difícil seguir seu coração*

*Lágrimas não significam sua derrota*

*Todo mundo se machuca*

*Só seja verdadeiro com quem você é*

***Who you are – Jessie J***

## Débora

*O que ele está fazendo aqui?*, era a pergunta que eu estava me fazendo. Não fazia sentido. Eu o havia bloqueado exatamente para ele não me procurar e ali estava ele de novo, me olhando como se quisesse descobrir todos os meus segredos.

*“Porque sinto que você é a mulher que vai trazer a vida de volta ao meu amigo.”*

A frase da Eduarda ecoava em minha cabeça, para em seguida ser substituída pela voz do Henrique.

*“Fique longe se quiser manter o almofadinho vivo. Você não sabe do que eu sou capaz. Essa surra foi apenas o começo. Saia da linha e você verá que eu posso ser mil vezes pior.”*

Ele o mataria se descobrisse que Jeferson estava em minha casa e mais uma vez a culpa seria minha.

— O que faz aqui? — perguntei, minha voz mais ácida que o normal.

— Já disse, quero saber por que me bloqueou.

— Porque eu quis, Jeferson! Não sou acostumada a ter pessoas falando comigo sem querer algo em troca.

— Então por que não acredita em mim?

— Tenho os meus motivos — falei simplesmente e não deixava de ser verdade.

— Pensei que merecia ao menos um voto de confiança vindo da sua parte.

— Não, não merece — afirmei, tentando transparecer o ódio em minha voz. — Só te peço que me deixe em paz.

— Eu quero apenas entender!

— Não há nada para entender, não percebe? Eu só não quero uma aproximação vindo da sua parte! Isso não vai fazer bem, tanto para você quanto para mim.

— Débora...

— Eu não quero! Não pode chegar na minha casa e simplesmente dizer o que eu devo ou não fazer!

Abracei-me, pois a maneira que ele me olhou fez eu me sentir a pior pessoa do mundo.

— Apenas vá embora e me deixe em paz — pedi. — Essa aproximação não vai trazer nada de bom para nenhum de nós dois.

Ele assentiu e se virou para ir embora.

— Você tem razão — disse ao se virar em minha direção novamente,



então caminhou até mim a passos lentos até estar a alguns centímetros de distância. — Algumas pessoas não merecem o esforço que fazemos por elas.

Engoli em seco e ele saiu de perto de mim. Controlei a vontade de chorar. Ele me lançou mais um olhar antes de sair e bater a porta. Coloquei a mão no peito para aplacar a angústia que crescia dentro de mim, tentando entender o porquê de ela estar ali. Não éramos nada, nem próximos, mas por que a fala dele me machucava tanto?

Caminhei até a porta e a tranquei, me encostando nela e respirando profundamente.

*Deus, o que foi isso?*

Foi a única pergunta que me atrevi a fazer.

Tudo podia ser diferente, mas não era. Não era simplesmente porque eu não permitia que fosse. Apenas por isso. Se o Henrique não existisse em minha vida as coisas seriam diferentes? Será que eu poderia viver como uma mulher comum? Balancei a cabeça espantando esses pensamentos. Não tinha como saber, nunca teria.

Eu estava presa em suas mãos e não sabia o que fazer para me libertar.

*“Porque sinto que você é a mulher que vai trazer a vida de volta ao meu amigo.”*

Como eu poderia trazer alguém de volta à vida, se a vida já havia saído de mim há muito tempo?



Deixei as crianças fazendo a tarefa de casa e fui até o endereço que a Alessandra me mandou por mensagem mais cedo. A dona da casa que precisava de uma diarista pediu para conversar comigo e eu prontamente falei que estaria ali o mais rápido possível.

Então estava sentada em um sofá de um apartamento muito elegante esperando a dona aparecer, aproveitando para observar o local. A sala decorada em tons de branco e marrom, tipo madeira, havia porta-retratos por todo o local, fotos da família e do casal que morava ali. Era bem arejado, as cortinas brancas e as janelas de vidro davam a claridade necessária.

— Débora, certo? — a mulher perguntou, surgindo do que presumi ser um quarto.

— Isso — respondi, ficando de pé e apertando sua mão.

— Prazer, Débora, pode se sentar. — Ela apontou para o sofá e se sentou à minha frente. — Me chamo Denise. A Alessandra é empregada de uma amiga muito querida e me indicou você. A apartamento é pequeno e eu tive um bebê há pouco tempo e preciso de ajuda.

— Eu fico feliz em ajudar no que eu posso, dona Denise — falei de prontidão. Qualquer coisa que ela me desse para fazer seria de grande ajuda.

— Que bom — ela disse, se levantando. — Eu preciso de alguém para me ajudar na limpeza, por enquanto. Ainda não posso fazer muito esforço.

— Certo. — Eu estava animada, pois esse poderia ser um grande recomeço.

— Pode começar amanhã? — ela perguntou, se virando para mim.

— Começo até hoje, se a senhora quiser. — Ela sorriu.

— Não precisa de tanto, Débora, amanhã está de bom tamanho. Uma vez por semana, pode ser?

— Claro! Estarei aqui amanhã cedo.

— Então estamos de acordo, Débora. — Um bebê começou a chorar e ela se virou, mas logo voltou a me olhar. — Quer conhecer meu filho? Ele só sabe chorar. — A mulher riu ao falar a última frase.

— Claro, adoraria — falei, já seguindo-a até o quarto do pequeno.

Ela acendeu a luz e caminhou até o berço.

— Esse é o Luís. — Ela pegou o bebê no colo e sorriu.

— Ele é lindo. — Segurei a mãozinha dele e ele segurou meu dedo, sorri com isso.

— Ele é muito esperto para o tempo dele, não é, meu amor?! Não é?  
— disse enquanto beijava o bebê.

— Eu já vou — falei. — Nos vemos amanhã.

— Certo. Venha às 8 da manhã. Meu marido ainda estará em casa nesse horário, aí você pode conhecê-lo.

— Certo! E... dona Denise, obrigada pela oportunidade — agradei.

— Não precisa agradecer. Vamos nos ajudar dessa maneira, eu tenho certeza.

Despedi-me dela e saí do prédio em direção ao ponto de ônibus, já sabendo quais os ônibus pegar para chegar ali. Era só começar a trabalhar.

Durante o caminho para casa fiquei pensando no que fazer em relação ao Henrique. Eu estava cansada de me submeter a ele, de obedecer suas ordens e de ser uma marionete em suas mãos. Ele era perigoso, disso eu sabia, mas eu não tinha mais condições de continuar naquele lugar. Não tinha mais como ficar ali e vender meu corpo, acabar com minha dignidade. Eu precisava tomar uma decisão o mais rápido possível. Não seria simples, mas estava na hora de me libertar.

Cheguei em casa e Alessandra estava ajudando meus filhos na tarefa de casa.

— Cheguei! — anunciei ao jogar a bolsa no sofá.

— E então? — Alessandra perguntou, caminhando até mim.

— O emprego é meu! Eu consegui!

— Meu Deus, que maravilha! — Me abraçou. — Sabia que iria conseguir. Estou feliz por você.

— Eu também, eu também.

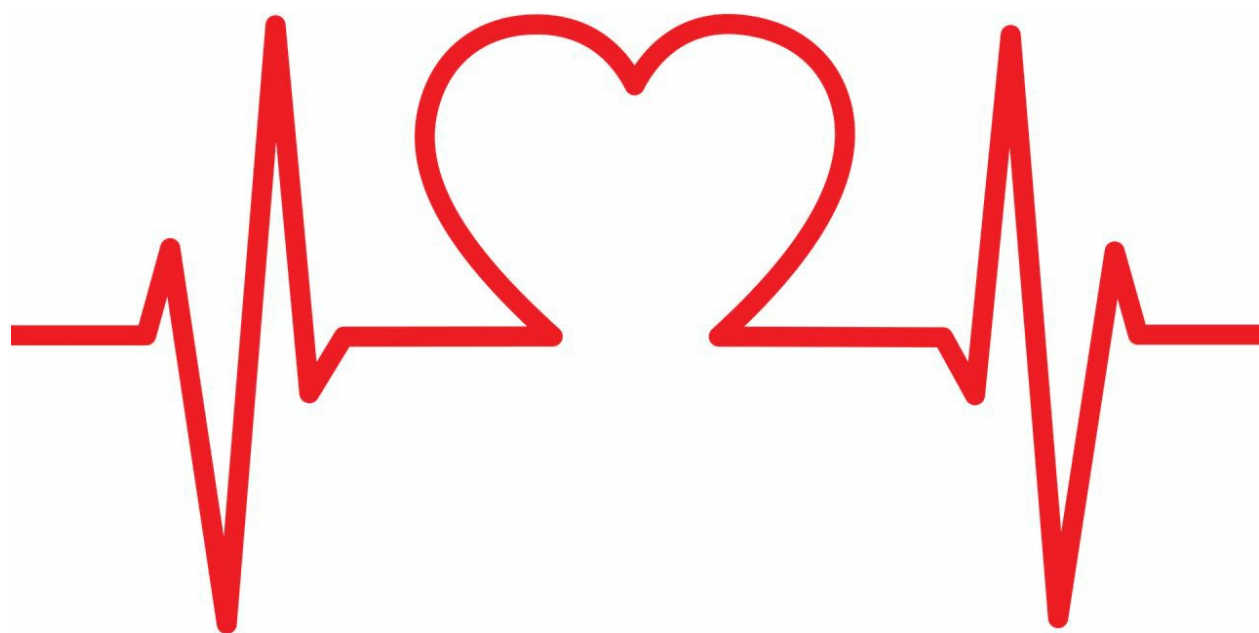
Ela virou o rosto para observar se as crianças ainda estavam atentas ao dever de casa, e sussurrou:

— Espero que pare com a boate agora, Débora. Por favor.

— Irei parar, eu prometo. — Segurei suas mãos e sorri. — Eu vou começar do zero, vou denunciar o Henrique. Hora de parar de ter medo dele.

— Isso, minha filha. Estou orgulhosa de você. — Ela sorriu e me abraçou novamente.

Eu tinha fé que conseguiria mudar, que conseguiria superar essa época amarga da minha vida e seguir em frente. Era tudo que eu mais queria.



# Capítulo 16

*Estações, elas vão mudar*

*A vida vai fazer você crescer*

*Os sonhos vão fazer você chorar, chorar, chorar*

*Tudo é temporário*

*Tudo vai passar*

*O amor nunca morrerá, morrerá, morrerá*

***Birds – Imagine Dragons***

# Débora

Não consegui pregar o olho durante a noite, e não foi porque eu estava ansiosa para o trabalho. Eu havia ignorado 30 ligações do Henrique e o medo de que ele batesse em minha porta era enorme, mas ele não fez e quando meu celular despertou, às 6 da manhã, respirei aliviada.

Arrumei as crianças para irem para a escola e Alessandra as levou, já que eu precisava sair mais cedo que ela. Dei um beijo neles e fui para o ponto de ônibus, com a sensação de dois dias antes batendo novamente, como se eu estivesse sendo observada. Olhei de um lado para o outro, mas eu queria acreditar que era apenas paranoia da minha mente.

Passei os braços ao redor de mim, como uma forma de proteção ao arrepio que invadiu meu corpo. Sentir que tinha alguém te seguindo, vigiando tudo que você está fazendo, é a pior sensação do mundo.

*“Tenho pessoas de extrema confiança vigiando vocês o tempo inteiro. Pensou que eu seria relapso nesse ponto?”*

A voz do Henrique soou em minha mente como um CD arranhado, e eu tratei de expulsá-la da minha cabeça. Não precisava desse problema. As coisas estavam começando a dar certo e eu faria de tudo para não pisar na bola diante daquela oportunidade.



Dei graças a Deus quando avistei o ônibus vindo e dei sinal com a mão. Horário de pico, ônibus lotado, essa seria minha rotina uma vez por semana. Não ia suprir todas as coisas dentro de casa, mas ajudaria. Eu poderia arrumar outros bicos depois, mas para a prostituição eu não voltaria.



Cheguei na casa e fui recebida pela Denise, que estava com o Luís no colo e ele não parava de chorar um só minuto.

— Entre, Débora — ela disse, saindo da porta e balançando o bebê no colo. — Estou tentando acalmar essa fera, mas não sei o que ele tem, está desse jeito desde às 3 da manhã.

— Posso? — perguntei, estendendo a mão para pegar o bebê.

— Menina, se você conseguir fazê-lo parar de chorar, será uma benção.

Ela me entregou o bebê e eu o coloquei em meu peito, apoiando a cabeça no ombro e ninando-o. Ele ainda chorava, mas estava mais fraco, até que parou e eu continuei a balançá-lo.

— É um milagre! — exclamou. — Meu marido e eu tentamos de tudo, mas ele não parava de chorar. Você leva jeito com crianças.

— Eu tive que aprender na marra. Cuido dos meus sobrinhos desde que eles eram crianças.

— Por isso tanta afinidade. Eu estou aprendendo aos poucos — disse ela, me chamando para colocar o bebê no quarto. — Pode colocá-lo aí. Acho que agora ele dorme, não dormiu durante a noite.

Com cuidado eu o coloquei no berço, ajeitando seu corpinho no colchão.

— Obrigada — agradeceu. — Eu já estava desesperada.

Apenas sorri em resposta, a seguindo para fora do quarto.

— Amor, essa é a Débora, nossa nova diarista. — Ela caminhou para perto do marido e eu tenho certeza de que minha boca se abriu. — Rafael, essa é a Débora, nossa nova diarista.

— Muito prazer, Débora — ele disse ao estender a mão para eu apertar, que automaticamente eu o fiz. — Eu conheço você de algum lugar.

*Sim, ele conhecia.*

— Deve ser impressão sua.

Desconversei.

— Não sei, seu rosto me parece familiar.

Apertei as mãos uma na outra e me virei para a Denise, que analisava

nossa interação.

— Posso começar? — praticamente implorei.

— Claro. A área de serviço fica para aquele lado. — Ela apontou em direção à cozinha e não pude deixar de notar que seu tom de voz estava mais seco, só faltava ela começar a pensar que eu pudesse ter um caso com o marido dela.

Praticamente corri para o local indicado, respirando fundo várias vezes quando cheguei lá.

Rafael Donato, um dos maiores chefes de cozinha de São Paulo, havia sido jurado de um concurso de culinária na universidade em que estudei, mais de seis anos atrás. Eu havia sido uma das finalistas e não ganhei por pouco, mas fui uma das convidadas a trabalhar no restaurante dele assim que terminasse a graduação. Bom, eu nunca terminei, então não havia sentido ir atrás do homem por conta dessa promessa que tinha uma condição bem válida para acontecer.

Prendi meus cabelos em um coque e decidi começar logo a limpeza. O apartamento não era grande, mas eu precisava limpar cada cantinho dele. Peguei meu fone de ouvido e pluguei no celular, selecionando uma *playlist* aleatória, então comecei meu trabalho.

Denise não veio falar comigo e eu achei melhor assim, mas depois eu

explicaria a história para ela, quando finalizasse meu trabalho.



Limpei os dois quartos, os banheiros, sala, cozinha e área de serviço, limpei todas as janelas do apartamento, tirei todas as coisas do lugar para tirar o pó, dei uma geral nos armários da cozinha, limpando cada cantinho. Nem vi a hora passar. Fazer faxina me distraía, me fazendo pensar apenas naquilo que estava sendo feito.

Comi apenas uma fruta quando meu estômago reclamou que precisava de alimento, e voltei ao serviço. Na parte da tarde a Denise saiu com o bebê, e pelo que a ouvi falar ao telefone, o pequeno tinha uma consulta na parte da tarde. A única coisa que ela me disse durante o dia inteiro era para eu esperá-la chegar após terminar a faxina.

E era o que estava fazendo naquele momento, sentada na cozinha, olhando o relógio marcar 17h30, mas ela não dava sinal de vida. Peguei meu celular e fui olhar as mensagens, não sabia se ficava aliviada ou apreensiva por não ter mensagem do Henrique. Um pequeno desapontamento surgiu quando não vi nenhuma mensagem do Jeferson.

*Mas não é isso que você quer?*, minha mente acusou e me reprimi. Realmente era o que queria, que ele me deixasse em paz. Seria melhor assim.

A porta foi aberta e eu pulei, me assustando, ficando de pé rapidamente.

— Desculpe a demora, Débora. Acabei passando na minha mãe e demorou mais que o previsto.

— Tudo bem — falei enquanto a observava colocar as coisas do bebê em cima do sofá. Ela mexeu na bolsa e tirou um envelope de dentro, me entregando.

— Débora, aqui está o seu pagamento e você não precisa...

— Dona Denise, posso explicar o ocorrido de hoje de manhã? Eu irei entender se depois disso a senhora ainda quiser me dispensar, mas preciso corrigir esse mal-entendido.

Ela cruzou os braços e me olhou.

— Pode dizer.

Respirei fundo e expliquei uma parte da história, tirando a parte que entrei para a prostituição.

— Oh!

Foi tudo que ela disse quando eu terminei.

— Desculpe se dei a entender que conhecia seu marido por outro modo — expliquei.

— Eu acabei tirando conclusões precipitadas também, me desculpe.

— Não precisa, eu entendo sua situação.

— Sinto muito por você não ter conseguido terminar sua faculdade — disse ela, segurando minha mão.

— Tudo bem. Quem sabe um dia...

Ela me estendeu o envelope e eu o peguei, colocando dentro da bolsa.

— Nos vemos na semana que vem, Débora. — Sorri para ela.

— Obrigada.



A noite estava caindo e o vento começava a soprar mais forte. Não havia pego uma blusa de frio mais quente e me abracei. O ônibus estava demorando a passar e um tremor me tomou de cima abaixo. Conferi a hora no celular e vi que chegaria tarde em casa, julgando que ainda tinha que pegar outro ônibus depois daquele.

Então um carro preto parou em frente ao ponto de ônibus, fazendo com que um calafrio percorresse todo o meu corpo e eu agarrasse a bolsa mais próxima a mim.

*Deus, por favor, que não seja um assalto.*

A porta do motorista se abriu e eu congelei ao ver o Henrique descer do automóvel e ir em minha direção. Eu não tinha para onde correr. O ponto de ônibus estava vazio e eu tremia tanto que se desse um passo minhas pernas cederiam e eu cairia.

— Que prazer te encontrar aqui, *querida!* — disse, já segurando meu braço com uma força desnecessária.

— O que faz aqui? — sussurrei, minha voz era puro pânico.

— Vim te levar para o trabalho, afinal, parece que você se esqueceu de onde ele fica.

— Henrique... — Tentei me soltar de seu aperto, mas ele me puxou para o carro.

— Tente alguma gracinha e você vai ver o que sou capaz de fazer com mulheres que não obedecem às minhas ordens.

— Eu não quero ir!

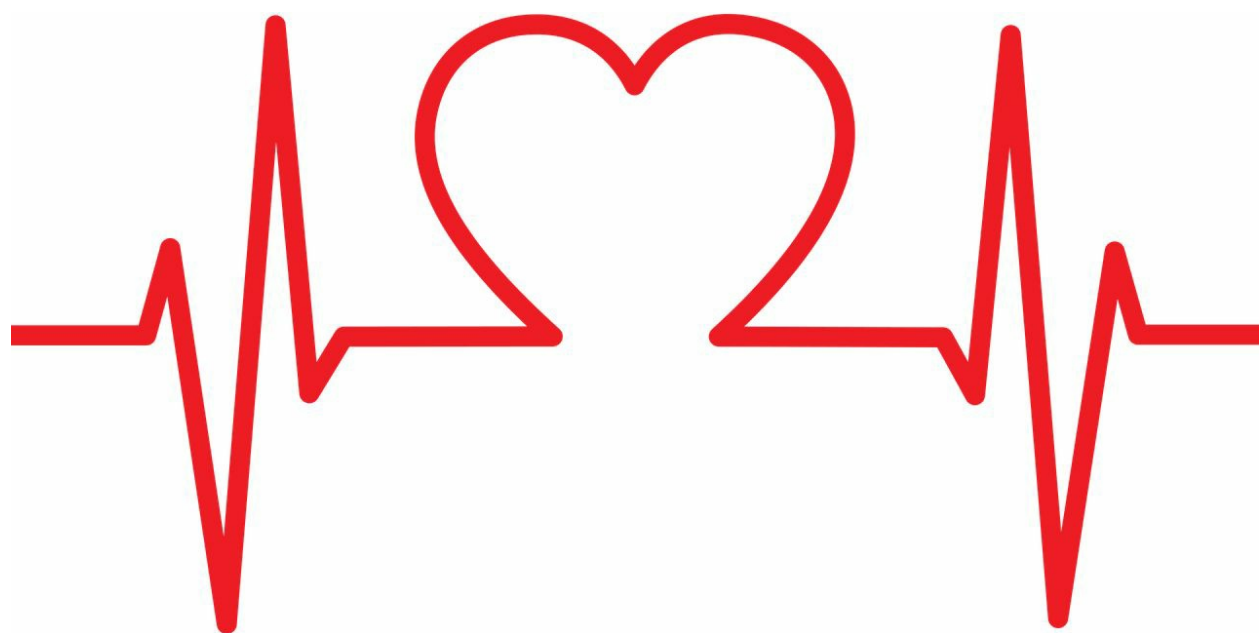
— Foda-se sua vontade, cadela maldita! — Ele apertou ainda mais o meu braço e eu gemi de dor. — Você vai trabalhar, vai abrir essas pernas e dar essa boceta para quantos filhos da puta eu quiser que você dê, está entendendo?

Lágrimas escorriam dos meus olhos quando ele abriu a porta do

carona e me jogou lá dentro, então, segundos depois ele estava guiando o carro.

— Tem que colocar uma coisa nessa sua cabeça, Débora: você trabalha para mim e vai fazer exatamente o que eu quero que você faça.





# Capítulo 17

*Eu estou à beira do precipício, assista enquanto mergulho*

*Eu nunca vou tocar o chão*

*Caio através da água*

*Onde eles não podem nos machucar*

*Estamos longe da superfície agora*

***Shallow – Lady Gaga Bradley Cooper***

# Jeferson

Passei o dia pensando no que havia acontecido um dia antes, mas mesmo assim ainda não entrava na minha cabeça os motivos da Débora. Algo me dizia que ela estava escondendo alguma coisa, mas se ela não queria a minha presença eu não iria tentar mais nada. E eu achando que ela poderia... Não, ela jamais poderia. Onde eu estava com a cabeça?

— Mais uma dose, por favor — pedi ao barman. Estava esperando o Akin aparecer.

O homem me serviu e eu bebi o uísque de uma vez, sentindo o líquido queimar minha garganta. No final eu sabia que ela estava certa e eu que me deixei levar por aqueles cabelos loiros que pareciam fios de ouro e aqueles olhos lindos, que me faziam querer olhá-la por horas.

*Inferno!*

Isso nunca tinha acontecido. Não depois de tudo. Por que justo naquele momento? Por que justo com ela? Por que ela tinha que despertar esse sentimento em mim que, ao qual eu não sabia como nomear?

— Cara, você parece que está mal — Akin disse assim que se sentou ao meu lado.

— Eu estou legal — me limitei a dizer.

— Pra você dizer que está legal, você não está nada bem. — Se virou para pedir uma bebida. — Então... — Continuou ao se virar para mim — pode começar a história, estou ouvindo.

Observei o copo vazio em minha mão e após tomar uma respiração profunda, eu comecei.

— Eu perdi a minha noiva em um acidente de carro há cinco anos, ainda estava na faculdade de medicina, ela cursava nutrição e eu me apaixonei perdidamente por ela, mas ela não me dava a mínima. Sofri para conseguir o amor daquela mulher e quando eu consegui, foi como se eu tivesse ganhado na loteria. Tínhamos muitos planos, nos formar, arrumar um emprego e depois casamento e filhos, não nessa ordem exatamente, mas seria daquela maneira. Eu daria o mundo para a Tati, se ela me pedisse.

— Sinto muito, cara — Akin disse.

— Eu perdi o chão, larguei tudo, saí do Brasil, mas nada aplacava a dor que eu sentia. Foram cinco anos vivendo apenas *pro* trabalho, sem me relacionar, sem me envolver. Eu vivia o luto de uma maneira intensa e não queria largar, não queria aceitar a morte dela, que ela tinha me deixado, e aquilo estava me corroendo, me matando por dentro, me fazendo questionar sobre o motivo de ela ter me deixado tão cedo.

— E agora você entende? — perguntou.

— Ainda não sei. — Respirei fundo. — Se me perguntar se queria que ela estivesse comigo, eu responderia que sim com toda a certeza, mas agora... — Pausei, não sabendo o que responder. — Eu vivi com ela os melhores momentos da minha vida, não me arrependo, não quero esquecer e fingir que não aconteceu, mas parando para analisar minha vida, eu vejo que eu parei. O que eu fiz depois de todo esse tempo? Vivi um luto que se dependesse apenas de mim, seria eterno, mas tem outras pessoas que torcem para que eu volte à vida, para que tente ao menos voltar a ser o que eu era antes.

— E o que você vai fazer para isso acontecer?

— Eu já fiz — falei e me virei para olhá-lo. — Eu finalmente deixei meu luto para trás e me libertei.

— Fico feliz em ouvir isso. — Ele colocou a mão em meu ombro.

— É, aos poucos tentarei retornar à minha rotina. Não vai ser do dia para a noite, mas eu vou fazer isso.

— Fico feliz que tenha dividido isso comigo. Sei o quanto é difícil.

— Mais do que você imagina — falei.

— Talvez não — ele disse, dessa vez olhando para o nada.

Eu sabia que ele tinha história, mas eu não o forçaria a me contar. Ele

tinha que se sentir à vontade para isso.

Meu olhar seguiu até a porta do bar e eu vi Gustavo entrando. Ele cumprimentou todas as meninas do bar e se sentou ao nosso lado.

— Uma vodca pura, por favor — falou ao barman, antes de se virar para nos olhar. — Então é aqui que as mocinhas se encontram e nem me chamam? Não se preocupem, vocês não fazem meu tipo.

Revirei os olhos, parecendo que quanto mais os dias se passavam, mais babaca meu amigo se tornava.

— O que foi agora? — Akin questionou.

— Preciso de uma secretária, mandei mais uma embora — respondeu depois de tomar a bebida toda em um gole.

— Outra?

Pelo que me lembrava, era a segunda secretária que ele arrumava no mês.

— Sim. A última só queria saber de abrir as pernas para mim, era completamente atirada e eu estava desconfiado de que seu guarda-roupa era feito para fazer programa e não trabalhar em uma empresa.

Preferi não comentar. Desde que ele havia se tornado CEO oficial da empresa do pai, 3 anos antes, se tornou impulsivo, arrogante e grosso. Não

sabia o que estava acontecendo e ele não falava, mas não cabia a mim intrometer-se nos assuntos dele.

— E a vaga está aberta? — perguntei, me interessando no assunto.

— Sim.

Lembrei-me da Débora, mas balancei a cabeça tentando esquecer a ideia. Se ela não queria contato comigo, por que eu tentaria um emprego para ela? Por motivo nenhum, exatamente.

— Tem alguém em mente? — questionei, tentando disfarçar meus pensamentos.

— Não. Pensei que algum de vocês pudesse me indicar alguém.

— Eu não tenho — Tratei logo de dizer, pegando meu celular que estava vibrando no bolso, e vendo que era a Mariah me ligando. — Preciso atender, com licença.

Saí do bar e fui para a rua, precisava de ar puro.

— Diga, Mariah.

— *É assim que me atende depois de uma crise? Belo amigo é você.*

— Dramática como sempre. — Revirei os olhos enquanto andava pela calçada. — Mas me diga o motivo da ligação.

— *Decidi tirar férias, umas duas semanas.*

— Que milagre! Vai cair uma tempestade por aí, cuidado! — Ela gargalhou.

— *Estou pensando em ir para o Brasil, você me recebe?*

— É claro que eu recebo. — Me sentei em um banco. — Vem quando?

— *Vou organizar tudo aqui e acredito que dentro de uma semana e meia tudo esteja resolvido.*

— Perfeito! Eu vou arrumar tudo e você fica...

Parei, meu olhar travado no outro lado da rua. Uma mulher vestida em uma roupa extremamente curta, salto alto, os cabelos estavam soltos em uma cascata loira com ondas perfeitas. Observei quando um carro parou ao seu lado e ela inclinou o corpo para falar com o motorista.

Eu não estava conseguindo acreditar. Não podia ser ela ali, simplesmente não podia. Parecia miragem o que meus olhos estavam vendo, não podia ser real. Débora mexeu o cabelo para o lado e pude ver seu sorriso.

— *Jeferson, Jeferson! Você está aí?*

— Depois eu te ligo, Mariah.

Encerrei a chamada já atravessando a rua. Eu não conseguia acreditar, não podia ser verdade. O carro se afastou e ela voltou a andar. Estava cada



vez mais próximo, então, quando finalmente consegui alcançá-la, puxei seu braço e ela se virou de frente para mim.

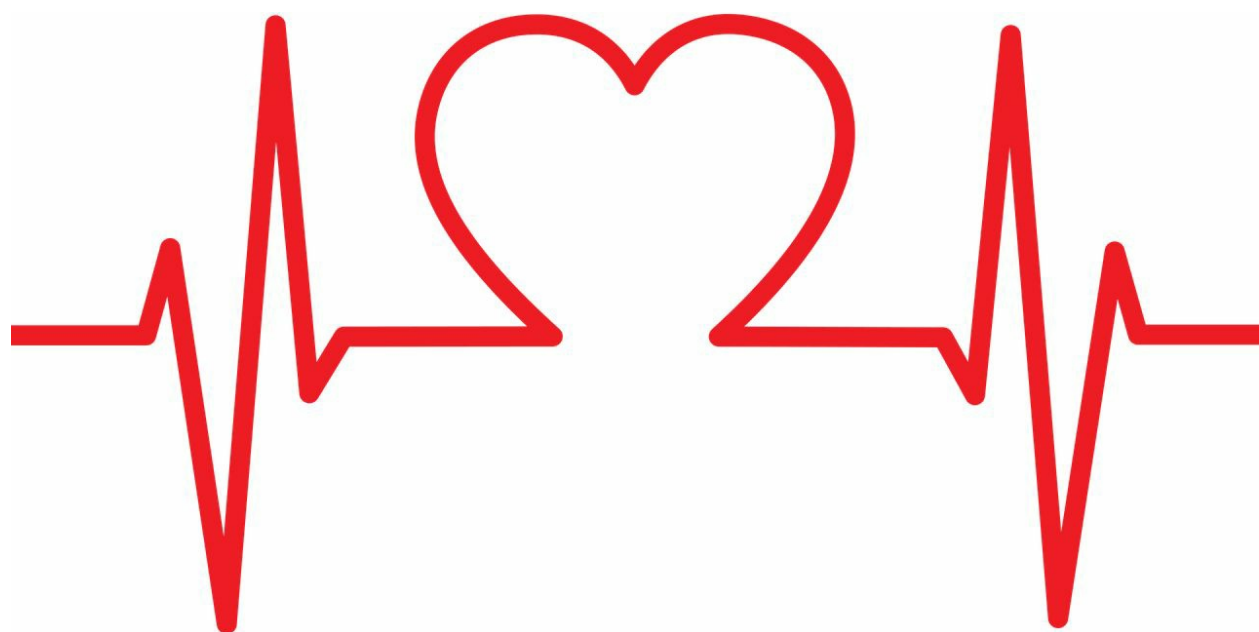
— Mas o que... — Ela parou, seus olhos se arregalaram. — Jeferson?

A soltei, seu rosto estava coberto pela maquiagem pesada, os lábios pintados em um batom vermelho e os olhos pretos.

— Débora... — Foi a única coisa que eu consegui sussurrar.

Meu cérebro deu um curto e só conseguia gritar uma palavra:

*Prostituta.*



# Capítulo 18

*E eu vou me levantar*

*Eu vou me levantar como o nascer do dia, eu vou me levantar*

*Eu vou me levantar sem medo, eu vou me levantar*

*E eu vou fazer isso mil vezes*

***Rise Up – Andra Day***

# Débora

Era uma brincadeira de mau gosto do destino, eu tinha certeza. O universo não podia pegar leve comigo apenas uma vez?

Não consegui decifrar o que se passava em seus olhos por nenhum instante. Ele segurava meu braço e me encarava de maneira incrédula. Seu olhar percorreu meu corpo inteiro e eu nunca me senti tão suja e indigna. Jeferson me soltou e eu cambaleei.

— Jeferson...

— Não fala nada, eu estou tentando entender que porra que está acontecendo aqui — falou, mandíbula trincada, lábios apertados. Ele começou a andar de um lado para o outro até parar na minha frente de novo. — Eu estou procurando algum motivo, alguma coisa plausível para isso, mas não encontro, eu não sei o que pensar...

— Eu posso explicar. Se você me deixar...

— Eu não quero que você explique! — Se alterou, voltando a andar e passando as mãos nos cabelos. — Tanta coisa para se fazer que pode dar dinheiro, que você possa trabalhar, mas isso? — Abriu os braços indicando o local em que eu estava, me abracei, já sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Você não entende, ninguém entende! — gritei de volta. — Acha que quero estar aqui? Que eu gosto dessa situação? Se eu pudesse sair eu sairia.

— Sair pra que, não é? — Ironia pingava de sua voz. — Dinheiro fácil, a hora que você quiser, basta colocar uma maquiagem pesada no rosto, uma roupa curta e abrir as pernas por aí... — O tapa saiu automaticamente.

Ele se afastou.

— Você nunca mais ouse falar comigo desse jeito. Não me conhece e não saber os meus motivos, então não julgue pelo que você não sabe.

Ele ainda me encarava, incrédulo, então foi se afastando, me deixando ainda mais perdida. Não conseguia parar as lágrimas, não conseguia, era demais para mim. Ele se virou e me deixou, mas seria melhor assim. O Henrique se esqueceria dele e seguiríamos com nossas vidas.

Simples.

Então por que eu me sentia completamente destruída? Por que eu estava me sentindo péssima, suja? Me virei para voltar para a boate, a noite tinha acabado para mim. Que se fodesse que o Henrique ia achar ruim por eu não ter conseguido dinheiro, que se fodesse que ele ia me bater. Pelo menos a dor física iria sobrepor a dor que eu estava sentindo dentro do meu peito.

Caminhei sem rumo, queria me entender naquele momento, queria

deixar de existir. Eram tantos sentimentos misturados que eu não sabia o que estava sentindo direito. Eu só queria chorar, queria gritar para o mundo minha frustração, minha dor.

Custava me deixar explicar? Mas não, ele tinha que agir como um babaca, tinha que tirar suas próprias conclusões. Se eu pudesse daria mais de um tapa nele. Babaca, filho de uma mãe!

Um carro passou e buzinou para mim, prontamente ignorei e continuei caminhando. Em certo momento tirei a droga dos sapatos de salto e fiz o restante do caminho descalça. Quando dei por mim já estava na porta de casa. Me sentei na calçada e olhei para o céu. Um erro de julgamento faz a percepção das pessoas mudarem quando descobrem a verdade sobre você. Já havia acontecido comigo, não era a primeira vez, mas dessa vez estava doendo mais. Não esperava que ele fosse me encontrar ali. O que eu poderia fazer? Fingir demência e dizer que ele estava me confundindo com alguém? Não mesmo! Ele não tinha culpa pela minha vida, eu tinha. Eu aceitei essa vida porque precisava de dinheiro para as crianças.

Se o Henrique não tivesse me levado à força para a boate, talvez nada disso teria acontecido, mas ele me levou, não adiantava chorar por algo que não havia acontecido. O jeito era seguir em frente. No dia seguinte mesmo, eu iria até uma delegacia denunciá-lo. Eu tinha que tomar uma atitude.



— Não vai comer, Débora? — Alessandra perguntou.

Ela apareceu para levar os meninos até a escola, mas eu estava focada no noticiário. Um orfanato havia pegado fogo e tinha indícios de que havia sido proposital.

— Estou sem fome, Ale — respondi, sem tirar os olhos da televisão.

— Tem certeza que é só isso? Você está com olheiras.

— Não dormi bem.

— Débora, aonde você foi depois do trabalho? Não vi a hora que você chegou.

— Não se preocupe, Alessandra, eu precisava espairecer e fui dar uma volta — menti.

— Certo. Irei levar as crianças para a escola. — Ela se afastou e meus filhos foram me dar um beijo.

— Amo vocês — falei ao dois.

— A gente também ama a senhora. — Thales me abraçou.

— Agora vão, porque se não vocês irão se atrasar.

Antes de Alessandra sair, ela me lançou e seu olhar que dizia

claramente “essa conversa ainda não acabou”.

A polícia ainda não tinha nada de concreto sobre o incêndio no orfanato e eu me perguntava porque tanta maldade no mundo. Desliguei a televisão e fui tratar de fazer uma faxina em casa. Era melhor do que passar o dia chorando, como eu havia ficado na noite anterior. Não preguei o olho. Não devia ter mais nenhuma lágrima.

Peguei meus fones, selecionei uma playlist animada e tratei de começar a dar uma geral na casa. Ao menos assim, eu ficaria com a mente ocupada.



Duas horas foi o tempo exato que levou para tudo acontecer. Estava terminando de colocar os móveis no local quando ouvi batidas fortes em minha porta. Tirei os fones e fiquei esperando baterem novamente, e o fizeram.

— *Policial federal, abra a porta!*

Congelei. Falar com a polícia nunca era bom.

Respirei fundo várias vezes e caminhei até a porta, de imediato reconheci a mulher que me interrogou no hospital, que se chamava Verônica. Uma loira baixinha que parecia mais a fada sininho, mas sabia usar uma arma



como ninguém.

— Verônica, o que posso fazer por você? — perguntei.

— Preciso que me acompanhe até a delegacia.

— Já disse tudo que eu tinha para dizer.

— Precisamos que você reconheça uma pessoa que foi presa essa madrugada. Presumo que já saiba do incêndio no orfanato.

— Sei.

— Ótimo! A delegada quer apenas que você responda algumas perguntas e que faça o reconhecimento de um homem.

— Ainda não sei se posso ajudar vocês com essas informações. — Eu estava com medo, essa era a verdade.

— Você trabalha na Boate C&S, Débora, você é a única que pode nos ajudar.

Se eu queria o Henrique na cadeia, eu teria que dar esse passo.

— Certo, eu irei com você, preciso apenas trancar a casa.

— Estarei esperando no carro. — Assenti, fui trancar as portas e pegar minha bolsa.

O percurso até a delegacia foi feito tranquilamente. Não falamos nada

e eu fiquei rezando para que o Henrique jamais descobrisse minha ida ali. Verônica estacionou o carro e eu desci, observando que parecia estar mais movimentada que o normal. Segui a loira, que parou para falar com um homem bem maior que ela. Ele a olhava com tanta admiração e carinho que senti um pouco de inveja. Vi quando ele olhou para os lados, ainda não notando minha presença, e beijou a testa da mulher, saindo em seguida. Presumi que fosse o seu marido.

— Por aqui — me chamou, indicando a direção de um corredor, e paramos em frente a uma porta, na qual continha uma placa onde estava escrito “Delegada Marchesano”. — Pode entrar, ela está te esperando.

Entrei na sala e a delegada imediatamente se levantou e veio me cumprimentar.

— Débora, bom dia, fico feliz que esteja aqui.

— Eu... eu... — Não sabia o que falar, com toda a certeza eu não estava feliz de ter que ir a uma delegacia.

A porta foi aberta novamente e um homem entrou. Ele parecia atordoado, seu rosto denunciava o cansaço que estava sentindo e os olhos vermelhos, a noite mal dormida.

— Alguma notícia? — ele perguntou.

— Minha sala não é a casa da mãe Joana para você entrar na hora que

quiser, Arthur.

— Já tem notícias dela? — questionou o homem, ignorando a reclamação dela.

— Não, Arthur, você precisa ter paciência. Essas coisas não acontecem de uma hora para outra.

— Eu poderia muito bem ir atrás dela e...

— E coisa nenhuma — ela disse, se levantando. — Você vai sentar naquele corredor ou ir para casa e esperar, assim como todo mundo.

O homem não disse mais nada, mas lançou um olhar de que ele não faria o que ela pediu, então saiu da sala.

— Sinto muito por isso. O Arthur está nervoso porque a Eduarda sumiu e até agora não tivemos notícias dela.

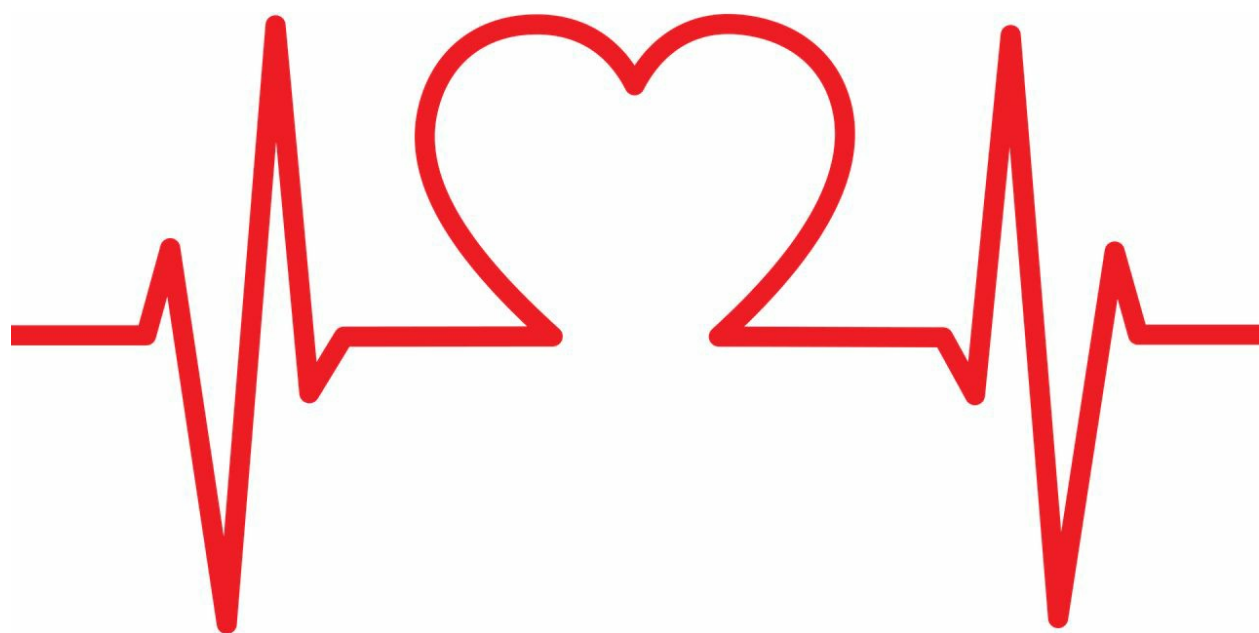
— Meu Deus!

Foi tudo que consegui dizer.

— Já temos policiais atrás dela, só nos resta esperar, agora. — Ela apoiou os braços na mesa e me encarou. — Mudando de assunto, Débora, quero que explique exatamente como funciona o esquema da boate em que você trabalha.

Engoli em seco. Mentir ali não era uma opção a ser considerada.

Respirei fundo e comecei a contar tudo que eu havia dito para Eduarda no dia em que ela havia ido a minha casa.



# Capítulo 19

*Estou pedindo*

*Amor, por favor, tenha piedade de mim*

*Pegue leve com meu coração*

*Mesmo que não seja sua intenção me machucar*

*Você continua acabando comigo*

*Você poderia, por favor, ter piedade de mim?*

***Mercy – Shawn Mendes***

# Jeferson

Eu me sentia um idiota. Um completo idiota, para falar a verdade. Mas vê-la daquele jeito me deixou fora de mim. Eu não sabia como reagir, como tratá-la, e com isso agi feito um filho da puta. Eu não podia julgá-la. Cacete, eu era a última pessoa do mundo que poderia julgar alguém!

Me arrependi de tudo que falei no minuto seguinte em que dei as costas para ela, mas eu não podia voltar. O que eu diria?

“Ah, me desculpe, é que eu fiquei em choque em te ver nessa situação, mas podemos esquecer isso e tentar ser amigos?”.

Não ia colar. Levaria outro tapa na cara.

Era a droga de uma situação, isso sim. Tomei meu café e fui atrás das chaves do carro. Precisava voltar à minha rotina no hospital, pois apenas com o trabalho eu pararia de pensar na noite anterior.

Tranquei o apartamento e me virei, dando de cara com minha vizinha esperando o elevador

— Bom dia, Denise — cumprimentei.

— Bom dia, doutor Jeferson, indo para o trabalho?

— Sim. Alguém precisa trabalhar. — Caminhei até ela para olhar o seu filho que estava no carrinho. — E aí, garotão — falei e segurei sua

mãozinha. —Ele está lindo, Denise.

— Obrigada. — O elevador chegou e dei passagem para ela e o carrinho, entrei e apertei o botão do térreo.

De repente o bebê começou a chorar e observei a mulher pegá-lo no colo, começando a niná-lo, mas ele continuava chorando.

— O que ele tem? — perguntei.

— Não sei, doutor. Fiz alguns exames ontem porque ele passou a noite chorando, não parava por nada, então contratei uma diarista que o pegou no colo e o fez parar de chorar quase que instantaneamente. Ela tem mãos de fada.

Sorri e o bebê continuava chorando.

— Posso? — pedi, me referindo ao bebê, e ela o entregou a mim.

Com cuidado, segurei o bebê e comecei a balançá-lo devagar, até que os choros foram cessando.

— Estou começando a achar que o problema pode ser comigo — ela comentou, balançando a cabeça, e depois sorriu. — O senhor leva jeito, será um ótimo pai.

A porta do elevador se abriu e saímos. Coloquei o bebê no carrinho e me despedi deles, prometendo uma visita outro dia.





O dia foi corrido e não porque trabalhei atendendo meus pacientes. Fui para a parte administrativa, assumindo definitivamente a presidência do hospital. Apesar de não ter feito administração hospitalar, aprendi muito com meu pai na época em que havia morado no Canadá.

Um dia não bastaria para que eu entendesse toda a administração, por isso deixei meus pacientes com outro médico, pretendendo focar nisso por uma semana. Meus pais iriam para o Brasil no fim do mês, coisa que já tinham confirmado pela manhã, após minha chegada ao hospital. A Mariah chegaria primeiro e meus pais na semana seguinte, ou seja, teria muita coisa para resolver até lá e menos tempo para pensar na burrada que eu tinha feito. Veria se conseguia um jeito de falar com a Débora, o que exatamente eu não sabia como fazer, mas precisava conversar com ela.

— Você está com uma cara péssima, Jeferson — Akin falou assim que entrou na sala de reunião do hospital.

— Chama-se cansaço — falei ao passar as mãos no rosto e me levantar.

— Cansado? Você? Meu amigo, você é quase máquina de trabalho. O que aprontou?

— Fiz uma burrada ontem e não sei como consertar.

— O que fez? Gustavo e eu ficamos preocupados, você não voltou depois daquela ligação.

— A situação é mais complicada do que parece. Agi por impulso, fiquei fora de mim e juntou a bebida.

— O que você fez? — tornou a perguntar.

— Uma besteira que não sei como consertar. — Chegamos na lanchonete e nos sentamos. — Eu fui um idiota, completamente, mas...

— Cara, se você continuar falando em códigos, fica difícil.

— Eu magoei uma pessoa que eu aprendi a ter consideração. Ofendi de uma forma que ela nunca vai me perdoar.

— Já pediu desculpas?

— Foi a primeira coisa que eu pensei no minuto em que me arrependi, mas não queria arriscar levar outro tapa.

Meu amigo franziu o cenho, porém, não disse nada. Olhei a hora no celular e faltavam alguns minutos para as 19h00. Precisava reparar meu erro, então me levantei e meu amigo perguntou:

— Aonde vai?

— Reparar o meu erro.

E saí em direção ao estacionamento. Eu precisava ao menos tentar falar com ela.



## Débora

— Obrigada por sua contribuição, Débora — a delegada disse, apertando minha mão. — E não se preocupe, nós iremos acabar com essa boate. Fico feliz que tenha feito a denúncia contra o Henrique.

— Acredito que me faltava coragem para fazer isso. — Balancei a cabeça. — Foram muitos anos sofrendo calada e aguentando o pouco que ele me dava, que ele dava para os filhos. Eu...

— Não se preocupe, ele vai pagar pelo que fez. Ele será preso, Débora, eu prometo isso a você.

— Obrigada — agradei. Naquele momento não tinha palavra melhor para agradecer. Me ver livre do Henrique era um sonho. Um sonho que se tornaria realidade.

Foi difícil contar tudo aquilo, as coisas que eu era obrigada a fazer, o que todas ali eram obrigadas, a violência, a humilhação, mas parecia que um peso havia sido tirado das minhas costas.

Geovana ofereceu uma escolta para me levar para casa, mas não quis, preferi ir a pé. Queria esse tempo para pensar, pois as coisas estavam começando a entrar nos trilhos. Eu tinha um emprego como diarista, que não era grande coisa, mas já era um começo, e no outro dia mesmo eu começaria

a distribuir currículos para tentar algo durante os outros dias. Não seria fácil, mas eu precisava tentar. Estava na hora de fazer algo que deixasse meus filhos orgulhosos de mim.

Demorei cerca de três horas para chegar em casa. Não quis pegar ônibus e caminhei demasiadamente lento, então justificava o fato de ter demorado tanto. Mas o que me chocou não foi isso e sim ver o carro do Jeferson parado na minha porta, com ele encostado na lataria, mexendo no celular. Parecia tão concentrado que se eu passasse correndo ele não me veria, e foi o que fiz. Eu corri, mas acabei tropeçando e virando o pé. Caí no chão xingando baixinho e torcendo para que não ouvisse, mas ele ouviu e rapidamente foi correndo em minha direção.

— Débora, você está bem? — Ele se abaixou na minha frente.

— O que você quer? — Eu não queria nem imaginar o que ele havia ido fazer ali.

— Conversar com você. Ontem eu...

— Acho que ontem você deixou bem claro o que pensou quando me viu.

— Eu errei, tudo bem? Eu fiquei em choque e...

— Preferiu me humilhar porque era muito mais fácil do que perguntar o que me levava a fazer aquelas coisas.

Ele fechou os olhos e eu desviei o olhar. Não iria perdoá-lo tão facilmente, mas não ajudava em nada ele ser tão lindo e estar tão perto de mim.

— Débora, minha filha, posso saber o porquê de você estar deitada no chão? — Alessandra veio em nossa direção.

— Eu cáí, Ale, nada demais — falei e o Jeferson me ajudou a levantar, mas assim que coloquei o pé esquerdo no chão eu gemi de dor.

*Inferno.*

— Droga! — Era só o que me faltava.

— Deve ter machucado — Alessandra opinou, enquanto o Jeferson se abaixava para ver meu pé.

— Deve ser apenas um mau jeito — murmurei.

— Sim. Não chegou a torcer, mas é bom fazer uma compressa com gelo, tomar um remédio para dor e evitar forçar esse pé no chão.

— Obrigada, *doutor* — ironizei a última palavra e não passou despercebido por ele, que se levantou e ficou a centímetros do meu rosto.

— Consegue andar, Débora? — minha vizinha perguntou, totalmente alheia ao que acontecia. Meu olhar permaneceu focado no do médico e eu não respondi à pergunta dela. — Débora? — voltou a chamar.

— Consigo.

— Ela não consegue — o médico retrucou.

— Não sabia que o senhor agora conseguia sentir o que eu sinto, doutor.

Quando eu queria ser teimosa, não tinha quem me parasse.

— Não preciso sentir o que você sente, Débora. Apenas pelo fato de você não tocar o pé no chão me dá essa certeza.

Reprimi um xingamento, mas ele tinha razão, estava doendo muito.

— Me ajude a entrar, Alessandra — pedi, ignorando o homem ao meu lado.

— Eu levo você, não é esforço nenhum — ele disse.

— Não me lembro de ter pedido sua ajuda — retruquei.

— Loira teimosa — disse entredentes, antes de me pegar no colo.

— Pode me colocar no chão?

— Assim que você estiver dentro da sua casa. — Bufe de raiva. Filho da mãe!

Alessandra abriu as portas e ele entrou, me colocando em cima do sofá.

— Débora... — sussurrou.

— Por favor, Jeferson, esquece tudo isso, esquece que eu existo, esquece onde eu moro, vai ser melhor assim. Não tente se desculpar. Eu entendo até certo ponto, mas eu não consigo, não desce.

Ele assentiu e se levantou.

— Só fazer o que eu pedi. — Ele apontou para o meu pé e eu assenti, então ele deixou a minha casa e junto com isso uma sensação estranha em meu peito.

— Está tudo bem, Débora? — Alessandra perguntou depois que fechou a porta.

— Sim. — Liguei a televisão e estava no plantão de notícias.

*“A polícia acaba de invadir a boate S&C, localizada em um dos bairros nobres de São Paulo, após uma investigação que dura anos. Prova-se que as mulheres que trabalhavam ali dentro eram vendidas e leiloadas. O caso está sendo investigado pela delegada Geovana Marchesano e, segundo ela, é apenas o começo. Todas as boates que têm como objetivo principal traficar mulheres serão fechadas.”*

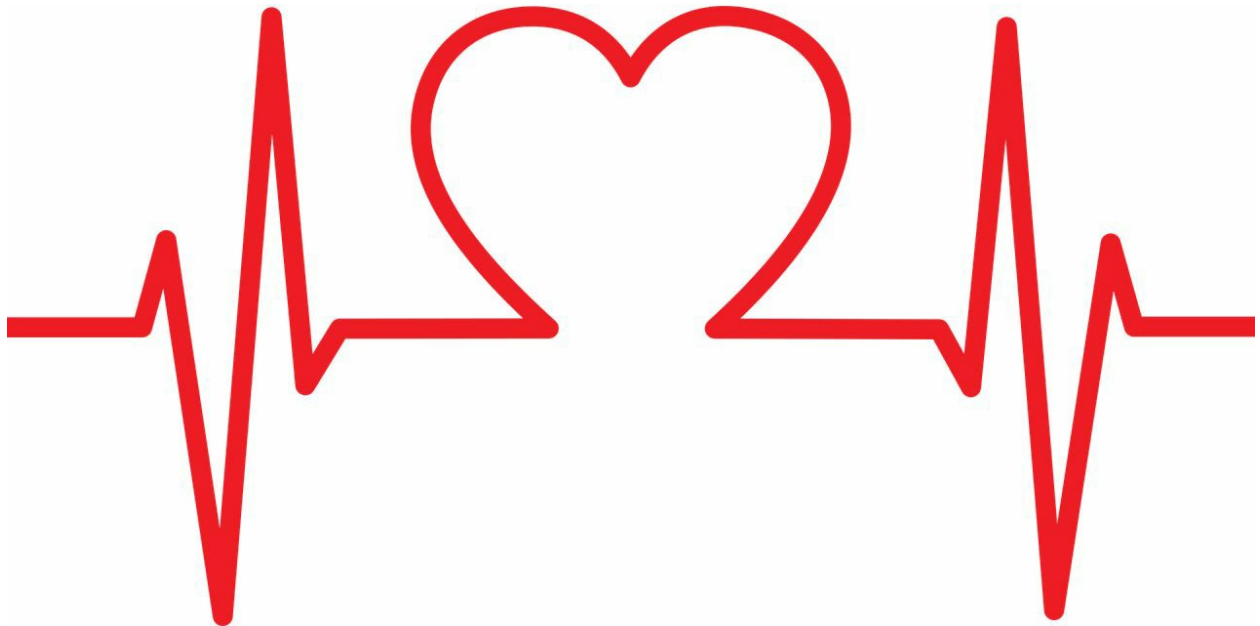
Respirei fundo diversas vezes.

O pesadelo estava terminando e eu nem conseguia acreditar que me



veria livre desse inferno depois de tantos anos.

---



# Capítulo 20

*Como não me apaixonar?*

*Como não me apaixonar?*

*Tenho a certeza e aquela incerteza*

*Não existe mais, ficou pra trás*

*O meu pensamento, vive e pensa a todo tempo*

*E me pede mais, eu vou atrás*

*Tenho o que quero e preciso*

*E as briguinhas comigo, eu deixo pra lá*

*Quem sabe é o seu jeito de amar*

***Como não me apaixonar – Jorge e Mateus***

# **Jeferson**

## **2 SEMANAS DEPOIS**

O voo de Mariah estava atrasado, então aproveitei o tempo livre no aeroporto para ler o noticiário. Algumas notícias eu apenas passei os olhos, mas parei na que estava circulando há duas semanas. Uma boate de prostituição, que era uma fachada para tráfico humano, havia sido fechada e ainda tinha um homem foragido, seu nome era Henrique Fontes. A polícia ainda estava atrás do paradeiro dele.

Me perguntava o que as pessoas ganhavam com isso. Tratar pessoas como se fossem mercadorias. O mundo estava cada vez pior e as pessoas não se davam conta disso, não tinham a consciência de que as mudanças tinham que ocorrer primeiro em nós, para depois ir às outras coisas.

Conferi a hora novamente e me levantei, indo até o portão de desembarque. O painel indicava que o avião dela havia acabado de pousar, então dentro de uns 20 minutos ela estaria comigo. Estava com saudades dela. Muita saudade. Mariah foi aquela amizade inesperada que eu fiz, que mesmo eu não querendo, foi chegando de mansinho e conquistando seu espaço em minha vida. Se não fosse sua teimosia insistente, não teríamos nos tornado amigos.

As pessoas iam saindo, mas ainda não havia nenhum sinal dela, e pelo

que eu conhecia da minha amiga, ela esperaria todo mundo sair para poder andar tranquilamente. E foi dito e feito. Quinze minutos depois avistei seus cabelos loiros e seu sorriso arteiro.

— Jeferson! — falou antes de largar o carrinho e correr em minha direção. — Que saudade eu estava de você — disse ela após meus braços a envolverem em um abraço apertado.

— Também estava com saudade. Muita. — A coloquei no chão e fomos pegar suas coisas.

— Havia me esquecido o calor que faz nesse país. — Mariah já estava tirando o casaco que usava.

— Pensei que o tempo estaria agradável no Canadá.

— Exato, Jeferson. Agradável, não um forno.

Ri da sua expressão e continuamos nosso caminho até meu carro.

— Quer comer algo antes de ir para casa? — perguntei enquanto abria o porta-malas e guardava sua bagagem.

— Eu ia amar. Estou morrendo de fome mesmo.

— Perfeito. — Coloquei o carrinho junto com os outros e voltei para abrir a porta para ela.

— Sempre um cavalheiro — gracejou.

— Apenas para mulheres bonitas. — Fechei a porta e dei a volta, já entrando e dando a partida no carro. Ia passar em um restaurante para comermos algo.

— E então, como estão as coisas aqui no Brasil? — perguntou.

— Estão indo. — Continuei focado no trânsito, mas podia sentir o olhar de Mariah sobre mim.

— Desde quando “estão indo” é resposta? Quero saber de novidades, Jeferson. Alguma namorada?

— Não tem namorada nenhuma — respondi sorrindo.

— Como assim? Você está há quase 3 meses no Brasil e ainda não arrumou ninguém? — Ela se calou e me encarou, olhos arregalados. — Você descobriu que é gay?

— Pelo amor de Deus, Mariah!

Ela gargalhou.

— Sério, deveria arrumar alguém. Eu poderia dizer que estou disponível, mas você não faz o meu tipo. — Deu de ombros.

— Estava com saudade de você, sua maluca.

— Também estava com saudade de você.



Mariah decidiu que ia ficar no meu apartamento apenas por uma noite e depois procuraria um hotel. Eu fui totalmente contra, afinal, não tinha necessidade de ela pagar um local para ficar já que tinha o meu apartamento disponível.

— Não vamos discutir sobre isso — ela disse enquanto estava na cozinha.

— Eu estou tentando não criar um problema para você, mas parece que você não está entendendo.

— Jeferson, vamos ser práticos, querido — começou, vindo ao meu encontro e segurando minhas mãos. — Se eu conhecer alguém e quiser trazer essa pessoa para cá? Não ia ser nem um pouco legal, certo? Estou evitando constrangimentos futuros.

— Entendi, entendi, não precisa entrar em detalhes. — Levantei as mãos em sinal de rendição. E no final ela tinha razão. Ia ser bem estranho se ela trouxesse um homem para cá.

— O que você vai querer comer no jantar? — Ela voltou para a cozinha e começou a mexer nos armários.

— Pensei que a gente fosse dar uma volta, comer fora — falei,

mexendo no celular.

— Jeferson, se você soubesse o quanto estou cansada não tocaria na palavra sair hoje.

— Mas ainda está cedo para o jantar. — Não eram nem 16 horas ainda.

— Sim, mas pelo que estou vendo, você não tem nada aqui. — Ela caminhou em minha direção e colocou as mãos na cintura. — Vamos fazer o seguinte: vou te passar a lista de algumas coisas que você precisa comprar, você vai lá e enquanto isso eu tomo um banho e durmo um pouco. Que tal?

— Parece um bom plano. Se importa se eu chamar um amigo? Ele vem com a filha dele.

— Não, pode chamar. — Ela caminhou em direção ao quarto em que estava hospedada e eu mandei uma mensagem para o Akin, convidando ele a Iana para o jantar.

— Aqui, pode comprar isso. — Ela me entregou uma lista e me deu um beijo na bochecha. — Só me acorde se eu estiver dormindo demais.

— Sim, senhora. — Me levantei. Ia no mercado que havia ali perto mesmo, por esse motivo preferi ir a pé. — Descanse.

Peguei as chaves de casa e saí. Apertei o botão do elevador, mas ele



não estava respondendo, então optei pelo de serviço e assim que cheguei ao térreo vi o porteiro conversando com o síndico e alguns homens mexendo no elevador que eu tentei chamar.

— Boa tarde. O que houve? — Indiquei o elevador.

— Ainda não sabemos. Alguns moradores reclamaram que ele estava parando fora dos andares, resolvemos chamar a manutenção. — O síndico respondeu e eu apenas acenei.

— Use por enquanto o de serviço, senhor — o porteiro sugeriu. — Ou as escadas.

— Pode deixar. Agora deixa eu ir.

Me despedi deles e fui até o mercado comprar o que a Mariah havia pedido.



Eu estava completamente distraído quando cheguei no prédio. Pelo que pude notar, o problema do elevador já havia sido resolvido. Apertei o botão do térreo e aguardei. Meu celular escolheu tocar naquele exato instante, e como estava com as mãos cheias de sacolas, passei tudo para apenas uma e peguei o aparelho com outra. Apenas ouvi o elevador abrir as portas e fui entrando, tentando digitar uma mensagem para o Akin, já que não atendi sua

ligação. E foi nesse momento que eu deveria ter deixado para respondê-lo quando estive em casa. Só tive tempo de sentir o impacto de um corpo contra o meu, as sacolas, junto com meu celular, foram para o chão e o corpo cambaleou para trás, automaticamente segurei a cintura da mulher lhe dando equilíbrio.

— Você está bem?

— Então ela me olhou e o ar escapou dos meus pulmões.

Era a loira que me tirava do eixo com apenas uma palavra.

— Jeferson? — Ela não parecia acreditar que era eu ali, então ela se afastou de mim, como se eu fosse algum tipo de inseto peçonhento. — Está me seguindo?

— Eu moro aqui — expliquei.

— Por que Deus? Por quê? — ela disse, olhando para cima.

— Eu não sou nenhum perseguidor maluco que... — As portas do elevador se fecharam de repente, fazendo a Débora soltar um grito e colocar as mãos na boca.

Me virei para olhar o que tinha acontecido, mas parecia tudo normal.

— Sabe me dizer se o elevador já estava em funcionamento? — perguntei mesmo sabendo que deveria estar.

— Sim, o porteiro interfonou mais cedo.

Apertei o botão do meu andar e ela franziu o cenho.

— O que está fazendo? Preciso descer no térreo.

— Bom, a menos que você seja a *Lince Negra* do *x-men*, você não iria conseguir sair. Vou para o meu andar e você desce, simples assim.

Me abaixei para pegar minhas coisas e então o elevador parou bruscamente, nos fazendo cambalear.

— O que foi isso?

— Não sei — falei, olhando para as portas que não se abriram. Peguei o interfone e telefonei. — O que houve com o elevador principal? — perguntei.

— *Desculpe, senhor, eu não sei, mas ele parou completamente de funcionar. Sugiro que fique calmo, porque logo estará tudo dentro dos conformes.*

Respirei fundo.

— Certo. Obrigado. — Desliguei e encarei a loira.

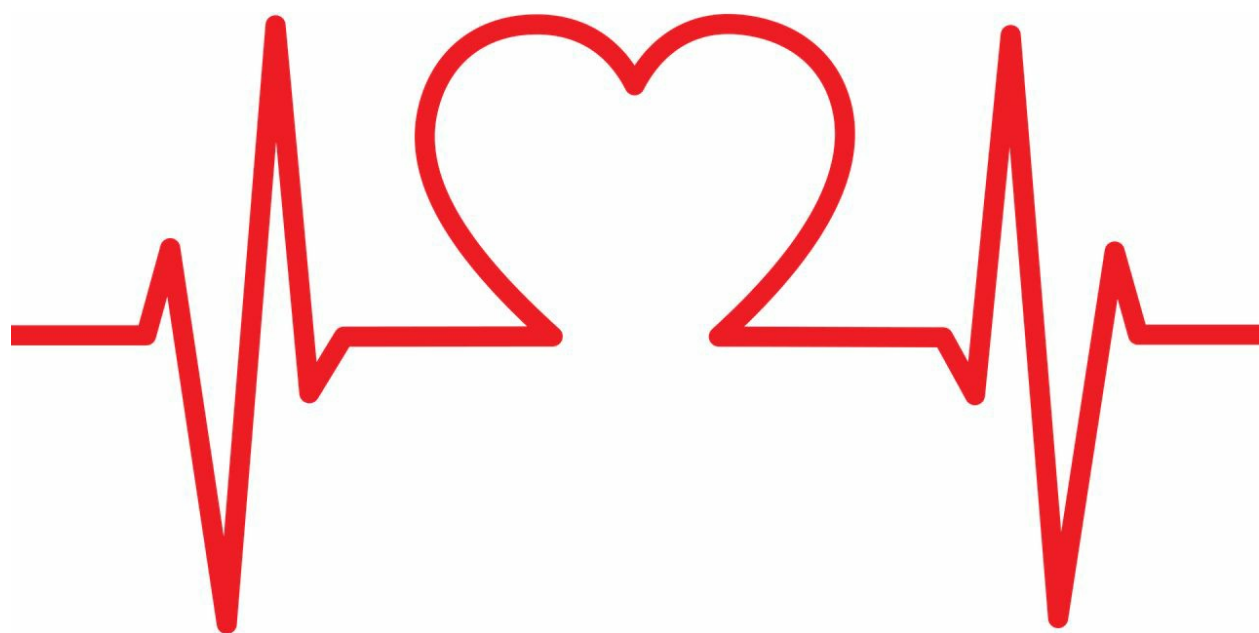
— O que houve?

— Estamos presos aqui — sentenciei e ela arregalou os olhos, encostando o corpo na parede de metal.

Então a compreensão me atingiu.

*Estávamos presos.*

*Estávamos presos juntos, para piorar ainda mais a situação.*



# Capítulo 21

*Você não beija, você humilha  
Todas as bocas que eu beijei na vida  
Você não fala, você recita  
Faz um bom dia virar poesia  
Você não beija, você humilha  
Você não beija, você humilha  
Encontrei em você minha paz escondida  
Encontrei em você minha paz escondida  
**Você humilha – Luana Prado***

## Débora

Respirei fundo várias vezes, tentando acalmar meu coração. Eu não era claustrofóbica, mas ficar presa no elevador junto com o Jeferson estava me fazendo hiperventilar.

— Respira, Débora. Ficar nervosa só vai fazer você piorar.

— Fácil para você — retruquei, mas fiz o que ele pediu. Respirei fundo várias vezes, fechando os olhos.

— Mais calma?

— Sim. — Assenti, olhando para o lado. — Quando tempo para voltar a funcionar?

— Não sei. — Ele passou as mãos nos cabelos e sentou no chão. — Se eu fosse você eu me sentaria, pode demorar.

— Estou bem — falei.

Durante essas duas semanas eu me peguei pensando em tudo que havia acontecido, na forma que certas coisas foram descobertas. Eu estava aliviada desde que a boate havia sido fechada. Me preocupava o Henrique estar foragido? Com certeza! Mas ele não tinha me procurado e isso era um alívio. Eu tinha conseguido um emprego em uma lanchonete nos dias em que eu não estava na Denise, e estava me acostumando com essa rotina de

trabalho.

Olhei a hora no relógio e vi que chegaria atrasada no serviço. Quando eu ia para Denise eu trabalhava à noite na lanchonete. Meu celular estava descarregado e não tinha como eu avisar aos meus patrões o motivo do meu atraso.

— Queria me desculpar com você. — Olhei para Jeferson, que ainda estava sentado no elevador, mas dessa vez me encarava.

— Não preci...

— Precisa sim — disse, se levantando. — Eu fui um idiota aquele dia, Débora. Eu não imaginava nada daquilo, fiquei em choque e acabei agindo feito um babaca. Falei o que não devia para você, a magoei e no instante seguinte me arrependi, porque eu vi o quanto você ficou magoada. Mas eu não tinha como pegar de volta o que eu disse.

— Palavras machucam mais que gestos, sabia? — Me virei de costas, coloquei as mãos na cintura e respirei fundo.

— Eu sei, e tudo que eu queria era pedir desculpas por aquele dia. Fui na sua casa e você me mandou embora. Eu sei que mereci, mas... — O ouvi respirar fundo — mas eu queria ter conversado com você direito.

Me virei para ele e apertei os lábios.



— Eu nunca quis aquela vida, Jeferson. Eu... eu fui obrigada, coagida a fazer o que era mandado.

— Do que está falando? — Ele franziu a sobrancelha.

— Deve ter ouvido falar da boate que foi fechada pela polícia há duas semanas.

— Sim, no noticiário só dá isso.

— Eu trabalhava naquela boate.

— Mas... Como?

Então eu expliquei toda a história, desde o início, contando cada detalhe, cada momento sórdido que eu vivi durante todo esse tempo. Contei que ele era o pai dos meus sobrinhos.

— Que filho da puta! — exclamou. — Não acredito que ele ainda está foragido.

— A polícia vai pegá-lo, tenho certeza.

— Como um pai faz isso... — ele começou, mas parou de falar, parecendo perdido, então voltou a me olhar. — Ele foi atrás de você.

— Não, ele não seria idiota a esse ponto. Sabe que a polícia está atrás dele.

Ele se aproximou de mim.

— Foi ele quem te bateu, não foi? — Suas mãos seguraram meu rosto. Eu era alguns centímetros mais baixa que ele, tive a constatação naquele instante. — Responde!

— Ele mandou que me batessem e só não fizeram coisa pior porque ele não permitiu e...

— Não chora, loira. — Seus polegares passaram pela minha bochecha, secando as lágrimas que eu nem havia percebido que estavam saindo.

Minha respiração acelerou, meu corpo se deu conta do quão próximo estávamos, e meu coração estava acelerado.

— Ele vai pagar, Débora! Se eu encontrar com esse homem ele vai se arrepender de ter encostado um dedo em você.

— Não faz isso — pedi. — Não estraga sua vida por conta de um bandido que não vale a pena. Aquele pesadelo que eu vivia acabou, estou me levantando e eu só quero esquecer tudo que aconteceu.

Não sei se ele podia sentir as descargas elétricas que seu corpo transmitia ao meu, mas isso era tão errado e tão certo. Não sei o que aconteceu, se era porque estávamos com o ar condicionado desligado ou pelo simples fato de que seu toque me fazia querer entrar em combustão, mas eu comecei a suar. E ele percebeu isso e, se afastando, correu os olhos por todo

o meu corpo, me fazendo estremecer.

— O que você está fazendo com a minha cabeça, Débora?

Ele voltou a se aproximar e eu me afastei automaticamente.

— Responde primeiro o que você está fazendo com a minha. —  
Devolvi a pergunta e ele sorriu.

Minhas costas bateram na parede do elevador e ele se aproximou de mim, seu nariz quase roçando o meu, seus olhos incrivelmente azuis, sua barba por fazer que eu achava incrivelmente sexy.

— Não podemos... — sussurrei, fechando os olhos quando sua boca tocou minha bochecha.

— Podemos sim. Somos adultos e responsáveis... — A boca dele percorreu todo meu queixo.

— Por favor, Jeferson... — murmurei, fechando os olhos.

— Por favor o quê? — Abri os olhos, sua boca quase colocada à minha, nossas respirações se misturando. — Quer que eu pare ou continue?

Uma batalha era travada dentro de mim.

*O que eu queria?*

Droga! Eu o queria ele como nunca quis ninguém.

— Eu quero que você... — Fechei os olhos, mas a nossa bolha foi quebrada quando o elevador se movimentou bruscamente, fazendo com que nos desequilibrássemos. Ele me segurou e senti quando a caixa de metal começou a se mover.

— Parece que voltou a funcionar — ele murmurou, ainda me olhando.

— Sim.

Nossos corpos estavam ainda mais colados, então a porta se abriu.

— Vocês estão bem? Esse elevador está um perigo! — o porteiro disse, mas eu ainda olhava para Jeferson.

Me afastei dele e, ainda que relutante, saí do elevador, sentindo o ar frio bater contra minha pele quente. Os técnicos e os bombeiros estavam ali, tinha alguns moradores também.

— Senhora, vamos ali fazer um exame... — Um bombeiro veio me puxando.

— Não precisa, estou bem, tenho que ir.

Me soltei dele e caminhei para a calçada.

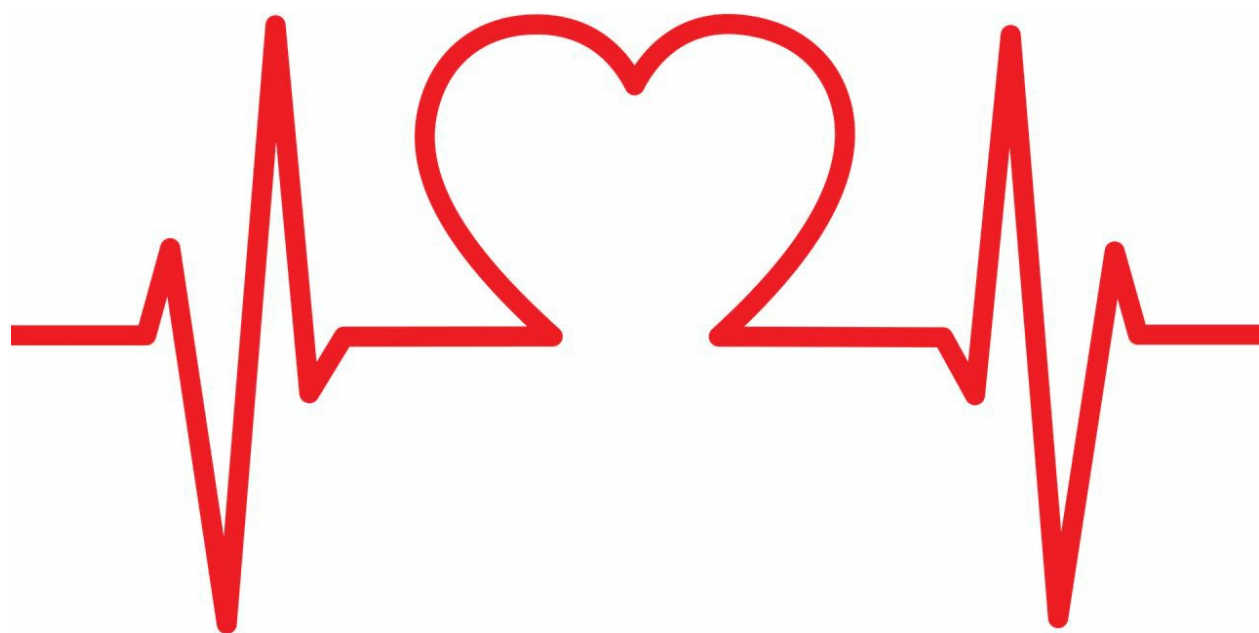
Céus! O que iria acontecer ali se aquele elevador não tivesse parado? Passei as mãos no rosto tentando recuperar meu juízo.

— Débora! — Me virei e vi Jeferson andar apressadamente em minha

direção.

— O que você...

Não tive tempo de terminar a frase. Seu corpo se chocou contra o meu, me fazendo arfar, e no segundo seguinte tudo que senti foi sua boca esmagar a minha em um beijo que me tirou o restante do juízo que eu tinha.



# Capítulo 22

*Demorei pra encontrar*

*Alguém como você*

*Que soube conversar*

*Que soube me entender*

*Então fica perto de mim*

*Esse amor nunca vai ter fim, não*

***Vem cá – Pelé MilFlows***

# Jeferson

O sabor de seu beijo era único. Me sentia como se estivesse flutuando, uma sensação que nunca havia sentido antes. Algo totalmente diferente de tudo. Seus lábios eram tão doces que eu poderia passar a noite inteira beijando-a, que eu não me cansaria.

Ela não podia sair do elevador pensando que eu não iria atrás dela. Não depois de ter sentido tudo aquilo que eu senti. Meu coração parecia querer saltar para fora do peito, parecia que eu havia corrido uma maratona. Quando não a vi mais ali, ignorei todas as perguntas e saí atrás dela. Ela havia me tirado de mim e eu só conseguia imaginar o sabor do seu beijo. Não me arrependi um segundo sequer. Na verdade, à medida que eu diminuía a intensidade dos beijos, a queria mais. Queria que ela fosse completamente minha.

— O que foi isso? — sussurrou, ainda de olhos fechados, e eu parei para contemplar essa visão. Ela parecia uma obra de arte, as bochechas estavam com um leve rubor e os lábios inchados. Não conseguindo me conter, tomei seu lábio inferior entre os dentes, mordendo para depois sugá-los de leve.

— Isso — comecei a responder sua pergunta — é o modo que queria beijar você dentro daquele elevador.



Ela abriu os olhos, me encarando.

— Não podemos... — Coloquei um dedo em seus lábios, silenciando-a.

— Podemos. Basta você me dizer que quer.

— Eu não sei nem o que é isso que está acontecendo. Eu... eu tô confusa, preciso pensar.

— Eu posso te convencer facilmente. — Segurei sua cintura e a aproximei ainda mais de mim, encostando nossos lábios.

— Você não está me ajudando, Jeferson... — falou, com um gemido misturando à voz.

*Porra, o que está acontecendo comigo?*

— Preciso ficar sozinha, apenas isso. — Ela se afastou de mim, mas ainda me olhava intensamente. Se ela continuasse assim, eu não responderia pelos meus atos.

— Débora...

— TIO JEFERSON! — Olhei para o lado e vi a Iana correndo em minha direção. Automaticamente me abaixei para abraçá-la e pegá-la no colo.

— Oi, mocinha, como vai? — Dei um beijo em seu rosto.

— Bem. Papai disse que o senhor ia cozinhar.

E eu ri, pois ela sabia que eu odiava cozinhar.

— Não sou eu...

— Como vai, Jeferson? — Akin me cumprimentou e virou o olhar para Débora. — Débora... Que prazer te ver por aqui.

— Prazer ver você também — disse ela sorrindo, e então me encarou.  
— Tenho que ir, a gente...

— Se fala depois — completei e ela assentiu.

— Você é namorada do meu tio Jeferson? — Iana perguntou e Débora arregalou os olhos.

— Não! Eu sou... sou... uma amiga. Apenas isso.

— Meu papai disse que amigos não beijam na boca — ela falou e se virou para o pai. — Posso beijar meus amigos na boca?

— Definitivamente, não, mocinha! — Akin respondeu, bravo, e eu percebi a Débora segurar o riso. — Agora desce daí e vamos lá pra dentro enquanto o Jeferson se despede da *amiga* dele.

Coloquei Iana no chão, ela deu tchau para a Débora e se afastou com o pai.

— Desculpa. Sabe como é criança.

— Sei. Tenho duas em casa.

— Será que você pode desbloquear meu número? — perguntei arqueando uma sobrancelha e ela riu.

— Vou fazer isso. A gente se fala.

— Acho que você está esquecendo uma coisa.

— O que... — A beijei novamente. Estava viciado no beijo dela.

Ela se afastou de mim sorrindo.

— Se eu não sair de uma vez você não para de me beijar — ela brincou.

— Que bom que você adivinhou! — Débora sorriu e se virou para ir embora, e eu a observei até sumir de vista.

Caminhei até o saguão do meu prédio com um sorriso no rosto.

— Amiga, né? — Akin comentou, mas havia um sorriso no seu rosto.

— Até que enfim. Você merece ser feliz, cara, e se ela for a mulher certa, você tem todo o meu apoio.

— Ainda é recente. Ainda estou descobrindo o que é isso. Vamos subir? — falei, indo em direção às compras, e eu tinha certeza de que Mariah faria picadinho de mim.

Subimos pelo elevador de serviço e eu abri a porta de casa, procurando minha amiga.

— Mariah, cheguei, aonde você está?

— Até que enfim você chegou.

Eu parei, pois minha amiga estava vindo de toalha para a sala.

— Mas que droga, Jeferson! — Akin murmurou entrando em casa e parando ao ver minha amiga. Ele se calou na hora e ela olhava para ele de olhos arregalados. Akin parecia que ficaria branco a qualquer momento.

— Não pode ser... — murmurou.

— Eu que não acredito — ela disse.

Olhei de um para o outro, tentando entender o que estava acontecendo, e me virei para Iana.

— Sabe o que está acontecendo? — sussurrei, me abaixando para ficar do tamanho dela.

— Uma vez eu estava mexendo no celular do papai e vi a foto dessa mulher em um aplicativo chamado... — Ela franziu a testa tentando lembrar o nome. — ... *Tinder*. Eu acho que ela é a namorada do papai.

Me levantei para encontrar os dois ainda se olhando, sem saber o que dizer, e eu segurei o riso. Isso era, no mínimo, estranho.

— Mariah, por que você não vai vestir uma roupa?

— Ah, meu Deus! — Ela se deu conta de que estava de toalha e

correu para dentro do quarto.

Fechei a porta e fui levar as compras para a cozinha, Akin me seguiu e se sentou à mesa, com uma expressão de incredulidade.

— Não pode ser.

— O que não pode ser? Você afim da minha amiga? Tinder, Akin? Sério?

— Nem vem! Instalei uma vez e aí vi a foto dela e deu *match*.

Sorri, incrédulo. Ainda não acreditando naquilo tudo.

Minha amiga voltou, dessa vez usava um vestido solto e os cabelos presos em um coque.

— Desculpa por aquilo. Eu ainda não estou acreditando — falou para o meu amigo.

— Nem eu.

— Isso vai ser interessante de assistir — comentei, voltando a guardar as coisas.

O destino não brincava em serviço. Não mesmo.



O jantar foi tranquilo. Conversamos amenidades, Mariah estava

gostando de conversar com a Iana e fazia a pequena sorrir sempre. Akin parecia ter sido abduzido, porque não parava de encarar minha amiga, o que achei super estranho da parte dele.

— Iana, quer ver um filme? — sugeri.

— Sim! — Ela se levantou correndo.

— As louças são por conta dos dois. Acredito que tenham muito o que conversar.

Saí da cozinha e fui atrás da Iana, que já estava sentada no sofá me esperando.

— Que tal continuar a maratona de Os Vingadores?

— Oba!

Peguei meu notebook e coloquei na Netflix. Iriamos assistir Guardiões da Galáxia 2, mas enquanto rodava os créditos peguei meu celular e havia uma mensagem que me arrancou mais um sorriso.

**Débora:** *Você vai bagunçar minha vida, eu tenho quase certeza disso.*

**Jeferson:** *Uma bagunça não faz mal a ninguém.*

**Débora:** *Para quem queria arrumar a vida eu tô começando muito bem.*

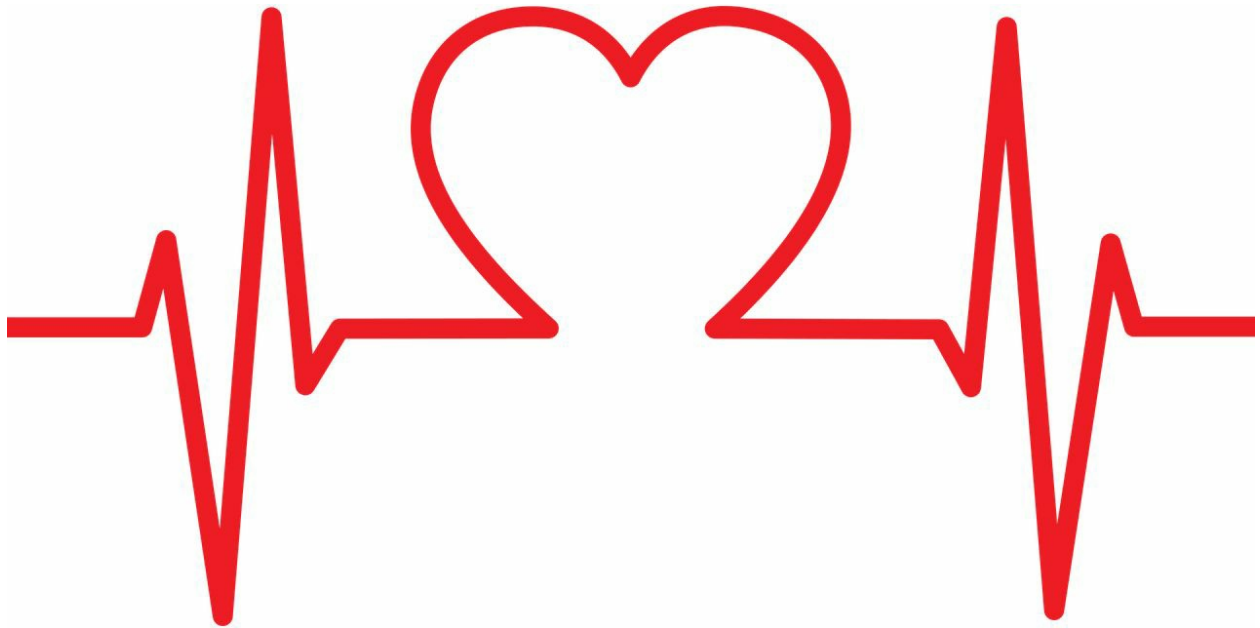
**Jeferson:** *A minha vida estava arrumada demais e você chegou bagunçando tudo, desde que te vi naquela cama. Talvez a gente se complete e consiga organizar um ao outro.*

A resposta demorou e eu não sabia se me arrependeria de ter mandado aquilo, mas a resposta dela me fez ver que não.

**Débora:** *Quem sabe a gente se completa, não é? Boa noite.*

**Jeferson:** *Boa noite.*

Acho que depois de tanto tempo a vida estava sorrindo para mim de novo.





# Capítulo 23

*Então deixa, eu tentar cuidar de você*

*Que eu deixo, pra amanhã o que eu tenho que fazer*

*Então deixa, eu tentar cuidar de você*

*Que eu deixo, pra amanhã o que eu tenho que fazer*

***Deixa – Ana Gabriela***

# Débora

Parecia que estava flutuando. Passei os dedos sobre os lábios e podia jurar que ainda os sentia formigar. Ainda podia sentir o gosto do seu beijo e passei a noite toda procurando saber o que havia sido aquilo. Foi tão de repente que fiquei desnorteada e sem reação, mas ao mesmo tempo em que foi rápido, foi tão certo e... bom.

Muito bom.

Fechei os olhos querendo voltar a sonhar com seus beijos. Era tão surreal. Como uma vontade poderia nascer desse jeito? Uma hora eu estava com raiva dele e na outra eu estava morrendo de vontade de beijá-lo, de senti-lo por completo. Quando a porta do elevador voltou a funcionar, dei graças a Deus por aquilo. Ficar presa dentro do elevador com ele me deixou vulnerável, tanto que contei tudo a ele. Desde a morte da Dani até aquele dia em que ele me encontrou na calçada. Dizer a verdade a ele fez com que eu me tornasse vulnerável. Minha proteção foi tirada e quando o senti tão próximo de mim, seus olhos parecendo duas piscinas de tão azuis, sua respiração se misturando com a minha... o desejo foi crescendo descontroladamente, somando o calor de dentro do elevador com o calor que emanava de nossos corpos.

E quando as portas se abriam eu fugi. Primeiro porque eu queria

entender o que havia acontecido ali, segundo porque queria saber de onde havia nascido aquela vontade de beijá-lo, a ânsia por ele. Porque durante todo aquele tempo eu não quis. Eu simplesmente o mantive longe de mim por conta da sua segurança e segundos depois essa necessidade de ser beijada por ele, de senti-lo, explodiu dentro de mim. Mas quem poderia imaginar que ele iria atrás de mim? E foi maravilhoso, foi perfeito, mágico. Acho que não existiam adjetivos para descrever o momento.

Meu despertador tocou, anunciando que eu tinha que levantar para ir trabalhar. Mas se eu pudesse ficaria ali deitada o dia inteiro. Corri a mão pela cama, à procura do meu celular, quando o encontrei desbloqueei a tela e a primeira coisa que vi foi uma mensagem dele.

**Jeferson:** *Eu espero que tenha um bom dia, Débora.*

*E gostaria de saber se não quer jantar comigo essa noite.*

*Podemos dar uma volta.*

*PS: Não me bloqueie de novo.*

Sorri. Eu não seria louca de fazer isso uma segunda vez.

**Débora:** *Que você tenha um bom dia também.*

*Aceito seu convite, sim.*

*Vamos combinar o horário durante o dia.*

*PS: Não vou te bloquear rsrs.*

Tomei um banho rápido e me arrumei mais rápido ainda, saí do quarto e as crianças já estavam andando como zumbis pela casa.

— Vamos acordar, vocês dois, porque vou levá-los para a escola. Andem! — falei enquanto ia para cozinha fazer o café. A Alessandra sairia mais cedo de casa naquele dia e não poderia levá-los.

— Mãe, quero ir para escola não — Thales falou, abraçando minha perna.

— Nada disso, mocinho. Você tem que ir! Onde já se viu?! — Coloquei as mãos na cintura.

— Deixa eu ficar, mãe, por favor.

— E você vai ficar sozinho, Thales? Claro que não! Anda! Vá já se arrumar, vai.

Ele foi. Resmungando, mas foi.

Voltei a fazer o café, cantarolando qualquer coisa, as lembranças do beijo ainda vivas em minha mente. Não pude deixar de sorrir ao me lembrar da mensagem que havíamos trocado mais cedo.

Mordi o lábio.

*Seria o correto a se fazer? Me envolver dessa maneira?*

— Parece que alguém viu passarinho verde essa manhã. — Virei para a trás e sorri ao ver a Alessandra colocando uma sacola com pães em cima da mesa. — Posso saber o motivo?

— As coisas estão começando a caminhar, Alessandra. — Sorri para ela e fui dar um beijo em sua testa.

— Tenho certeza que sim. O fim do pesadelo!

Sorri e voltei a coar o café.

— Não ia mais cedo para o trabalho? — perguntei.

— E vou. Só vim trazer pão para as crianças. Beijos, Débora — falou, saindo da cozinha.

— Beijos. — Coloquei a tampa na garrafa e a levei para mesa. — Crianças, o café está pronto!

Segundos depois eles apareceram, já começando a se servirem. Peguei meu celular e vi que havia mais uma mensagem do Jeferson.

**Jeferson:** *Saio do plantão às 18 horas,  
posso passar aí às 20?*

**Débora:** *Pode sim. Estarei esperando.*

— Mãe, por que a senhora está sorrindo? — Thales perguntou e eu me virei para olhá-lo.

— Porque as coisas vão começar a mudar, meu amor, e pra melhor!

— Dei um beijo nele e na Ester.

Acho que felicidade era pouco para o que eu estava sentindo.



O dia foi cansativo. Andei de um lado para o outro servindo mesas e atendendo clientes. Acho que o fato de ser sexta-feira ajudava no aumento do movimento. Resultado: fim de expediente e eu estava morta, com o corpo todo doendo e só queria minha cama. Minha sorte era que não trabalharia no dia seguinte, então poderia dormir até tarde. Bom, pelo menos tentaria fazer isso.

Cheguei a casa faltando alguns minutos para às 18, as crianças estavam assistindo televisão, focadas em um filme.

— O que estão assistindo? — Caminhei até eles e dei um beijo em cada um.

— Os vingadores, mãe — Ester respondeu e eu arqueei uma sobrancelha. — A senhora não conhece — emendou.

— Certo. Vou tomar um banho.

Um pijama gigante e minha cama seriam uma ótima pedida, se eu não

tivesse um encontro. Ele não disse se era encontro, mas nos beijamos, quer dizer, ele me beijou, e me chamou para sair, então seria um encontro? Fechei os olhos em frustração. Tinha 25 anos, mas não tinha a mínima ideia do que fazer ou como me comportar quando fosse sair com alguém.

Tive algumas experiências amorosas na época da faculdade, nada interessante, tudo muito morno e sem expectativa. Casos passageiros. Depois que a Dani morreu não quis me envolver emocionalmente com ninguém, e o fato de ser uma mulher da vida também contribuiu para isso. Quem ficaria com uma mulher que vendia seu corpo? Mas, fora isso, eu não sabia como me comportar, o que falar ou como agir.

Me sentei na cama, frustrada. Não sabia nem onde íamos, logo, o que eu poderia usar? Eu sabia que ele era um cara que possuía dinheiro, o carro, o prédio que mora, o hospital em que trabalha, tudo gritava dinheiro a quilômetros de distância.

Peguei meu celular e disquei o número da Alessandra.

— *Algum problema, Débora?*

— Pode ficar com as crianças para mim? — perguntei. Não queria abusar demais dela, mas eu não tinha coragem de deixá-los sozinhos.

— *Posso, minha querida* — respondeu. — *Mas posso saber onde você vai?*

— Eu... eu... — Era tão difícil assim dizer que eu tinha um encontro?

— Você...?

— Eu tenho um encontro — falei e fechei os olhos, mas os abri assim que ela começou a rir. — Por que está rindo?

— *Isso explica sua felicidade hoje de manhã, Débora. É claro que posso ficar com as crianças.*

— Obrigada.

— *É o médico?* — perguntou.

— Como você...

— *Querida, eu sou uma mulher com experiência, percebo de longe quando um casal começa a surgir, mesmo que nenhum dos dois se deem conta disso.*

— Sairei às 20 horas.

— *Peça para as crianças virem para cá.*

— Ok! Obrigada mais uma vez.

— *Divirta-se, meu bem.*

Encerrei a chamada, mas ainda não sabia o que usar. Deveria existir um livro chamado “o que usar no primeiro encontro”. Pouparia meus nervos.



Lancei mais um olhar para o guarda-roupa, mas nada de saber o que usar. Peguei meu celular novamente e mandei uma mensagem para o Jeferson.

**Débora:** *Aonde nós vamos?*

*Preciso ter uma ideia para saber que roupa devo usar.*

A resposta não demorou a chegar.

**Jeferson:** *Pensei em comer uma pizza. Você gosta?*

**Débora:** *Perfeito!*

Decidi que usaria um macacão que eu tinha guardado. Não usava essa peça há muito tempo. O tecido era leve, possuía manga três quartos e não ficava colado ao corpo. Passei uma maquiagem leve e um perfume que eu gostava muito. Um pequeno par de brincos fechou meu visual e eu suspirei quando me olhei no espelho.

Estava linda. Só esperava que ele achasse isso também.

Olhei no relógio, faltavam quinze minutos para às oito da noite e percebi que havia perdido quase uma hora e meia procurando uma roupa.

— Mãe, nós já estamos... Uau! A senhora tá muito linda — Thales falou, entrando no quarto. Me virei e me abaixei para ficar da altura dele.

— Gostou?

— Sim. A senhora tá muito linda — repetiu, sorrindo. — Vai sair?

— Vou sim, posso? — Ele colocou a mão no queixo e fez uma cara como se estivesse pensando.

— É com aquele homem que deu carona pra gente naquele dia?

— É sim, posso? — tornei a perguntar.

— Pode! Eu gostei dele. — Sorri e o abracei.

— Vamos, Thales. — Ester apareceu na porta. — Tá linda, mãe.

— Obrigada, meu amor. — Caminhei até ela e dei um beijo em sua testa. — Agora vão para a casa da Alessandra, vão. Cuidado, hein.

— Pode deixar — responderam em uníssono e eu sorri, os observando sair.

Dez minutos nunca pareceram tão longos antes. Eu andava de um lado para o outro, faltando abrir um buraco no chão. Nunca havia ficado tão ansiosa. Minhas mãos estavam geladas e parecia que tinha borboletas em meu estômago.

Uma batida na porta me fez parar. Devagar, caminhei até lá e abri a porta, prendendo a respiração quando o vi. Tão lindo que deveria ser proibido de andar sozinho. Seus olhos percorreram meu corpo de baixo para cima, até encontrar meus olhos e ele sorrir de lado.

— Dizer que você está linda é pouco. Se existe um adjetivo que

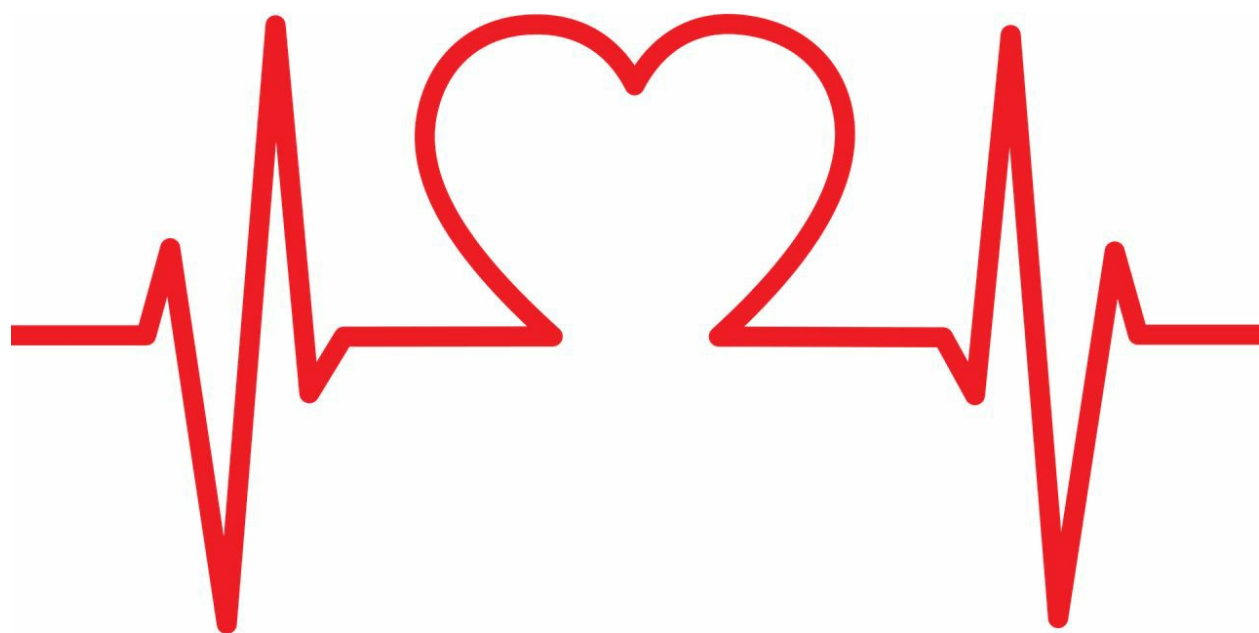
descreva sua beleza, eu desconheço. — Sorri e baixei olhar.

— Obrigada.

— Vamos?

Assenti.

*Seja o que Deus quiser e que eu não me apaixone rápido demais,*  
pensei.



# Capítulo 24

*As pessoas se apaixonam de maneiras misteriosas*

*Talvez seja tudo parte de um plano*

*Bem, eu continuarei a cometer os mesmos erros*

*Esperando que você entenda*

***Thinking Out Loud - Ed Sheeran***

# Débora

— Eu não sei o que fazer, Débora. — Me virei para o Jeferson, havíamos acabado de parar em um semáforo.

— Não sabe o quê?

— O que fazer em um encontro. Tem tanto tempo que... — Ele parou, olhando para o nada. — Na época de faculdade eu era o cara mais galinha que você consegue imaginar.

— Oh! — Por essa eu não esperava.

— Faz muito tempo que eu passei dessa fase e... — Meu celular começou a tocar e eu o peguei, pensando que poderia ser a Alessandra, mas era a Denise, minha patroa.

— Eu tenho que atender — falei, ainda estranhando a ligação.

— Pode atender.

— Alô? Denise?

— *Débora, eu sei que não deveria nem ligar para você, mas eu não sei mais o que fazer. O Luís não para de chorar por nada, eu já tentei de tudo e tem mais de 15 minutos que ele tá assim, não sei o que fazer.* — Dava para notar que ela estava chorando.

— Calma, Denise, me explica o que está acontecendo.

— *Ele não para de chorar, Débora. O meu marido não está em casa, tem um evento importante no restaurante e eu não sei...*

— Eu estou indo aí. Respira e tente acalmar o Luís.

— *Tá bom.*

Encerrei a chamada e olhei para o Jeferson. Nem havia percebido que ele tinha estacionado o carro.

— O que houve?

— O filho da Denise não para de chorar, ela está desesperada. — Parei e olhei para frente, voltando a olhá-lo em seguida. — Tenho que ir lá.

— Nós vamos, não se preocupe. — Deu partida no carro e nós seguimos para o seu prédio.



Denise havia me dado uma cópia da chave do apartamento, então rapidamente abri a porta e ouvi o choro do bebê. Corri para dentro do quarto dela, que balançava a criança e chorava junto. Ela levantou a cabeça e me viu.

— Débora...

— Estou aqui — falei, já indo até ela. — Posso? — perguntei, indicando o bebê, e ela me entregou o Luís. O pequeno não parava de chorar por um segundo.

Fiquei balançando-o por um tempo, devagar, do jeito que fiz quando o coloquei em meu colo pela primeira vez.

— Acredito que ele esteja com cólicas, Denise. — A voz do Jeferson chamou a atenção dela.

— Doutor Jeferson, não vi que você estava aí — disse ela, se sentando na cama e fazendo um coque nos cabelos.

— Vim com a Débora.

Minha patroa olhou para mim e depois para ele, então cobriu a boca com a mão.

— Meu Deus! Eu atrapalhei vocês dois! Menina, por que disse que podia vir se estava ocupada?

— Eu mesmo teria feito ela vir, Denise, não se preocupe. Mas voltando ao assunto, tem que procurar um pediatra. Acredito que ele esteja sofrendo de cólicas bem fortes.

— O que eu devo fazer? Ele não para de chorar.

— Vou preparar uma compressa para colocar na barriga dele. Vai



ajudar a aliviar as dores — Jeferson falou, já saindo do quarto.

O bebê ainda chorava muito.

— Meu filho... — Ela se aproximou de mim. — Me desculpe por ter te chamado.

— Não precisa pedir desculpas — eu disse e logo depois o Jeferson entrou com uma compressa para pôr na barriga do bebê.

— Débora, coloque ele na cama e fique mexendo as perninhas dele.

Fiz como ele ordenou e abri o macacão que bebê estava usando.

— Isso. — Ele chegou mais perto e começou a fazer a massagem na barriga do Luís, enquanto eu movimentava as perninhas dele. Depois colocou a compressa e continuei com os movimentos até que ele foi se acalmando.

— Isso aí, garotão — Jeferson disse e nos olhamos, sorrindo.

— Obrigada — sussurrei.

— Não agradeça. — Jeferson beijou a ponta do meu nariz.

Voltei a olhar para Luís e sorri. Ele estava bem mais calmo.

— Não sei nem como agradecer a vocês, de verdade.

— Não se preocupe, eu te entendo — falei.

— Agora ele dorme. Se tiver outra crise de dor, faça esse

procedimento. Sempre ajuda a aliviar as dores.

— Farei. Obrigada mais uma vez e desculpe novamente.

De novo garantimos que não foi incômodo nenhum enquanto ela nos levava até a porta, onde nos despedimentos e ele me olhou, então comentou:

— Bom, meio tarde para uma pizza agora, né?!

— Acho que sim. — Prendi o lábio inferior entre os dentes e ele observou cada movimento.

— Meu apartamento fica aqui ao lado, podemos improvisar. Mas já aviso que sou péssimo na cozinha.

Sorri para ele.

— Deu sorte, já que sou ótima em improviso.

— Então vamos.

Ele segurou minha mão e me levou para sua casa.



Resolvi preparar algo bem simples, improvisado mesmo. Ele estava me observando cozinhar, sem dizer nada.

— Ainda não sabe o que dizer? — arrisquei perguntar.

— Não. Eu fiquei tanto tempo sem tentar algo com alguém que não sei... não sei se devo falar algo, agir...

— Se ajuda, eu também não sei. Tive pouquíssimos relacionamentos e depois da boate eu não quis ficar com ninguém.

Ele se levantou e caminhou até mim.

— Acho que estamos empatados, então.

— Sim. — Ele estava cada vez mais próximo, eu não conseguia tirar os olhos dos seus. Era como se uma força me atraísse para ele, me guiando, fazendo com que meu corpo ansiasse pelo dele. — Nosso jantar... — sussurrei, já fechando os olhos quando senti suas mãos passearem pelos meus braços e um arrepio se formar em minha coluna.

— Eu queria muito esperar esse jantar. — Seus lábios passearam pela minha bochecha. — Mas eu estou me segurando para não te agarrar em cima dessa mesa aqui e agora.

Abri os olhos imediatamente, observando que suas pupilas estavam dilatadas, fazendo sumir praticamente todo o azul de seus olhos.

— Eu não vou fazer nada que você não queira, mas essa necessidade está me matando, Débora. Eu preciso sentir você. Eu quero sentir você.

Minha respiração estava ofegante, meu coração em ritmo de escola de

samba, e minha mente gritando com todas as forças o desejo por aquele homem. Me afastei dele lentamente, apenas me virando para o fogão e desligando as chamas que estavam acesas. Tomei uma respiração profunda e voltei a olhá-lo.

— É melhor desligar se quisermos evitar um acidente. — Foi o que bastou para que ele fechasse o espaço entre nós dois e me beijasse.

Não me importei com mais nada. Suas mãos seguraram firme em minha cintura e eu entrelacei seu pescoço, colando ainda mais nossos corpos. O beijo dele era exigente, me fazia querer sempre mais. Era incrivelmente pecaminoso a forma com que ele me beijava. Uma mistura de línguas e lábios, uma sincronia perfeita, uma química avassaladora que eu não sabia como tinha nascido.

Me afastei buscando ar, nossas testas coladas, meus olhos fechados, apenas absorvendo aquela sensação maravilhosa.

— Preciso de você — sussurrou, beijando meus lábios vagorosamente, me fazendo suspirar quando sentia sua barba por fazer na pele sensível do meu rosto. — Mas preciso que você me diga sim, Débora. Depois disso aqui não temos mais volta.

Abri os olhos e o encarei. Eu o queria, queria muito. Era evidente esse desejo crescendo entre nós dois. Como ele havia nascido? Eu não sei, mas era

evidente que o surto no elevador foi apenas o gatilho final para que tudo explodisse entre nós dois. Meus lábios fizeram a mesma coisa que os dele havia feito antes. Beijeí cada centímetro do seu rosto, desejando tudo e mais além.

— Preciso de você, Jeferson — sussurrei em seu ouvido e senti seus dedos apertarem ainda mais minha cintura. — Preciso tanto de você que não consigo descrever em palavras o tamanho da minha necessidade.

Ele soltou algo parecido com um rosnado e tomou minha boca em um beijo novamente. Suas mãos desceram para minha bunda e me senti sendo erguida. Passei as pernas em volta de sua cintura e ele me carregou para o seu quarto, me jogando em cima de cama.

Apoiei-me nos cotovelos e o observei se despir. Jeferson tirou os sapatos, as meias, a camisa, ficando apenas com a calça e subindo em cima da cama, vindo em minha direção como se fosse um predador. Involuntariamente me deitei e ele pairou em cima de mim.

— Eu mesmo verei o tamanho da sua necessidade.

E se me perguntassem o que aconteceu depois eu não saberia responder com veracidade de detalhes. Estava completamente presa no mundo de prazer a partir do momento que seus lábios tomaram os meus em um beijo selvagem e suas mãos passaram a explorar meu corpo por cima do

tecido fino do macacão. Minha pele em brasas anisava por ele.

— Roupas demais — murmurou em meu pescoço e me puxou para ficar sentada, então devagar ele abriu cada botão da minha roupa, até me deixar apenas com um sutiã vermelho.

Seus olhos em meus seios cobertos fizeram a umidade em minha intimidade aumentar, então ele terminou de tirar a peça pelas minhas pernas. Seu olhar passeou por cada parte do meu corpo, me deixando em chamas, porque, meu Deus... era puro desejo ali.

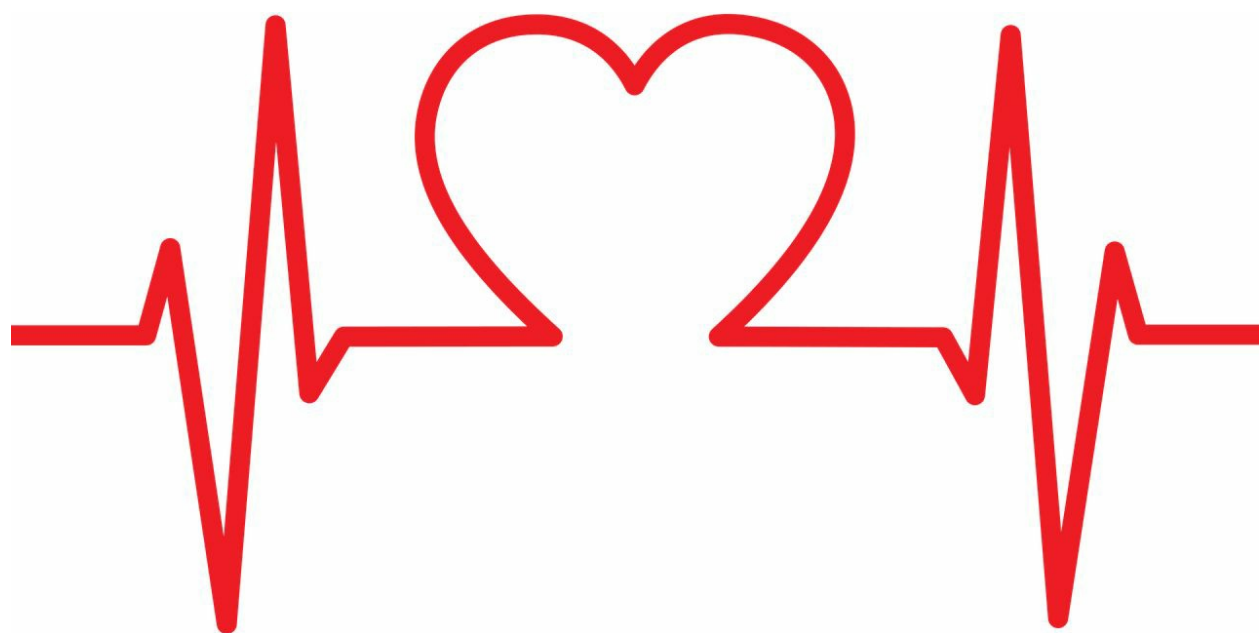
— Você é a mulher mais linda que já vi e nunca deixe que te digam o contrário.

Eu me sentia linda quando estava com ele, me sentia poderosa, e nunca havia experimentado nada disso. Essa troca de palavras na hora do sexo, essa conexão, esse tesão que era palpável... Seus lábios tocaram a pele da minha barriga, me fazendo respirar fundo.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi e eu vou te provar isso.

E eu estava ferrada, porque eu tinha certeza de que jamais encontraria alguém como ele, que me levasse ao limite como ele estava fazendo comigo.

Eu só precisava proteger meu coração. Apenas isso.



# Capítulo 25

*Tem como ser um pouco menos linda?*

*Tem como eu ser o dono da minha vida?*

*Tem como não ser assim tão perfeita?*

*Já tomou meu coração e 'tá subindo pra cabeça*

***Espaçosa Demais – Felipe Araujo***



## Jeferson

Beijei cada parte do corpo dela, sendo guiado pelos seus gemidos, pela forma como os dedos apertavam o lençol, como suas costas arqueavam. Tudo nela era perfeito. A coloquei sentada em meu colo, e esse contato fez com que eu soltasse um gemido abafado. O contato pele a pele era tortuoso e me fazia querer tocar cada pedaço dela o mais rápido possível.

Mas me contive, abaixei a alça esquerda do seu sutiã e depusitei beijos de um ombro dela até o outro, abaixando a alça direita. Minhas mãos foram até o fecho do sutiã na parte de trás e com uma habilidade que nem sabia que ainda tinha, abri, deixando-a nua da cintura para cima. Contemplei seus seios, que pediam para ser degustados. Prontamente o fiz, beijando cada mamilo demoradamente, a ouvindo suspirar.

— Jeferson... — murmurou, agarrando meus cabelos. Segurei sua cintura e ela começou a se movimentar em cima de mim.

*Porra.*

Minha sanidade ia para o espaço com ela, que continuou rebolando em cima de mim, até que jogou o pescoço para trás e aumentou o ritmo. Mas eu não queria que ela gozasse daquele jeito. Não mesmo. Mais que depressa inverti nossas posições.

— Você não vai gozar assim, loira. — Beijeí sua barriga, chegando ao cóis da calcinha. — Erga o quadril — ordenei e ela obedeceu.

Retirei a pequena peça e sem pensar duas vezes beijeí sua boceta, fazendo-a arquear e segurar meus cabelos. Ela tentou fechar as pernas, mas segurei, firmando-a contra o colchão e cada vez que minha língua chicoteava seu clitóris ela gemia e implorava por mais.

— Jeferson... — implorou.

— O que você quer? — perguntei enquanto a fodia com minha língua.

— Por favor...

Por mais que eu quisesse fazê-la desmanchar em minha boca, era no meu pau que ela iria gozar. Me afastei sob seus murmúrios e xingamentos, tirei a cueca e vesti a camisinha e cobri seu corpo com o meu. Ela estava ofegante, os olhos cheios de desejo. Beijeí a boca de Débora conforme ia entrando dentro dela. Ela gemia e arfava a cada centímetro preenchido.

— Por favor... — repetiu.

Ela não precisou dizer mais nada. Entrei totalmente e a loira arqueou as costas, então eu comecei um vai e vem lento, fazendo-a gemer e revirar os olhos a cada vez que aumentava o ritmo.

Suas mãos seguraram minhas costas e me apoiei na cabeceira da

cama, investindo mais rápido dentro dela.

— Eu vou...

— Sim... — Aumentei ainda mais o ritmo das estocadas, até gemer alto quando ela se apertou em torno de mim. Débora abriu a boca e os olhos, gozando lindamente. Afundei mais duas vezes dentro dela antes de gozar também e desabar em cima sobre seu corpo.

— Há quanto tempo você não faz isso? — Me apoiei em meus braços para vê-la melhor.

— Muito tempo — respondi e era verdade.

Não tinha essa necessidade.

— Pode melhorar mais — disse com um tom de brincadeira.

— Posso, é? — Mordi sua orelha.

— Hum hum...

— Então teremos muito trabalho.

Beije o queixo dela.

— Amo esse tipo de trabalho.

Ela voltou a me beijar, e se fosse essa mulher a me matar de tesão, eu morreria feliz.



Há anos eu não tinha uma noite de sono tão boa. Dormi tão tranquilamente e sem agitações, que eu nem conseguia acreditar. Não abri os olhos de imediato, mas podia sentir o contorno do seu corpo, seu perfume tomando conta de mim, ouvir sua respiração calma. As sensações da noite anterior ainda estavam vivas em mim, cada detalhe, cada gemido, cada toque, cada suspiro, porém, o que estava gravado em minha mente era a maneira que nos olhamos quando chegamos ao ápice. Eu não esqueceria aquela cena jamais. Foi profundo, diferente, intenso. Foi foda demais!

Senti seu corpo se movimentar e abri os olhos. Ela estava acordada.

— Acordei você? — sussurrou, a voz ainda pesada do sono.

Não respondi de imediato, mas fiquei olhando e vendo que ela era ainda mais linda quando acordava. Os olhos pequenos e inchados da noite, o sorriso preguiçoso que brincava em seus lábios.

— Não, já estava acordado. — Acariciei seu rosto e ela fechou os olhos. — Bom dia.

— Bom dia — falou e se aconchegou ainda mais em mim. Enlacei a cintura dela e posicionei sua cabeça em meu peito. — Obrigada — ela disse depois de um tempo.

— Obrigada pelo quê? — Ela se ajeitou e levantou a cabeça para me encarar.

— Por isso. Eu jamais pensei que teria alguma coisa parecida. Você fez por mim mais do que qualquer outra pessoa e não sei como agradecer.

— Eu quero fazer muito mais por você, Débora — declarei.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer, Débora, que quero estar com você. Eu não sei o que temos, mas você despertou um lado em mim que julguei estar morto. Você me despertou depois de tantos anos. Você... — Acariciei seu rosto — você me faz querer protegê-la desde a primeira vez que te vi, naquela praça chorando a morte da sua irmã. De certa forma nossa ligação começou ali, e anos depois de te reencontrar naquela cama e vê-la naquele estado, me fez querer proteger você novamente, mesmo sem saber que era você.

— Jeferson... — Coloquei um dedo em cima de seus lábios para impedi-la de falar.

— O que quero dizer, é que eu preciso que você entenda que não me importa seu passado, comentários, nada! Eu quero cuidar de você.

Ela me olhava tão intensamente, analisando cada palavra que eu havia dito, parecia em dúvida. Sabia que estava tentando assimilar tudo que eu havia dito, procurando brechas para fugir.

Me sentei e a levei junto, então, para não deixar dúvidas sobre o tudo que eu havia dito, eu a beijei. De forma lenta e calma, degustando o momento. Me afastei alguns centímetros e a encarei. Ela estava de olhos fechados, tomando respirações profundas.

— O que nós vamos ter? Eu não sei se estou preparada para...

— Não vamos rotular, vamos viver o momento. Apenas aceite que eu cuide de você, por favor...

Ela baixou o olhar e o ergueu logo depois, logo surgiu um sorriso.

— Aceito.

Uma palavra pode mudar a vida de um homem, e eu sentia que aquela mudaria minha vida para sempre. Não esperei mais nada. Apenas a beijei, fazendo-a se agarrar em mim. O beijo que antes havia sido calmo, dessa vez era selvagem e cheio de desejo. Eu me perderia naquela mulher com todo o prazer do mundo.

— Eu quero você — ela sussurrou contra meus lábios, montando em cima de mim. Estava nua e gemi quando senti sua umidade. Meu pau deu sinal de vida, despertando por completo conforme suas unhas iam me arranhando de leve.

Segurei a cintura dela de maneira firme e desci meus lábios para o seu pescoço, onde ela tombou a cabeça para o lado, me dando mais acesso.

Chupeí a pele sensível, a ouvindo gemer e se mexer ainda mais em cima de mim.

— Camisinha — murmurou ela e se levantou para pegar o pacote de preservativo em cima do criado-mudo, me dando uma visão de sua bunda perfeita. Logo ela voltou, já rasgando o pacote com os dentes e segurando meu pau. Ela o masturbou de leve, me fazendo gemer.

— Porra, loira... — gemi e ela sorriu, me olhando por cima dos cílios.

Mas ela não permaneceu muito tempo com isso, pois rapidamente colocou a camisinha em mim e se posicionou para se sentar em meu pau. Gememos com o contato.

Estava todo dentro dela, mas ela não se mexia, estava parada, olhos fechados e boca entreaberta, nossas testas coladas. Suas mãos foram para os meus ombros, e, sem aviso prévio, ela começou a rebolar em cima de mim. Segurei sua cintura, mas não a guiei. Ela sabia bem o que estava fazendo. Nossos gemidos se misturavam e o seu interior me apertava a cada vez que ela aumentava o ritmo.

Murmurávamos palavras desconexas, apenas sentindo a onda de prazer chegar cada vez mais rápido. Quando eu percebi que ela gozaria, apertei sua cintura e ditei estocadas ainda mais rápidas e intensas, fazendo-a a abrir a boca em um grito mudo ao gozar. Me liberei logo em seguida,

chamando seu nome.

— Você vai me matar, mulher — sussurrei e beijei o ombro dela.

— Não vou... — Sua testa encostou na minha e ela sorriu.

— Acho que você me deixou viciada.

— Digo o mesmo! — Beijei seus lábios e ela sorriu ainda mais. —

Vamos tomar um banho.



Eu poderia me acostumar com aquela cena, podia mesmo. Débora estava vestida em uma camisa minha, e como era alguns centímetros mais baixa que eu, a peça ficava como um vestido. Débora estava completamente deliciosa dentro da minha roupa, completando a beleza no visual com seus cabelos úmidos do banho, pés descalços e preparando o nosso café.

Eu tinha morrido e ido para o céu. Era a única explicação.

— Perdeu alguma coisa na minha bunda, doutor? — perguntou, arqueando a sobrancelha e sorrindo. Devolvi o sorriso, mas me levantei e caminhei até ela, agarrando-a por trás e sentindo seu cheiro natural, tão viciante quanto seu beijo.

— Adoro sua bunda — falei e dei um tapa que a fez soltar um



gritinho e rir depois.

A campainha do meu apartamento tocou e estranhamos.

— Será que é a Denise? — ela indagou e franziu a testa.

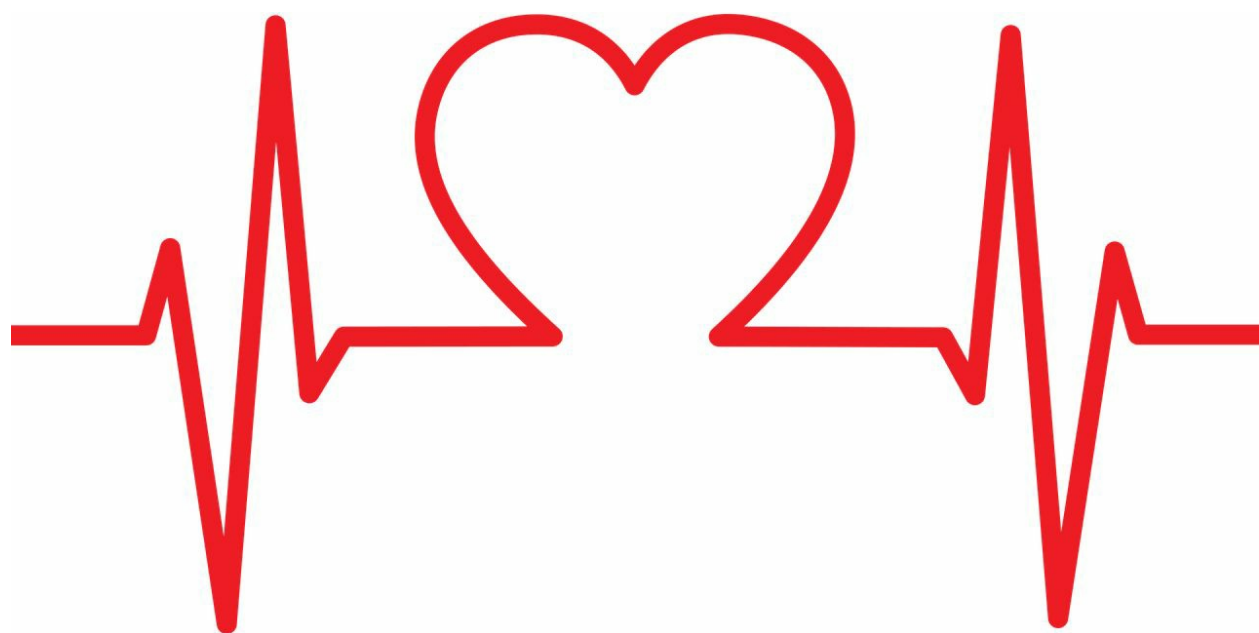
— Vamos descobrir. — Lhe dei um selinho e caminhei até a porta.

Ela me seguiu, mas preferiu ficar atrás do balcão, já que usava apenas uma camisa minha.

Abri a porta e arregalei os olhos. Mariah estava ali.

— Perdeu o celular, Jeferson? Tem duzentas ligações minhas ali! — falou ela, já entrando dentro do apartamento. — Eu sei que você... — Ela parou, fechei a porta e observei as duas loiras se encararem por alguns segundos. — Provavelmente eu não vou querer saber o que está acontecendo aqui.

Mariah olhava de mim para Débora e sorria, e eu sabia que minha amiga havia aprovado a minha escolha.



# Capítulo 26

*É como se eu tivesse sido acordada*

*Cada regra que fiz você quebrar*

*É o risco que estou correndo*

*Eu nunca vou te deixar de lado*

*Em todos os lugares que estou olhando agora*

*Estou cercada pelo o seu abraço*

*Querido, eu posso ver sua aura*

*Você sabe que é a minha graça salvadora*

***Halo - Beyoncé***

# Débora

A mulher olhava de mim para Jeferson com um sorriso no rosto e eu não estava entendendo mais nada.

— Eu não acredito que esse dia chegou! — ela disse indo em minha direção, deu a volta no balcão e nem se importou com a forma que eu estava vestida. Apenas me abraçou. — Obrigada, obrigada, obrigada — sussurrou.

— Não tem que me agradecer...

— Tenho sim. Você colocou brilho nos olhos daquele menino. Eu já não sabia o que fazer e você entrou com a solução.

Ela se afastou e deu a volta, indo em direção ao Jeferson.

— Finalmente! Eu nem consigo acreditar. Não sabe o quanto fico feliz.

— Mariah...

— Nem vem com essa. Estou orgulhosa de você.

Ela o abraçou e percebi a cumplicidade dos dois, o quanto pareciam ser unidos e uma sensação entranha tomou conta de mim e eu desviei os olhos.

— Débora — Jeferson me chamou —, essa é a Mariah, minha melhor amiga. Trabalhou comigo no Canadá e está passando alguns dias no Brasil.

— Prazer, Mariah. — Coloquei um sorriso no rosto.

— O prazer é meu, Débora, pode ter certeza. — E se virou para o Jeferson. — Eu tenho que ir. Depois nos falamos.

— Você queria alguma coisa, pode falar. — Ele cruzou os braços e ela sorriu.

— Eu me viro. Fica com a sua namorada, depois você me liga.

Então ela deu um beijo no rosto dele, acenou par mim novamente e saiu.

— Simpática sua amiga — comentei e fui me servir de café.

— Você quer dizer doida, não é? — Ele se sentou e começou a se servir também.

— Se você está dizendo... — Me sentei ao lado dele. — Ela parece se preocupar muito com você.

— Sim, ela se preocupa muito comigo. Foi a única amiga que fiz quando me mudei para o Canadá. No início, por mais que eu dissesse que não queria amizade com ninguém, ela foi insistente o suficiente para me fazer ser amigo dela.

Não falei nada, apenas olhei para ele.

— Ela é bem bonita... — Tomei um gole do meu café e ele sorriu.

— Ela é, sim, só não mais que você. — Olhei para ele. — Se eu quisesse algo com ela, teria acontecido. Ela é apenas uma amiga muito querida, quase uma irmã para mim. Nada de colocar minhocas nessa cabeça.

— Não pensei em nada.

Menti e dei de ombros, mas ele apenas sorriu.

— Claro, não pensou.

Terminamos o nosso café da manhã sem falar mais nada. Não sei de onde surgiu esse sentimento estranho quando os vi juntos. Realmente, a loira, Mariah, era linda e tinha um sorriso encantador. Me admirava eles não terem tido nada durante aqueles anos.



— Está decidido, Débora, e não vamos discutir — Jeferson falou, saindo do banheiro, abotoando a camisa.

— Não quero te dar trabalho. Você não tem que ir trabalhar?

— Sim, mas não se preocupe com isso, loira.

— Não me preocupar? Já disse que pego o ônibus e chego em casa, troco de roupa e vou *pro* trabalho.

Terminei de abotoar meu macacão.

— Loira, você vai demorar muito indo de ônibus. O que custa aceitar minha carona?

— Você tem que ir trabalhar. Não quero atrapalhar seus horários fazendo-o ir ao outro lado da cidade.

— Nada disso. Não quero saber. Vou levar você e não estou aberto a discussão.

— Homem insistente! — resmunguei, indo até o banheiro.

— Loira teimosa!

Acabei sorrindo sem ele ver. Essas pequenas discussões bobas seriam bem constantes pelo jeito. Não consegui convencê-lo a me deixar ir de ônibus, ele dizia que eu era teimosa, mas ele conseguia ser mais que eu. Estávamos no carro, quase chegando ao meu endereço, não daria o braço a torcer dizendo que se eu tivesse ido de ônibus teria demorado o dobro do tempo.

— Você não vai me levar ao trabalho! — falei no instante em que ele estacionou o carro em frente à minha casa.

— Débora...

— Não, Jeferson! Eu já disse que não! Você já me trouxe aqui e eu agradeço, mas meu trabalho é aqui perto, não tem necessidade de você me

levar até ali. Você tem que ir para o hospital. Por favor.

— Tá certo, tá certo, você venceu.

— Não foi difícil! — Me inclinei e beijei sua bochecha. — Obrigada por tudo.

Desci do carro e bati a porta, mas me virei ao ver que ele descia do carro também.

— Vou te ensinar a se despedir corretamente, loira — ele afirmou, dando a volta no carro e parando na minha frente.

— O que você... — Se existisse um prêmio para quem era mestre em beijar alguém de surpresa, Jeferson ganharia sem sombra de dúvidas.

Meu corpo foi prensado contra o carro e suas mãos agarraram minha cintura. Passei os dedos pelos seu cabelo e ele sorriu no meio beijo.

— Agora sim.

— Você não existe — falei, balançando a cabeça.

— Existo, sim. — Um beijo. — E você sabe muito bem. — Outro beijo. — Mas se você tiver esquecido eu posso lembrá-la com prazer.

Eu estava completamente ferrada. Nos beijamos mais uma vez e eu me afastei.

— Vai trabalhar. — Me beijou de novo e depois a ponta do meu



nariz.

— Vou mandar mensagem para marcamos algo.

— Ok, vou esperar.

Ele ia me beijar novamente, mas eu o afastei e saí de perto, com um sorriso no rosto.

— Até depois, doutor.

— Até mais tarde, loira.

Fiquei no portão até seu carro sumir de vista e suspirei, entrando em casa logo em seguida.

— Mãe, onde a senhora estava? — Thales perguntou, correndo até mim.

— Mamãe estava ocupada. — Sorri para ele e o peguei no colo. — Você está pesado, hein, meu amor! — Beijeí sua bochecha. — Mamãe tem que se arrumar para ir trabalhar.

— Mãe, vamos fazer sessão de cinema hoje? Por favor — pediu e eu sorri.

— Vamos fazer o que você quiser!

Falei enquanto o colocava no chão e ele pulou, gritando:

— Oba!

Sorri e fui para o meu quarto trocar de roupa. Ainda tinha que ir para o trabalho.

Parei em frente ao espelho e não contive o sorriso ao ver meu reflexo. Um mês antes eu era uma mulher que praticamente havia desistido de viver, me escondia do mundo e tinha tanto medo que não conseguia enxergar o quanto aquilo estava me fazendo mal. Tantos anos fazendo o que Henrique mandava, me humilhando, e fazendo eu me sentir indigna de tantas coisas, achando que eu merecia, que tinha culpa... mas não tinha. Henrique foi escroto, se aproveitou do meu momento de fragilidade e usou isso para me manipular, me usar e abusar de mim como bem entendia. Não me orgulhava disso. Fui fraca, confesso, mas ele era um bandido e sabia bem como me ameaçar, e para piorar, eu sabia que as ameaças não eram vazias.

Mas em frente àquele espelho em que tantas vezes eu já me olhei e me odiei, via uma mulher capaz de dar a volta por cima, de construir uma vida digna, sem medo ou pessoas apontando o dedo.

*Estou fazendo isso por você, Dani, falei para o reflexo, mas pensei melhor e balancei a cabeça. Não, estou fazendo isso por mim. Porque eu mereço o melhor.*

Terminei de me arrumar e fui dar um beijo nas crianças.

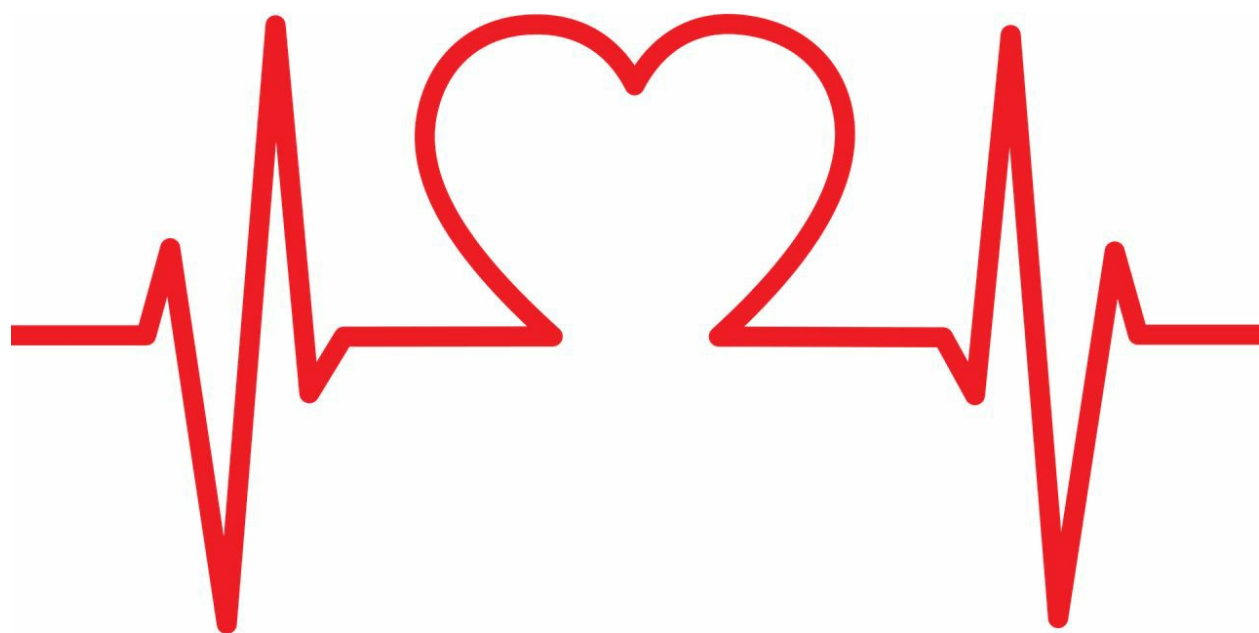
— Alessandra está aonde? — perguntei.

— Foi ao mercado e mandou a gente esperar por ela. Disse que não ia demorar. — Ester levantou os olhos do livro que estava lendo ao responder.

— Ok, estou indo trabalhar. Até mais tarde, meu amore. Amo vocês.

Saí de casa e tranquei o portão, mas parei ao sentir um calafrio percorrer meu corpo. Olhei de um lado para o outro.

Tinha alguém me vigiando, eu tinha certeza. Conhecia aquela sensação. Voltei a trancar o portão, ainda olhando para o lado, mas não havia movimentação suspeita. Enquanto Henrique não fosse encontrado pela polícia eu não ficaria satisfeita. O medo de ele querer fazer alguma coisa contra as crianças era enorme. Guardei as chaves na bolsa e caminhei em direção à lanchonete, torcendo para ser apenas coisa da minha cabeça. Tinha que ser coisa da minha cabeça.



# Capítulo 27

*O nosso santo bateu*

*O amor da sua vida sou eu*

*E tudo que é meu hoje é seu*

*E o fim nem precisa rimar*

***O nosso Santo bateu – Matheus e Kauan***

# Jeferson

— Então vocês estão namorando? — Akin perguntou.

— Não. Decidimos não rotular o que temos.

— Sempre soube que isso aconteceria com vocês dois, estava muito na cara.

— Por quê? — Me sentei ao seu lado no refeitório.

— Porque sim. Aquelas brigas sem sentido, você chamando-a de loira, essas coisas.

— Pelo menos eu não a conheci pelo Tinder. — Arqueei uma sobrancelha.

— Sabia que você iria tocar nesse assunto.

— Quero saber como essa história começou. Pode falar.

— Eu estava sem nada para fazer e decidi entrar para ver como era. Não tinha pretensão de conversar com ninguém, só que eu vi o perfil dela e tal, e quando dei por mim estávamos conversando.

Balancei a cabeça.

A situação era um tanto estranha, para não falar hilária.

— Justo a Mariah? Caramba! Você vai penar.

— Por quê? Ela parece ser uma pessoa legal, sem contar que é gata pra caralho.

Gargalhei.

— Sim, ela é linda — falei. — Mas cuidado com ela. É mais complicada do que pensa. Talvez com ela aqui no Brasil vocês se entendam.

— Não quero relacionamento, Jeferson, apenas uma foda.

— Olha aqui, Akin — comecei, assumindo um tom sério. — Você é meu amigo, mas a Mariah é como se fosse minha irmã, então a magoe e eu quebro sua cara.

— Opa! Calma, cara, não vou fazer nada que ela não queira, tá bom? Não precisa se preocupar não.

— Acho bom.

Meu celular vibrou em cima da mesa, indicando uma mensagem. Peguei o aparelho e vi uma mensagem da Débora.

**Débora:** *Está afim de um programa diferente hoje?*

Sorri. Eu faria qualquer coisa que ela me pedisse naquele momento.

**Jeferson:** *Com você eu topo qualquer coisa.*

**Débora:** *Vamos fazer uma sessão de*

*cinema aqui em casa, então? As crianças me  
pediram e eu estava devendo a elas, e  
como queria ficar com você também,  
pensei que pudesse vir.*

**Jeferson:** *Eu vou adorar. Que horas começa?*

**Débora:** *Às 21 horas tá bom pra você?*

**Jeferson:** *Perfeito! Estarei aí. Beijos.*

— Já está sorrindo feito um idiota. Apaixonou mesmo — meu amigo zombou.

— Deixa de ser idiota, Akin. Quero só ver quando chegar a sua vez.

— Vamos ver se essa vez vai chegar mesmo — comentou, por fim, se levantando e me deixando sozinho.

*Não sei porque, mas acho que essa situação vai mudar logo, pensei comigo mesmo e balancei a cabeça.*



Eu ainda estava preso nas questões administrativas do hospital, mas não via a hora de voltar a atender meus pacientes. Não sei como ficaria a situação depois que meu pai chegasse ao Brasil, no fundo torcia para que ele



assumisse o controle e me deixasse apenas naquilo que eu gostava de fazer, que era atender meus pacientes. A administração não era para mim, já havia dito isso, mas tive plena certeza depois dos dias em que me vi imerso em todas as burocracias.

— Ainda não entendo o motivo de não querer administrar tudo isso — Mariah falou enquanto andava pela sala da presidência, observando os detalhes.

— Não sirvo para ficar o dia inteiro atrás de uma mesa dando ordens, você sabe disso. Gosto de estar atendendo.

— Eu sei, mas esse hospital é o sonho do seu pai, Jeferson. — Se sentou à minha frente. — Pra quem ele vai deixar isso?

— Administradores competentes não faltam. Não ficarei longe da presidência, mas eu não quero que isso dependa de mim para funcionar.

— Eu te entendo. — Ela suspirou. — Seu pai quer me transferir para cá.

— Por quê?

— Não sei. Ele tocou no assunto um pouco antes de ter o ataque cardíaco, depois não falou mais nada a respeito.

— Irei sondar alguma coisa quando eles chegarem.

Meus pais chegariam no Brasil em uma semana e pela primeira vez estava nervoso com a presença deles. Não sabia o motivo, apenas uma certa inquietação.

— Gostei dela — Mariah disse, chamando minha atenção um tempo depois. Lhe dirigi um sorriso.

— Ela é...

— Diferente — completou. — Mas gostei. Fico feliz por você estar feliz.

— Nos conhecemos há pouco tempo e não sei como isso começou.

— Essas coisas não têm explicação mesmo, Jeferson. Acontecem do nada e quando você menos espera... pronto! A pessoa que vai mudar sua vida está diante de você.

Ela tinha o olhar perdido quando terminou de falar. Sentei ereto na cadeira e sorri.

— Isso tudo por causa do Akin? — perguntei sorrindo e ela revirou os olhos.

— Não seja idiota, Jeferson! Sabe que não tem nada a ver uma coisa com a outra. Encontrar o Akin aqui foi pura coincidência.

— Não acredito em coincidência, Mariah, acredito em destino.

— Entenda como quiser. Mas mudando de assunto... Onde a conheceu?

Olhei para o relógio e me levantei.

— Vamos indo e eu te explico no caminho.

— Fechado!

Durante o percurso até o hotel em que ela estava hospedada eu contei como a conhecia, deixando de fora a parte em que ela trabalhava como prostituta. Não cabia a mim contar. Se a minha loira quiser contar, deixarei que faça isso.

— Uau! Que filme, hein?! Nunca imaginou que pudessem ser a mesma pessoa? — perguntou assim que eu estacionei o carro em frente ao hotel.

— Não, nunca me passou pela cabeça que eu fosse reencontrar aquela mulher. Foi surreal quando descobrimos que havíamos compartilhado um momento tão triste para nós dois anos atrás.

— Imagino. O importante é que você está feliz, e eu fico feliz com isso. Sei que sofreu muito pela perda da Tati. Não a conheci, mas sei que se amavam incondicionalmente. Tenho certeza que a Débora vai te fazer feliz, Jeferson.

— Ainda é recente... — comecei, mas fui interrompido por sua risada.

— Meu bem, seus olhos brilham quando fala dela, sua expressão muda, você fica mais leve. Você está apaixonado, só não se deu conta.

— Muito cedo para tal afirmação.

— Eu te conheço, Jeferson, e sei o quanto vai negar. Mas você já está com os quatro pneus e estepe arriados por ela. — Ela abriu a porta do carro e se aproximou, dando um beijo em meu rosto. — Eu amo você. Sabe disso e torço por sua felicidade, mas pode negar o quanto quiser. Você já está apaixonado.

Mariah desceu do carro, deu a volta e me pediu para abaixar o vidro do motorista.

— Me passe o número dela, ok? Quero conhecê-la melhor — disse então se levantou e seguiu em direção à entrada do hotel.

Balancei a cabeça e segui viagem. Tinha que passar em casa, tomar um banho e ir para a casa da Débora.



# Débora

— Você está apaixonada — Alessandra apontou.

— Não! — Prendi meu cabelo em um coque baixo e procurei outro vestido dentro do guarda-roupa.

— Está sim. Não quer admitir, mas está. — Olhei para trás e a senhora que era como uma mãe para mim tinha um sorriso no rosto.

— Não quero criar esperanças, Alessandra. É algo muito recente. Não quero criar expectativas. E se não der certo?

Esse era um dos meus maiores medos. Não dar certo e eu ficar com meu coração em pedaços.

— E trazer ele aqui para casa, convidando-o para uma sessão de cinema em família, é o quê? — Alessandra se aproximou de mim. — Você já quer que isso dê certo, Débora. Falta apenas admitir.

— Não deveria ter chamado ele, não é? Deve dar tempo de ligar e desmarcar. Falo que tivemos um problema e... — Parei ao ouvir batidas na porta.

Alessandra caminhou até a janela do quarto e se virou para mim, sorrindo.

— Acho que seu namorado chegou, Débora.

— Ele não é meu namorado! — Voltei a olhar para o espelho. — A roupa está boa?

— Usava um shorts de tecido, com uma blusa de mangas curtas, mas não sabia se estava adequado para receber o meu...

Por esse motivo odiava rótulos. O que ele era meu? Amigo? Amante? Eu ficaria paranoica.

— Está linda, Débora. Agora vai logo, antes que as crianças o encham de perguntas.

Fui até ela e lhe dei um beijo.

— Te amo. Obrigada por tudo.

— Não precisa agradecer, criança. Apenas vá.

Sorri e saí do quarto. Jeferson estava sentado no sofá, sorrindo para o Thales, que estava muito feliz em lhe mostrar sua coleção de figurinhas da Marvel. Encostei no batente da porta e observei a cena. Jeferson ria enquanto Thales ia lhe mostrando o álbum alegremente.

— Eu devo ter alguma coisa na casa dos meus pais. Se quiser, posso trazer para você.

— Sério? — O rosto dele se iluminou e eu sorri, tentando conter as lágrimas nos olhos. Seria muito pedir que isso nunca acabasse?

— Claro, capitão. Eu as colecionava, mas agora não tenho mais tempo e acho que ficaria muito bem guardadas com você.

— Obrigado! — Ele se jogou nos braços do Jeferson, que por um minuto não sabia o que fazer, mas logo o abraçou de volta.

— Não perca esse homem, menina — Alessandra sussurrou, aparecendo ao meu lado. — Homens como ele estão em fase de extinção.

Acenei, ainda observando a cena. Thales se afastou e o olhar de Jeferson encontrou o meu.

— Até mais, querida — Alessandra disse, se afastando e cumprimentando o Jeferson, que caminhava em minha direção.

Já comentei que parecíamos magnetizados? Toda vez que estávamos no mesmo ambiente eu queria pular em cima dele, senti-lo. Era uma loucura.

— Olá, loira. — Sorriu para mim.

— Olá, doutor. — Sorri de volta.

— Você está linda, mas quero saber por que estava chorando.

Seus dedos tocaram a parte de baixo dos meus olhos.

— Aquilo que fez pelo Thales foi importante para ele e pare mim também.

— Quero que entenda — disse, segurando meu rosto, se aproximando

ainda mais — que eu vou fazer de tudo para ver você sorrindo. Isso se tornou meu pequeno vício.

Sorri para ele e mordi o lábio.

— Ainda tenho medo de você se arrepender.

— Não vou. Nunca me arrependi de nenhuma decisão que tomei na minha vida, não me arrependerei agora. Estou exatamente com quem eu quero estar. Já te disse, loira. Você me trouxe de volta à vida.

— E você está me mostrando o que é viver — falei simplesmente.

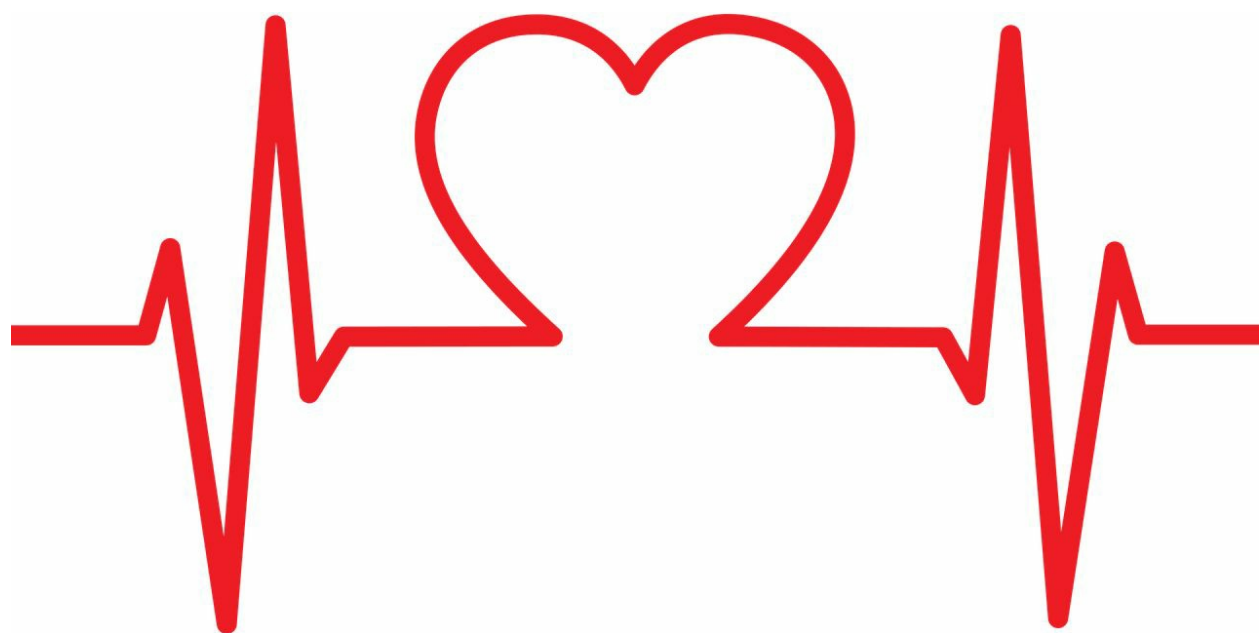
E era verdade. Não mudaria nada.

— Farei isso enquanto eu tiver oportunidade.

Seus lábios estavam já próximos dos meus, então fechei o espaço entre nós e o beijei. E como senti falta dos lábios dele.

Realmente, eu estava viciada nele. Completamente viciada. Só esperava que não existisse uma clínica de reabilitação para isso.





# Capítulo 28

*A gente se conheceu a pouco tempo*

*Mas a gente já está falando em casamento*

*Tô correndo um risco sério de viver*

*Pra sempre, com você*

*Entre um em um milhão nasce um Adão e Eva*

*Um Romeu e Julieta em meio a tantas guerras*

*Mas quando se vale a pena o amor supera*

*Não sou o anjo da guarda*

*Mas eu vou te proteger*

*Esse seu sorriso é o combustível*

*Pra eu viver*

***Pra Sempre com você – Jorge e Mateus***

# Débora

Se me perguntassem o que era felicidade eu não saberia responder. Pelo menos não como uma pessoa que vivia aquilo constantemente. Mas essa palavra tinha passado a fazer parte do meu dia. Eu sorria até para as paredes, era inevitável.

— O namoro parece que te fez bem — Rafael comentou entrando na cozinha, e eu dei um pulo de susto. Não esperava encontrá-lo em casa.

— Seu Rafael, a Denise não disse que o senhor viria para o almoço — falei para o marido da minha patroa.

— Não estava me sentindo muito bem, então resolvi ficar em casa. O pessoal dá conta do restaurante.

— Certo. — Peguei o aspirador e já estava correndo para a sala, quando sua voz me fez parar.

— Que tal fazer o almoço, Débora? Eu realmente não me sinto muito bem para cozinhar hoje e não quero pedir comida do restaurante. Quero algo bem caseiro.

— Eu? Cozinhar para o senhor? — *Droga! Isso não estava nos planos!* — Eu preciso terminar de limpar a casa, organizar e...

— Não se preocupe quanto a isso. — Ele abriu os braços e fez um

gesto indicando a cozinha. — Ela é toda sua. Me surpreenda, sei que consegue.

Então ele saiu do quarto e eu me encostei no balcão. Fazer tudo errado não era uma opção a se considerar, afinal, ele era meu chefe e tinha que fazer o que mandava.

*Certo, falei para mim mesma, respirando fundo. Você consegue, Débora! Você consegue!*

Não vi o tempo passar. Quando eu estava na cozinha, fazendo o que eu amava, perdia completamente a noção do tempo. Tudo era sobre estar ali, preparando alguma coisa, temperando, sentindo o aroma da comida tomar conta do ambiente. Cada detalhe, cada prato, tudo tinha sua peculiaridade. Era mais que cozinhar. Era amor pelo o que eu fazia, pelo que eu sentia ao ver cada receita finalizada.

Não havia feito nada de muito especial. Dei uma boa improvisada em algumas coisas, mas acho que eu consegui manter tudo dentro de um padrão. Preparei um risoto de aspargos com Fonduta de queijo, que é feito com arroz italiano, acompanhado de Bacalhau grelhado com palmito, aspargos e vinagrete; preparei também uma salada de cenoura com uvas passas. Era diferente e o sabor da uva passa quebrava um pouco de todo o tempero, sem contar que era deliciosa. Para a sobremesa, preparei um Tiramisù, uma

sobremesa italiana, que é basicamente feita de camadas de biscoito de champagne, que são embebidas no café e passadas em um creme que é feito à base de queijo mascarpone, creme de leite fresco, ovos, açúcar, vinho do tipo Marsala e polvilhadas com cacau em pó e café. Era uma delícia.

— Senti o cheiro do quarto. — Me virei e vi o Rafael encostado no batente da porta. Ele tinha um sorriso contido. — Sirva a mesa para dois, Débora, e sente-se comigo.

— Eu não sei se é uma boa...

— Apenas faça.

Concluiu e saiu. Respirei fundo e fiz o que ele mandou. Quando nos sentamos para comer, minha maior preocupação não era saber o que ele acharia do almoço, e sim o que a Denise pensaria se entrasse por aquela porta naquele instante.

— Coma, Débora — ele disse apenas isso durante toda a refeição. Não tive outra escolha a não ser apreciar o almoço.

Quando terminamos, recolhi tudo e servi a sobremesa, que ele também comeu em silêncio. Tudo isso estava me matando. Eu queria gritar e perguntar o motivo de tudo aquilo, mas quando ele terminou de comer, apoiou o cotovelo na mesa e me encarou, parecia estar se divertindo.

— Muito bem, Débora. Você passou no teste. — Enruguei a testa e

pisquei algumas vezes.

— Passei no teste? Que teste? — Confusão era meu nome do meio.

— Eu sabia que te conhecia de algum lugar, mas não me recordava de onde. Quando comentei isso com a Denise na semana passada, após você ter vindo aqui ajudá-la com o Luís, ela me contou de onde eu a conhecia.

Abaixei a cabeça.

— Ela não devia ter falado.

— Débora, eu disse naquele concurso que você tinha potencial, e pelo que me preparou aqui, ainda tem. Não menti quando disse que assim que você se formasse sua vaga de trabalho estava garantida em meu restaurante, mas anos se passaram e pelo que vejo agora, você não se formou, mas ainda cozinha eximamente bem. Quero lhe fazer outra proposta.

— Que proposta? — Estava com medo, mas também ansiosa.

— Termine sua faculdade e venha trabalhar como minha estagiária. Então, quando se formar, tem um emprego garantido em meu restaurante.

Ainda bem que eu estava sentada, se não teria caído. Ele realmente havia feito esse pedido?

— Eu...

— Pense bem, Débora — ele disse, se levantando. — Não é todo dia

que você tem a chance de se tornar uma *Sous Chef* <sup>[6]</sup> de um restaurante.

— O quê? Não pode ser...

— Há meses estou procurando alguém para colocar no lugar da Denise. Foi assim que nos conhecemos e ela se tornou minha Subchef. Nos aproximamos, apaixonamos, casamos e alguns anos depois ela me deu o Luís, com isso não encontrei ninguém a altura para o cargo. Ela não quer voltar, quer dedicar todo o tempo dela ao nosso filho, e se eu pudesse faria o mesmo. Quando ela me falou de você, não tive dúvidas de que era a pessoa perfeita para esse cargo.

— Eu preciso pensar. É muita informação para um dia.

— Claro. Tire o tempo que precisar. Assim que tomar uma decisão, me telefone. Preciso voltar para o restaurante. Até mais.

Ele saiu e me deixou sozinha, e ainda sem saber como processar todas as informações que havia derramado sobre mim.



— É uma boa oportunidade, loira — Jeferson falou do banheiro.

— Eu sei. — Conteí a ele toda a situação e ele me perguntou o porquê de eu não ter aceitado logo de cara. Estava deitada na cama dele, havia

tomado um banho e ele foi logo depois. — É a realização de um sonho.

— Exatamente. — Apareceu na porta do banheiro apenas de bermuda. — Mais um motivo para você aceitar. É tudo que você sempre sonhou.

— Voltar a faculdade depois de tantos anos parece ser algo impossível.

— Mas não é. — Jeferson sentou-se ao meu lado e me abraçou. — Você pode fazer tudo o que quiser, loira. Basta ter força de vontade e é o seu sonho. Uma oportunidade dessas não bate na sua porta duas vezes.

Sabia que ele tinha razão, mas mesmo assim ainda parecia tão, mas tão distante...

— Eu sei que você vai conseguir, Débora. Você enfrentou tanta coisa, passou por tanto aperto, e estamos falando dos seus sonhos. Mais do que nunca você deve lutar por ele.

— Obrigada. Obrigada de verdade. — Me aconcheguei ainda mais nele.

— Sempre vou estar aqui pra te apoiar, não se preocupe — ele prometeu e beijou minha testa.

Estávamos juntos há uma semana, mas parecia fazer tanto tempo. Ele



me fazia sentir em casa. Todo esse cuidado, essa proteção, tudo isso me fazia suspirar a cada vez que eu colocava a cabeça no travesseiro para dormir.

— Juro que queria ficar aqui com você aqui, nessa cama — falei, beijando o rosto dele. — Mas acho que você tem que ir buscar seus pais no aeroporto e eu tenho que ir pra lanchonete.

A contragosto me afastei dele e levantei.

— Vai comigo, loira? — perguntou.

— Já conversamos sobre isso, Jeferson, não vou com você.

Muito cedo para conhecer os pais dele. Cedo demais.

— Você é teimosa, mulher. — Olhei para ele com um sorriso nos lábios.

— Não é teimosia, é o correto.

— Tem medo dos meus pais?

— Claro que não! — rebati enquanto tirava sua camisa e vestia minha calça jeans. Na verdade, era, mas eu não admitiria.

— Eles vão amar você, loira. — Jeferson agarrou minha cintura, me

virando de frente para ele. — Não tem como alguém não gostar de você.

— Ainda é muito cedo para isso e...

— Não acho — falou.

— Mas eu acho. Estamos juntos há uma semana e...

— E parece que são anos. Vamos lá, loira. — Segurou meu rosto, me fazendo encará-lo. — Eu já disse que quero você na minha vida.

— Mas não estou?

— Não do jeito que você merece. Ainda tem medo que eu me arrependa, que eu deixe você, mas eu não vou fazer nada disso. Acho que estou me apaixonando por você, loira. Eu não imaginava, mas estou.

Suspirei com a declaração dele. Muito rápido. Definitivamente, muito rápido. Mas por que parecia ser tão certo?

*Diga a ele.*

*Diga a ele.*

*Diga a ele.*

Minha mente gritou, mas eu apenas o beijei.

— Não mereço você — falei, encostando nossas testas.

— Eu que não mereço você. É perfeita demais para mim.

— Existem pessoas perfeitas? Somos todos imperfeitos, falhos, errôneos — disse e seus dedos acariciaram meu rosto.

— É exatamente por isso que quero perguntar uma coisa.

— O quê?

— Aceita ser imperfeita ao meu lado?

Me afastei dele alguns centímetros, querendo entender a pergunta que ele havia feito. Engoli em seco, o peso de suas palavras causando impacto em mim.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, ainda tentando raciocinar.

— Loira — ele falou, sorrindo —, aceita namorar comigo?

Não esperava essa pergunta. Não naquele momento, pelo menos.

— Eu...

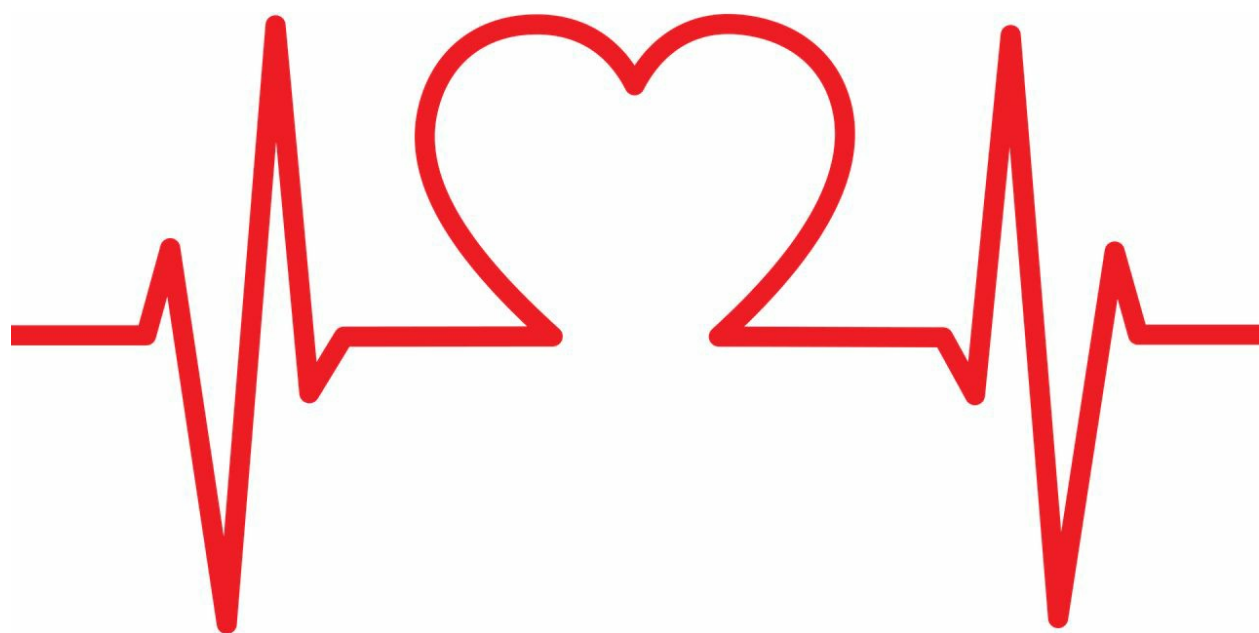
— Eu não vou me arrepender. Não estou ligando para o seu passado. O que me importa é o futuro e eu quero saber se quer estar ao meu lado. É cedo? Sim. Mas nada me faria mais feliz do que ouvir da sua boca o “sim” que eu tanto almejo.

O homem sabia como quebrar cada argumento meu. Eu estava completamente ferrada em suas mãos, não tinha mais volta.

— Eu aceito.

Então ele me beijou.

É, eu estava apaixonada. Muito apaixonada.



# Capítulo 29

*E quando o sol chegar*

*A gente ama de novo.*

*A gente liga pro povo*

*Fala que 'tá namorando*

*E casa semana que vem*

*Deixa o povo falar*

*(O que é que tem?) O que é que tem?*

*Eu quero ser lembrado com você*

*Isso não é problema de ninguém*

***O que é que tem – Jorge e Matheus***

# Jeferson

*Ela disse sim.*

*Ela disse sim.*

Ainda não estava acreditando. Poderia ser real? Eu sabia que ela ainda tinha muito medo dentro de si, mas eu faria questão de acabar com todos eles. Eu faria qualquer coisa para acabar com todos os demônios do passado dela. Um por um.

Queria ter ficado naquele quarto o restante da noite, mas ela ainda tinha que ir para a lanchonete e eu precisava buscar meus pais. Eles estavam radiantes por eu ter encontrado uma namorada. Sim, havia dito para eles que a Débora era minha namorada. O medo de ela negar meu pedido era válido, estávamos juntos há pouco tempo, mas todos diziam que estávamos namorando e nenhum de nós dois fazíamos nada para negar. Nada mais justo que oficializarmos.

Encontrei a Mariah já no aeroporto. Suas “pequenas” férias haviam sido estendidas depois que ela começou a sair com o Akin. Meu melhor amigo e minha melhor amiga estavam saindo e eu achava superestranho, porque na maioria das vezes eles só discutiam. Parece que a vida real era bem diferente da vida na internet.

— Então ela aceitou? — minha amiga perguntou.

— Sim.

— Que maravilha! Mais um motivo para eu ficar! — A encarei.

— Ficar? Pela minha loira? Acho que seu motivo não é bem esse, Mariah.

— É claro que é! Por qual motivo seria?

— Um certo médico amigo meu? — indaguei, irônico.

— Nem nos sonhos dele. Ele é apenas um caso. — Deu de ombros e se virou para olhar o portão de desembarque. Aqueles dois não me enganavam. — Eles estão vindo!

Olhei para o portão e os vi. Ambos estavam sorrindo e sorri de volta, morto de saudade deles.

— Meu filho! — minha mãe falou, me abraçando. — Que saudade!

— Também estava, mãe. Muita saudade! — A apertei em meus braços, a soltei e virei para o meu pai. — Pai!

— Meu filho — disse, abraçando-me.

— Como o senhor está? — perguntei.

— Muito melhor. Nunca me senti tão bem!



— Quero saber quando vou conhecer minha nora — minha mãe comentou.

— Logo, Dona Lourdes — falei ao pegar suas malas. — Amanhã é sábado e ela não trabalha, então vou falar para ela almoçar conosco.

— Que maravilha! Mas pelas fotos que você mandou dela, já simpatizei!

— Mandou fotos da Débora para sua mãe? — Mariah sussurrou para mim.

— Não tive outra escolha. Era fazer isso ou ela ia arrumar uma maneira de descobrir ela mesma — sussurrei de volta.

— Ela fez isso com a Tati?

— Fez — respondi e sorri. Mãe é sempre superprotetora, não importa em que lado do mundo esteja.

Guardamos as malas e entrei no banco do motorista, meu pai se sentando ao meu lado.

— Vocês vão ficar no mesmo hotel em que estou hospeda — Mariah falou. — Vão amar o local. É bem aconchegante. Serviço maravilhoso e comida divina.

— Já vi que vamos gostar — meu pai concordou.

— Pensei que ela tivesse ficado no seu apartamento, Jeferson — comentou minha mãe.

— Ela ia, mas é muito independente — falei e pelo retrovisor vi minha amiga revirar os olhos.

— Claro! Falei que você não iria gostar de ver, caso algum homem saísse do quarto.

— Droga, Mariah! — reclamei, não gostando nada da imagem que minha mente formava. — Não gostei nada de imaginar o Akin andando de cueca pela minha casa.

Ela gargalhou.

— Te garanto que a última coisa que ele usaria seria uma cueca.

— *Porra!*

— Olha a boca, Jeferson! — minha mãe ralhou.

— Quem é Akin? — Meu pai entrou na conversa.

— Um amigo meu que conheceu a Mariah pelo Tinder — respondi.

— Jeferson! — Minha amiga me deu um tapa no braço.

— O quê? Não era para contar? — perguntei.

— Vocês dois continuam parecendo duas crianças. — Meu pai

começou a rir e eu apenas balancei a cabeça.

Nem acreditava que eles estivessem ali. Faltava apenas eles conhecerem a minha loira, aí, pronto, minha felicidade estaria completa.



— Você parece feliz — meu pai comentou, se aproximando de mim. Estava na varanda do quarto deles, minha mãe havia ido até o quarto da Mariah e ficamos apenas nós dois.

— Eu estou, mas do que podia me lembrar ser. É errado? Sinto como se estivesse traindo a Tati ficando tão feliz ao lado de uma mulher.

— Você e Tatiane viveram um amor forte, daqueles que você não pode medir e duvida que vai sentir novamente. — Ele se sentou na cadeira e me chamou para sentar à sua frente. — E vocês viveram esse amor da melhor maneira possível, vivendo cada momento. Infelizmente, ela não está mais entre nós. Você sofreu o luto por tanto tempo, Jeferson, sua mãe era preocupada com você 24 horas por dia, ela tinha medo que você fizesse alguma besteira, que... — Ele fechou os olhos e segurou minha mão. — Fizemos de tudo para você sair daquele estado, até percebermos que não podemos forçar isso. Tinha que acontecer naturalmente, como aconteceu.

— Eu não imaginava que fosse encontrar alguém depois de tantos

anos. E ela apareceu, mexeu comigo, colocou minha vida de cabeça para baixo em tão pouco tempo...

— Aconteceu como tinha que acontecer. Você merece ser feliz, meu filho. Se essa moça te faz feliz, deve aproveitar cada momento.

Sorri e o abracei.

— Obrigado.

Ele se afastou.

— Tenho outro assunto para tratar com você, a respeito da presidência do hospital.

— Pai...

— Me escuta primeiro, tudo bem? — Acenei para ele continuar. — Quero colocar a Mariah como presidente do hospital.

Arregalei os olhos. Por essa eu não esperava.

— Eu acho que... É uma boa ideia? — Acabou soando como uma pergunta.

— Sim. Você não quer e eu entendo. A parte administrativa não te atrai, mas a Mariah fez administração hospitalar, acredito que ela esteja mais que pronta para esse passo. — Ele pausou, analisando a situação. — Mas farei isso apenas se você aceitar.

— Eu acho que é uma ótima oportunidade. Ela vai surtar.

— Vai sim. — Ele sorriu. — Acredito que será bom para ela.

— Ótimo! Ela vai ficar feliz! Obrigado por dar essa oportunidade a ela.

Minha mãe entrou no quarto.

— Ainda está aqui, Jeferson... — Caminhei até ela e a abracei.

— Sim, mãe, estávamos conversando.

— Amanhã almoçaremos juntos, certo? — perguntou ao alisar minha camisa.

— Sim, senhora. Irei falar com a Débora amanhã cedo.

— Estou tão feliz por você. Muito mesmo.

— Obrigado, mãe. Obrigada.

Não havia algo mais importante que o apoio dos meus pais naquele momento, porque eu não tinha dúvidas de que queria a Débora em minha vida e acredito que ela ficaria mais aliviada se minha família a apoiasse e gostasse dela. Tinha certeza que eles fariam isso.



## Débora

— Pode ir, Débora, eu fecho tudo aqui — minha patroa disse ao terminar de limpar as mesas.

— Tem certeza? Não me importo de ajudar.

— Pode ir, já está bem tarde. Seu namorado vem te buscar? — Jeferson fazia questão de ir me buscar todos os dias, mas como ele havia ido buscar os pais no aeroporto, falei que poderia ir para casa a pé.

— Não, os pais dele chegaram do Canadá e ele foi buscá-los no aeroporto.

— Então vai logo, menina. Até segunda.

— Até segunda. — Peguei minhas coisas e saí da lanchonete, me arrependendo de não ter levado uma blusa de frio. O tempo estava começando a esfriar.

Olhei de um lado para o outro e segui em direção à minha casa. As ruas já estavam vazias, passava das 11 horas da noite e por ali não era muito recomendado que se andasse nesse horário. Quando o Jeferson soube disso ficou louco e passou a me buscar todos os dias, achei fofa sua preocupação. Ele sentia minha insegurança, sabia que eu tinha medo desse relacionamento, mas fazia de tudo para eu me sentir bem ao seu lado, e estava dando certo. Eu

deveria ter dito que estava me apaixonando por ele. Na verdade, já estava, só travei na hora de dizer.

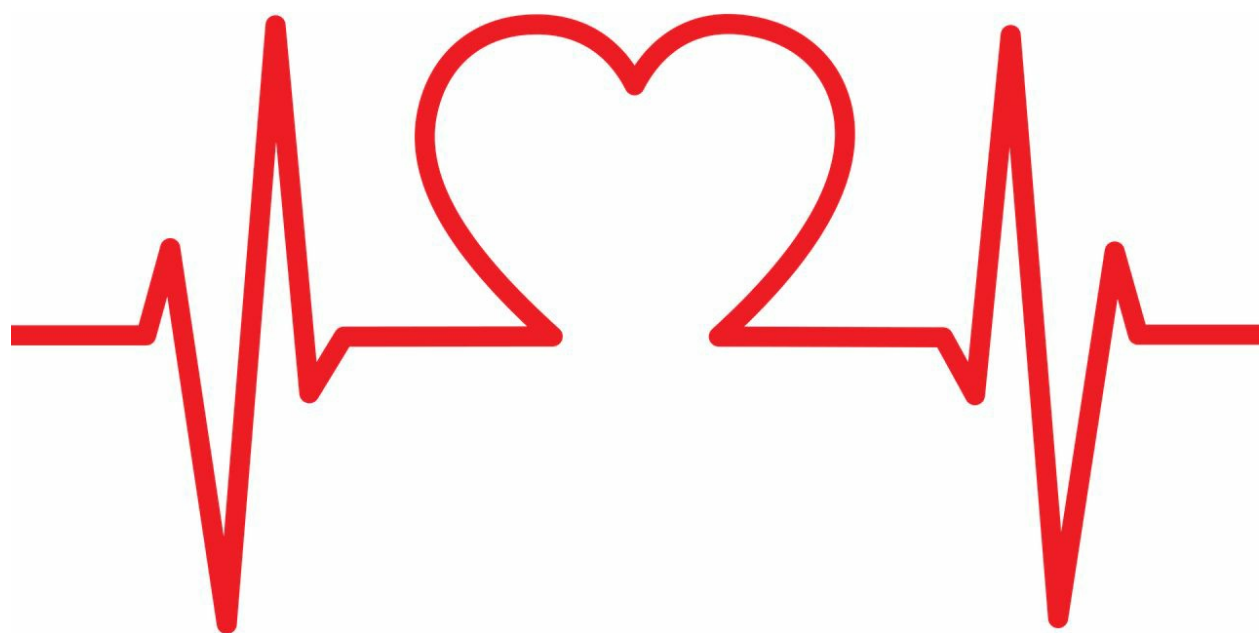
Respirei fundo, balançando a cabeça. Algumas coisas não eram tão simples. O vento mudou, deixando um cheiro que conhecia bem. Parei automaticamente. A sensação de estar sendo seguida tomou conta de mim. Olhei para todos os lados, mas as ruas estavam vazias e eu tremia tanto que não conseguia andar direito.

Uma sensação de *déjà vu* tomou conta de mim. Passei a andar devagar, olhando para todos os lados, foi então que ouvi uma pedra sendo chutada e comecei a correr. Não olhei para trás, apenas corri.

Foi o meu erro.

Senti meu corpo ser puxado e uma mão tapar minha boca. Tentei gritar, mas quem me segurava era muito forte. O cheiro de drogas, bebida e perfume barato se infiltrou no meu nariz e eu me apavorei.

— Finalmente consegui falar com você, vadia. — A voz do Henrique soou em meu ouvido.





# Capítulo 30

*Não vou desistir de nós  
Mesmo que os céus fiquem agitados  
Estou te dando todo meu amor  
Ainda estou melhorando  
E quando você precisar do seu espaço  
Para navegar um pouco  
Estarei aqui esperando pacientemente  
Para ver o que você vai encontrar  
**I won't give up- Jason Mraz***

# Jeferson

Estávamos juntos há pouco tempo, mas eu sabia reconhecer quando uma pessoa não estava bem. Ignorei as ligações da minha mãe perguntando o motivo de estarmos demorando tanto e parei o carro.

— Por que paramos? — Débora perguntou, ainda sem olhar para mim.

— O que está acontecendo?

— Nada. Por que estaria acontecendo alguma coisa?

— Você está distante, Débora. Todas as vezes que saímos de carro ficamos conversando por horas a fio e hoje você simplesmente mal me deu bom dia. Alguma coisa aconteceu.

— Só não tive uma boa noite de sono. — Ela deu de ombros, olhando para a janela.

— Olhe para mim, Débora — pedi. Nem nos meus olhos ela estava olhando.

— Por favor, Jeferson, vamos logo? Sua mãe já ligou várias vezes. — Ela tinha os olhos fechados e a cabeça encostada no vidro.

— Você está me escondendo algo — falei, dando partida.

— Você acha? Não posso ter um dia de mau humor que você vem me

dizer que estou escondendo algo?

— Débora...

— Não! Estou com dor de cabeça. Falei para você que não queria conhecer seus pais agora, mas mesmo assim você insistiu e agora está achando ruim meu mau humor? Pelo amor de Deus!

Ela voltou a encarar a janela e eu simplesmente fiquei na minha. Preferi ficar calado. Seria pior se iniciássemos uma discussão naquele momento. O restante do caminho foi feito em silêncio, nem o som do carro foi ligado e a tensão dentro do carro era palpável. Entrei com o carro direto na garagem e ela desceu imediatamente, indo para o elevador. Débora estava me ignorando completamente.

Quando paramos no nosso andar ela saiu primeiro, mas segurei no seu braço, a puxando para mim.

— O que foi agora? — Ela olhava para baixo, mas ergui seu queixo.

— O que está acontecendo, loira?

— Não está...

— Está sim e eu vejo isso, não tente mentir para mim.

— Não estou mentindo, apenas... — Percebi que tentava encontrar as palavras certas. — Apenas estou de mau humor, só isso.

Ela se soltou de mim e caminhou até meu apartamento, abrindo logo a porta.

Respirei fundo, pois algo me dizia que o dia seria difícil.

Meus pais resolveram que queriam fazer algo em meu apartamento, uma reunião mais informal, para todos ficarem à vontade. Ignorando a sensação de que algo não estava certo, entrei dentro de casa e vi minha mãe abraçando a Débora.

— Você é tão linda, criança.

— Obrigada, Dona Lourdes — agradeceu, se afastando dela.

— Meu filho, vocês demoraram. — Ela veio me abraçar.

— Tivemos que passar em um local antes.

Sorri para ela.

Para minha felicidade elas duas se deram bem e minha mãe até arrastou a loira para dentro da cozinha. Quando a viu cozinhando, ficou completamente encantada. Não tinha como não ficar. Ela parecia uma fada se movimentando dentro do ambiente. Sua desenvoltura e confiança eram extremas.

— Ela é linda, meu filho. — Meu pai se sentou ao meu lado e eu sorri de lado, ainda observando a loira.

— Sim, ela é.

— Bem diferente da Tati. Não pensei que você fosse adepto a loiras.

— Soltei uma risada.

— Loira e de língua afiada.

— Sério? — Arqueou uma sobrancelha.

— Sim, acho que foi isso que mais me atraiu nela. A forma com que ela me respondia e me tirava do sério.

— Ela parece meio abatida, aconteceu algo?

— Não sei. — Olhei para o meu pai ao dizer. — Ela está estranha desde que entrou no carro, disse que estava de mau humor, fora isso não sei. Ela não me fala.

— Então trate de descobrir. — Assenti e voltei a olhar a loira, que por um momento se virou e me olhou, como sempre acontecia quando ficávamos presos um no outro, e então ela sorriu para mim, pela primeira vez no dia, e eu sorri de volta. — Até porque o sorriso dela é muito bonito para não aparecer naquele rosto lindo. — Ele bateu em minhas costas e se afastou.

Tomei o restante da minha bebida e fui até ela.

— Mãe, irei roubar sua ajudante um minuto — falei, já puxando a Débora pela mão.

— Jeferson, deixe a menina!

— É rápido, mãe, prometo. — Dei um beijo na bochecha dela e puxei Débora até o meu quarto.

— Mas o que você... — Não dei tempo de ela falar muita coisa quando cheguei lá. A presei contra a porta, segurei seu rosto e a beijei.

Não precisei fazer mais nada. Ela cedeu ao beijo, suas mãos indo para minhas costas e eu a pressionando contra a porta. Eu queria cada pedacinho dela, queria tanto que me doía. Nos afastamos, ofegantes, e encostamos nossas testas.

— Você adora me beijar de surpresa, não é? — comentou e eu beijei a ponta do seu nariz.

— Adoro! É um dos meus hobbies preferidos. — Dei outro beijo nela e ela sorriu.

— Melhor voltarmos para a cozinha, sua mãe já já aparece aqui.

— Gostou dela?

— Amei! Ela é um doce de pessoa e me recebeu tão bem... — respondeu ela e passou as mãos pela minha camisa. — Obrigada por me apresentar a ela.

— Não precisa agradecer. — Beijei sua testa. — Faço tudo por você,

Débora. Qualquer coisa.

— Eu sei. — A voz dela estava embargada e eu ergui seu rosto.

— O que foi? — Passei meus dedos nas lágrimas que caíam pelo seu rosto.

— Eu não mereço você, não mereço... — Pressionei os lábios dela com o dedo indicador.

— Nunca fale isso, eu... — Respirei fundo. Com certeza, não poderia falar o que eu sentia. — Você é muito importante para mim e, definitivamente, mais do que imagina. Nada vai mudar isso.

— Nada? Nada mesmo? — Eu vi a dúvida em seus olhos.

— Nada, nem ninguém, vai mudar isso.

Então ela me beijou. Agarrei sua cintura e me deixei envolver por aquele beijo que tinha o gosto de suas lágrimas.

— Vamos voltar — falei, me separando dela.

— Vai na frente. — Ela tinha um pequeno sorriso no rosto. — Vou passar uma água no rosto.

— Não demora. — Lhe dei mais um selinho e saí do quarto.

Voltei para a cozinha e meus pais estavam cochichando.

— Onde ela está? — Minha mãe perguntou.

— Foi ao banheiro. — Dei um beijo na bochecha dela. — O que a senhora achou?

— Está aprovadíssima, meu filho. Não poderia desejar nora melhor!

Sabia que elas duas iriam se dar bem, sempre soube.





# Débora

Eu só sabia chorar dentro do banheiro, apenas isso. Como eu faria aquilo? Como eu poderia? Como eu teria coragem? Como eu poderia destruir a vida do único homem que me ensinou o que era amor?

Eu só queria morrer.

Meu peito apertava de tal forma que me deixava sufocada, mas eu precisava me manter calma. Eu tinha que manter a calma. Lavei o rosto e sequei, dando um tempo para tentar ficar tranquila. Não seria uma tarefa fácil, eu quebraria a confiança do Jeferson, de todos que me ajudaram, mas eu não tinha uma escolha.

Meu celular vibrou dentro do bolso, peguei e vi uma mensagem do Henrique.

**Henrique:** *Espero que tudo seja feito conforme nós combinamos, não admito falhas. Se eu sonhar que você está tentando passar por cima de uma regra minha, seu namorado morre.*

Coloquei o aparelho em cima do balcão e me olhei no espelho, me lembrando de uma conversa que tive com minha irmã quando ela estava grávida de 5 meses do Thales.



— Não pode se sujeitar a isso, Dani, tem que lutar e impedir que aquele monstro continue te machucando — falei enquanto limpava o ferimento em sua testa.

— É mais difícil do que pensa — murmurou.

— É mais difícil porque você quer. — Ela tirou minhas mãos do seu rosto e as segurou.

— Me prometa que não vai ficar refém de nenhum homem, Débora. Você é mais forte que eu, sempre foi, tem que me prometer que não vai abaixar a cabeça para nenhum deles.

— Dani...

— Me prometa, Débora, tem que me prometer. — Ela apertava as minhas mãos e eu apenas confirmei com a cabeça, recebendo um abraço dela. — Sempre existe uma maneira de sair. Por mais dolorosa que seja, sempre existe.



Pisquei.

— Loira, está tudo bem? — Jeferson perguntou, batendo na porta.

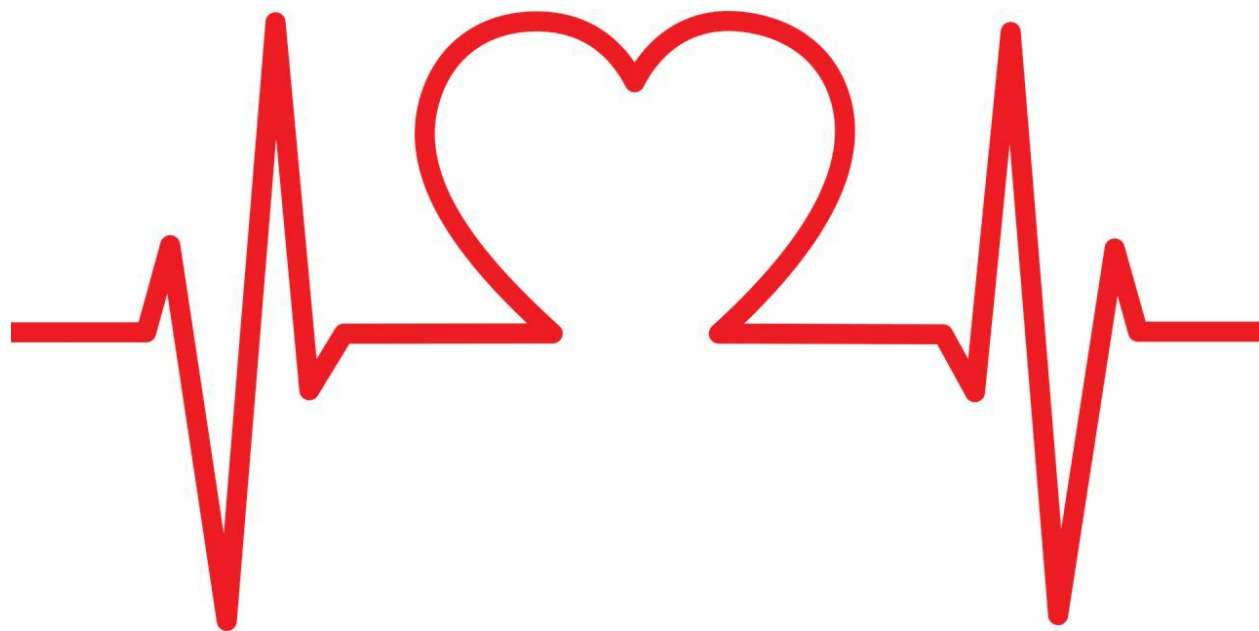
— Sim. — Guardei o celular dentro do bolso e saí do banheiro.

— Tem certeza? — Ela segurou meu rosto.

— Tenho — falei, beijando a palma de sua mão. — Vamos voltar lá para fora.

*Sempre existe uma maneira de sair. Por mais dolorosa que seja, sempre existe.*

Mas a frase da minha irmã permanecia em minha cabeça.



# Capítulo 31

*Esse é o preço que você paga  
Deixe para trás seu coração e o jogue fora  
penas mais um produto do hoje  
Melhor ser o caçador do que a presa  
E você está parado no limite, de cabeça erguida  
**Natural – Imagine Dragons***

# Débora

O almoço transcorreu sem mais nenhum problema. Dona Lourdes e seu Igor ainda tentaram me convencer a dar uma volta com eles, mas falei que estava cansada e o Jeferson disse que também estava cansado, então apenas deixamos os dois no hotel e voltamos para o apartamento.

Arrumamos a bagunça do apartamento e nos deitamos. Ele estava tão cansado que logo pegou no sono, já eu, não conseguia pregar o olho.

A conversa — se é que podemos chamar aquilo de conversa — com o Henrique foi o suficiente para colocar medo em mim. Jamais esqueceria.



*Henrique me puxou até um local mal iluminado e apontou uma arma para mim.*

*— Se você gritar, te prometo que será a última coisa que você vai fazer na vida. — Fiquei em silêncio, sentia minhas roupas empaparem de suor e minhas pernas falhariam a qualquer momento.*

*— O que você quer? — perguntei.*

*— Dinheiro, Débora. Eu quero dinheiro e você vai me ajudar a consegui-lo.*

— E por que eu ajudaria você?

— Bom, acredito que você goste muito da Ester. — O cano da arma subiu pela minha barriga e parou abaixo dos meus seios. — Do Thales. — Subiu a arma até o meu pescoço. — Daquela velha intrometida. Alessandra, não é? — E por fim, a arma estava apontada para o meu rosto, mas em nenhum momento eu vacilei. Permaneci com os olhos nele. — Parece estar muito interessada naquele médico que cuidou de você. Jeferson, não é?

Engoli em seco. Eu sabia onde ele queria chegar.

— O que você quer? — perguntei novamente.

— Parece que você vai resolver me ajudar... Que maravilha! O plano é bem simples, você vai ver. Eu só preciso fugir do país.

O plano simples do Henrique consistia em roubar a casa do meu namorado. Eu permitiria a passagem dele para dentro do prédio, o ajudaria a entrar na casa e ele roubaria tudo. Meu maior problema era o Jeferson, mas ele me deu a resposta antes que eu perguntasse.

— Isso aqui irá fazê-lo apagar por algumas horas. Você o faz beber e podemos trabalhar em paz — ele disse e me entregou um frasco preto.

— Você é doente.

— E você sabe que eu ameaço e cumpro, então vamos logo com isso.



Depois que os pais do Jeferson foram embora, servi um copo de suco a ele e coloquei o sonífero. Agiu mais rápido que eu imaginava. Me levantei da cama com cuidado, mesmo sabendo que ele não acordaria tão cedo, e fui para a sala. Ao me sentar no sofá, peguei o celular que eu havia pego dentro da bolsa da Dona Lourdes. Eu tinha que ser cautelosa, não podia nem confiar em usar meu aparelho.

O único erro do Henrique foi me subestimar.

Estava correndo um risco? Muito! Mas aquele bandido tinha que ir para a cadeia.

**Débora:** *Tudo pronto por aqui, apenas esperando.*

**Delegada:** *Estaremos de olho, Débora. Não se preocupe, esse homem não vai encostar em você.*

Havia entrado em contato com a delegada um pouco mais cedo e ela ficou surpresa com tudo que eu havia falado. Combinamos uma ação, na qual eu era a peça principal do jogo.

Meu celular vibrou, chamando minha atenção.

**Henrique:** *Estou aqui. Autorize minha entrada.*



Com uma última espiada no quarto, caminhei até o interfone e liguei para o porteiro, autorizando a subida do “entregador de pizza”.

Eu andava de um lado para o outro, coração na mão e medo do que poderia acontecer.

Então a campainha tocou e eu soube que era a hora. Respirei fundo e fui abrir a porta.

— Você é uma boa, menina, Débora — falou, já entrando. — Se deu bem. Bairro nobre, apartamento caro, carro do ano e o mais importante, herdeiro do hospital Amorim. — Arregalei os olhos e fechei a porta.

— O que disse?

— Parece que alguém aqui não sabe algumas coisas sobre o namorado, mas isso não é assunto meu, certo?

— Desde quando isso importa para você?

— Eu só quero o meu dinheiro, Débora — falou. — Diga onde está.

— Pode procurar à vontade. Eu não sei onde tem dinheiro aqui, nunca tive a curiosidade de procurar — respondi.

— Então vamos procurar junto. Cartões de crédito, senhas, objetos de valor. Tudo que possamos usar para fugirmos.

Ele se aproximou de mim.

— Fugirmos? — Engoli em seco.

— Claro? Ou você pensou que eu iria deixar você? — Ele riu e se aproximou de mim, segurando meu cabelo com força. — Quando vai entender que nunca vai se livrar de mim, Débora? Quando vai entender que estamos conectados até a morte. Se eu morrer, você morre junto.

— Eu odeio você! — Tentei colocar todo o ódio que estava sentindo na minha voz.

— Eu sei, eu sei, mas esse ódio vai passar. — Ele puxou meu cabelo e eu soltei um grito de dor. — Vamos fazer uma limpa por aqui, começando pelo escritório.

— Você é um monstro. Um monstro.

— Já fui chamado de coisas piores. — Começou a puxar meu cabelo, me levando-me em direção ao escritório.

— Você está me machucando!

— Foda-se! Vamos pegar as coisas e ir embora daqui... — Tentei me soltar, mas ele puxou meu cabelo com mais força.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

Tudo aconteceu muito rápido. No segundo seguinte Henrique me tinha presa por um braço e uma arma apontada em minha cabeça. Jeferson

encarava a situação com os olhos arregalados.

— Larga essa arma — pediu, colocando as mãos para cima.

— Por que eu largaria? — perguntou. — Ela é tão linda, não é? Era minha melhor prostituta, fazia o que mandava com perfeição...

Ele alisou meu rosto com a arma, a situação fora do controle e a polícia não chegava.

— Podemos negociar...

— Vamos negociar, gostei. Quero 500 mil na minha conta, quero um carro, e ela como garantia de que você não vai chamar a polícia.

— Você não está pensando que eu vou aceitar isso, certo? — Jeferson questionou.

— Então já se despeça da sua namorada. Talvez nos próximos minutos ela não esteja viva — Henrique disse, aumentando ainda mais a pressão da arma em minha cabeça. Eu suava frio e minhas pernas tremiam, a sensação era pior que na noite anterior.

— Eu vou fazer a transferência do dinheiro que tem na minha conta.

— Ótimo! Estamos entrando em um acordo.

— Mas eu quero *ela*, você não pode levá-la. Não vou admitir isso.

— Realmente se apaixonou por ela, não é? Linda, esperta... Também

me apaixonaria, talvez eu seja, não sei. Mas eu estou com ela há mais tempo que você. Acha mesmo que vou incluí-la nos termos? Não mesmo.

Então o seu celular tocou, nos dando a oportunidade perfeita. Bati a cabeça contra seu queixo e me livre, Jeferson partiu para cima dele. Eu me afastava à medida que eles trocavam socos entre si, olhei por todo lado à procura de alguma coisa que pudesse ajudar o Jeferson, até que eu vi a arma do Henrique jogada em baixo da cadeira. Ele a havia deixado cair. Corri até lá e peguei o objeto, minhas mãos tremendo a todo instante, mas apontei a arma para o homem que destruiu minha vida por completo.

— Larga *ele* — pedi, enquanto lágrimas nublavam minha visão. Henrique me olhou e depois deu outro soco no Jeferson. — Eu disse para largar! — gritei.

— Você não consegue fazer isso. — O deboche em sua voz era notável. — É inocente demais para matar uma pessoa.

— Será? Você destruiu a minha vida, Henrique! Você destruiu a vida da minha irmã! Ela tinha tantos sonhos, ela tinha tantos projetos, e você acabou com tudo. — Eu queria acabar com ele, igual ele havia feito comigo.

— Eu fiz o melhor para vocês — disse e soltou o Jeferson, começando a se aproximar de mim, mas dessa vez eu não iria recuar.

— O melhor? Chama isso de melhor? — Ri. Ele era completamente

doente. — Você me obrigou a entrar para a prostituição, me bateu... você é um monstro!

— Então atira em mim, Débora. — Abriu os braços. — Atira e acaba de vez com todo o seu sofrimento. Vingue a morte da sua irmãzinha querida, vamos lá, é só apertar a porra do gatilho!

Meu coração estava acelerado e eu respirava rapidamente, engatilhei a arma e ele arregalou os olhos.

— Débora, não faça isso! — Era a voz da delegada. Quando ela havia chegado?

— Ele acabou comigo... — sussurrei.

— Não vale a pena fazer isso com você, Débora. Você não é igual a ele.

— Ele me destruiu... — murmurei, dessa vez me aproximando mais dele, até a arma estar encostada em seu peito.

— Meu amor, não faça isso, por favor — Jeferson suplicou. — Você não é ele, amor, você não paga o mal com o mal. Ele vai pagar por tudo que fez na cadeia, como merece. Não entregue sua vida por causa desse monstro.

Henrique deu um sorriso de lado.

— Acabe com isso logo, Débora. Atire! É isso que você quer fazer.

— Você vai pagar por todos os seus crimes, mas é dentro da prisão. Eu não tenho o direito de tirar uma vida por mais desprezível que ela seja. — Então abaixei a arma e a polícia entrou rapidamente para prendê-lo.

Senti braços fortes me amparando e abracei o Jeferson, chorando em seu peito.

— Acabou, meu amor. — Ele alisava meu cabelo e me apertava ainda mais. — Ele nunca mais vai fazer mal a ninguém.

Me afastei dele e o olhei.

— Me perdoa, por favor...

— Não tem que me pedir perdão. Você não errou, você lutou bravamente e se livrou dele. — Segurei meu rosto. — Estou orgulhoso de você, Débora. Muito orgulhoso.

O abracei mais forte.

— Nós o levaremos para a delegacia. — Me virei e vi a delegada Geovana.

— Obrigada, delegada — agradei.

— Fizemos nosso trabalho. — Ela sorriu, mas logo esse sorriso sumiu. — Preciso que venha comigo até a delegacia. Precisa depor sobre tudo que aconteceu hoje, o sequestro de ontem...

— Sequestro? — Olhei para Jeferson e acariciei o seu rosto.

— Eu estou bem, prometo — falei e me virei para a mulher que havia me ajudado. — Iremos para lá agora mesmo.

— Certo. Estaremos esperando. — Ela se virou e saiu.

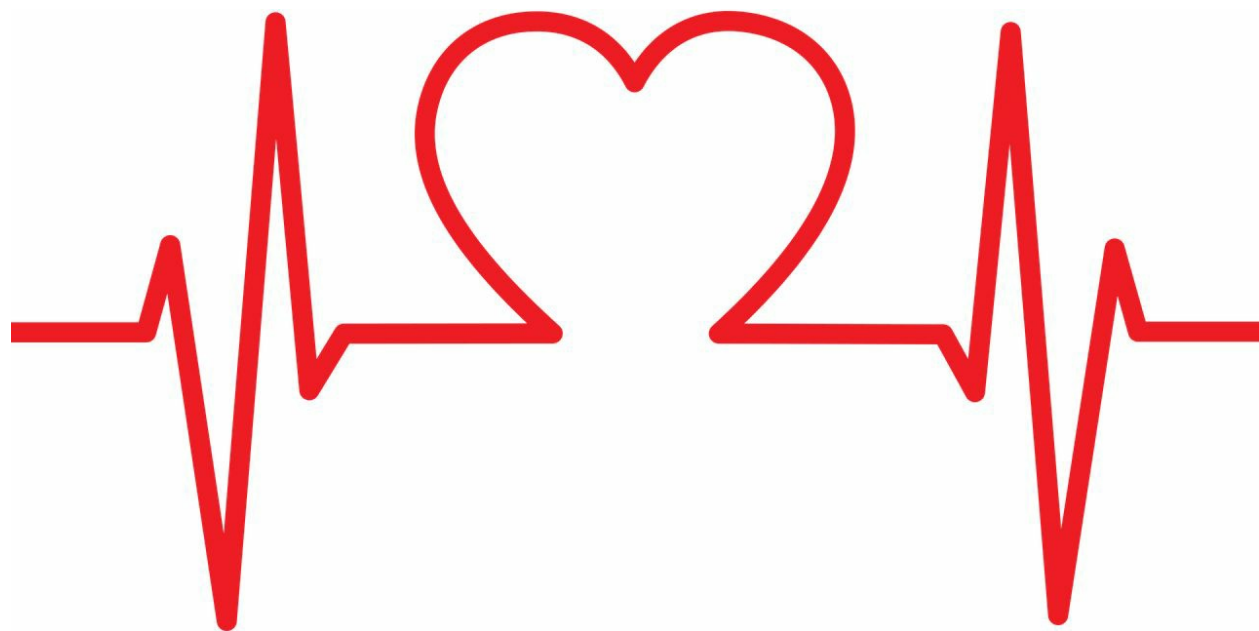
Voltei a olhar para o homem de quem coloquei a vida em risco.

— Eu...

— Está tudo bem, amor. Está tudo bem. — Ele me abraçou. — Esse pesadelo acabou, agora vamos viver em paz.

— Sim, nós vamos. — Fechei os olhos, sendo envolvida por todo o seu carinho e proteção.

Tudo iria ficar bem.





# Capítulo 32

*E eu preciso que você saiba que estamos*

*Entrando nessa tão rápido, caindo como as estrelas*

*Nos apaixonando*

*E não tenho medo de dizer essas palavras*

*Com você estou seguro, estamos caindo como as estrelas*

*Estamos nos apaixonando*

***Falling Like The Stars – James Arthur***

## Jeferson

A noite anterior foi um borrão. Tantos acontecimentos em poucas horas, tantas descobertas que me faziam querer gritar. O pior foi saber que o Henrique havia ameaçado a Débora na sexta, e eu queria matá-lo por isso. Entendi seu comportamento de antes. Fazia mais sentindo do que o mau humor que alegava sentir.

O depoimento dela durou mais de 4 horas, ela pediu para eu não ouvir, mas ficar andando de um lado para o outro também não era uma opção. Eu queria consolá-la, dizer que tudo ficaria bem, que ficaríamos juntos, que enfrentaríamos tudo lado a lado. Essa angústia me matava.

Quando ela finalmente saiu da sala eu corri para abraçá-la. Se pudesse ficaria o dia inteiro grudado com ela.

— Acabou — ela disse ao se afastar de mim. — Esse pesadelo todo acabou e eu não consigo acreditar.

Beijei sua testa.

— Pois acredite, porque a partir de agora você vai viver uma vida nova.

Ela me abraçou novamente e eu inalei seu perfume, me dando conta de que ele conseguia me acalmar completamente.

— Vamos para casa. — Me afastei dela e entrelacei nossos dedos.

— Eu vou cuidar de você.



As semanas que se seguiram foram conturbadas. Uma semana depois da prisão do Henrique, a delegada nos ligou informando que o filho da puta havia virado puta de bandido. Não com essas palavras, é claro, mas ele havia tentado dar uma de superior onde não conhecia e foi abusado de todas as formas que se poderia imaginar, e eu achei bem feito. Merecia ter morrido por todo o mal que causou. Não só para a Débora, mas todas as meninas que chegaram a trabalhar naquela maldita boate.

A Débora decidiu contar ao meus pais, para Mariah e aos seus patrões, Denise e Rafael, toda a verdade. Disse a ela que não precisava, mas ela insistiu. Todos ficaram chocado no início e eu tive que segurar sua mão para ela parar de tremer.

Eu sabia o quão difícil estava sendo, a dor que era falar de seu passado, mas ela foi tão forte em todos os momentos que isso só me fez admirá-la ainda mais e me apaixonar por ela ainda mais também. Mariah foi a primeira a dizer que o passado não importava, que ela era uma nova mulher. Denise e Rafael agradeceram a confiança que ela depositou neles ao contar

tudo e disseram que a opinião deles em relação ao caráter dela também não mudou, e o *Chef* ainda disse que se sentiria honrado se ela aceitasse a proposta que ele havia feito. Olhei para a loira, mas ela apenas sorriu e disse que ainda estava pensando. Meu pai comentou que ela não tinha culpa de nada, foi vítima e merecia ser feliz dali para frente, minha mãe era a única calada e eu percebia o nervosismo da Débora.

— Mãe — disse, tentando entender o que sua expressão significava.

— Eu quero a felicidade do meu filho, Débora. — Ela esticou a mão, chamando-a. — E eu vejo nos olhos dos dois que existe isso. Eu pedi a Deus que ele mandasse uma mulher para que meu filho pudesse voltar à vida e você chegou fazendo isso, trazendo-o de volta.

— Não, dona Lourdes — ela disse sorrindo e se virou para me olhar —, nós dois nos trouxemos de volta. Estávamos perdidos e nos encontramos. Eu só tenho motivo para sorrir, porque eu acredito que nos encontramos a primeira vez nos perdendo — citou nosso primeiro encontro — e anos depois nos reencontrando, em todos os sentidos. Seu filho mudou minha vida, enxergou mais do que as pessoas podiam ver e isso me assustou muito, mas não dava para negar o quão ligados nós já estávamos.

— Eu não me importo com seu passado, meu bem, mas eu vejo um futuro brilhante para vocês dois. Agora me dê um abraço. — Minha loira a

abraçou e eu respirei aliviado.

Tudo estava se encaixando.



— Então vocês vão casar se mesmo? — perguntei, olhando para o convite que a Bruna tinha à minha frente.

— Sim, já está passando da hora — comentou, passando a mão na barriga.

— Já sabe o que é?

— Ainda não. Queremos fazer suspense até o nascimento, mas o Fellipo é ansioso, não sei vai aguentar esperar.

— Estarei lá, não se preocupe — falei, guardando o envelope em minha gaveta.

— E quando eu irei conhecê-la? — perguntou ela, se referindo a Débora.

— Logo. Prometo.

— Vamos marcar um almoço lá em casa, leve-a. — Assenti e ela colocou a mão estendida em cima da mesa, a segurei. — A Tati ficaria feliz de ver que você seguiu em frente, e eu estou muito feliz por você, de verdade.

— Obrigado, Bruna. — Beijeí sua mão.

Ela sorriu e nos despedimos. Voltei à minha mesa e comecei a ler o prontuário de um paciente, mas meu telefone tocou.

— *Doutor Jeferson, sua presença é solicitada na sala da presidência.*

— Estou indo, obrigado.

Havia se passado um mês e muita coisa tinha acontecido. Uma delas foi a mudança definitiva da Mariah para o Brasil. Minha amiga ficou emocionada ao saber que meu pai a nomearia como presidente do Hospital Amorim no Brasil, e desde que havia assumido a presidência ela mostrava o quão apta estava para esse cargo.

Cheguei em sua sala e entrei logo, ela estava concentrada na tela do computador.

— Doutora...

Ela me olhou e sorriu.

— Sente-se, Jeferson. — Me sentei.

— Como você está? — perguntei.

— Bem, feliz, cansada, realizada. Tudo ao mesmo tempo.

— Isso é bom. Meu pai sabe o que faz.

— Sim, ele sabe. — Suspirou.

— O que houve? — perguntei, sabendo que tinha alguma coisa estranha.

— Rompi com o Akin. — Arqueei uma sobrancelha.

Eu nem sabia que eles tinham alguma coisa. Sempre que eu perguntava a qualquer um dos dois sobre a relação, era a mesma resposta: “somos apenas amigos”.

— Romperam uma relação de amigos? — questionei e ela revirou os olhos.

— O babaca do seu amigo disse que não iria ficar com uma mulher que ganha mais do que ele! Tem como ser mais imbecil?

— Vocês dois se acertam.

— Não, não vamos nos acertar. Não quero ver aquele homem na minha frente nem pintado de ouro!

Preferi não discutir. A relação deles era recente e logo os dois se entenderiam.



Cheguei em meu apartamento já indo direto tomar um banho. Queria tirar o cheiro de hospital da minha roupa. Tinha que ligar para Débora e saber como havia sido o dia dela. Ela estava correndo atrás de sua graduação na antiga faculdade e com a ajuda do Rafael, conseguiu retomar o curso. Suas aulas voltariam em alguns dias, então mal tinha tempo de ficar com ela. Ainda mais que ela começaria a trabalhar em seu restaurante.

Me enrolei na toalha e fui buscar uma roupa, vesti uma bermuda e uma camiseta fresca, peguei meu celular e disquei o número da Débora enquanto ia até a cozinha preparar algo para comer, mas parei ao ver a mesa de jantar posta para duas pessoas e minha loira encostada no balcão, sorrindo para mim.

— O que é isso? — perguntei.

— Eu jurei que você veria assim que chegasse em casa.

— Cansaço falou mais alto — justifiquei e me aproximei dela, beijando seus lábios levemente. — Está tão linda. O que é tudo isso?

— Isso é um jantar especial para nós dois. Eu mesma fiz tudo, espero que você goste.

— Eu gosto de tudo que você faz. — Beije a ponta de seu nariz, mas não deixei que ela se afastasse de mim. — Estou com saudades suas, queria te fazer um pedido.



— Que pedido?

— Vem morar comigo?

— Morar? Não acha que está muito cedo? E tem as crianças e...

— Não... está no tempo certo. Eu não ligo. Quero você ao meu lado, quero você na minha vida, quero você pra sempre ao meu lado. — Segurei seu rosto em minhas mãos. — Eu amo você, Débora.

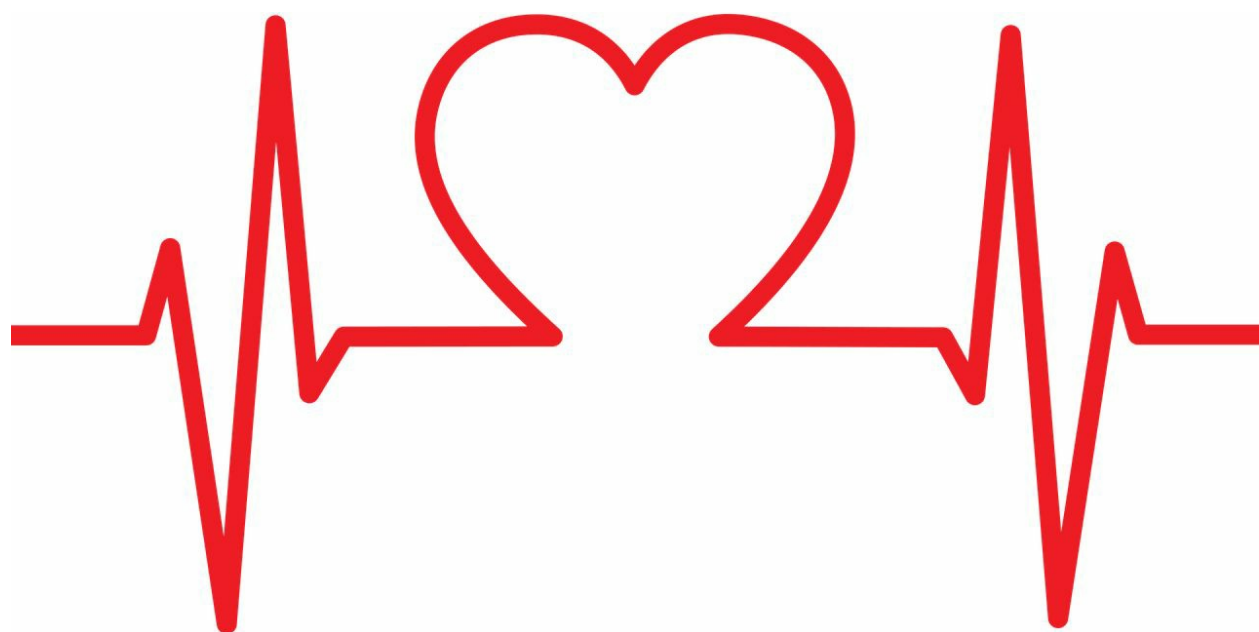
— Eu também amo você, Jeferson. Sou completamente apaixonada por você. Ficar longe de você parece me sufocar. Eu amo você! Amo você!

Beijei seu rosto e por fim sua boca.

— Fica comigo?

— Para sempre — completou, sorrindo e me beijando.

Nosso jantar ficou esquecido, mas a fome que eu tinha dela era maior do que qualquer coisa naquele momento.



# Capítulo 33

*Você sabe que eu preciso de alguém*

*Você sabe que eu preciso de alguém*

*Alguém como você*

***Use Somebody -Kings of Leon***

# Débora

## 2 MESES DEPOIS

Eu estava atrasada para o trabalho. Superatrasada. Trabalhar como estagiária do melhor *chef* de São Paulo era ótimo, apenas as responsabilidades que eram gigantes. Ainda peguei um engarrafamento na saída da faculdade, mandei uma mensagem para o Rafael avisando do imprevisto e que faria de tudo para chegar a tempo.

Cheguei 30 minutos depois no restaurante, entrei pela cozinha cumprimentando o pessoal e indo para a ala dos funcionários me trocar. Vesti minha roupa, preni o cabelo e voltei para a cozinha.

— O que temos hoje? — perguntei, já indo para o meu posto.

— Muitos pedidos do molho especial — Margareth disse. — O chefe pediu para você subir para a sala dele, precisa falar com você.

— Estou indo, obrigada.

Dei meia volta e entrei na sala do Rafael, Denise estava ali com Luís.

— Débora, que bom te ver! — disse, vindo me abraçar.

— Que saudade. — Me afastei e me virei para o meu chefe. — Pediu para falar comigo?

— Sim, estaremos recebendo um evento grande daqui um mês e você

será a responsável pela cozinha, ficarei na parte da organização.

— Oi? — Imaginei que não tivesse ouvido direito.

— Isso mesmo, Débora. Você é capaz de comandar e organizar a cozinha sozinha, sei disso. Por isso estou te dando essa oportunidade.

Eu não sabia o que responder, vinha mais cedo do que eu esperava.

— Eu agradeço a confiança depositada em mim.

— Você faz por merecer, querida — Denise falou. — Mas eu vim aqui para falar com você e não com o meu marido.

— Fui trocado? — perguntou, rindo.

— Claro! Sou muito mais bonita que você! — falei e ele revirou os olhos. — Vou estar na minha sala.

— Já passo lá.

Saí da sala do Rafael com um sorriso no rosto. Minha vida estava andando. Na faculdade eu era destaque, sempre me esforçava ao máximo para dar o meu melhor. Jeferson e eu passamos a morar juntos, alugamos um apartamento maior por conta das crianças, que amaram a novidade. Meu namorado era perfeito, tinha quase certeza disso. Me tratava como se eu fosse uma princesa. Sorri com esse pensamento e peguei meu celular para contar a ele a novidade.

**Débora:** *Doutor, tenho novidades!*

## Jeferson

— Posso mesmo fazer isso? — perguntei ao Fellipo.

— Claro! A Bruna vai adorar a ideia.

— Valeu, cara!

— Que isso. Você merece ser feliz e acredito que a Débora vá gostar da surpresa.

— Também acho que vai.

Gustavo se sentou ao meu lado com cara de poucos amigos.

— Que cara é essa? — Fellipo perguntou.

— Eu preciso de uma secretária. Tá sendo uma droga arrumar uma.

— Precisa de uma mulher que dê um jeito em você, isso sim — Fellipo comentou e não pude discordar dele. Gustavo estava de um jeito que deixava a todos preocupados.

— Preciso de mulher o caramba! — Tomou um gole da sua bebida.

— Todo mundo precisa de mulher, Gustavo — Akin interview.

— O que eu preciso é de uma para ficar uma noite. Não vou me amarrar igual vocês.

— Você ia se casar com a minha mulher, cara — Fellipo disse.

— Exato, eu ia! Mas não casei e já que ela não era a mulher certa para mim, irei me divertir com as outras. Até mais, companheiros.

E saiu, deixando a todos preocupados. Balancei a cabeça.

— Vai se amarrar mesmo, Jeferson? — Akin perguntou.

— Sim — confirmei e me virei para ele. — Falta só você assumir sua relação com a Mariah e tudo pronto.

— Já falei que somos amigos — rebateu e bufou.

— Conheço essa amizade. Tive ela por alguns anos com a minha diaba — Arthur já chegou dizendo e eu ri. A Diaba a que ele se referia era Duda. Eles mantiveram um relacionamento secreto por uns anos e se assumiram alguns meses depois. Após o caso da boate ser fechado.

— Se foder, Arthur — Akin falou e eu gargalhei, mas parei quando meu celular tocou e a foto da Débora apareceu.

— Com licença. — Me levantei e atendi enquanto caminhava. — Olá, loira.

— Olá, doutor. Está ocupado?

— Pra você? Jamais!

— Ótimo! Porque eu comprei uma fantasia erótica de enfermeira e não estou conseguindo fechar, será que você poderia me ajudar?



— Estarei aí em cinco minutos. — Encerrei a chamada.

Se ela pensava que eu iria ajudá-la a fechar o vestido, estava muito enganada. Pretendia tirá-lo antes que ela tivesse tempo de raciocinar o que estava acontecendo.

Sorri. Não tinha dúvidas de que aquela mulher havia sido feita para mim.



As crianças tinham saído, Débora me informou mais cedo que elas iriam passar a noite na casa da Alessandra, portanto o silêncio que me recebeu quando cheguei em casa era plausível.

Deixei minhas coisas em cima da mesinha da sala e segui apartamento a dentro.

— Loira, você está aí? — perguntei, enquanto parava em frente a porta do nosso quarto.

— Olá, doutor, estava esperando pelo senhor. — Me virei ao som da voz e arregalei os olhos ao vê-la na minha frente, com a dita fantasia que me falou ao telefone.

— Puta que pariu! — É tudo que falei ao analisar minuciosamente

cada detalhe da minúscula fantasia.

Ela usava um espartilho branco, com detalhes em vermelhos, uma calcinha, se é que eu podia chamar aquilo de calcinha de tão pequena quer era, branca, meias e uma linga que prendias as peças brancas.

— Fiquei sabendo que o senhor não foi um menino muito quieto no hospital e me mandaram vir cuidar de você — falou, enquanto caminhava até mim.

— Não, não fui. — Medi cada centímetro dela, porra de mulher gostosa.

— Então... — Ela parou na minha frente. — Não conseguir fechar meu uniforme, você poderia me ajudar?

Ela não deveria ter a cara de um anjo inocente naquele instante, por que eu tinha vários pensamentos e nenhum deles era inocente.

— Na verdade — falei, me aproximando ainda mais dela e agarrando sua cintura. — Acredito que eu tenha outros planos para ela.

— E quais seriam esses planos, doutor? — perguntou, me olhando por cima dos cílios e mordendo o lábio inferior.

*Sexy pra caralho!*

Afastei seu cabelo, jogando-o todo para o lado esquerdo e sussurrei

em seu ouvido, tudo que minha mente havia imaginado desde que ela apareceu na minha frente vestida assim.

— Eu faria você caminhar até aquele sofá, pediria para você apoiar as mãos no encosto e afastar as pernas, minhas mãos percorriam cada parte do seu corpo, até chegar nesse pedaço de pano que me recuso a chamar de calcinha, eu a afastaria para o lado e veria o quão molhada você está. Você está molhada, Débora? — A resposta que eu obtive dela é apenas um gemido e sorri satisfeito. — Você quer isso, loira? — Minhas mãos agarraram seus cabelos a medida, na mesma hora que pressionei nossos corpos e beijei o seu pescoço. — Quer que eu te coma naquele sofá, enquanto usa essa fantasia de enfermeira sexy?

Ela gemeu novamente, mas suas mãos começaram a buscar pelo meu pau, que já estava duro contra o jeans.

— Responde... — Puxei seu cabelo um pouco mais forte, fazendo com que ela me encarrasse. Sua respiração acelerada, sua pupila dilatada e sua boca entreaberta indicava que sim, mas eu precisava ouvir dela.

— Eu quero que você me foda, doutor — falou, pausadamente — Da maneira que quiser, apenas me foda.

Não precisei de um segundo pedido. A levei até o sofá, onde a coloquei da mesma maneira que narrei para ela. Minhas mãos passearam pelo

corpo escultural, parando na bunda perfeita e empinada que ela tinha. Sem pressa nenhuma, desci a mão até o meu local preferido, sentindo o pedaço de pano completamente molhado.

— Porra, mulher, você está completamente molhada — rosnei.

Sem perca de tempo, liberei meu pau, que já estava ansiando para estar dentro dela, afastei a calcinha para o lado e me afundei dentro dela.

Gememos juntos.

— Muito gostosa — Sussurrei.

— Jeferson... — gemeu meu nome e começou a rebolar aquela bunda deliciosa para mim.

— Isso, loira, rebola gostoso — falei, enquanto apreciava a vista dela a minha mercê, mas estava devagar demais. Sem perder tempo algum, segurei sua cintura e comecei meter dentro dela mais rápido. Os sons dos corpos se batendo, misturado ao seus, agora, pequenos gritos, o cheiro de suor e sexo, nos deixavam ainda mais imersos na onda de desejo que sentíamos um pelo outro.

Peguei o seu cabelo e puxei suas costas, até que ela estivesse colada em mim e comecei a meter mais forte.

— Isso...— ela gemeu.

— Isso o quê, loira? Gosta de ser comida desse jeito? Agressivamente?

— Gosto qualquer coisa com você... — suspirou.

Aumentei o ritmo, fazendo com que ela arqueasse as costas.

— Quero que você goze comigo, meu amor... — sussurrei, sentindo meu próprio orgasmo se formar.

— Oh! — Observei ela gemer ainda mais quando começou a se tocar.

— Goza no meu pau, gostosa — urrei, no momento seguinte senti sua boceta me apertar completamente, sua cabeça pendeu para trás e seus gemidos se tornaram um grito. No instante seguinte me libertei dentro dela.

Ficamos alguns segundos assim, até eu me retirar dela e a pegar no colo, levando-a para o nosso quarto.

— Amo você — ela disse, me olhando.

— Eu amo você, loira, mas do que você possa imaginar. — A coloquei em nossa cama e comecei a tirar suas meias.

— O que você está fazendo? — perguntou, se apoiando nos cotovelos. Olhei para ela e sorri com a visão dela, rosto corado, alguns fios de cabelo grudados na testa, olhos brilhantes.

— Agora, meu amor — respondi, beijando sua panturrilha. — Vou amar você do jeito que você merece.

E foi o que fiz, depois de todo aquele sexo bruto, eu amei cada pedaço dela, jurando que ela seria minha para sempre.

Eu não tinha dúvidas nenhuma que ela era a mulher da minha vida, a mulher que foi preparada para mim, depois de ter sentindo a dor da perda e sofrido um luto enorme.

Ela era a minha luz.

Minha paz.

Minha alegria.

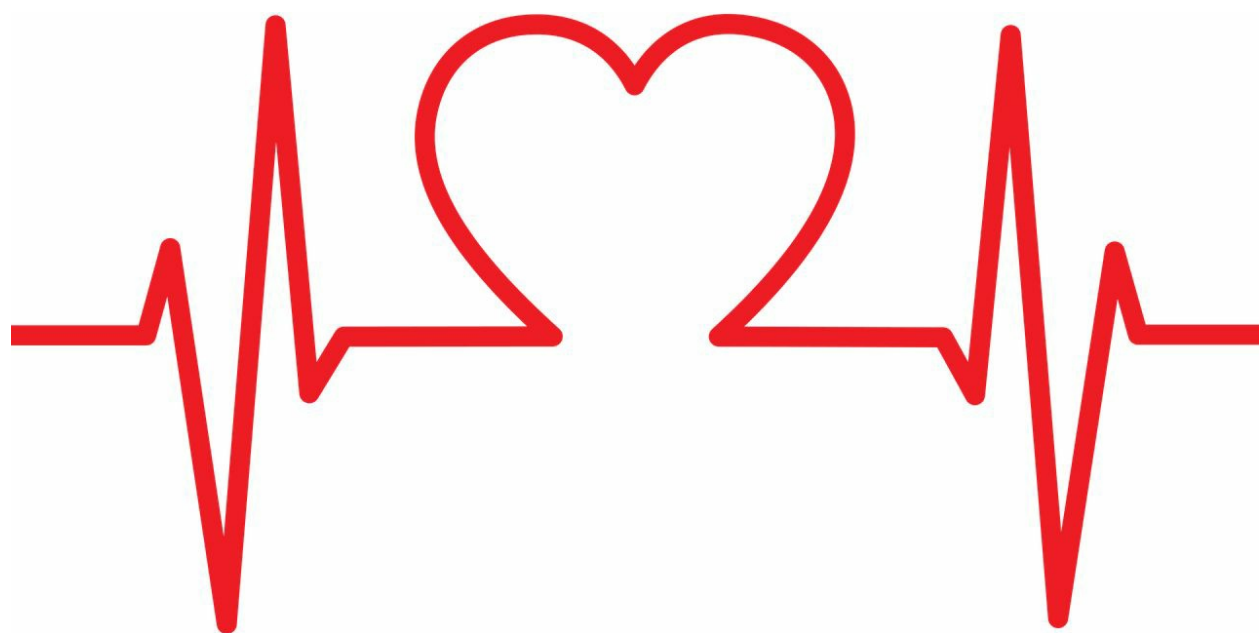
Meu tudo.

— Te amo, Jeferson — sussurrou, enquanto eu abraçava seu corpo.

— Eu te amo, Débora. — Beije seus cabelos.

Não poderíamos ter um fim melhor.

Fim não, início de uma vida.



# Epílogo

*Caso esta seja a última coisa que eu vejo  
Quero que saiba que é o suficiente para mim  
Porque tudo o que você é, é tudo que sempre precisarei  
Eu estou tão apaixonado, tão apaixonado  
Tão apaixonado, tão apaixonado*  
***Tenerife Sae – Ed Sheeran***



# Débora

## 2 MESE DEPOIS

A festa de casamento da Bruna e Do Fellipo foi linda, digna de um conto de fadas. Eles estavam tão apaixonados e felizes. Na hora dos votos não tinha como não se emocionar. Ambos trocaram juras de amor em italiano, e foi a cena mais linda que já vi em minha vida.

Após a cerimônia veio a festa de casamento e os noivos estavam dançando no salão, tão envolvidos um com o outro que parecia não haver mais ninguém ali. Aos poucos os outros casais começaram a dançar, vi a Eduarda e o Arthur, namorado dela. Akin e Mariah estavam dançando mais a frente e eu sorri. Esses dois não existiam. O vai e volta era constante.

Percorri os olhos pelo salão, mas não vi o Jeferson.

— Alessandra, viu o Jeferson?

— Não, querida, não vi. — Ela estava fascinada pela festa e resolvi deixar.

Voltei a correr os olhos pelo salão, de longe vi o Thales brincar com a filha da Bruna e do Fellipo, a Manu. Em uma mesa separada a Ester estava em uma conversa bem animada com um garoto chamado Nicolas, que era filho policial chamada Veronica e era amiga dos noivos. Pelo que havia

ouvido por alto, o marido a tinha abandonado e ela estava grávida. Sua vida não era mais a mesma.

Decidi me levantar e ir procurar meu namorado, mas a música parou e a Bruna fez um gesto com a mão, indicando que iria jogar o buquê.

— Vai lá, Débora — Alessandra disse.

— Não...

— Vai logo, menina. É desfeita com a noiva não ir. — Acabei rindo um pouco e fui para o aglomerado de mulheres que estava esperando que ela jogasse o buquê.

Bruna estava dançando ao som de *Summer Nights* e fez com que todas dançássemos como ela. Ficamos dançando enquanto ela e o marido também dançavam, acabei rindo dos dois.

— Vou jogar! — anunciou e virou de costas. — Contem comigo!

— Meu Deus! — murmurei, ainda rindo.

— Um!

— *Um!* — todas repetimos.

— Dois!

— *Dois!* — *Ela fez que ia jogar, mas não jogou.*

— Três! — Mas ela não jogou o buquê. A música parou e o Jeferson apareceu, estendendo a mão para Bruna, que lhe entregou o buquê. Nesse momento começou a tocar *Tenerife Sea*. Ele começou a andar em minha direção e todas as meninas começaram a gritar, sendo inevitável não chorar. Eu não estava acreditando que ele faria isso.

Quando ele parou à minha frente, enxugou meu rosto e sorriu.

— Olá, loira. — Ele tinha um sorriso de lado e me fez sorrir também.

— Olá, doutor.

— Sabe que eu amo você, não sabe? Que eu faria qualquer coisa para colocar um sorriso no seu rosto?

— Sim. — Eu tinha plena certeza disso.

— Você mudou minha vida, loira, me transformou. Nós crescemos juntos e eu quero continuar crescendo com você, por isso quero te fazer um pedido. — Me entregou o buquê e tirou uma caixinha preta do bolso, se ajoelhando no processo, o que fez nascer mais uma onda de gritos e mais lágrimas minhas.

Ele abriu a caixinha e vi duas alianças presas ali. Tentei secar meu rosto, mas era em vão. Jeferson estendeu a mão e deposei a minha em cima da sua.

— Aceita se casar comigo, Débora?

Eu nunca diria não para esse homem.

— Aceito, claro que eu aceito! — Ele se levantou e me beijou, para em seguida colocarmos as alianças.

Fomos aplaudidos, mas eu não estava me importando. Só queria saber dele.

Jeferson me abraçou e começamos a dançar ao som da música. Conectados, juntos e únicos.

Não imaginava que poderíamos ser tão felizes juntos, não sabia que seria tão especial, não tinha ideia que pudesse ser mágico. Esse médico chegou em minha vida no momento que eu mais precisava, na hora que eu mais estava carente, e me envolveu de uma maneira inexplicável, cuidou de mim de uma forma tão gentil e amável que eu não tive como fugir.

Nosso relacionamento era envolvente, nossa vida era envolvente.

— Te amo, loira.

— Te amo, doutor.

Definitivamente, não me faltava mais nada.

**FIM**

MEU  
*Policial*  
ENVOLVENTE

LIVRO 4 - SÉRIE ENVOLVENTE



# Prólogo

*Quando nascer nosso primeiro filho*

*Quero que tenha seus olhos*

*Já tô imaginando a gente morando*

*Em frente aquela praça, o nosso apê*

*Me desculpe se estou indo rápido demais*

*Não se assuste com meu jeito a minha intenção*

*É só viver, viver você, não abro mão*

*Tô sentindo que é amor no tic tac do meu coração!*

***Dói só de pensar – Maria Cecilia e Rodolfo***

# Verônica

*Julho, 2003*

Apavorada.

Muito apavorada.

Eu olhava para o teste de gravidez como se ele tivesse cinco pernas, três olhos e pudesse pular em cima de mim a qualquer momento. As lágrimas se formaram rapidamente, mas respirei fundo e tentei me controlar. Fomos irresponsáveis, mas quem poderia imaginar que isso aconteceria agora?

Me sentei na cama e olhei para o pequeno quarto. Tínhamos alugado uma kitnet em um bairro, um pouco afastado do centro de São Paulo, era o que dava para o salário do Guilherme, como estagiário, pagar. Além de suprir as necessidades básicas como comida, água, luz e outras emergências. Eu não trabalhava, estava ainda no terceiro ano do ensino médio, já havia tentando arrumar alguma coisa, mas sempre era necessário ter experiência e, no momento, não era algo que eu tinha.

Conheci o Guilherme quando eu tinha 16 anos, ele passava em frente a escola que eu estudava todos os dias, para ir para a faculdade – descobri pouco tempo depois – passei uns dois meses apenas observando-o de longe,



minhas colegas falando da minha paixonite boba, que ele nunca iria olhar para mim. Eu não era grande coisa, sempre fui baixa e magra, usava óculos e tinha os cabelos loiros e finos, eu era tipicamente normal e nerd. Enquanto ele era alto, já dava para perceber seus músculos sob a camisa, tinha cara de sério e centrado e um pequeno detalhe que nunca me deixaram esquecer, era muito mais velho que eu.

Até que um dia o impossível aconteceu, ele me notou. Mas não foi aquela coisa de cena de filme em que nossos olhos se encontraram e ele se apaixonou perdidamente por mim. Estava voltando da escola um pouco mais tarde que o normal, um tanto distraída, quando dois homens tentaram me assaltar, eu tentei lutar, mas eles eram muito mais fortes que eu, mas então o meu herói apareceu e colocou os dois para correr. Eu estava tão aterrorizada e com medo que nem o reconheci, mas mesmo assim ele me ajudou e cuidou de mim, naquele fim de tarde, fazendo questão de me acompanhar até em casa.

Só me dei conta de tudo que havia acontecido quando estava deitada na minha cama, a ficha só caiu naquele instante e eu sabia que tinha que agradecê-lo, já que mal abri a boca durante todo o percurso até a minha casa. No dia seguinte, quando estava saindo do colégio eu o vi, estava encostado em frente ao poste, do outro lado da rua. Minhas colegas começaram a cochichar sobre ele estar ali, até ficarem completamente mudas quando ele

atravessou a rua e veio em nossa direção, parando bem na minha frente.

A partir daquele dia nossa vida mudou. Guilherme disse que queria conversar comigo enquanto me acompanhava até a minha casa, ele se ofereceu para me ensinar algumas técnicas de defesa pessoal, ele dava aula de *Muay Thai* em uma academia no centro. Como a faculdade dele era no período da noite e eles estavam em greve já fazia um mês, ele ofereceu me buscar depois do colégio, me ensinar e depois me levar em casa. Foi exatamente assim nos primeiros meses, meus pais não gostaram da ideia, mas não puderam negar, pois como morávamos em um bairro perigoso era bom eu saber como me defender. Nesses meses nos tornamos amigos, e eu pensei que seríamos apenas isso, até acontecer nosso primeiro beijo.

Foda-se se ele era mais velho, se eu era menor de idade. Eu estava completamente apaixonada por ele, e quando ele disse que gostava de mim, foi o ápice da minha vida, pois eu jamais imaginaria que meus sentimentos fossem ser retribuídos por ele. Meus pais não aprovaram o namoro e proibiu as aulas, as visitas, ameaçando chamar a polícia e tudo. Foram os dois meses mais difíceis da minha vida, pois nos encontrávamos escondidos e eu morria de medo de ser pega pelos meus pais. Quando o Guilherme disse que tinha um kitnet e que se eu quisesse poderíamos morar juntos, foi como atirar no escuro, eu não saberia qual alvo atingiria, apenas fui. Meus pais surtaram e quase o colocaram na cadeia, mas era a minha decisão, eu já tinha

completado 17 anos e deixei bem claro minha decisão, eles não aceitaram, mas passaram a me ignorar. Doeu, não vou mentir, mas Guilherme fez essa dor passar, me amando de uma maneira que eu jamais pensei que poderia ser amada.

Agora, quase um ano depois, eu estava aqui, com um teste de gravidez dando o resultado como positivo, sem emprego e sem nenhuma expectativa de conseguir algum. Guilherme continuava dando aula na academia, mas apenas nos fins de semana, nos outros dias ele trabalhava como estagiário em uma imobiliária. Ele terminaria a faculdade apenas no ano seguinte, para só então fazer o tão sonhado concurso da polícia federal, que era o que ele almejava desde que se entendia por gente.

Ouvi a porta da sala se abrir, mas não ousei levantar. Apenas fiquei sentada, encarando a porta do quarto.

— Amor, você tá aí? — Olhei a hora no relógio da parede. 22 horas. Ele chegou cedo da faculdade, algum professor deve ter faltado. — Amor? — A porta do quarto foi aberta e ele entrou, já colocando a habitual mochila em cima de uma cadeira atrás da porta. — Verônica, está tudo bem? — Caminhou até mim e segurou o meu rosto.

Eu me sentia muito pequena quando estava próxima a ele, tínhamos uma enorme diferença de altura, cerca de 30 centímetros, mas o seu tamanho

me passava segurança, sempre me sentia protegida por ele.

— Amor... — comecei, mas sem forças para continuar, não consegui controlar as lágrimas, elas escorreram pelo meu rosto sem permissão.

— O que foi, pequena? Me conte o que está acontecendo? — Seu tom de voz indicava preocupação, e não era para menos, eu estava apavorada.

Com as mãos trêmulas, estendi o teste de gravidez para ele, que a princípio não soube como reagir, mas logo após o choque inicial, vi o sorriso em seus lábios.

— É verdade isso? — Seus olhos me observavam atentamente, mas o sorriso estava ali.

— Ao que tudo indica sim — respondo fechando olhos e respirando fundo. — Enjoos, menstruação atrasada, meu corpo está diferente, eu... eu estou com medo — digo, agora encarando seus olhos castanhos, levando minhas mãos até as suas que permaneciam em meu rosto.

— Nós vamos conseguir, Verônica, você vai ver.

— Como? Olha a nossa situação amor, eu não arrumo um emprego, você tem que trabalhar até no fim de semana para conseguirmos cobrir as despesas, como vamos ter um filho desse jeito?

Desespero estava tomando conta de mim, me livrei de suas mãos e

me levantei, começando a andar de um lado para o outro no pequeno quarto.

— Como vamos criar um filho, Guilherme?

Ele se levantou e se aproximou de mim, segurando meu rosto e se abaixando para me pegar no colo. Minhas pernas automaticamente abraçaram sua cintura, ele caminhou até a cama, se sentando logo em seguida. Ele colocou nossas testas e permanecemos um tempo assim, apenas sentindo a respiração um do outro.

— Se Deus nos deu esse filho — começou, olhando dentro dos meus olhos —, Ele vai nos dar condições de criar, da melhor forma possível.

— Eu tenho medo de você me deixar — sussurro. — Eu estou tirando sua vida, um filho nessa altura do campeonato? Você tinha tantos planos...

— Nós tínhamos planos, meu amor, nós temos planos. A partir do momento que você entrou na minha vida, o “eu” deixou de existir para ser introduzido um “nós”. Agora, tem mais uma vida vindo – sua mão vai para minha barriga – e nós vamos fazer o possível e o impossível para criar esse filho da melhor maneira possível.

— Eu amo você, Guilherme. — Seguro seu rosto. — Obrigada, por ter entrado na minha vida, por ter me amado, quero ter você ao meu lado pelo resto da minha vida.

— E você vai ter, Verônica. — Suas mãos acariciaram meu rosto. — Eu amo você, pequena. Com toda a força do meu ser, mais do que qualquer coisa e faria de tudo para proteger você e esse bebê.

### **Setembro, 2019**

Dias, fazia dias que ele estava estranho, se esquivava das perguntas e sumia depois do expediente.

Eu tentava entender que era a pressão da delegacia, que era apenas cansaço físico e mental, mas algo lá no fundo me dizia que tinha mais, que ele estava me escondendo algo. Eu o conhecia como a palma da minha mão, são anos de casamento, anos entendendo seus jeitos e manias, suas peculiaridades, seus medos.

Eu sabia que tinha algo de errado.

Queria poder contar da gravidez, eu nem estava acreditando, afinal fazia anos que tentávamos um outro filho e nada, agora eu estava grávida de novo e que seríamos pais novamente, mas ele nunca tinha tempo para me ouvir ou conversar comigo.

Então aquele medo veio novamente, o medo do abandono, da rejeição, mas eu rapidamente o expulsei, não era mais uma adolescente, era uma mulher feita, uma mulher feita que havia construído uma vida ao lado do

homem que amava.



Dois dias, havia dois dias que ele não aparecia em casa, havia ido resolver um problema externo da delegacia e não voltou, não atendeu o telefone, não deu um sinal de vida.

— Mãe, posso ir ao shopping com alguns amigos? — Nicolas perguntou, já descendo as escadas rapidamente.

— Claro, pode ir. — Mas ele não sai, ele vem até mim e me abraça.

— Ele vai voltar, não é, mãe?

— Vai, meu amor. Ele tem que voltar. — Beijeí sua testa. — Agora vai sair com seus amigos, não desligue o telefone e qualquer coisa...

— Você me liga — completou minha frase. — Eu sei, mãe. Te amo.

— Também te amo.

Ele me soltou e saio, já mexendo no celular.

Voltei a andar de um lado para o outro, então peguei o meu celular e liguei para a única pessoa que pode ter notícias dele: Arthur.

— *Oi, Verônica* — respondeu assim que atendeu, sua voz era calma, então tentei manter a minha também, mas acredito que não tenha dado muito

certo.

— Tem notícias do Guilherme? — perguntei de uma vez.

— *Não, não tenho.*

— Tem dois dias que ele não aparece em casa, não aparece na delegacia, celular está desligado, estou desesperada.

— *Se acalme, eu estou indo até aí.*

— Eu só quero saber onde aquele infeliz está, Arthur — explodi, sabendo que minha intuição estava certa, tinha algo de errado.

— *Creio que tenho uma coisa para lhe entregar, chego em 15 minutos.* — disse antes de encerrar a chamada, me deixando ainda mais desesperada.

Na delegacia ninguém tinha notícias dele, a delegada Geovana apenas me informou que ele avisou que havia cumprido o que foi lhe pedido e havia ido embora, alegando que iria para casa. O problema era que ele nunca havia chegado, eu já havia acionado a polícia, alegado sequestro, porém a Geovana me mandou apenas esperar, disse que colocaria uma equipe atrás dele.

Voltei a andar de um lado para o outro, minha mente fora do meu corpo, percorrendo lembranças, tentando encontrar algo que pudesse me



informar onde ele estaria, mas não tinha nada.

Então a porta da casa foi aberta e o Arthur entrou, acompanhado da Eduarda, sua namorada.

— Onde o Nicolas está? — perguntou.

— Foi ao shopping com alguns amigos, o que você tem para mim?  
— Milhares de perguntas rondavam minha cabeça, mil e uma possibilidades entravam e saiam dela. Eu estava ficando maluca.

Observei ele olhar para a Eduarda, que apenas confirmou com a cabeça a mensagem silenciosa dele. Então ele tirou um envelope do bolso e me entregou.

— O que é isso? — Só percebi que minhas mãos estavam tremendo quando as entendi para pegar o papel.

— Há alguns meses o Guilherme me pediu para te entregar isso, não entendi o que ele quis dizer, mas disse que eu saberia a hora certa de te entregar.

Rapidamente rasguei o envelope e li o conteúdo da carta, a carta que mudou minha vida para sempre.

As lágrimas caíram sem permissão, eu não tinha forças para contê-las.

— Não acredito que ele fez isso, não pode ser — foi a única coisa que sussurrei antes de tudo se perder no ar, só tive tempo de ouvir a Eduarda gritando meu nome.

— Verônica... — Então tudo se apagou.



*“Tudo que vivemos foi intenso, mas acredito que ficamos juntos quando éramos muito novos, quero conhecer outras pessoas e te dar o direito de conhecer outras pessoas. Nunca me arrependerei do que vivemos, mas agora é melhor cada um tomar seu próprio caminho. Amo o Nicolas e diga que um dia ele entenderá minha decisão.*

*Até um dia, Guilherme.”*

As palavras não saiam da minha cabeça, eu não conseguia parar de pensar que ele fez isso comigo, desperdiçou quase 15 anos de casamento por que queria viver novas aventuras. Ele não podia fazer isso comigo, ele não podia fazer isso com a gente.

As lágrimas vieram novamente, eu queria matá-lo, queria bater nele até entender o porquê de estar fazendo isso.

Tudo doía, tudo me matava.

Em algum momento eu peguei no sono, acordei apenas com um enjoo enorme e corri para o banheiro. Vomitei tudo que eu havia comido durante o dia. Lavei a boca e me encarei no espelho. Pousei as mãos em minha barriga e suspirei.

— Se depender de mim o Guilherme nunca vai saber da existência desse bebê — falei para mim mesma. — Eu vou ser forte e ter esse filho sem precisar do apoio dele.

As lágrimas caíram novamente e eu fechei os olhos.

Seria difícil? Sim, mas eu não entrava em provas para perder, eu sei que eu iria conseguir.

Eu precisava conseguir!

## **GUILHERME**

Foi a decisão mais difícil da porra da minha vida, Deus sabia o quanto eu sangrava por dentro. Nunca pensei que poderia chegar a fazer isso, nunca passou pela minha cabeça abandonar a mulher que eu amo.

Encarei o sol se pondo, o avião passando por dentro das nuvens.

Estava acabado, destruído. Eu sabia que ela nunca me perdoaria, eu sabia que havia acabado com nosso casamento naquele instante, sabia que eu jamais teria o amor dela novamente.

Levantei a mão e fitei a aliança que mandei fazer com toda a luta e esforço, uma aliança que significava amor, respeito, companheirismo e confiança. Acabei com tudo isso com poucas palavras.

Suspirei.

— Sabe que ainda pode voltar, não é? — Encarei Georgia, que se sentou à minha frente.

— Não posso consertar o que já está quebrado, Georgia.

— Pode, vai demorar, mas pode.

— Minha mulher não vai me perdoar, nunca.

— Vai sim, o amor de vocês é forte, tenho certeza de que ela te perdoa.

Ri, mas era sem graça, forçado.

Voltei a encarar a janela do bimotor e creio que ela tenha percebido que eu não estava a fim de conversas.

— Tome. — Levantei o olhar e ela me entregou uma carteira.

Ergui meu olhar para ela, que apenas esticou ainda mais a mão,

peguei o objeto e abri, olhando o conteúdo.

— Isso é...

— Documentos falsos — completou, se sentando novamente à minha frente.

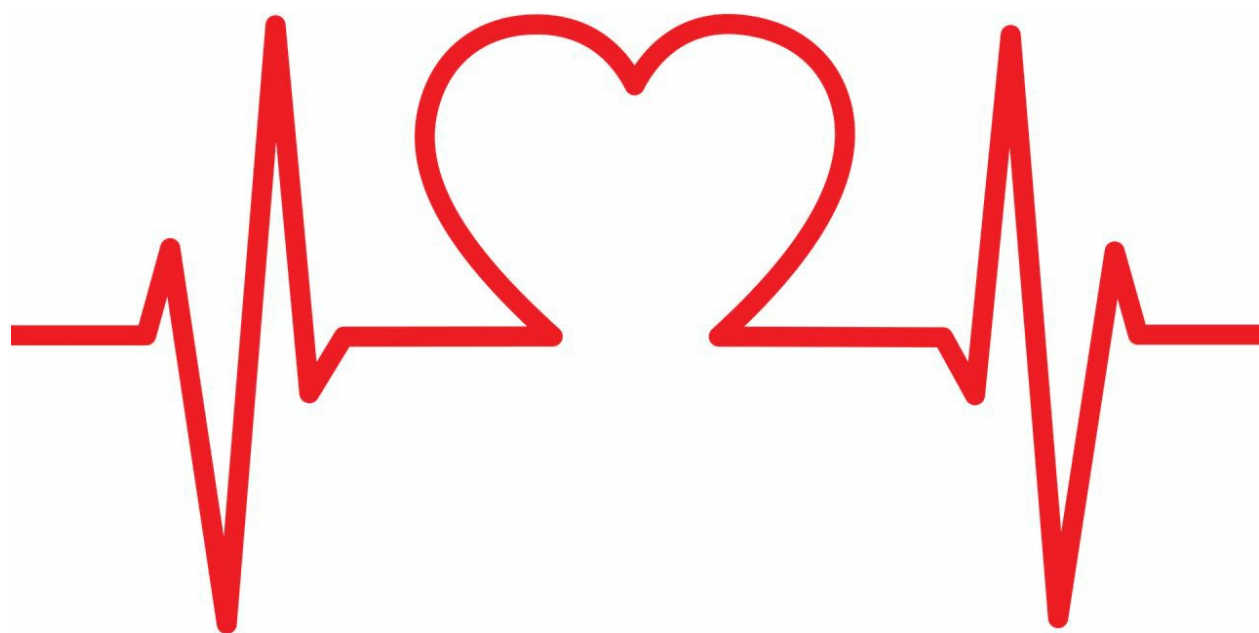
— A partir de agora você não é mais Guilherme Brandão e sim, Dimitri Dmitriev e eu sou Tânia Dmitriev. Somos os maiores traficantes internacionais de drogas conhecidos. Vamos lidar com todo o tipo de pessoa e negociador, mas Guilherme, jamais, fuja do seu personagem e não se esqueça de quem estamos atrás.

— Farei o possível. — Falei.

— Sei que sim, policial. — Ela piscou para mim e se levantou.

Voltei a olhar para as nuvens.

Qualquer passo errado e nós dois estaríamos mortos, e eu faria qualquer coisa para que isso não acontecesse, eu precisava voltar para minha esposa.



# Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido que essa história fosse escrita, sem Ele nada disso teria acontecido.

Minha família, por me dar todo o apoio necessário quando precisei, amo vocês.

Primeiramente agradeço minhas amigas autoras que estão comigo desde o início, obrigada a A.G Moore, Amy Campbell, Nana Valentttine e Natalia Oliveira, vocês fazem parte dessa realização tanto quanto eu, obrigada por sonharem junto comigo.

Agradecer a minha amiga Josi, por sempre ter apoiado as minhas ideias, por mais loucas que fossem. Obrigada por estar sempre comigo.

Aninha, por sempre estar comigo, seja ouvindo minhas loucuras, novas ideias, obrigada por ser minha amiga e por estar nessa caminhada ao meu lado. Obrigada por escolher cada música, frase e por criar algumas citações desse livro.

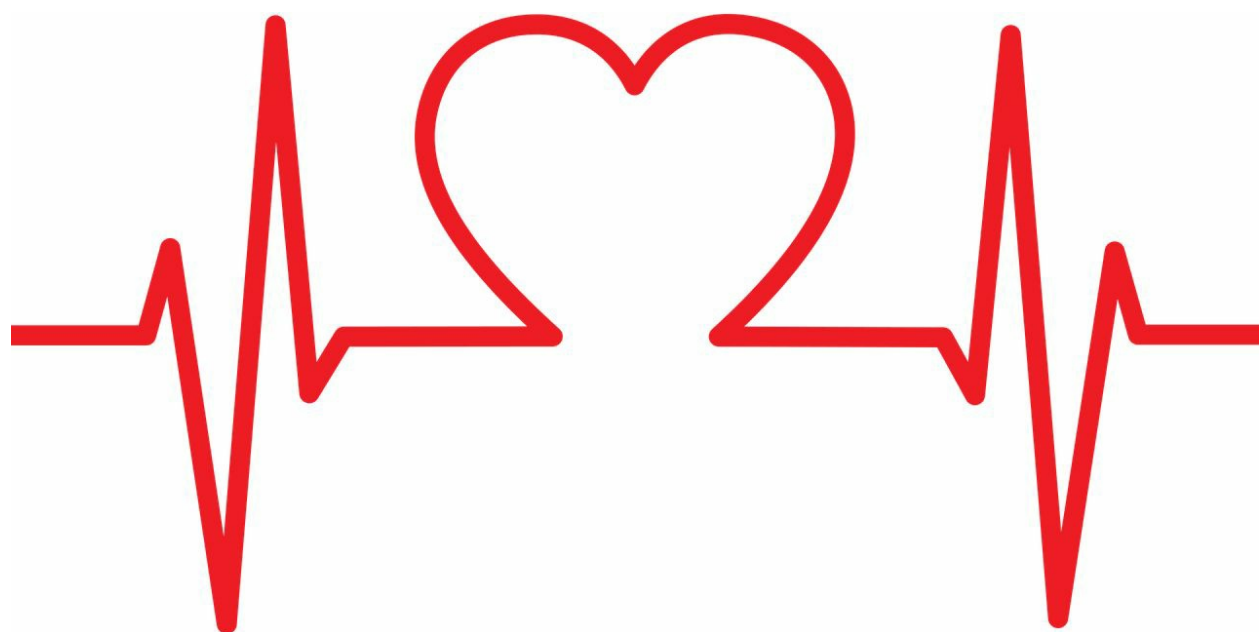
Valéria minha beta, obrigada por ter amado esse livro tanto quanto eu, você é muito especial em minha vida!

Minhas meninas nos grupos do *WhatsApp*, obrigada por sempre me

acompanharem, sei o quanto estavam ansiosas por este livro.

E, por último, obrigada você, leitor, que embarcou nessa história e se emocionou com esse casal.





# Sobre a autora

Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 21 anos, ex estudante de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.

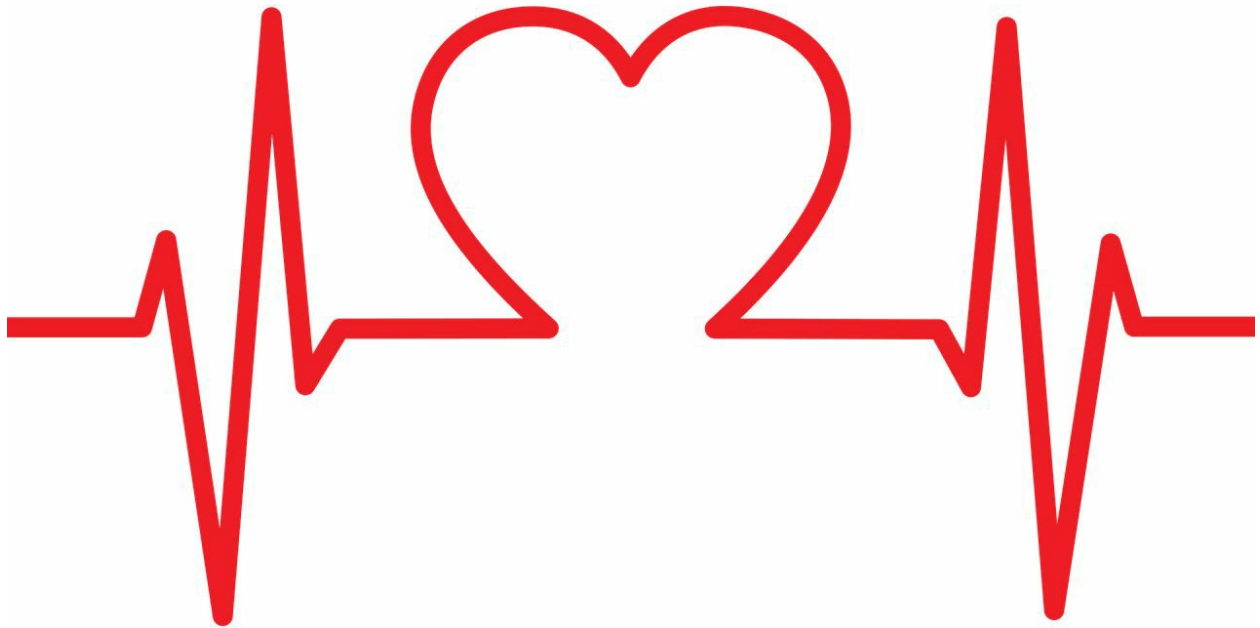
[Página da Autora](#)

[Instagram](#)

[perfil wattad](#)

E-mail: [autorajujufigueredo@gmail.com](mailto:autorajujufigueredo@gmail.com)

[Grupo facebook](#)



# Outras Obras

## MEU ENVOLVENTE PROFESSOR

### SÉRIE ENVOLVENTE – LIVRO 1



[Clique Aqui](#)

Desde que começou a graduação em Administração, Bruna tem um objetivo: Provar para o seu pai que pode viver sem depender da herança que ela tinha a receber.

Agora em seu último ano de faculdade, quando as coisas estão encaminhadas, ela se depara com uma situação que não estava em seus planos. Seu orientador é afastado do cargo após um acidente e ela se vê obrigada a trocar de professor.

O que ela não esperava era que seu novo orientador despertasse nela

desejos intensos e reações inesperadas.

Bruna tenta resistir, mas se envolver com seu professor vai além do que ela podia imaginar, e isso pode fazer com que feridas do passado sejam reabertas e novas feridas surjam nesse caminho.

“Ela não queria, mas era impossível não se envolver.”



## **Meu Juiz Envolvente**

### **Série Envolvente – Livro 2**

**[Clique aqui](#)**

Eles sabiam que não deveriam se envolver, mas era aquele ditado: Os apostos se atraem.

Eles sabiam que não deveriam se envolver, mas é aquele ditado: Os apostos se atraem.

Eduarda Medeiros vivia sua vida tranquilamente. Formada com honras na Universidade de São Paulo, é uma advogada de renome dentro do estado.

Ela sabia, desde que colocou seus olhos no juiz Arthur Brandão, que não deveriam se envolver, mas resistir ao charme e as provocações dele era impossível.

Arthur Brandão, juiz de renome, conduta impecável e opinião imparcial. Ele sabia que provocando e atijando a advogada a levaria para sua cama.

Mal sabem eles que o destino gosta de pregar peças.

Arthur esconde um segredo a sete chaves, segredo esse que pode destruir seu novo relacionamento.

Eduarda só queria encontrar um lar para uma criança que perdeu a mãe quando era um bebê.

Juntos, eles irão embarcar em uma história repleta de mistérios, segredos, mentiras e verdades. E no meio disso tudo, irão descobrir que reconstruir dois corações partidos pode ser mais difícil do que parece.

*Apenas Mais Um CEO*  
*Duologia CEO – Livro 1*



[Clique Aqui](#)

## **Sinopse**

Se você pensa que essa história é sobre um CEO que descobre o amor pela primeira vez, está muito enganado.

Mathew Thompson já amou. Entregou seu corpo, sua alma e seu coração para uma única mulher. Mas o tempo, o destino e a vida são traiçoeiros. E em questão de segundos, aquilo que diziam ser para sempre acabou. Sendo enterrado para sempre dentro de dois corações eternamente feridos.

Anos se passaram e Mathew se tornou apenas mais um CEO arrogante e mulherengo. Todos que conheciam Mathew Thompson



intimamente, sabiam que a vida havia lhe tirado o único motivo para viver. E a forma que encontrou para se proteger foi construir um muro entre seus sentimentos e o mundo.

Seu corpo não mais lhe pertencia, era de todas com quem passava suas noites.

O destino mais uma vez decidiu brincar com sua vida, mas poderia um homem, completamente destruído pelo amor, amar novamente?

*Um CEO em busca do amor*

*Duologia CEO- Livro 2*



[Clique aqui](#)

## **Sinopse**

No passado, Mathew e Cassie viveram a história de amor que todo casal queria viver, mas uma decisão errada os separou e com isso ficaram sem ter notícias um do outro por 10 anos.

Em uma noite, Mathew se encantou pela maneira exótica e sensual que Megan dançava e ambos foram tentados a se entregarem em uma noite de descobertas e prazeres.

Porém quando o destino resolve entrar em ação e começa a colocar as cartas na mesa, verdades são descobertas e vidas pagam o preço e foi o que aconteceu.

Mathew mais uma vez está desolado e busca o caminho para a

redenção de todos os seus erros.

Cassie está em busca de perdão, redenção e, quem sabe, de um novo amor.

Megan luta por sua vida.

Para que as coisas sejam colocadas em ordem, para que todos possam seguir seus caminhos é preciso mexer no passado e o passado é sempre complicado de lidar, porque pode fazer sentimentos enterrados, ou até mesmo esquecidos, virem à tona.

No último livro da duologia CEO, conheça a verdade por trás do passado de Cassie Tanner, saiba para quem Mathew Thompson vai entrar entregar seu coração e descubra se Megan Tanner terá uma segunda chance de voltar a vida.

# **Simplesmente Amor**

## **Trilogia Recomeços – Livro 1**



[Clique Aqui](#)

### **Sinopse**

A vida muda do dia para a noite, em um piscar de olhos. Em um dia Júlia estava feliz, na faculdade dos sonhos, com pais amorosos e vivendo bem. Em outro ela se viu em um meio um mar de problemas que jamais pensaria enfrentar.

Uma gravidez inesperada a faz tomar uma decisão a qual ela pode se arrepender profundamente.

Fernando havia perdido a vontade a vontade de viver, a vida o tinha castigado de maneira monstruosa.

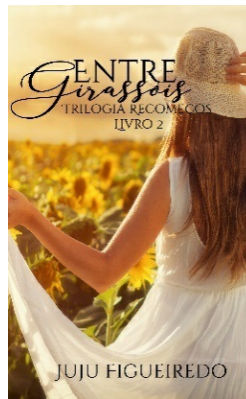
Mas o destino colocou um anjo em sua vida, um anjo tão lindo a

qual ele tentará salvar a todo custo.

Simplesmente amor trata de perdão, relacionamento, perdas e o amor, amor mais profundos que duas almas podem sentir.

## **Entre Girassóis**

### **Trilogia Recomeços – Livro 2**



[Clique aqui](#)

### **Sinopse**

Laura tinha apenas uma prioridade em sua vida: sua filha.

Desde que ficou viúva não pensou em se relacionar novamente, se apaixonar era a última coisa que passava pela sua cabeça.

Afinal, quem iria querer uma mulher viúva, com uma filha de quatro anos e um passado um tanto conturbado?

Mas quando o destino quer, os pequenos imprevistos do dia a dia trabalham para que você conheça sua alma gêmea.

William não acreditava em amor à primeira vista, destino, alma

gêmea e até mesmo o amor era algo duvidoso.

Mas algo na ruiva de olhos verdes, sorriso encantador, que pararia o mundo por sua filha, o fez questionar esse pensamento.

Podemos nos apaixonar à primeira vista? Podemos descobrir que o amor existe?

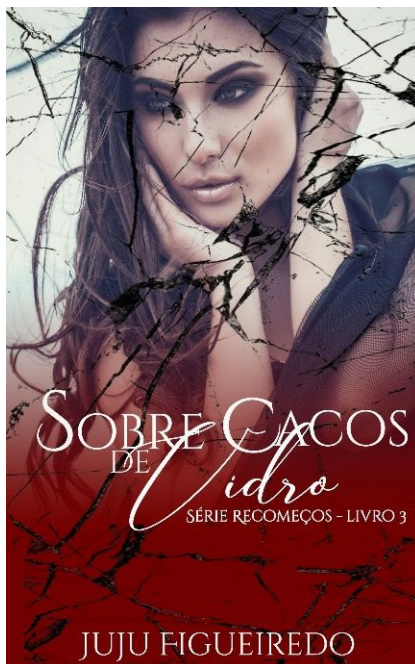
Um homem que não acreditava no amor.

Uma mulher que não pensava em se relacionar.

Uma confissão feita em um campo de girassóis.

## Sobre Cacos de Vidro

### Trilogia Recomeços – Livro 3



[Clique Aqui](#)

Lily tinha uma vida perfeita, um trabalho perfeito e uma família que a apoiava. Até seu mundo virar de cabeça para baixo e ela não saber o que fazer ou que direção tomar, se ela pudesse teria desistido da vida há muito tempo, porém não podia fazer isso com a única alegria que todo aquele pesadelo lhe trouxe, seu filho. Vivia apenas por ele e para ele. Pelo menos até Pedro aparecer.

"Não sabia dizer em que ponto eu me quebrei ou até mesmo quando desisti de me reconstruir. Apenas sei que minha vida não era nada menos que



cacos espelhados pelo chão."

Desde que conheceu Lily, Pedro queria descobrir os mistérios da mulher que se escondia de tudo e todos. Sabia que não seria fácil, mas não desistiria até tentar entender cada caco seu que iria juntando a medida que Lily se desprendia de suas camadas.

"Eu sempre soube que estar com ela era como andar sobre cacos de vidro, mas eu não tinha medo de ferir, queria reconstruir cada traço da mulher que ela foi um dia, nem que isso me ferisse no caminho."



## **Meu Conto de Fadas**

[Clique aqui](#)

Esqueça tudo que sabe sobre contos de fadas.

Lindsay, ou Branca de Neve – como é popularmente conhecida – é a CEO da Fruto Proibido, uma revista erótica feminina, que está diante de um grande problema com o lançamento da próxima edição. Por falta de tato de sua amiga e sócia, Branca de Neve está sem um modelo para ser sua capa e, completamente desesperada, acabou pedindo para um homem, completamente desconhecido por ela, que fosse seu modelo. O que ela não esperava era que a noite rendesse mais do que algumas fotos sensuais.

George William Rossetti, ou príncipe encantando, está de volta ao reino após longos anos estudando fora, mas sua volta tem um motivo bem simples, pelo menos para seus pais, ele precisa se casar. Ele só não esperava chegar e já ter a data do casamento marcada e uma futura noiva. As coisas só complicam

ainda mais depois de conhecer uma certa princesa que abalou todo o seu psicológico.

E como em todos os contos de fadas, sempre temos a rainha má, que fará de tudo para que as coisas aconteçam de acordo com seus planos.

Para Branca de Neve e seu Príncipe Encantado, um conto de fadas nunca foi tão real.

---

[1] *Gastroenterologia: especialidade que cuida do sistema digestório e trata doenças como as gastrites e as hepatites.*

[2] **Icterícia** é a pigmentação amarela ou verde da pele e da parte branca do olho causada por níveis elevados de bilirrubina no sangue.

[3] **Ascite** é a acumulação anormal de líquido no abdômen

[4] Também conhecida como ponte de safena

[5] Porra

[6] Um chef de cozinha Sous-Chef é um chef que é "o segundo em comando em uma cozinha;